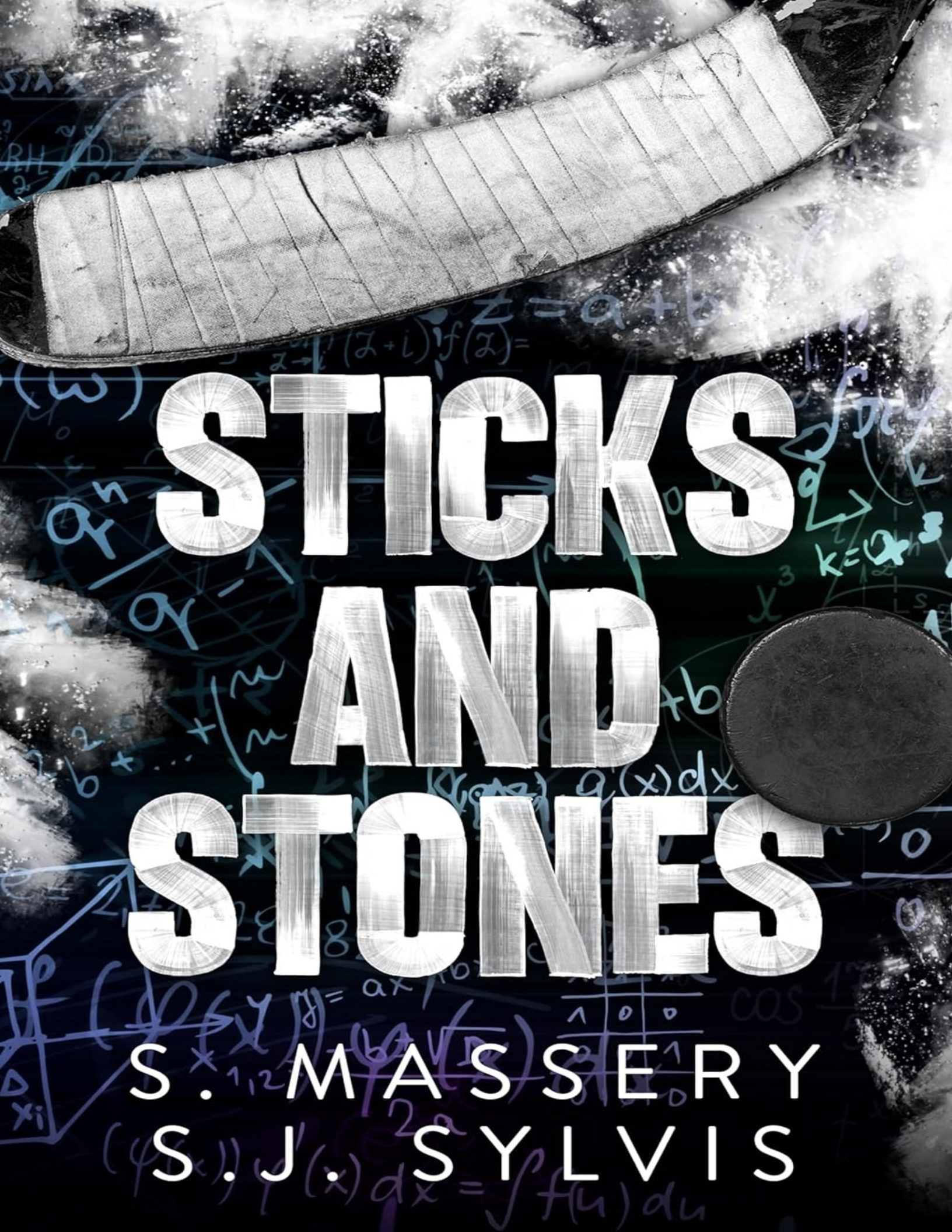

STICKS
AND
STONES
S. MASSERY
S.J. SYLVIS

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Palavras podem ferir, mas...

O hóquei é a minha vida.

Depois que Wren Davis coloca meus sonhos na NHL em risco, eu juro que farei a vida dela um inferno se ela chegar perto de mim novamente.

Só que ela é a irmã adotiva do meu melhor amigo, e mesmo que eles não morem juntos, o vínculo deles ainda é forte, o que torna a situação bem complicada.

Especialmente quando chego na Universidade Shadow Valley e descubro que meu novo quarto vem com uma adição indesejada: Wren Davis.

Por mais que eu tente infernizar a vida dela, ela retribui na mesma moeda, até que ela não está apenas me irritando, mas também constantemente na minha cabeça.

Mas algumas coisas não podem ser perdoadas, e se envolver com o inimigo é a última coisa que qualquer um de nós quer.

CAPÍTULO 1

Wren

PASSADO

O ensino médio é tão chato. Descanso minha cabeça na palma da mão. O Sr. Anderson está revisando a tabela periódica pela septuagésima vez neste semestre. Minhas pálpebras ficam mais pesadas. Sinto um movimento na parte de trás da cabeça e rapidamente me sento e me viro para encarar meu irmão adotivo, Evan. Ele dá um puxão em seu queixo de aço e eu reviro os olhos.

Eu digo: — Eu já sei disso. Me deixe em paz.

Ele revira os olhos para mim, enquanto Stone, o melhor amigo de Evan e o atleta mais popular da classe sênior, sussurra algo em seu ouvido. Aperto os olhos, mas me viro lentamente, coloco o cabelo atrás da orelha e tento prestar atenção.

Não é que eu não goste de química. Na verdade, *adoro* ciências, e o Sr. Anderson sabe disso, e provavelmente é por isso que ele não me incomoda quando caio no sono durante a aula. Sem falar que acho que ele e o restante do corpo docente da West Ridge High conhecem a história da minha vida e sentem pena de mim. A coisa ruim de viver em uma cidade pequena e ter um pai drogado? Está *sempre* na primeira página do jornal.

Eu também.

Mas sou grata por Evan e sua família. Se não fosse por Rebecca e Stephen, eu ainda estaria em meu antigo lar adotivo. Como os Rowes se tornaram pais adotivos ainda é um mistério. Uma vez, eles tentaram me dar restos de comida de gato para o jantar.

— Muito bem, haverá um teste rápido na aula de amanhã. Estudem esses elementos hoje à noite para que todos possam se formar e evitar a escola de verão.

A campainha toca, mas a voz profunda e suave de Stone flutua por toda a sala e anula todo o embaralhamento de papéis e o movimento das cadeiras. — O objetivo de um teste rápido não é ser uma surpresa?

Eu bufo sarcasticamente e pego minhas coisas. — Ele precisa avisar pessoas como você para que não sejam reprovadas.

Envio ao Stone um sorriso sedutor, mas diabólico, porque é assim que nossa... *amizade?* funciona. Ele implica comigo, e eu *tento implicar* com ele.

— Cale a boca, *Sticks*[1].

Aquele apelido esquecido por Deus. Stone começou a me chamar de *Sticks* na primeira vez que me mudei para a casa de Evan, antes de ser empurrada de volta para o meu pai por um curto período. Todo o tempo que passei com meu pai foi breve, mas esse foi o recorde porque durou um total de setenta e duas horas.

Quando finalmente perguntei a Stone por que ele me chamava de Sticks, ele admitiu que era porque minhas pernas eram tão magras que pareciam palitos. Naturalmente, isso disparou um fogo em minha espinha. O motivo pelo qual eu era tão magra era porque quase não comia devido aos maus hábitos do meu pai.

De qualquer forma, o apelido pegou, e a única razão para isso foi porque Stone sabia que isso me incomodava.

— Calem a boca. Vocês dois. — Evan se aproxima e pega meus livros da minha mão.

Eu o sigo pelo corredor para o intervalo do almoço.

E me preparo para a palestra que sei que está chegando.

— Como estão as coisas na casa de seu pai?

Stone está ao nosso lado, mas está enterrado em seu telefone com a sobrancelha franzida. Alguns de seus colegas do time de hóquei batem os nós dos dedos com ele e depois ele volta para o telefone.

— Está tudo bem, — minto.

Os olhos verdes de Evan se endurecem, e sua boca forma uma linha reta. — Wren.

Sinto meu rosto pálido. Para falar a verdade, está longe de estar bem, mas Evan não deveria estar preocupado. Estamos quase no verão, o que significa que posso ficar indo e voltando entre a casa dele e a da Jasmin entre meus turnos e, em agosto, estarei na Universidade de Shadow Valley e tudo ficará bem.

Jasmin é minha outra graça salvadora. Ela me entende mais do que a maioria das pessoas porque sabe como é estar no sistema de adoção: solitário.

— Pare de mentir, — diz Stone. — Suas pernas estão parecendo muito mais finas recentemente.

Paro de andar e coloco meu pé para fora para fazer Stone tropeçar, mas ele é tão bom no piso de linóleo quanto no gelo.

Ele para a poucos centímetros do meu sapato e sorri para mim. — Boa tentativa.

— Vocês dois podem parar por três segundos? Eu juro, vocês parecem crianças pequenas.

Tento pegar meus livros, mas Evan os segura acima da cabeça para que eu não possa pegá-los.

Exalo, afastando meu cabelo castanho do rosto, e cruzo os braços. — Foi ele quem começou.

Evan ri. — Está vendo? Crianças.

Stone continua pelo corredor, colocando o braço em volta de Cassandra, a

aluna do primeiro ano que provavelmente já dormiu com toda a turma do último ano. Talvez até com Evan, o que me dá vontade de vomitar.

Evan é como um irmão para mim. Fico muito irritada quando as meninas tentam ser minhas amigas só para se aproximarem dele, e fico ainda mais irritada quando elas admitem abertamente as coisas que querem fazer a portas fechadas.

Evan abaixa lentamente meus livros e os coloca de volta em minhas mãos. — Você tem olheiras, está caindo no sono em Química e seus jeans estão mais folgados do que o normal.

O constrangimento me inunda e, se fosse outra pessoa, eu os enganaria, fazendo-os pensar que eu estava bem, mas Evan me conhece muito bem.

— Wren, o que está acontecendo?

Desvio o olhar e observo meus colegas se amontoando no refeitório. — O mesmo de sempre, — admito antes de dar de ombros. — Está tudo bem, Evander. Não falta muito para agosto. Estou vivendo neste inferno desde que nasci.

Evan abaixa a voz quando inclina a cabeça para a curva do meu pescoço. — Mas você não deveria *ter* que viver assim. Venha ficar conosco. Mamãe está muito preocupada.

E ter meu pai aparecendo como um maldito lunático? Não, obrigada.

— Vou passar por lá mais tarde para dizer oi.

Evan range os dentes e começa a andar de costas para o refeitório. — Bem, coloque um pouco de maquiagem nessas olheiras, garota. Ou então ela pode trancá-la no seu quarto e não a deixar sair.

Meu quarto.

Sinto um aperto no peito que ignoro para não me incomodar. Não há espaço para culpa ou mágoa em uma vida como a minha.

Evan joga suas chaves do outro lado do corredor. Eu as pego e lhe envio um sorriso de agradecimento enquanto me viro e saio pelas portas.

Ele sabe quando estou com dificuldades. Cochilar no carro dele durante o almoço costumava ser coisa do passado, mas agora que voltei a morar com meu pai, isso está acontecendo novamente.

Exceto que, no momento em que entro no estacionamento da escola, meu corpo inteiro congela ao ver o carro da polícia ao lado, com um pastor alemão enorme farejando droga ao redor dos carros estacionados, como se estivesse pronto para despedaçar alguém.

Oh, droga.

Volto minha atenção para o carro de Evan - o mesmo carro que guarda minha bolsa. A mesma bolsa que tem dentro um pacote secreto do meu pai, que me pediu para pegar e entregar. — *Só desta vez, Pumpkin*[2].

Sem nem mesmo olhar dentro do pacote, eu sabia que se tratava de drogas.

Meu pai continua a fingir que ainda sou aquela menina de sete anos que ele deixou em um ponto de ônibus para se drogar uma noite. Subi em um ônibus grande, preto e fedorento e andei nele até de manhã - onde o Conselho Tutelar estava esperando por mim para me colocar em um orfanato.

Mas eu tenho dezessete anos, quase dezoito. Sei o que são drogas e sei o que a lei faz com as pessoas que as possuem.

Espero até que a diretora Howie e os três policiais desocupados fiquem de costas, depois me agacho embaixo dos arbustos e rastejo até a terceira fileira de carros. Meu coração dispara, batendo com força nas costelas, assim como os galhos do arbusto raspam nas minhas costas.

A cada rastejo do cachorro contra o chão, meu coração bate um pouco mais rápido. Não só eu me meteria em problemas se o cão farejasse o pacote em minha bolsa, mas Evander seria chamado para sair da escola, junto com seus

pais.

Eles são as últimas pessoas neste planeta que quero decepcionar e, embora saibam que minha vida não é fácil e que não uso drogas, ficarão magoados por eu não ter recorrido a eles no momento em que meu pai começou a fazer besteira.

Meus dedos passam por baixo da porta do passageiro do carro de Evan enquanto continuo a me ajoelhar contra o asfalto do estacionamento. Um pedaço de cascalho com certeza se cravou em meu joelho, se a dor aguda tiver algo a dizer sobre isso. Continuo agachada e procuro minha bolsa até que a alça fina toca meu dedo. Rapidamente, tiro-a da porta do passageiro e procuro o pacote minúsculo que cabe no centro da minha palma.

Ele está embrulhado em um pano escuro, mas sei que se eu levantar o tecido, ele revelará pequenas pedrinhas em um saco plástico transparente.

Odeio minha vida.

Encurralada não é suficiente para descrever como me sinto, ajoelhada no estacionamento da escola com um pacote de drogas na mão enquanto a polícia e seus cães se aproximam lentamente de todos os carros.

O que devo fazer?

Examino a colina gramada além do estacionamento, imaginando se devo simplesmente jogar o pacote lá, mas depois de me voltar para o cachorro que rosna e está cada vez mais perto, sei que essa não é uma opção viável.

Nesse momento, meus olhos se concentram em uma F150 grande, preta e novinha em folha, três pontos abaixo da fileira de Evan.

É do Stone.

Sei que é dele, pois está sempre do lado de fora da casa de Evan e, sem falar que é um dos veículos mais bonitos do estacionamento da escola. Seu pai rico queria o melhor para ele.

Eu suspiro.

Seu pai.

O pai de Stone é o manda-chuva da cidade e, se há alguém que pode mudar o rumo de uma sentença judicial, é ele.

Stone receberá um tapinha nas costas.

Eu, por outro lado, com a reputação do meu sobrenome - não importa quão inteligente eu seja e quão boas sejam as minhas notas - perderei minha bolsa de estudos acadêmica e serei encaminhada para um advogado fracassado que não se importará com o que acontecerá com o meu futuro.

Também não vou levar Evan comigo.

O cascalho sob meus joelhos agora está cravando em minhas costas. Passo por baixo do carro de Evan e continuo rolando. Estou olhando para o chassi da caminhonete do Stone. Engulo a culpa que certamente me submergirá mais tarde nesta noite e enfio o pequeno pacote no menor dos cantos, sabendo que os cães farejadores de drogas ainda o encontrarão.

Meu pai e Stone vão colocar grandes alvos vermelhos em minhas costas por causa disso.

Não vou entregar o pacote para o traficante com quem meu pai está lidando, e Stone sem dúvida saberá quem foi corajosa o suficiente para colocar drogas em sua caminhonete com a polícia a metros de distância.

Mas, na verdade, isso não tem nada a ver com ser corajosa e tudo a ver com simplesmente sobreviver.

CAPÍTULO 2

Stone

A hora do almoço na West Ridge High é sempre um caos. Os administradores tentam controlá-lo, como se tivessem alguma ideia do que é controle. Há um burburinho que acompanha o refeitório que é quase relaxante. A conversa de centenas, se não milhares de alunos amontoados em um espaço enorme.

Estamos no centro disso. Eu, Evan e o restante dos alunos mais velhos do time de hóquei. Somos soberanos nesta escola, e todos sabem disso. Os outros alunos nos observam como se fôssemos da realeza - tudo porque somos bons no hóquei.

Evan e eu nos conhecemos quando fomos jogados no mesmo time de hóquei quando éramos crianças. Meu pai não sabia mais o que fazer comigo e estava desesperado para me distrair do resto de nossas vidas. Para a sorte do meu pai, Evan e eu trocamos insultos e nos entrosamos imediatamente.

Eu sorrio com esse pensamento. Não que ele perceba.

Evan começou como um colega de equipe e rapidamente se tornou algo semelhante a um irmão. Juro que, atualmente, passo mais tempo na casa dele do que na minha.

Olho para o meu melhor amigo. Ele se mexe em seu assento, com o olhar saltando da porta para a comida. Para lá e para cá, como um maldito ioiô. Ele está ignorando a conversa dos rapazes ao nosso redor, com as sobrancelhas ligeiramente franzidas. Está se remexendo.

Preocupado com sua *irmã*.

Ele se afeiçoou à Wren quando ela chegou à casa dele como uma criança

desnutrida, com os cabelos escuros oleosos e os olhos cor de avelã arregalados olhando para nós sem piscar. *Nós*, porque eu estava lá, sempre me escondendo na casa dele para fugir da minha própria casa - até ela chegar, pelo menos. Nas semanas ou meses em que ela estava lá, eu me refugiava.

Não era como se eu não fosse bem-vindo. Eu ainda via Evan o tempo todo, saía com ele durante o dia, ficava em casa para jantar. Mas havia um limite definitivo de quanto tempo os pais dele conseguiriam lidar com três pré-adolescentes, e geralmente era eu quem tornava as coisas mais caóticas.

Evan está se preocupando à toa.

Se essa garota tiver que escolher entre dormir e comer, nove em cada dez vezes ela escolhe a primeira opção. É como se ela não dormisse quando está na casa do pai, por motivos que só posso imaginar. Ela também está mais magra ultimamente. Mas o sistema de adoção tem controles e balanços para esse tipo de coisa. Se algo estiver acontecendo... quero dizer, ela pode estar fazendo uma daquelas dietas, tentando imitar as garotas populares. Ela tem uma assistente social para checá-la. Se algo estiver realmente errado - outra vez - *eles* a tirariam de lá.

Estalo meus dedos na cara dele. — Pare com isso, cara. Ela está bem.

Ele passa a mão pelo rosto e sua atenção se volta para a bandeja de comida. — Sim.

Eu lhe dou um olhar que diz que não acredito em suas besteiras, e ele faz uma careta.

Os pais de Evan são muito gentis. Algumas das melhores pessoas que já conheci. Wren não foi a primeira filha adotiva deles, mas *foi* a primeira que pareceu se encaixar na família tão facilmente quanto respirar. Algo simplesmente se encaixou com eles.

E eu odiei isso. Odiava o fato de meu melhor amigo de repente ter uma

distração, alguém que tirava sua concentração das brincadeiras conosco. Alguém que o acompanhava quando nos encontrávamos nas quadras de basquete ou andava de patins enquanto praticávamos nossos slap shots no rinque local.

Quanto mais eu a conhecia, porém, e quanto mais tempo ela ficava com a família de Evan... bem, acho que tive de me esforçar um pouco mais para manter meu ódio. Ajudou o fato de eu poder voltar minha atenção para o hóquei. Que eu tivesse alguma distração, uma saída para minha raiva. Mas ela sempre me atira essas farpas, e eu a pressiono.

Às vezes é divertido.

O burburinho na cafeteria aumenta. É como se uma maré estivesse chegando à nossa mesa, uma onda de som que faz os pelos da minha nuca se eriçarem.

— Merda, — murmura Evan. Ele examina um texto e depois se levanta da cadeira. — Eles fizeram uma busca por drogas - e encontraram algo, a julgar pelo som.

— Sente-se, — eu peço. — Estamos bem.

Ele se abaixa e franze a testa. Evan nem sonharia em tocar no material, e eu também não. Meu treinador esfolaria todo o time vivo se pegasse algum de nós usando drogas. Mesmo algo tão inofensivo quanto maconha.

Não vale a pena a humilhação pública que o treinador nos infligiria.

Como resultado, tenho sido muito rigoroso desde que entrei para a equipe no meu primeiro ano. Quando percebi que tinha um técnico que poderia melhorar minhas habilidades, dei tudo de mim no hóquei. Eu o via como um bilhete para sair do funil no qual meu pai iria me enfiar. O caminho forçado para o mundo corporativo.

No entanto, tenho mais chances do que a maioria dos meus colegas de equipe. Tenho interesse real da NHL. Os olheiros continuam vindo aos jogos. Houve rumores de que eu seria convocado em junho. Assinar com uma equipe

profissional vai me preparar para a vida.

É tudo de que preciso.

É a única coisa que me interessa.

Todo o resto - minha vida doméstica, relacionamentos familiares, um “trabalho de verdade”, nas palavras de meu pai - fica em segundo plano. Nada mais importa quando estou no gelo.

Fazer algo para colocar isso em risco seria ridículo.

— Eles estão vindo nesta direção, — diz Evan baixinho. — Não estou gostando da aparência disso, cara. E se...

— Stone Foster.

A sala fica em silêncio, exceto pelos passos que se aproximam.

O gelo percorre minha espinha.

Giro em meu assento e olho para os dois policiais que se aproximam de nós, liderados pelo diretor um tanto nervoso.

— Venha comigo, Stone, — disse o diretor. — Agora, por favor.

Eu estreito meus olhos para ele, mas me levanto mesmo assim. Não tenho o hábito de desobedecer a ordens, especialmente com a escola inteira assistindo.

Assim que me levanto, um dos policiais vem atrás de mim. Ele agarra meu braço, apertando meus bíceps como se eu fosse fugir, e praticamente me arrasta com ele para fora do refeitório. Como se eu não fosse melhor do que um traficante de drogas da escória da terra? Um malandro?

Eles não poderiam ter encontrado nada. Nem na minha caminhonete, nem no meu armário.

— Oficial... — A diretora Howie hesita. — Precisamos ligar para o pai dele.

Engraçado, porque eu estava prestes a usá-lo como minha única defesa. As palavras: *“Você não sabe quem é meu pai?”* quase passaram por meus lábios.

Levantei o queixo, embora minha pele estivesse ficando mais quente a cada segundo. Há um milhão de pessoas nos corredores, todas olhando para mim.

Pela cena que os policiais estão montando.

Mas pior do que isso é a ideia de meu pai descobrir.

Eles me levam para a sala do diretor e me forçam a sentar em uma cadeira. Solto um grunhido, tentando reprimir minha irritação - e acalmar a preocupação repentina. Porque isso parece sério. A diretora lhes dá um olhar de advertência. Não é nada comparado àquele que meu pai lançará em minha direção antes de lhes dar décadas de bronca legal.

Ser um advogado de defesa tem suas vantagens, eu acho.

A secretária enfia a cabeça. — Ele está a caminho.

Fico olhando para a diretora quando a porta se fecha novamente, deixando apenas nós quatro em seu escritório. Embora eu normalmente me sinta confortável aqui - nunca tive nenhum problema sério - agora, uma gota de suor escorre pelas minhas costas.

— Então, do que se trata? — Olho de relance para os dois policiais que me enquadram.

A diretora se senta e cruza as mãos à sua frente na escrivaninha. — Fizemos uma busca de drogas na propriedade e encontramos uma substância ilegal em seu carro.

Em, não dentro.

Pressiono meus lábios. Agora não é hora de falar e me meter em mais problemas ainda. Quero perguntar o que eles encontraram e onde. Quero perguntar quem *diabos* pensaria em colocar drogas em meu carro.

Mas não o faço porque, no mínimo, meu pai me treinou bem.

Sentar, calar a boca e esperar por ele.

Nunca pensei que precisaria seguir seu conselho.

Quinze agonizantes minutos depois, a porta se abre e meu pai entra de rompante. Ele estava claramente no trabalho. Seu terno cinza estava perfeitamente ajustado, a gravata com um nó perfeito. Costumávamos ter o mesmo cabelo castanho-claro, embora ele tenha começado a tingi-lo de um pouco mais escuro para esconder o grisalho nas têmporas.

Seu olhar aguçado me observa e depois o resto da sala. — Diretora Howie. Sua secretária não foi muito solícita ao telefone.

— Encontramos metanfetaminas na caminhonete do seu filho, — disse um dos policiais. — O suficiente para ser considerado um crime.

Meu pai o encara. — Desculpe?

A diretora limpa a garganta. — Senhores policiais, vocês já conhecem Daniel Foster?

Um dos policiais empalidece, e seria muito engraçado se meu coração não tivesse parado com a menção de metanfetamina.

Isso é sério.

— Sinto muito, senhor, mas temos que levar seu filho para a delegacia.

Foda-se.

Os tiques da mandíbula do papai. Mas parece que ele não consegue impedi-los - ou talvez não consiga - porque ele se afasta e permite que eles me levantem. Balanço a cabeça para ele, tentando dizer que isso não é meu. Que ele precisa encontrar uma maneira de me tirar *daqui*. Quero dizer, ele já defendeu criminosos piores do que eu - e mais famosos, com certeza. Eles saíram com suas reputações intactas.

Ninguém fala comigo. Um dos policiais tenta entrar na viatura, mas o outro o impede.

Metanfetamina. Na minha caminhonete, não dentro dela.

A caminhonete que minha madrasta comprou para mim com o dinheiro do meu pai como uma espécie de suborno, ou penitência - nunca descobri qual. Eu simplesmente comecei a dirigi-la.

Quem diabos plantaria drogas no *meu* carro?

Isso só acontece quando meu pai me leva para fora da delegacia de polícia seis horas depois. Meu corpo dói por estar sentado em uma cadeira de metal e minha garganta está seca. Quem saberia que eles estavam fazendo uma busca? Quem teria saído da escola pouco antes da hora do almoço?

Só me vem à mente uma pessoa.

Uma pessoa que tem conexões com esse mundo de traficantes de drogas - que tem *vivido* com um deles.

Wren Davis.

— Imprudente.

Minha coluna vertebral se endireita.

Papai zomba. — Você é *imprudente*. E estúpido. Traficando drogas nas dependências da escola? *Quer* jogar sua vida no vaso sanitário?

— Não, senhor.

— Eles queriam apresentar acusações criminais. A única coisa que o protege é o nosso sobrenome. *Meu* sobrenome. E a clemência do promotor, que por acaso me deve um favor. — Sua voz é glacial. Ele olha para mim e depois volta para a estrada. — Isso vai se refletir mal em nós dois, não importa o que você faça.

Eu exalo. — Eu sei.

— Isso vai além, Stone. Se você precisasse de dinheiro, poderia ter vindo até mim...

Eu cerro os dentes. — Não preciso.

— E se isso for algum tipo de rebelião doentia contra sua madrasta... — Ele faz uma careta. — Você precisa aceitá-la.

Sacudo a cabeça e olho pela janela. Ele acha que sou culpado. Ele me livrou do caso por um triz, mas ainda acha que fui eu. Talvez porque ele esteja acostumado a defender pessoas culpadas, e sua consciência simplesmente não se importa mais. Ou porque ele perdeu qualquer possibilidade de as pessoas serem inocentes.

Ele entra no estacionamento da escola. Está escuro e só restam alguns carros. O dos zeladores noturnos, provavelmente, e a minha caminhonete. Ela está parada sozinha.

Pego minha mochila e saio do carro do papai.

— Venha direto para casa.

Eu respondo com um grunhido e bato a porta. Quando estou em segurança no carro, ligo para o número da Wren.

Ela atende no segundo toque. — Stone? Eu soube o que aconteceu...

— Pare com essa merda, Sticks, — eu rosno. Estou segurando meu telefone com força, com a outra mão segurando o volante como se isso pudesse me salvar de dirigir até a casa do pai dela e estrangulá-la. — Eu sei o que você fez.

A respiração dela fica presa. Toda a confirmação de que preciso, na verdade.

— Você está morta para mim, — declaro. — Se me ver passando pelo corredor, é melhor ir à outra direção. Se eu ouvir sua voz ou se eu pegar você olhando na minha direção, vou dizer ao meu pai que as drogas eram suas. E então veremos quem sairá ileso dessa.

— Stone...

— Faça-me esse favor, Sticks, e vá se foder. — Apertei o botão de desligar e

joguei meu celular no banco do passageiro.

Faltam apenas alguns meses para a formatura. Só tenho que rezar para que a NHL não fique sabendo disso, ou então todo o meu futuro será prejudicado. E se isso acontecer, não terei ninguém para culpar além de Wren Davis.

CAPÍTULO 3

Wren

PRESENTE

Duas caixas e uma mochila desgastada pelo tempo.

Isso é tudo o que tenho em meu nome enquanto estou do lado de fora da casa do meu irmão adotivo com o coração levemente consertado porque, vamos ser honestos, deixar um coração partido por alguém como Brad não faz mais do que amassar as paredes que construí ao longo dos anos.

Dou um passo à frente, mas dou três passos para trás quando um senhor idoso em uma bicicleta passa por mim, resmungando algo sobre estudantes universitários que estragam seu dia. Reviro os olhos e reajusto minhas caixas de papelão. *Por que pedalar tão perto da Shadow Valley University se você não gosta de estudantes universitários?*

— Me dê essas caixas, agora mesmo. — Evan sai pela porta da frente e desce os degraus com a mesma facilidade que eu tenho para respirar.

Eu giro e escondo meu sorriso. — Eu cuido disso. Apenas me mostre o caminho.

A mão de Evan encontra a alça desgastada da minha mochila e ele me gira de volta. — Com licença? — Suas sobrancelhas chegam ao topo da testa e ele me lança um olhar que já vi várias vezes ao longo dos anos.

Sorrio e coloco minhas caixas na calçada antes de deixar que seus braços quentes me envolvam em seu clássico abraço de irmão.

Ele pode não ser meu parente de sangue, mas posso dizer com total transparência que nunca me senti tão segura. Ser abraçada por qualquer membro

da família biológica me dava uma sensação um pouco diferente da que tinha quando Evan me abraçava.

— Você está bem?

Eu me afasto e olho para seus olhos quentes, captando as nuvens cinzentas que se movem atrás de sua cabeça. Minto e aceno com a cabeça, mas pelo modo como seus lábios se contraem, ele sabe que estou mentindo.

— Bem, vamos lá. O resto do pessoal quer conhecê-la.

Tento roubar as caixas dele, mas seus pais o ensinaram a ser um cavalheiro, então ele as segura acima da minha cabeça até que eu me renda e o siga até a entrada da minha nova casa.

Uma pontada de culpa acompanha cada passo sobre as tábuas rangentes do assoalho da casa de hóquei.

Eu não deveria estar aqui.

No entanto, aqui estou eu.

Foi a melhor escolha, dadas as circunstâncias. O que uma garota pode fazer quando se depara com seu namorado do último ano comendo uma garota de república no balcão da cozinha?

Jasmin diz que eu deveria queimar os pertences dele, mas geralmente tento evitar infringir a lei, pois a última coisa que o nome Davis precisa é de outro crime associado a ele.

No momento em que Evan e eu nos viramos para a esquerda, sou o centro da sala. O calor sobe pelo meu pescoço e envolve minhas bochechas como uma cobra enquanto estou ao seu lado, olhando para vários de seus colegas de equipe.

Eu admito. Não sou fã de hóquei.

Nunca fui a um jogo, portanto, não reconheço nenhum deles e, embora este seja meu segundo ano na Shadow Valley University, fico com o público

acadêmico e não com os atletas. Exatamente como no ensino médio.

O primeiro cara se levanta e caminha lentamente até mim. Eu inclino meu queixo. Ele é um maldito mamute. *O que será que ele come no café da manhã?*

— Oi, Wren. Prazer em conhecê-la. Eu sou o Taylor.

Sua mão está ali para ser tomada, então eu a tomo com cuidado, embora eu esteja longe de ser uma universitária dócil. Depois de apertar sua mão, seu sorriso de dentes aparece.

— Eu gostaria de me oferecer como voluntário para ser seu colega de quarto. Você pode dormir na minha cama.

Todos na sala riem.

Olho para ele, sem saber se está brincando ou não. Quando ele dá uma piscadela, percebo que estou muito confusa em minha nova vida.

— Comigo, é claro, — acrescenta ele. — Mas eu não vou tocar em você.

Evan coloca minhas caixas no chão e dá um tapa na cabeça do jogador de hóquei de 1,80 m. — Eu disse a vocês para serem normais, porra. Ela é minha irmã.

— Ser normal? — Outro jogador de hóquei substitui Taylor, entrando rapidamente na minha frente. Ele sorri e mostra seu dente perdido. — Como podemos ser normais com alguém tão linda na nossa frente?

A maioria das garotas teria dado uma risadinha e corado.

Mas eu não sou uma garota normal.

— Ela acabou de ser traída. Parem com isso. — Outro cara empurra o desdentado para longe e revira os olhos. — Eu sou o Sullivan.

Suas mãos pousam em meus ombros e, de repente, sou puxada para o seu peito duro. Seu abraço é agradável, mas não envolvo meus braços em sua cintura porque, para ser sincera, estou um pouco desequilibrada.

Meu mundo mudou radicalmente na última semana. Sou muito boa em me esquivar dos golpes, mas, neste momento, estou cansada.

Muito cansada.

Evan se inclina. — Nós o chamamos de Sully porque, bem, ele parece o monstro, mas na verdade é o mais legal de todos nós.

— Incluindo você? — Eu olho por entre meus cílios grossos. — Porque não há muitas pessoas que deixariam uma Davis morar em sua casa em um piscar de olhos.

Evan faz uma careta, mas não comenta sobre minha crítica pessoal. Em vez disso, ele apresenta o último colega de quarto e, quando o sigo até o meu novo quarto, tenho certeza de que memorizei seus nomes e os associei a seus rostos. *Taylor, Grant, Sully e Archer.*

— Não é grande, mas funciona.

Eu ri. — Este é um cômodo enorme e uma casa ainda maior, Evander. Vocês todos são simplesmente... grandes.

Evan joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada alta antes de colocar minhas caixas no chão. — Não deixe que eles ouçam você dizer isso. Seus egos já são enormes.

— O ego de todos os jogadores de hóquei é muito grande, — eu rebato.

O calor preenche o ar ao meu redor enquanto estou em um pequeno quarto com Evan exibindo seu sorriso adorável e pateta que ele reserva apenas para aqueles com quem realmente se sente confortável. Dou uma volta, conferindo cada canto, e fico feliz em informar que não há buracos nas paredes ou aranhas nos cantos dos tetos, *e há* uma cama de verdade que é minha.

Não compartilhada com um namorado traidor ou sujo de filhos adotivos anteriores.

— Déjà vu, — diz Evan, indo em direção à porta.

Seus olhos brilham com o que só posso descrever como alívio.

— Como nos velhos tempos, — eu brinco. Meus lábios se curvam em um sorriso triste.

Evan se agarra à parte superior do batente da porta antes de se empurrar para fora. — Sim, mas desta vez, ninguém vai forçá-la a sair.

Ele fecha a porta e eu fico ali sozinha, meio aliviada, mas meio assustada. Se há algo que aprendi desde o momento em que nasci, é que quando as coisas parecem boas demais para ser verdade, isso geralmente significa que elas são.

CAPÍTULO 4

Stone

— Esta é a oportunidade de uma vida inteira. — Cruzo os braços e depois os descruzo. Estou nervoso, *ansioso* e odeio essa sensação. Como se minha vida estivesse equilibrada nessa decisão, e outra pessoa estivesse segurando as rédeas. — Tenho que ir.

O olhar do meu pai está voltado para qualquer papelada de merda que esteja em suas mãos. Ele está trabalhando. Está sempre trabalhando. Mas com um julgamento importante se aproximando, tem sido quase impossível chamar sua atenção. Mesmo quando eu preciso dela.

Especialmente quando eu preciso.

— Pai.

— Um segundo, Stone.

Aperto a mandíbula e me viro.

Ele praticamente mora em seu escritório no centro da cidade. Ele fica no 3º andar, na esquina do prédio da torre do relógio que seu escritório de advocacia assumiu no ano passado. Suas janelas têm vista para uma rua movimentada, outro prédio em frente - a biblioteca - e a porra de um parque. Que idílico. Ele tem acesso à cobertura desse prédio e tudo mais.

Certa vez, ele levou meu meio-irmão e eu para uma festa de trabalho. Nós nos arrumamos e tomamos coquetéis. Bem, eles tomaram. Eu peguei as taças de champanhe grátis quando ninguém estava olhando, fiquei tão bêbado que vomitei nas cercas vivas que cercavam o telhado e fui levado para casa pelo assistente do meu pai.

Isso foi antes de minha mentalidade de que o corpo é um templo. Antes de

levar o hóquei a sério. Antes de perceber que papai não dá a mínima para nada que não afete sua imagem.

Um outdoor acabou de ser colocado com seu rosto. Ele está sorrindo na foto, com um slogan sobre como salvar pessoas inocentes do sistema judiciário. *Em Foster, nós confiamos*. Eu não achava nada disso - exceto que ele está ficando grande demais para os seus recursos - se eu não tivesse ouvido uma conversa em que ele falava sobre se candidatar a governador no próximo mandato.

Então ele ficaria realmente insuportável.

— Está bem. — Papai coloca o arquivo no chão e me encara. Suas mãos estão nos bolsos, seu rosto está relaxado. — Qual é a oportunidade de uma vida?

Todo o discurso sobre frequentar essa nova faculdade - eu tenho que repetir?

Mordo a parte interna da minha bochecha com força suficiente para tirar sangue. O gosto metálico é, de certa forma, relaxante, e eu o saboreio em minha língua. Ele aumenta minha concentração da mesma forma que uma luta de hóquei.

— Você já ouviu falar de Mike Aster? — perguntei.

Ele balança a cabeça e faz sinal para que eu continue.

— Ele é apenas o melhor técnico de hóquei universitário de todos os tempos. Ele já foi inscrito no hall da fama. — Respiro fundo. — E eu fui aceito na faculdade. Eu o conheci e ele disse que tinha ouvido falar de *mim*...

— É claro que ele já ouviu falar de você. — Papai revira os olhos. — Você se esforçou muito. A NHL não recruta todos os jogadores de hóquei que saem de West Ridge, você sabe.

Eu sei disso.

Assinei um contrato com o New York Guardians no ano passado, quando completei dezoito anos. O recrutamento deles foi estressante, mas eu consegui. Fui escolhido na sexta rodada depois de conversar com o técnico deles alguns

dias antes. Eles sabiam de minhas intenções de passar dois anos na faculdade. Para melhorar. Jogar contra jogadores de maior calibre. Ficar mais forte.

Um ano depois, sei que tomei a decisão certa. Este ano, tecnicamente meu segundo ano, será meu último na faculdade. Eu assisto às aulas mais simples e fáceis. Ou as mais interessantes. A faculdade sabe que estou lá por pouco tempo, mas gosto de pensar nisso como uma relação simbiótica. Eles me deixam jogar e ter aulas de baixo nível, e eu ganho campeonatos para eles.

Ou é assim que deve ser.

— Quero ser transferido, — eu disse. — O técnico que tenho agora é bom, mas...

— Você quer o melhor.

— Sim.

Isso parece ser algo que meu pai entende.

— Você acha que sua equipe vai ganhar o Frozen Four?

Estou convencido de que ele só sabe o que é o Frozen Four - os quatro jogos finais do Torneio da NCAA - porque eu costumava falar incessantemente sobre isso. Evan e eu fingíamos que estávamos jogando o último jogo do campeonato, com o placar empatado. Tudo se resumia *àquele momento*. Nós adorávamos essa adrenalina.

— Eu acho, — respondo, mantendo minha voz firme e meu corpo relaxado. Se ele percebeu minha inquietação antes, melhor ainda. Não há nenhum sinal disso agora. — Preciso jogar com os melhores para ser o melhor, pai.

— Envie as informações para minha secretária. O que precisamos fazer para que você se estabeleça financeiramente na faculdade. — Ele franze a testa. — Acredito que você possa resolver o resto?

— Eu tenho tudo sob controle. — Voltei em direção à porta. — Vou deixá-lo à vontade. Tchau, pai.

Ele já está voltando ao modo de trabalho, pegando a pasta e escaneando-a novamente. Sua cabeça está inclinada, a gravata afrouxada e o paletó do terno está fora.

No andar de baixo, entro em meu carro. Minhas malas estão prontas. Eu não ia aceitar um não como resposta. Embora eu esperasse mais barulho da parte dele, também não vou olhar um cavalo dado. Tenho a bênção dele. Estou me afastando da madrasta malvada.

São duas horas de carro até Shadow Valley. Eu ligo o rádio e canto junto, mais leve do que me sinto há *anos*. Desde a prisão, papai tem me mantido sob controle. Ele insistiu em fazer testes de drogas todas as semanas por mais de um ano, chegando ao ponto de ficar no banheiro comigo para se certificar de que eu não estava trapaceando quando os testes voltavam limpos.

Porque eu não uso drogas.

Os policiais desta cidade ficam olhando para mim quando passo. Como filho de um advogado de defesa, estou meio que acostumado com isso. Eu já tinha a atenção deles antes de ser acusado de fazer algo errado. Mas agora, eles estão desconfiados.

Assim que saio dos limites da cidade, meu canto fica mais alto. Tenho uma voz horrível, mas isso não me impede de cantar os clássicos. Nirvana e Blue Oyster Cult. Você não pode me dizer que "Burnin' For You" não é a melhor música do mundo.

A viagem passa rápido por ali e, antes que eu perceba, estou chegando a Shadow Valley. Visitei Evan aqui no ano passado, após o término de nossas temporadas, e conheci seus colegas de time de hóquei. Eu sabia que era com eles que eu queria jogar, e com o técnico deles? É claro que eu ia fazer isso acontecer.

Além disso, se ganharmos o Frozen Four, terei mais chances de os Guardians me levarem para a equipe deles imediatamente, em vez de me passarem para a equipe afiliada à AHL. Eu quero os maiores. *Quero o melhor.*

Vá com tudo ou nada, certo?

Estaciono na rua e coloco minha bolsa no ombro. Voltarei para pegar o resto quando descobrir qual é o meu quarto.

— Tem alguém em casa? — Abro a porta e passo por ela. A casa enorme tem um ar de república, embora seja afastada do bairro das repúblicas. A ampla varanda na frente, os tijolos, a pequena sacada no alto. É charmosa e provavelmente não é um lugar onde seis rapazes deveriam estar morando.

— Ei, cara! — O grandalhão, Sully, aparece no corredor. — O Evan está lá em cima. Ouvi dizer que você vai se juntar a nós este ano?

Sorrio e dou um tapa em sua mão. — Sim. Você acha que está pronto para mim?

Ele dá uma risadinha. — Eu vi seus destaques. Estou feliz por estarmos no mesmo time agora.

— Oh, vá se foder, — Evan diz. Meu melhor amigo entra na sala. Ele parece mais saudável, como se tivesse passado o verão no sol. Ele para na minha frente. — Seu quarto é lá em cima.

— Ok.

— Eu vou... eu vou lhe mostrar.

Sully riu atrás de mim. Aceno para ele e sigo Evan até as escadas. O andar de baixo é ainda maior do que parece visto de frente, mas pulamos o tour visita para ver onde vou dormir nos próximos dez meses.

— Nós somos seis? Seis quartos? — Evan não responde. — Cara. — Eu o alcanço e agarro seu braço, fazendo-o girar para me encarar. — O que está acontecendo com você? Se você não me quer aqui...

— Não, não. Não é isso. — Ele faz uma careta. — É que tivemos uma emergência no outro dia...

— Uma emergência como o quê?

— Bem, você só tem um colega de quarto, só isso. Não há como evitar.

Grunhi e fiz sinal para que ele continuasse. Em vez de falar, porém, ele vai até a primeira porta à esquerda e a abre.

— Esse é o seu.

Eu o olho e depois entro.

É uma explosão de *coisas* em miniatura. Não há muita coisa, mas o que há foi espalhado por toda parte. Roupas, livros didáticos.

Porém, o mais importante, roupas *femininas*. *Maquiagem*.

— Que porra é essa, E? Você sabia que eu estava vindo. Nós planejamos isso desde que fui aceito.

Sim, claro, não estava absolutamente decidido até eu entrar no meu carro hoje. Meu pai teve um papel importante nisso. Mas, sinceramente, eu viria para cá, independentemente de ter ou não a bênção dele. Eu mesmo teria pagado por isso.

O medo revira minhas entranhas. Só há uma pessoa por quem Evan faria isso.

— Por favor, não me diga que você deixou que *ela ficasse* com meu quarto.

— *Metade*, — ele murmura. — Metade do quarto.

— Só há uma maldita cama! Como isso é metade? — Eu ando em um círculo, chutando suas roupas no processo. Paro e aponto para ele. — Eu quero que ela saia.

— Sair? Ela não tem para onde ir.

— Besteira. — Droga, estou *fervendo*. Não ficava tão irritado há... bem, provavelmente desde a última vez que pensei em Wren Davis. — Leve-a para o seu quarto.

Ele me encara. — Isso seria muito estranho? Ela é minha irmã. Eu tenho uma namorada...

— Você não tem.

— Tenho uma garota com quem me relaciono regularmente, — ele corrige. — Aguente firme, Foster.

Uma porta bate no andar de baixo. Sem dúvida, eu sei exatamente quem é. A pessoa com o pior timing da face da Terra.

Coloquei as mãos nos quadris. — Ela sabe sobre esse pequeno acordo?

Sua expressão se torna culpada. — Bem...

— Evan? — Sua voz - sua voz doce, melódica e *maligna como a merda* - flutua em nossa direção. — O que está fazendo no meu...

Ela aparece na porta e para. Seu rosto fica pálido e seus olhos se enchem de horror.

— O que ele está fazendo aqui? — ela sibila para seu pseudo-irmão.

Eu me sento na cama, ignorando deliberadamente a merda que ela espalhou por ali. Não consigo parar de olhar para ela. Como ela parece diferente. Há círculos sob seus olhos, claro, mas isso vem com toda experiência universitária. Falta de sono e tudo o mais. Mas ela não é mais a garotinha magra com insônia. Ela é... bem... ela está diferente.

E enquanto eu travo uma guerra interna para saber se gosto do que estou vendo, seu nariz se enruga. Como se ela *estivesse* desapontada com o que vê em mim.

Mas quer saber? Prefiro usar isso a meu favor.

Eu me inclino para trás e sorrio para ela. — Estou me mudando, Sticks. Bem-vinda ao inferno.

CAPÍTULO 5

Wren

Bem-vinda ao inferno.

Olhar para Stone Foster em meu novo quarto é exatamente o que eu imaginaria se estivesse cara a cara com o próprio diabo. Um monstro bonito, presunçoso, arrogante e *maligno*. O ódio em seus olhos azuis é passageiro e rapidamente substituído por uma vingança que sinto até os ossos.

— Não, — sussurro, começando a balançar a cabeça.

É como nos velhos tempos - estar em uma sala com Evan e Stone, sentindo-me como a estranha. Evan sempre me incluía, sendo o melhor irmão adotivo que existia, mas Stone sempre me excluía, irritando-me, odiando-me, implicando comigo.

Mas não somos mais adolescentes.

Somos adultos, e Stone está obviamente querendo se vingar. Senti o cheiro no momento em que entrei em casa. Pode ser um sexto sentido, ou talvez eu esteja acostumada a ter que me proteger constantemente. Estou no limite desde o momento em que coloquei as drogas na caminhonete dele. Só que as outras pessoas que querem se vingar são ainda piores do que Stone. Talvez seja por isso que estou tão calma, observando-o do outro lado do quarto.

— Estou indo embora, — eu digo. Dou uma olhada rápida para Evan, que está claramente em pânico.

— Não, você não vai...

— Obrigado, porra. Até mais, Sticks. — Stone se inclina mais para trás na cama, e seu sorriso arrogante e orgulhoso é tudo o que vejo.

— Stone, — adverte Evan. Ele se coloca entre nós.

Estou perto da porta, pronta para sair, até que olho para além do ombro de Evan e vejo o olhar de Stone. Ele está cheio de desdém, e eu nem posso culpá-lo. E *Deus*, por que ele parece *tão* bom? Olhos azuis da cor do céu cercados por cílios grossos e escuros. Uma linha de sobrancelha pesada que o faz parecer perigoso - o que é completamente preciso - e, embora ele esteja sorrindo para mim como o idiota que é, seu sorriso é absolutamente perfeito. Os ângulos de sua mandíbula deveriam ser ilegais, e há uma parte confusa de mim que quer saber como eles são definidos sob a palma da minha mão.

— O quê? — Stone desvia seu olhar de aço de mim e o coloca em seu melhor amigo. — Eu tinha direito ao quarto primeiro, certo? Ela deveria ser a única a sair.

A irritação percorre minha espinha diante de sua necessidade de me expulsar. Fui pressionada durante toda a minha vida e, nos últimos dois anos, ganhei um pouco mais de coragem.

— Eu cheguei aqui primeiro. Achado não é roubado.

Stone olha fixamente, e não acredito que essa foi a primeira coisa que eu disse diretamente a ele em dois anos.

— Ninguém está indo embora! Vocês dois precisam crescer. Esse joguinho de ódio que vocês dois estão jogando acabou.

— O caralho é que acabou. — Stone se levanta e, se não estivéssemos separados por Evan, ele estaria se elevando sobre mim como um pesadelo.

Lembro-me desse dia como se fosse ontem. Stone não entende por que fiz o que fiz, mas, na verdade, era uma situação de vida ou morte para mim. Eu *tinha* que sair de Maysville, e minha viagem completa para Shadow Valley era a única maneira de fazer isso.

— Ela está apenas usando você. — A acusação fria de Stone chega aos meus lábios, e um suspiro apressado sai.

— O quê? — Cruzo os braços e me mantenho firme. — Isso não é verdade.

Evan levanta as mãos e se dirige à porta, passando por cima de mim e da minha birra. Ele está desapontado, e eu imediatamente me sinto mal.

— Vocês dois precisam resolver isso. Estou cansado de ter duas pessoas importantes em minha vida se odiando. — Ele se vira e olha para nós dois nos olhos. — Resolvam isso. Nenhum de vocês sairá desta maldita casa até que resolvam.

A porta bate e Stone fica completamente indiferente, e é óbvio que ele não sente nenhum remorso. *Típico.*

Ele se senta na cama com braços fortes que o seguram por trás. Seus músculos tremem a cada batida forte do meu coração. — Há uma bela árvore na frente que seria perfeita para você. Esses pedaços de pernas que você ainda tem vão se encaixar perfeitamente.

Reviro os olhos. — Isso é o melhor que você tem? A piada da vara?

— Por que você está aqui? Você não tinha outro lugar para ir? Acho difícil acreditar nisso.

Fico de costas para a porta fechada e cruzo os braços novamente. Estou usando a camisa do Shadow e, se não sair logo, perderei meu segundo turno, e o público do jantar dá gorjetas melhores. Sou muito grata por ter um emprego estável de garçonete que funciona de acordo com meu horário escolar, e não vou estragar tudo chegando atrasada. — Você acha que eu ficaria em um quarto com você se tivesse outra opção?

Ele solta uma risada, e é frustrante como ela soa exatamente igual à de dois anos atrás. — Você me viu, Sticks? É claro que você gostaria de ficar em um quarto comigo. — Ele estende a mão para trás e pega o outro travesseiro, o mais próximo da parede, e o joga no chão, junto com o cobertor fino que estava aos pés da cama. — Eu fico com a cama.

— Que cavalheirismo de sua parte, — eu disse.

Stone se levanta e dá de ombros. — Eu sou o jogador de hóquei aqui. Preciso de descanso.

Ele vem em minha direção e eu quero correr, mas não o faço porque não sou assim. Já estive frente a frente com pessoas muito mais perigosas do que Stone Foster, mesmo que ele me odeie completamente.

— Por que você precisa descansar?

Ele está a poucos centímetros de distância, e meu coração está disparado no peito tão rápido que tenho certeza de que ele pode ver minha pulsação batendo na lateral do meu pescoço. No entanto, Stone está completamente relaxado. Sua respiração está tranquila e, no momento em que seus lábios se separam, eu me rendo à sua respiração contra o meu rosto como se fosse um feitiço maligno.

Eu ofego quando suas mãos agarram meus antebraços, mas não ouso me afastar quando ele os joga contra a porta atrás de mim com um pouco de força demais. Seu joelho está entre minhas pernas e estou tão congelada que não consigo nem respirar. O calor pinta minhas bochechas quando ele olha para o meu peito. Seus olhos se contraem e seu corpo emite tanto ódio que deveria me assustar.

— Shadow Bar and Grill*?*

Sua risada é cheia de sarcasmo e, às pressas, tiro meus braços de seu aperto. Ele se afasta e eu finalmente consigo respirar novamente.

— É para isso que você precisa de descanso? Um maldito emprego de garçonete?

Ele arregala os olhos azuis frios e eu me viro de costas para ele, abrindo a porta com tanta força que ela bate na parte de trás da parede. Estou na metade do corredor quando ele me chama por trás de mim.

— Até mais tarde, *colega de quarto*.

* * *

Meu turno no Shadow's termina muito rápido.

Estou de volta em *casa* e olhando para a luz que vem da janela do que *era o* meu quarto até que meu passado decidiu me dar uma mordida na bunda.

As mensagens de Evan estão me incomodando, e parte de mim quer contar a ele por que Stone me odeia tanto, mas não quero pena, porque, conhecendo Evander, ele entenderia por que fiz o que fiz.

Ele ficaria desapontado, mas conhece minha situação de vida e o drama familiar melhor do que ninguém.

Stone também sabe do meu passado.

Mas ele tem um coração frio, então é claro que não há compaixão ou simpatia de sua parte. *Exceto que*... Stone nunca contou a verdade a Evan. A única coisa que Stone fez depois de toda a provação foi fingir que eu não existia mais.

Pena que agora ele tem que dividir o quarto comigo e, depois de ler as mensagens de Evan, sei que tenho que aguentar e me comportar bem, porque se há uma pessoa em minha vida que não quero incomodar, é ele.

— Venha cá, garota! Fizemos o jantar.

Tiro meus olhos da janela do segundo andar e três sorrisos felizes me olham da porta. O cheiro de comida tailandesa passa pelos colegas de equipe de Evan e me puxa para a porta sem muito protesto. Não posso dizer não a macarrão frito e curry, mesmo que tenha comido um hambúrguer no meu intervalo.

— Uau, isso cheira... — Faço uma pausa para ver os recipientes abertos do Touch of Thai espalhados na mesa de centro da sala de estar, cercados por pratos vazios. Eu ri. — Achei que você tinha dito que tinha feito o jantar.

— *Feito* como se fosse... colocado em um prato. — Evan riu depois de dar um rápido beijo em minha têmpora. — O resto da comida está na cozinha.

De repente, voltei a ter quinze anos e a me sentir desconfortável com a ideia de alguém cuidar de mim. *Devo lhes dar dinheiro pelo jantar? Devo dizer que já comi? Devo pegar o jantar amanhã à noite?* O último pensamento me faz entrar em pânico, pois como posso alimentar jogadores de hóquei com meu mísero salário de garçonete?

Em vez de fazer qualquer uma das perguntas que tenho na ponta da língua, sorrio e vou para a cozinha, deixando Evan, Sully e Grant na sala de estar enquanto assistem a algum jogo de hóquei na ESPN - provavelmente deles mesmos, sabendo como são os jogadores de hóquei.

No momento em que pisei no piso de ladrilhos, fiz uma pausa e quase recuei.

Lá está ele, todo alto e de ombros largos, inclinado sobre o balcão como se fosse o dono da sala. Não faço um único ruído, algo que consegui dominar todos esses anos atrás, esgueirando-me por lares adotivos enquanto meus tutores temporários dormiam para encontrar moedas soltas nas almofadas do sofá ou algum resto de comida que geralmente estava estragado na parte de trás da geladeira.

— Está com fome, Sticks?

Fico quieta porque não confio nele. Ele provavelmente envenenou a comida.

— Tem um lugar legal lá nos fundos. — Stone espia por cima do ombro e seus lábios se inclinam em um sorriso diabólico. — Perfeito sob a luz do sol. Vou regar você dia sim, dia não, e trouxe um saco de terra depois do treino. — Ele se vira e se inclina contra a pia, segurando um recipiente branco e vermelho que tem escrito Touch of Thai na frente. — Achei que se enterrássemos esses seus gravetos, eles se transformariam em um tronco de árvore e você estaria pronta.

Eu o odeio.

Odeio o fato de estar deixando que ele me intimide.

Odeio o fato de entender por que ele está me intimidando.

— Espertinho, — digo, avançando mais para a cozinha. O nervosismo alimenta meus passos, mas eu me recuso a mostrar a ele qualquer tipo de culpa ou qualquer tipo de acanhamento. Farei com que isso funcione entre nós, principalmente porque realmente não tenho para onde ir - não posso me dar a esse luxo.

— Achei que sim, — ele responde.

Percebo o sorriso rápido em seus lábios, e um alarme soa na parte de trás da minha cabeça.

— Aqui está.

Ele está segurando o recipiente de comida tailandesa, e eu cuidadosamente estendo a mão e a coloco sobre ele. Nossos dedos se tocam e o calor sobe pelo meu braço e chega ao meu peito, queimando-me por dentro.

— Você a envenenou?

Stone mantém seus dedos encostados nos meus. — Não, eu prefiro ver você sofrer lentamente. É mais gratificante.

Sua mão se foi um instante depois, e foi quando percebi o peso inexistente da caixa de tailandês. Olho para dentro e vejo que está completamente vazio.

— Bom jantar, Sticks.

Sua risada maligna e ameaçadora é mais uma advertência e, de repente, me pergunto o que é mais desconfortável: dormir em um quarto com alguém que me odeia ou dormir no banco de trás do meu velho Honda, que mal funciona.

CAPÍTULO 6

Stone

Saio da cozinha antes de ver a reação de Wren. Assim que ouvi os rapazes dando as boas-vindas a ela em casa, corri para colocar todos os restos de comida em um recipiente diferente, que agora está enterrado na parte de trás da geladeira.

Um leve sentimento de culpa se abate sobre mim, mas dou de ombros. Se não fosse por ela, eu teria um relacionamento melhor com meu pai. Não teria que implorar para que ele me deixasse continuar minha jornada na NHL. Não teria que me desculpar com o técnico do New York Guardians na noite anterior à assinatura do contrato com eles, inventando uma desculpa aceitável.

O momento mais embaraçoso da minha *vida*, e eu pensei que fosse ver tudo ir por água abaixo. Todas as noites praticando meus slap shots, todas as corridas, todos os exercícios. Para nada.

Não confio que ela não vá me apunhalar pelas costas novamente.

Eu me fecho em meu quarto, encostando-me na porta por um momento enquanto formulo um plano.

É muito perigoso estar perto de Wren Davis. Aqueles grandes olhos cor de avelã parecem olhar através de mim e, às vezes - bem, na maioria das vezes - ela não gosta do que vê. Isso é óbvio pelo ódio em sua expressão.

E ainda bem. Não suporto sua ousadia.

E cada momento nesta casa coloca a mim e aos meus colegas de equipe em risco.

O que a impede de trazer mais drogas para esta casa? Quem sabe no que ela se meteu desde a última vez que a vi. O tráfico de drogas seria a coisa menos

surpreendente sobre ela, especialmente conhecendo seu histórico familiar.

Quanto mais cedo ela sair, melhor.

Só há um problema, e o nome dele é Evan Mitchell. Meu melhor amigo a ama como uma irmã. Uma irmã traiçoeira como uma cobra, mas uma irmã mesmo assim. O que significa que não posso simplesmente expulsá-la como eu quero. Para todos os efeitos, preciso me comportar bem.

Mais ou menos.

Eu me afasto da porta. As coisas dela estão por toda parte. É realmente, na verdade, horrível. No armário, vejo uma lixeira de plástico. Tem uma linha de fita adesiva e algum outro sobrenome escrito nela, então é claramente uma relíquia de um antigo colega de casa.

Fácil de reaproveitar.

Coloco todas as suas maquiagens e roupas na lixeira. É um pouco deprimente ver como *tudo* se encaixa. As coisas penduradas no armário, nas gavetas. Minhas malas ainda estão empilhadas ao longo da parede, esperando por...

Quem diabos sabe.

Que eu me torne um homem, eu acho.

Fecho a tampa da lixeira e a coloco embaixo da cama. Em seguida, tiro os cobertores e lençóis dela para substituí-los pelos que trouxe de casa, e algo rosa choque cai. Meus olhos se arregalam.

Eu o pego com dois dedos, olhando para ele.

É um brinquedo sexual.

A ideia de ela se masturbar naquela cama é estranhamente erótica. E *agora* estou imaginando minha arqui-inimiga nua, com as pernas abertas, o brinquedo...

Vá se foder, Foster.

Arrumo a cama e coloco o brinquedo sexual debaixo do travesseiro para humilhação futura. Depois, desfaço as malas. Ocupo todas as gavetas e cabides.

Inspirando profundamente, olho em volta e sorrio para mim mesmo.

Não há nenhum vestígio de Wren, exceto debaixo da minha cama e do travesseiro.

Só espero que ela tenha limpado o aparelho depois de usá-lo.

Deito-me na cama com um livro em uma das mãos, fones de ouvido firmemente colocados e o outro braço esticado sobre a cabeça. E então eu espero.

Finalmente, a porta se abre e Wren entra. Ela leva um minuto para fechar a porta e se virar, com os ombros erguidos como se estivesse se defendendo. Meu olhar passa do livro para ela e depois de volta.

Sua boca cai. — Que diabos, Stone?

Eu a ignoro.

Eu posso ouvi-la - minha música nem está tocando - mas ela não sabe disso. Talvez eu devesse realmente ligar a música e abafá-la. Mas parte de mim está curiosa. Nunca tive ninguém que me irritasse dessa maneira. Ninguém que me incomode o suficiente para tentar destruir.

É um pouco gratificante.

— Onde estão minhas coisas?

Ela se aproxima e bate em minha perna.

Olho para ela, observando sua expressão furiosa. A pobre criança adotiva não gosta que mexam em suas coisas, evidentemente.

— Você está intencionalmente sendo um saco de bosta ou isso é natural?

Mal reprimo minha bufada. Arranco um dos fones de ouvido e o deixo cair

sobre meu peito. — Desculpe-me, o que você disse?

Seu rosto está ficando vermelho. Em um momento, pode sair vapor de suas orelhas. *Deus, espero que sim*. Isso teria um lugar de destaque em minha galeria mental dela.

— Minhas. Coisas.

Eu me sento e dobro a página do meu livro, deixando-o na cama ao meu lado. — Desculpe, não sei do que está falando. Você tem coisas?

Sua expressão se intensifica. — Eu juro que vou chamar o Evan....

— Está bem, está bem. Acalme-se, Sticks. Eu estava apenas preparando seu espaço. Tornando-o agradável e aconchegante para você. — Eu me inclino e arrasto a lixeira para fora, abrindo-a. — Ei, tem até espaço para você aqui dentro.

Ela não se move mais. Seu olhar está fixo em suas coisas, todas jogadas ao acaso na lixeira. Para ser justo, é um tamanho decente. Ela não tinha muitas coisas.

— Podemos revezar a cama, — diz ela finalmente, afastando a lixeira de mim. Ela se ajoelha e vasculha.

— Não, não podemos.

Seus olhos cor de avelã estão mais verdes hoje. Ou talvez seja apenas o quarto... ou a camiseta dela.

— Você deveria tomar banho, — acrescento. — Você está cheirando a suor e comida cozida demais.

— Vá se foder, — ela esbraveja. Ela pega um punhado de roupas e seus artigos de higiene pessoal e corre para a porta.

Mexo os dedos para ela e coloco meu fone de ouvido de volta.

Ela volta uma hora depois, com os cabelos longos e escuros presos em uma

toalha no alto da cabeça. Ela está com uma camiseta surrada que não faz nada para esconder os mamilos e um short que mal cobre a bunda.

— Você andou por aí desse jeito?

Seu suspiro é sua única resposta.

Jogo meu livro na mesa de cabeceira e aponto para a pilha de cobertores. — Aí estão suas coisas. Com certeza você pode fazer um ninho como um bom ratinho.

Seus olhos se estreitam e ela demora a tirar a toalha do cabelo. Ela joga a coisa molhada em minha direção. Ela bate no meu peito, e o cheiro do shampoo dela invade meu nariz. Faço um barulho de engasgo e caio na cama.

— Isso é lavanda, porra? — Eu tossi.

— Qual é o seu problema?

— Eu sou alérgico. Minha garganta vai inchar...

— Oh, meu Deus. — Ela se apressa. Seus dedos cravam-se em meu pulso, tentando tirar minha mão da garganta. — Jesus, Stone, eu não tinha ideia... — O pânico estampado em suas feições é o que me quebra.

Eu comecei a rir.

Ela se afasta de mim.

— A expressão em seu rosto, — eu sussurro. — Eu realmente pensei que você se importava por um segundo. Droga, Sticks, você poderia ter me enganado.

— Isso não é engraçado. — Ela alisa a camisa e se afasta bruscamente.

Sem graça. Ela estava tentando ser engraçada quando colocou as drogas embaixo da minha caminhonete?

— Algumas pegadinhas simplesmente não dão certo, não é? — Minha voz é fria. — Temos que acordar cedo.

Pego a luz e a desligo antes que ela possa reagir, deixando-a no escuro. Coloco meus fones de ouvido de volta e coloco minha música para tocar. Porque ela que se dane. Não posso baixar minha guarda novamente.

* * *

Acordo antes do despertador e imediatamente me dou conta do segundo corpo no quarto. Sua respiração é profunda e, quando me viro cuidadosamente, vejo sua forma na luz fraca do início da manhã. Ela criou uma cama improvisada com os cobertores e lençóis, e está tão profundamente encolhida nela que tudo o que consigo ver é a metade superior de seu rosto e o leque de cabelos escuros.

Ela não me pregou peças no meio da noite. Eu meio que esperava acordar com chantilly na palma da mão e uma pena no nariz, ou com as palmas das mãos coladas, ou com a mão deixada em água morna.

Nada.

Em vez disso, balanço minhas pernas e imediatamente derrubo alguma coisa.

A água fria molha meus pés.

Praguejei baixinho, me sacudindo com a sensação, e bati em outra coisa. Mais água.

— Que porra é essa?

Ligo a lanterna do meu celular e a ilumino no chão.

Ela cercou minha cama com copos plásticos cheios pela metade, como uma criança mesquinha e pré-adolescente com um pau na bunda. Eu sufoco minha risada com isso. Uma criança com um *pau na bunda*. Recolho o máximo de copos que posso em minhas mãos, movendo-os para criar uma barreira entre nossos lados do quarto.

Não há nada que eu possa fazer com relação à água que já foi derramada,

encharcando o tapete. Mas *posso* retribuir a ela. Ou pelo menos dificultar que ela saia de sua pilha de cobertores. Quando o exército de copos a tiver cercado, meu lado do quarto estará livre e desimpedido para andar.

Absorvo a água com a toalha que ela usou na cabeça, e sua respiração não muda.

Depois de tomar banho e me vestir, tiro o brinquedo sexual dela de onde o guardei debaixo do travesseiro. Era isso que ela estava procurando ontem à noite?

Bem, eu o devolverei a ela. *Felizmente*.

Desço as escadas. Os outros caras não devem acordar cedo, e por mim tudo bem. Minha madrasta também é do tipo que dorme até tarde. Durante o verão, as manhãs se tornaram o único momento em que eu podia ficar em casa e ainda ter uma espécie de refúgio dela.

Escrevo um bilhete para Wren, prendo-o com fita adesiva no brinquedo e o deixo na mesa da cozinha. Ele fica olhando para mim enquanto preparo meu café e meu cereal. Eu devoro os dois, agora com cem por cento de certeza de que preciso sair de casa antes que isso exploda na minha cara. No entanto, eu *adoraria* ver a reação dela...

Não, que se dane.

Eu ligo o brinquedo. Ele vibra com um vigor surpreendente, e minha mandíbula fica frouxa por um momento. Ela coloca *essa coisa* dentro dela? Puta que pariu, nenhum cara vai agradá-la se ela estiver acostumada com um pênis que vibra. Ele tem um pequeno braço extra que presumo ser para o clitóris.

Pare de pensar nela, porra.

Calço meus sapatos e minha bolsa está perto da porta. Tudo está organizado. Primoroso e adequado.

O brinquedo volta para a mesa, e o zumbido é mil vezes mais alto contra a

madeira. A coisa pula e se agita. Vai acordar alguém, com certeza. Ou morrer tentando.

Saio para correr e espero que alguém me informe sobre as reações mais tarde.

CAPÍTULO 7

Wren

Que amador.

Stone obviamente não faz ideia de como é ter que dormir com um olho aberto o tempo todo. Eu o ouço esta manhã do meu leito surpreendentemente confortável no chão. Já dormi em lugares piores do que o chão de uma casa segura em uma rua de faculdade, isso é certo. E tenho certeza de que, para o estado de desatenção de Stone, sei como fingir o sono e manter os olhos fechados.

A porta se fecha, e eu me levanto e dou risada de todos os copos que me cercam. Para ser sincera, estou um pouco decepcionada. Depois de colocar os copos ao redor da cama dele na noite passada, achei que ele os jogaria na minha cabeça como o idiota que é, mas, em vez disso, ele os colocou ao meu redor. Com certeza, ele sabia que eu acordaria assustada.

Prendo o cabelo em um coque bagunçado e empurro as cobertas para fora das pernas, deixando o ar fresco passar pela minha pele aquecida. Levanto-me lentamente, passo na ponta dos pés sobre os copos e vou para o banheiro me preparar para a aula.

Tenho mais aulas do que a maioria dos alunos do segundo ano da faculdade, mas isso é apenas o resultado do meu curso. Eu sabia que a escolha de um bacharelado em química seria vigorosa e exigente, especialmente porque eu tinha que manter um desempenho de 3,5 no currículo para obter minha bolsa de estudos acadêmica, mas provar ao mundo que uma Davis pode ser mais do que um traficante de drogas está no topo da minha lista de desejos.

No entanto, quando algumas pessoas descobriram que eu me tornaria uma química, fizeram a piada de que eu só estava fazendo isso para ajudar meu pai a

fabricar drogas - como se meu *verdadeiro* objetivo na vida fosse ficar trancada em um trailer nojento cheio de baratas, brincando com metilamina e ácido iodídrico.

Depois de enxaguar o rosto e passar um pouco de maquiagem - que foi jogada na estúpida sacola de plástico em que Stone jogou minhas coisas - abro a porta do banheiro e ouço um barulho vindo do andar de baixo.

Que diabos é isso?

Duas portas se abrem no final do corredor, e jogadores de hóquei sonolentos saem sem camisa e abdominais trêmulos por terem esticado o sono de seus corpos.

— Que barulho é esse? — O corpo inteiro de Archer ocupa o corredor devido à largura de seus ombros.

Taylor vem logo atrás.

— Não sei, — respondo.

Os dois passam por mim tropeçando em direção ao barulho. Decido ir também, tendo a terrível sensação de que tem a ver com Stone, já que ele não está em sua cama.

Quanto mais desço as escadas, mais meu coração bate. É um som familiar. Parece vibração, e de repente estou em pânico porque Stone colocou a porra das mãos nas minhas coisas ontem à noite, e isso é algo que eu realmente não gosto.

— Oh, droga. — Archer está parado na soleira da cozinha.

Tudo o que consigo ver são seus ombros grandes e estúpidos tremendo de tanto rir.

Taylor não abafa o riso com seu colega de equipe. Ele uiva e joga a cabeça para trás, para o teto, antes de olhar por cima do ombro com olhos diabólicos que mostram todos os pensamentos sujos que passam por sua cabeça.

Eu vou matar o Stone.

— O que está acontecendo?

Saio de meus planos de sufocar Stone enquanto ele dorme e me viro ao ouvir a voz de Evan. Ele é a última pessoa que eu quero que veja meu vibrador rosa brilhante que uso com mais frequência, mesmo quando ainda estava em um relacionamento com Brad.

Merda, merda, merda.

As sobrancelhas de Evan se franziram. — Wren? O que há de errado? Por que você está pálida? — Ele faz uma pausa. — E que porra é esse barulho esquecido por Deus?

Eu dou uma cambalhota e passo por Taylor, que *ainda* está rindo, e tento mergulhar em direção à mesa antes que meu pé fique preso no armário e eu caia de joelhos. O azulejo duro amortece minha queda antes que as mãos de Archer estejam em minha cintura. Ele me puxa para cima, mas eu tento me afastar para poder agarrar meu vibrador, que *ainda* está chamando toda a atenção.

Oh, meu Deus.

No momento em que o desligo, solto um suspiro, mas quando me deparo com o olhar de nojo de Evan, desejo parar de respirar completamente.

— Isso é... — Seu rosto se enruga depois que ele olha do vibrador para mim. — Porra! — Suas mãos batem nos olhos, e agora há mais risadas do que antes.

Todos estão acordados.

Todos estão olhando para mim segurando meu vibrador rosa no meio da cozinha.

A única pessoa que falta é Stone.

— Oh, cale a boca! — Coloco as mãos nos quadris, o que parece ridículo, pois estou segurando um vibrador rosa em forma de pênis que, por acaso, tem

uma parte extra para *maior* estimulação. — Você age como se nunca tivesse visto um vibrador antes!

— Eu vi! — Evan se vira e se dobra na cintura. — Só nunca vi *você* com um! Caralho.

— Mano. — Grant dá de ombros. — Ela nem mesmo é sua irmã de verdade. Você não pode dizer honestamente que nunca pensou em fazer sexo com ela. — Ele olha para mim.

Será que ele acha que sou surda e não posso ouvi-lo?

— Quero dizer, olhe para ela.

— Estou bem aqui! — Eu grito. Suspiro agitadamente enquanto planejo a morte de Stone. — Ugh, mexa-se.

Estou pronta para atacar meus colegas de quarto, mas Taylor limpa a garganta.

— Não se esqueça de seu bilhete.

A fúria apoia todos os meus movimentos. — O quê?

Um bilhete adesivo amarelo está pendurado na ponta de seus dedos, e eu o pego rapidamente, lendo o conteúdo.

Está faltando alguma coisa, Sticks? Não é de surpreender que você precise disso - quem quer tocar uma garota com pernas de pau? Não é de se admirar que seu namorado a tenha traído.

Ouch.

Não deixo que seu insulto me magoe por muito tempo. Em vez disso, amasso o pedaço de papel e o jogo no lixo antes de alisar minha camisa e passar pela cozinha, passando pelo restante dos meus colegas de casa, que agora estão me

olhando com um pouco mais de brilho nos olhos.

Exceto por Evan. Ele está tentando segurar o vômito.

Sua mão agarra meu antebraço para me impedir de passar por ele. — Deixe-me adivinhar? Stone?

Dou de ombros. — É só um drama de colega de quarto. Não se preocupe com isso, irmão mais velho.

A única pessoa que deveria estar se preocupando é o Stone. Eu sei como enfrentar um desafio e jogar jogos.

E ele deve saber melhor do que ninguém que posso jogar sujo.

* * *

Há luzes brilhando através da janela do quarto, vindas de um carro que está passando pela rua e, pelo som do baixo, sei que é o Stone. Ele sempre tocava sua música no ensino médio quando ia à casa de Evan, e vejo que nada mudou. Reconheço a música "Burnin' For You" e acompanho a batida debaixo das cobertas com meu vibrador colado na outra mão.

Admito que meu pequeno plano para esta noite parecia muito melhor hoje de manhã, quando eu estava fervendo de raiva pelo que Stone havia feito, mas não desisto facilmente e não vou recuar de jeito nenhum quando se trata dele. O que ele fez foi totalmente desnecessário.

É verdade que colocar drogas na caminhonete dele no ensino médio estava entre o injusto e no mínimo imparcial, mas pelo menos eu tinha um bom motivo.

Ele só está sendo um idiota. Ele ainda é o mesmo garoto arrogante, convencido e soberbo de dois anos atrás, que gostava de infligir sofrimento à minha vida.

Uma porta se fecha no andar de baixo, e o calor corre na ponta dos meus

dedos. Há uma deliciosa torção entre minhas pernas ao pensar em fazer isso na frente de Stone, mas estou atribuindo isso à excitação de irritá-lo. Há uma chance de meu plano sair pela culatra, mas, de qualquer forma, vou incomodar Stone, e isso é o mais importante no momento.

Minha respiração está presa entre os lábios, e meu peito está cheio de oxigênio não liberado. Eu o ouço conversando com um dos rapazes no corredor sobre o treino deles. Todos chegaram em casa antes dele e, conhecendo o Stone, ele ficou até mais tarde para treinar mais, porque ele tem que ser o melhor.

— Sim, encontro você lá embaixo às 6h, cara.

Meus olhos se abriram, e seu vulto alto e sombrio apareceu na porta. Não consigo ver se ele está fazendo cara feia, mas tenho uma imaginação muito boa.

— Levante-se. — Não se trata de um pedido.

— Não vou me levantar, — eu digo. — Mas com certeza vou me soltar.

Dou um sorriso malicioso e pressiono o botão no exato momento em que ele fecha a porta e acende a luz, exibindo sua carranca estúpida.

O jogo começou, Foster.

CAPÍTULO 8

Stone

O zumbido enche o quarto.

Olho para Wren, com a parte inferior do corpo escondida sob um cobertor - meu *maldito cobertor* - enquanto seus olhos se reviram na cabeça.

— Porra, — ela geme. — Isso é muito melhor do que você poderia sonhar em fazer.

Meu coração dispara e, antes que eu possa pensar melhor, dou um passo à frente e tento arrancar o maldito cobertor da cama. Mas ela conseguiu segurá-lo e ele só desce o suficiente para revelar seus joelhos nus. Ela mantém a outra parte cobrindo firmemente o ápice de suas pernas... onde sua mão está, sem dúvida, enrolada na base do vibrador rosa, com a calcinha puxada para o lado. Se é que ela está usando calcinha.

— Boa tentativa. — Ela ri. É rouca, seu prazer se sobrepõe ao seu humor.

Se há uma coisa no mundo que eu *não* deveria estar fazendo, é vê-la se masturbar.

— Saia, — diz ela, um eco de minha ordem. — Para que eu possa gozar em paz.

Engulo e me afasto até não estar perto o suficiente para tocá-la. Na verdade, pressiono minhas costas contra a porta em um esforço para resistir a me aproximar. Mas certamente posso sentir seu *cheiro*. É como se cada parte do meu ser estivesse agora programada para se concentrar nela. Para *tocá-la*. O ódio que vem com isso é quase avassalador.

No entanto, isso não é suficiente para impedir que meu pau reaja. De enrijecer em meu short de corrida.

— O que há de errado, Stone? Nunca viu uma garota se entregar a... — Ela se arqueia, sua linda boca se abre quando as palavras desaparecem.

Ela só pode estar brincando.

Quero estrangulá-la e assumir o controle do trabalho na mesma medida. As duas coisas provavelmente não seriam *aconselháveis*. Eu teria que cortar minhas mãos depois.

— Continue. — Minha voz está rouca *pra* caralho, mas, de repente, quero chamá-la para o blefe. — Acho que vou ficar aqui mesmo e ver você gozar, Sticks.

Seu olhar se torna mais aguçado e seus movimentos são lentos. Ela fecha as pernas, prendendo o cobertor, sua mão e o vibrador entre elas. Isso abafa o zumbido. No entanto, agora posso ver que ela definitivamente *não está* usando calcinha. A extensão lisa de suas pernas finas, até o quadril, está nua.

— Você está acabando com o clima, *Foster*.

Seu olhar desce até minha virilha, e suas bochechas ficam vermelhas. Mais vermelhas, pelo menos, já que ela já está corada. Mas isso é diferente. Ela está envergonhada por eu estar excitado? Eu também estou envergonhado, porra. Quem diria que eu veria o dia em que estaríamos *nessa* situação? Ou em qualquer situação semelhante.

— Vou dizer ao Evan que você teve uma ereção por me olhar na cama, — ela ameaça. — *Então,* quem você acha que será a última mulher de pé?

Eu me afasto da porta, apenas o suficiente para abri-la. A ideia de ela se masturbar vai me dar um nó na cabeça, mas são os golpes dela que mais me matam. Saio pela porta da frente sem que nenhum dos rapazes perceba e procuro minha carteira e meu celular nos bolsos. São as únicas coisas de que realmente preciso para onde estou indo.

No ar fresco do outono, o calor que rasteja sob minha pele finalmente se

dissipa. E meu tesão também. Finalmente, porra. Pau traidor.

Dou uma olhada para a janela. Não que eu espere ver alguma coisa, mas também não me conforta muito não ver. Começo a correr.

Correr - ou qualquer tipo de exercício - geralmente clareia minha mente. Era o que eu fazia quando minha madrasta estava me incomodando demais ou quando meu pai estava brigando.

Acabei no Shadow Bar and Grill. Não é exatamente a nata da cultura aqui em Shadow Valley, especialmente depois que contrataram Wren, mas serve. Se eu conseguir uma fã de hóquei para me atender, eles não pedirão minha identidade. É praticamente uma tradição.

O bar está estranhamente lotado. Há um jogo da NHL nas telas, e eu balanço a cabeça para mim mesmo. Se eu não tivesse me distraído, estaria em casa com os caras do hóquei, provavelmente assistindo ao jogo na sala de estar.

Subo em um banco e peço uma dose dupla de uísque. A garota nem sequer pisca, embora me dê um sorriso esquisito. Ela o traz e se apoia no balcão à minha frente. Pego o copo pequeno, refletindo sua expressão e ergo a dose em um brinde. Depois, bebo.

— Noite difícil?

— Difícil nem começa a cobrir isso. — Deslizo o copo de volta para ela. — Outro.

— Sim, senhor.

Imagino essas palavras saindo da boca de Wren e engulo o líquido.

Mais dois, e talvez eu não sinta nada.

É assim que acontece. A garçonete desaparece, deixando a garrafa na minha frente, e eu me sirvo de um quinto copo. Apoio meu antebraço no balcão e fico olhando para o líquido âmbar por um longo tempo.

Meus pensamentos estão todos bagunçados. O que Wren estava tentando provar? Que ela é tão maluca quanto eu? Eu já sei que ela gosta de se aproximar dos limites da ilegalidade. Ou passar direto por ela. *Não fiz nada* para sabotar sua maldita vida.

Traço meus pulsos. Ser algemado é uma coisa estranha. O metal era frio, o aperto em minha pele era apertado. Depois, fiquei com feridas que levaram alguns dias para desaparecer. Meu pai disse que viu isso quando as pessoas tentaram lutar contra elas.

Isso me deu uma ideia.

Melhor vingança do que nossos truques imaturos.

Wren precisa saber que estou falando sério sobre isso. Não posso pensar perto dela. Certamente aprendi que não posso dormir perto dela. Quanto mais cedo ela for embora, mais cedo minha vida voltará ao normal. Comer, dormir, jogar hóquei. Ela está ferrando com a parte do meio, e tenho a sensação de que quanto mais tempo ela ficar na casa, mais ela vai ferrar com a segunda.

— Saio em quinze minutos, — diz a bartender, de repente de volta à minha frente. Um de seus botões está desabotoado, dando-me uma visão de seu decote. — Você sabe, no caso de...

— Estarei aqui. — Eu sorrio. — Você estuda na SVU?

— Sou uma júnior. — Ela sorri. — Brittany.

— Stone.

Seu sorriso se alarga. — Eu sei.

Ah, então é assim. *Foi isso que eu vim procurar, certo?*

— Bem, *Brittany*, deixe-me pagar uma dose para você comemorar. — Faço um gesto para o copo.

Ela o serve e o leva aos lábios. Absolutamente sedutora. E uma groupie do

disco, *obviamente*. Ainda nem começamos nossa temporada regular, mas ela já sabe meu nome?

Os quinze minutos passam rapidamente. O uísque faz efeito.

E, quando dei por mim, estava no corredor do banheiro com ela pressionada entre mim e a parede, e ela chupava meu lábio inferior. Mas minha mente continua voltando para a Wren. Como a aparência dela quando moveu o vibrador ou...

A garota à minha frente se ajoelha e mexe no meu short de corrida.

Eu a agarro e a guio de volta para cima. — Desculpe, querida, não gosto de fazer sexo oral em público. — Eu a beijo para suavizar o golpe, embora, *porra*, eu odeie cada segundo disso. Eu me afasto. — Vejo você por aí.

A caminhada para casa é longa e fria. Este ano, o outono está se aproximando do inverno com força total. Não faz muito para me deixar sóbrio, mas minha mente está mais clara quando chego em casa. A casa está escura e eu ando na ponta dos pés e depois me choco com alguma coisa.

Ops.

Ninguém vem correndo, então continuo subindo as escadas até meu quarto, com o queixo travado. Wren não vai ficar com a cama. Não quando nossa temporada está prestes a começar, e eu preciso me concentrar. E *dormir*. Não posso me dar ao luxo de tê-la me tirando de casa a cada duas noites. Posso imaginar meus sonhos indo pelo ralo.

Eu quase esperava que ela estivesse me esperando, que ligasse o vibrador novamente só para me atormentar. Mas quando abro a porta, eu a encontro desmaiada no meio da cama. Seus lábios estão entreabertos, ela está roncando suavemente e trocou meus cobertores - agora em uma pilha no chão - pelos seus próprios.

Não. Não está acontecendo.

Antes que eu possa realmente pensar sobre isso, eu a pego em meus braços. Com cobertores e tudo. Sua cabeça se encosta em meu ombro, e fico surpreso com o quanto ela é leve. Quero dizer, eu sabia que ela era magra. Todo mundo pode ver isso só de olhar para ela. Mas uma coisa é observá-la e outra é tocá-la.

O fato de ela não ter acordado é revelador. Esse orgasmo deve tê-la deixado exausta.

Não pense nisso.

Carrego-a com o máximo de cuidado possível para fora da porta e para o banheiro. Quase caio ao colocá-la na banheira. Volto e pego o travesseiro, colocando-o entre a cabeça dela e a porcelana, depois abro o celular e tiro uma foto.

A banheira é o local mais higiênico da casa de hóquei? Não.

Ela ficará mortificada quando acordar? *Espero que sim, com certeza*.

Puxo cuidadosamente a cortina ao redor da banheira, ocultando-a da vista. Não há necessidade de estragar a surpresa para os rapazes. Uso o banheiro e escovo os dentes, depois vou cambaleando para a cama. Deixo os cobertores sobre ela e me arrasto para dentro.

E sim, talvez eu me masturbe com os sons que ela estava fazendo antes. Porque, embora meu pênis não tenha respondido a garçonete, com certeza responde ao pensamento de Wren.

Mas logo depois disso, com o lenço usado jogado na direção das suas coisas, caio no melhor sono da minha vida.

CAPÍTULO 9

Wren

Surpreendentemente, estou me sentindo bem descansada. Depois que Stone saiu do quarto ontem à noite, terminei meus negócios - mais rápido do que gostaria de admitir - e fiquei deitada por pelo menos uma hora, tentando relaxar. Sempre que a voz de Stone entrava em minha cabeça, eu a afastava, porque de jeito nenhum eu iria dormir pensando nele.

Especialmente depois de gozar.

Foi... meio que agradável me excitar enquanto ele me olhava. Era erótico de certa forma e algo que eu nunca tinha feito antes. Eu não era de dar espetáculo, e a noite passada foi exatamente isso. *Um show.* Cheguei à linha de chegada um pouco rápido demais e, lá no fundo, enterrada sob a negação, eu sabia que não era por irritá-lo. Era por causa da expressão de seu olhar. Estava com uma fome arrebatadora, e foi *sexy.* Mesmo que isso me custe admitir.

O contorno de sua bermuda fez com que cada centímetro do meu corpo ficasse em polvorosa, mas se fosse qualquer outra pessoa ali, como um dos outros jogadores de hóquei - exceto Evan, é claro - eu ficaria igualmente excitada.

Ou até mais.

Meus olhos se abrem e a dor entre as minhas pernas se torna cada vez mais presente quanto mais eu relembro a noite passada. *Pare de pensar nisso, Wren.* Há um ruído fraco vindo de algum lugar próximo, e eu rapidamente abro os olhos, porque aparentemente, em meu estado de luxúria, esqueci tudo sobre o fato de que Stone e eu ainda dividimos o quarto, e é a vez de ele retaliar.

E ele vai *se vingar* de mim. Tenho certeza disso.

Minhas sobrancelhas se contraem, e eu levanto a mão com carinho e esfrego o ponto dolorido em meu pescoço. Estou olhando para um chuveiro cromado e estou completamente confusa. *Mas que diabos?*

— Ahh.

Um ruído ofegante vem da esquerda, e é então que eu me levanto rapidamente e abro a cortina do chuveiro.

Grant voa para trás com o pênis na mão e o mijo jorrando pelo banheiro como uma mangueira de água com muita pressão.

— Oh, meu Deus! — Eu grito, desviando de um jato de xixi e usando meu cobertor para bloquear o líquido ardente. Parece que ele não bebe água há dias, mas essa é a menor das minhas preocupações.

— Que diabos, colega de quarto? Na próxima vez, diga algo!

Grant afasta seu pênis, algo do qual não consigo desviar minha atenção.

Uau.

— Eu... — Estou atordoada e confusa demais para sequer formar uma frase. *Por que diabos estou na banheira?*

Meus cobertores estão úmidos com xixi quente, e eu faço careta.

— Deixe-me adivinhar? Stone? — Grant está encostado na bancada da penteadeira.

Minhas mãos encontram meus quadris, e Grant acompanha meus movimentos com seu sorriso lento e malicioso antes de sair, rindo.

— Vocês dois são demais, — ele murmura.

Saio apressadamente da banheira, corro para a pia e lavo as mãos, porque tenho certeza de que tenho xixi do Grant nelas, e depois sigo pelo corredor, ignorando o resto dos meus colegas de casa, porque todos estão de pé perto de suas portas, esperando o próximo confronto.

— Stone! — Abro a porta e entro voando no quarto.

Os lençóis com os quais eu estava dormindo na noite passada estão jogados no chão, e ele está dormindo no colchão nu, com apenas um cobertor fino cobrindo seu corpo.

No entanto, a palavra *cobertor* é um exagero total.

Lá está o Stone, com seus cabelos escuros perfeitamente sobre a cabeça, com o rosto relaxado - e não com a carranca a que estou acostumada - e o peito nu à mostra. Fico de pé com os lábios entreabertos enquanto meu coração bate um pouco mais rápido. Passo os olhos por sua mandíbula angulosa e pousando nos músculos muito definidos do estômago que se erguem lentamente com sua respiração sonolenta.

O V que leva ao resto do cobertor é tão pronunciado que não consigo desviar o olhar, e é óbvio que ele é bem-dotado. É mais do que frustrante que ele seja tão perfeito, porque o que está por trás de seu corpo impecável é um coração frio que está cheio de ódio por *mim*.

Os olhos de Stone permanecem fechados quando ele solta um grunhido. — O que você quer?

Sinto raiva quando penso que ele colocou as mãos em meu corpo enquanto eu dormia, mas, é claro, não antes que a pulsação entre minhas pernas se manifeste por uma fração de segundo. — O que mais você fez comigo enquanto eu estava dormindo?

Seus olhos se abrem e estão cheios de calor, parecendo uma chama azul. — Acho que você nunca saberá, Sticks. Não é?

Bato a porta com o pé, bloqueando nosso público. Tenho quase certeza de que sinto o cheiro de pipoca, e não me surpreenderia se eles tivessem estourado alguns grãos e colocado cadeiras de gramado no corredor para assistir ao show.

— Isso é ir longe demais.

O tom de voz baixo faz com que eu endireite os ombros e limpe a sujeira do meu rosto. Stone não sabe - ou não *se importa* - mas eu tenho, de fato, alguns traumas no passado que ainda não superei.

Stone se senta lentamente e deixa o cobertor cair ainda mais por seu corpo. — Você acha que eu a colocar na banheira é ir longe demais, mas transar com seu vibrador, não é?

Stone sai rapidamente da cama e eu me viro para não ver seu pênis antes de ele colocar o short. Recuso-me a lhe mostrar todas as minhas cartas imediatamente.

Meu Deus, ele é muito gostoso, e isso é muito irritante.

Não olho para ele até que sua respiração aqueça o topo da minha cabeça.

Seu lábio está curvado para cima de um lado, e seu olhar azul me queima de dentro para fora. — Quero dizer, nós dois já sabíamos que você tinha um senso de humor estranho, certo?

As mãos de Stone estão em meus quadris, e minhas costas são pressionadas contra a porta em um milésimo de segundo. Ele se move com agilidade, e isso me pega de surpresa.

— Quem coloca drogas na caminhonete de alguém como uma piada, mas não consegue lidar com algumas brincadeiras inocentes de colegas de quarto?

Minha respiração está trêmula, e sei que ele percebe. Tento voltar atrás e explicar por que estou agindo de forma tão estúpida, mas sai confuso. — Eu... eu... eu não gosto de ser tocada quando estou dormindo.

Seus olhos se arregalam e seu aperto em minha cintura enfraquece, mas só por um segundo. Seu rosto se transforma novamente em Stone - sem trocadilhos[3] - e ele sussurra em meu ouvido com precisão e raiva. — Então não se masturbe na porra da minha cama.

E com isso, ele me empurra para o lado, abre a porta e caminha com

facilidade pelo corredor, avisando aos colegas que estará pronto para o treino em dez minutos.

* * *

As poucas aulas que tive entre minha briga com o Stone e meu turno no Shadow's melhoraram muito meu humor. O espaço é a melhor coisa para mim e para o Stone, porque, depois dessa manhã, estava começando a achar que deveria encontrar um novo quarto.

Com certeza um dos outros colegas de casa não se importaria que eu ficasse no quarto deles, embora eu tenha a sensação de que isso colocaria na cabeça deles a ideia de que estou interessada neles, e essa é uma ideia ruim para se pensar, quanto mais para agir, porque essa é a razão pela qual estou nessa situação agora.

— Está indo embora, garota?

Troco o avental de garçonete pela bolsa e coloco a alça no ombro. — Sim. — Suspiro e abro meu celular para verificar se tenho alguma mensagem. — Vejo você no turno do almoço de amanhã. — *Se eu conseguir depois de ficar em um quarto com Stone por mais uma noite.*

Ao sair pela porta e me despedir do restante dos meus colegas de trabalho e de alguns clientes fiéis - que são meus favoritos - clico em minhas mensagens. Tenho várias mensagens da Jasmin. Sinto os nervos à flor da pele quando entro no carro, esperando que ele volte a funcionar, embora a luz *de verificação do motor esteja acesa* há quase duas semanas.

> **Jasmin:** Como sua melhor amiga, acho que é meu dever avisá-la antes de voltar para a casa de Evan. Respire fundo. Poderia ser muito pior. Envie-me uma mensagem quando receber isso.

O quê?

Rapidamente, digito uma mensagem para ela e agradeço silenciosamente a Deus pelo fato de o meu carro *ter* voltado a funcionar. A mensagem dela chega um momento depois de eu colocar o cinto de segurança e, quando a vejo, me pego pressionando o freio.

Meu telefone voa para o assoalho do lado do passageiro, mas isso não importa. A cada parada rápida do carro a caminho do rinque, olho para baixo e vejo uma foto minha enrolada na banheira com uma legenda que é ainda mais degradante do que a foto viral de mim postada na conta de Stone.

> **@stonefoster - garota sem-teto que está procurando um lugar para dormir e/ou um colega de quarto. Eu a encontrei tentando dormir na minha cama sem permissão, então a levei cuidadosamente para a banheira até que eu possa encontrar um novo lugar para ela. DM para mais informações. A taxa de acomodação não é cobrada.**

A taxa de acomodação é dispensada? Como se eu fosse um animal em vez de um ser humano?

É como um lar adotivo novamente, e Stone sabe em primeira mão como essa legenda é humilhante, e é exatamente por isso que ele a publicou.

CAPÍTULO 10

Stone

Tenho que desligar meu celular antes do treino. Minha postagem pegou fogo e foi compartilhada mais de duas mil vezes. Sem mencionar as curtidas e os comentários de pessoas muito além de Shadow Valley.

No início, eram apenas outros alunos. Eles estavam rindo de Wren da mesma forma que eu. Mas então as mensagens começaram a chegar. Merdas sobre ela dormir na cama *deles*. Piadas sobre o fato de ela ter aprendido a usar o penico ou se sabe algum truque.

Insinuando coisas que eles não têm o direito de insinuar.

Coloco meus fones de ouvido e me aqueço fora do gelo, ignorando meus colegas de time. Eles também estão me ignorando, percebendo meu mau humor a quilômetros de distância. "Sweet Emotion", do Aerosmith, me leva à zona de conforto, e eu aumento o volume do meu iPod ultrapassado até não conseguir ouvir mais nada.

Mãos puxam a parte de trás da minha camisa e me giram. Mal tenho tempo de me segurar antes que Evan me bata contra a parede. Ele está furioso, a julgar pela forma como seu peito está arfando. Ele não é um agressor dentro da equipe. Ele joga limpo. Se alguém precisa ser jogado contra as placas ou receber um aviso sobre a atitude, com certeza não é ele.

Mas agora ele parece pronto para me matar.

Arranco um fone de ouvido e fico olhando para ele. — Que porra é essa?

— Você não tem *esse direito,* — ele esbraveja. — Isso é cruzar a porra de um limite, idiota.

Eu o empurro para longe de mim. Demora um segundo para perceber que ele

está falando sobre a foto. É claro que está.

— Você nem é irmão dela, — eu disse. — E você deu a ela o *meu quarto*. Ela está fazendo uma merda louca, e você nem percebe por que está obcecado em ter uma irmã. Uma merda de sonho de infância.

— Você está tão distorcido! — Evan grita. — Tire isso daí. *Agora*.

Reviro os olhos. — Quando Wren tiver coragem e me pedir ela mesma, eu o farei. Até lá... — Eu me afasto dele e pego meus patins. Acabo de me arrumar, e o Aerosmith muda para uma música furiosa do Nirvana. Bloqueio o resto da merda que está acontecendo e entro no gelo.

O técnico não gosta que escutemos música enquanto patinamos, mas não diz nada sobre os aquecimentos. Trabalhar com esse técnico fez com que toda a idiotice de viver em uma casa de hóquei valesse a pena. Estou aprendendo mais e jogando melhor. Ele tem uma boa equipe aqui, e só tenho respeito por ele.

Foi por isso que implorei ao meu pai que me deixasse vir para Shadow Valley.

É por isso que Wren tem que ser a única a sair.

Ela pode trabalhar em qualquer restaurante de qualquer cidade. Provavelmente será garçonete pelo resto da vida, honestamente. Quando você está no fundo do poço, é muito difícil sair.

Guardo minha música e vejo a programação de treinos colada no vidro. Condicionamento, depois exercícios individualizados. Condicionamento geralmente significa tortura na linguagem do treinador, mas não posso negar que vou gostar da queimadura.

O treinador sai. Nós nos alinhamos para os sprints, e eu evito Evan. O apito soa. Tiro tudo de minha mente, concentrando-me em ser rápido. O mais rápido que eu puder. Meus músculos estão gritando quando ele apita duas vezes e pede um intervalo.

— Cinco minutos, depois vamos passar para os exercícios. — Ele sai do gelo.

O restante de nós vai buscar nossas garrafas de água no banco. Tiro a tampa da minha e arranco o capacete, molhando minha cabeça com metade dela e bebendo a maior parte do restante. A água fria parece o paraíso em minha pele aquecida, e eu tiro a luva para passar os dedos no cabelo.

Evan ainda está me evitando, o que é bom. Eu realmente não quero que grite comigo.

— Stone!

A voz feminina me atravessa. É pior do que unhas em um quadro-negro. Eu me viro para o som, minhas sobrancelhas já se erguendo. É impossível confundir.

E, com certeza, Wren está marchando para o gelo como se fosse a dona dele.

— Stone, — ela chama novamente.

Por que ela tem que ser tão bonita? Seus cabelos escuros estão trançados, não há uma partícula de maquiagem em seu rosto e seus olhos cor de avelã estão fixos em mim. Ela está vestindo uma camiseta grande demais e shorts pretos.

Definitivamente, não é um traje para o outono.

E quanto mais eu olho para ela, percebo que é a *minha* maldita camiseta.

Que porra é essa?

É inquietante. O que significa que ela fez isso de propósito, porque adora mexer comigo de maneiras incomuns. Como o vibrador. Como usar minhas roupas.

Ela chega até mim, no lado oposto, acenando para Evan quando ele tenta afastá-la. Sua mandíbula está firme.

Ela tem muita sorte de o treinador ter voltado para seu escritório, senão

estaríamos todos ferrados. Ela está atraindo muitos olhares, mas eu também.

— Está fazendo teste para o time de hóquei, Sticks? — Coloquei minhas mãos em cima do *meu* taco. — Você pode jogar com o que está enfiado na sua bunda.

Ela bufa. — Você é inacreditável, sabia?

Dou de ombros. — É por isso que as damas gostam de mim.

— *Eu não* gosto de você.

— Você não é uma dama. — Eu a encaro. — Há alguma razão para isso? Ou está apenas tentando se fazer de boba?

— Você não tinha o direito de publicar uma foto minha, — diz ela, aproximando-se de mim.

Ela está usando tênis. Converse de aparência desgastada, que mal consegue se manter vivo. Em meus patins, nossa diferença de altura é impressionante. Eu quero apertá-la, intimidá-la. Vivo para sentir a respiração entrecortada e a voz trêmula que diz que a estou *afetando*. Que eu possa realmente chegar até ela.

Mas talvez não com um público. Ou...

— Então? — Ela realmente bate o pé. — Você não tem nada a dizer?

Puxo a camiseta dela. *Minha* camiseta. — E quanto a isso, Sticks? Você tem algum direito de usar minhas roupas?

É a minha camiseta do Blue Öyster Cult. Eu era - e ainda sou - obcecado por eles. O que faz todo o sentido, porque "(Don't Fear) The Reaper" é uma ótima música. E "Burnin' For You". Obviamente. Mas isso só torna a escolha dela muito pior. Como se ela tivesse invadido mais um aspecto da minha vida.

Ela afasta minha mão. — Estava em meu quarto. Achado não é...

— Roubado. — Eu me aproximo mais, apertando o colarinho. — Tire isso.

Seus olhos se arregalam - e então ela sorri. Fico com uma sensação estranha

no estômago quando seu sorriso cresce. E, de repente, me vejo arrependido de minha decisão. Ainda mais quando ela agarra a bainha na frente e a tira de uma só vez, jogando-a para mim.

Sutiã rosa.

Pele pálida e perfeita.

Meu cérebro para de funcionar.

Até que registro os assobios de lobo vindos de trás de mim. Dos meus colegas de equipe, que também estão vendo os peitos dela.

Eu pego sua mão. Ela guincha quando eu forço a camiseta, agora do avesso, sobre sua cabeça. Ela luta comigo, mas eu coloco a camiseta de volta nela em tempo recorde. Mas agora seu cabelo parece que ela acabou de ser fodida, e a maneira como ela está me encarando...

— O que há de errado, Stone? Está com medo de ter um pouco de pele no jogo?

Dou uma risada para esconder minha súbita e estranha atração. — Só estou tentando salvá-la, Sticks. Não gostaria que ninguém pensasse que poderia usá-la como lenha.

Sua expressão diminui.

— Ninguém pensaria duas vezes sobre seus peitos que mal existem, — acrescento. — Agora, vá direto ao ponto ou saia do gelo.

Sua voz é gelada quando ela diz: — Você tirou uma foto minha sem minha permissão.

— Sim, e?

— E isso é ilegal.

Eu zombo. — Você está louca, Sticks. Quer dizer, acho que você poderia me processar..., mas você acha que venceria contra os Foster? Meu pai tem uma

equipe inteira à disposição, e você teria qualquer advogado de meia-tigela que conseguisse arranjar com os trocados debaixo do seu sofá. — Bato em meu queixo. — Oh, espere, você nem sequer tem um sofá. E não é como se você pudesse *se vender*. Quem iria querer comprar uma garota magra e falida? Então, boa sorte com isso.

Ela levanta o queixo. — Tire a foto.

— Tire a foto, *por favor*.

Seus lábios se apertam. Por um segundo, acho que ela não vai dizer nada. Pelo canto do olho, vejo o treinador conversando com Archer e Sully. Eles o viram sutilmente, colocando-o de costas para nós, ganhando mais alguns segundos preciosos antes que ele veja Wren e me culpe por ter uma garota no gelo.

— Tire a foto, Stone, *por favor*.

— Não entendo por que você está tão irritada por causa de uma fotinho boba, então vou acabar fazendo isso... eventualmente. — Eu ri. — Tudo bem, não é? Quero dizer, não é como se eu pudesse retirá-la. Ela tem vida própria. Tornou-se viral. Mas podemos discutir isso mais tarde. Agora, você tem que ir.

Eu a indico na direção em que ela veio.

Ela dá dois passos e escorrega.

Consigo agarrar seu braço antes que ela caia de bunda no gelo. Ela se solta do meu aperto, murmurando que poderia fazer isso sozinha, e se apressa.

Bem, ela tenta.

Aparentemente, sua segurança está ligada apenas à sua raiva, e isso já passou.

— Pelo amor de Deus, — eu gemo. — Suba. — Eu a agarro pelos quadris e a levanto do gelo.

Suas costas se chocam com meu peito, e ela imediatamente se contorce em minhas mãos. Eu a levo rapidamente até a porta, derrapando até parar e enviando uma chuva de gelo para a borda.

Quando a deixo no tapete, ela tropeça.

Sacudo a cabeça ao vê-la, estranhamente perdida. Não consigo identificar o motivo.

— Foster! — O técnico grita. — Trabalhe com o Maverick nos exercícios de passe. O restante de vocês precisa melhorar seus arremessos.

Aceno para ele e vou na direção de Josh Maverick. Ele é um jogador muito bom, embora não haja nada que ele goste mais do que uma briga. É por isso que ele raramente é titular - e, hoje em dia, acaba sendo expulso do gelo com mais frequência.

Vamos para o lado mais distante, longe dos outros jogadores. Através do vidro, encontro Wren. Ela ainda está aqui, tendo se sentado algumas fileiras acima e ao lado de onde Maverick e eu treinamos agora.

Seu olhar está fixo em mim. E ela lentamente tira a camiseta, vira-a para o lado correto e a veste novamente. A exibição me incomoda. Qualquer um poderia ter visto isso. Mas ela é tão presunçosa que não consigo suportar.

Sempre tentando me superar. Sempre tentando me colocar na pior situação que se possa imaginar.

— Concentre-se, — ordena Maverick.

O disco passa por mim e bate nas placas. Wren sorri.

Foda-se.

Nova regra: Wren Davis não pode se aproximar do rinque de hóquei.

Olho para trás e ela está olhando para o celular. Sua boca está aberta, e paro o que estou fazendo só para observá-la. Porque acho que nunca a vi *tão* chocada.

Ela responde, levantando-se do assento e se afastando apressadamente.

O disco me atinge nas entranhas, fazendo com que eu volte a me concentrar. Eu tiro o Josh da jogada e deixo o disco cair no gelo.

— Segue o jogo, — murmuro.

CAPÍTULO 11

Wren

A quantidade de raiva que sinto é mais uma fúria do que qualquer outra coisa. O ar está crepitando de raiva e, embora eu não esteja usando quase nenhuma roupa, estou suando. Minhas mãos tremem enquanto observo Stone patinar em direção ao centro do gelo com meus nervos na palma de sua mão.

Suspiro, olhando para Evan por um breve segundo antes de meu telefone vibrar. Presumo que seja Jasmin para ter certeza de que não me joguei da lateral do prédio, mas quando vejo o número piscando na tela, meu mundo inteiro muda.

NHCF - Prisão estadual para homens.

Oh, droga.

De repente, sou sugada de volta para um mundo com o qual não quero ter nada a ver, mas os velhos hábitos custam a morrer, porque antes que eu perceba o que estou fazendo, meu telefone está encostado no ouvido e estou aceitando uma ligação.

— Alô? — Limpo minha garganta e corro pela fileira de assentos e pelo corredor para bloquear o barulho de gelo dos patins. Sei, por experiências passadas, que a única maneira de atender a uma chamada telefônica como essa é se eu me desligar de todas as distrações e ficar atenta.

Meu pai pode ser um criminoso, mas ele é inteligente e o homem mais conivente que já conheci - até mesmo comparado a Stone.

— Pumpkin. — Sua voz é como uma mão em minha garganta.

Muitas emoções passam por mim, e tenho vergonha de admitir que uma delas é a saudade.

— Faz muito tempo que não ouço essa voz doce.

Aproximadamente dois anos e quarenta e dois dias. Estou contando.

— Sim, tem sido.

Encosto minhas costas na parede fria de azulejos do corredor e fico olhando para a porta do vestiário. Minhas pernas estão tão bambas que acabo caindo no chão.

— Você não vai perguntar como eu tenho passado?

Meus olhos se fecham e eu me lembro de que ele está preso em uma das prisões mais seguras da região da Nova Inglaterra. Ele não pode me machucar e não pode me usar, embora eu saiba que ele ainda tentará. Caso contrário, por que a ligação?

— Você está na prisão. Tenho certeza de que está apenas sobrevivendo a essa altura.

— Não é tão ruim aqui. — Ele solta uma risada, que não mudou ao longo dos anos. Ainda é o mesmo som rouco e cheio de cinismo oculto. Há sempre um toque de pessimismo em cada espaço em branco de suas frases, a menos que ele esteja conseguindo o que quer.

— Isso é bom, — sussurro, sem saber o que dizer. Uma parte de mim quer desligar, mas a mesma garotinha cansada que ainda vive e respira dentro de mim está morrendo de medo das repercussões que sempre surgem depois de entrar em contato com Jessie Davis.

— Estou um pouco chateado por não ter tido notícias suas desde que fui preso. — Seu tom passa de alegre para descontente em três segundos.

Esse período na prisão é como todos os outros. Toda vez que ele vai para a prisão, tenho um mínimo de esperança de que ele reconhecerá todos os erros que cometeu ao longo dos anos e mudará. É o mesmo tipo de anseio que eu tinha quando tinha cinco anos de idade, esperando que minha mãe voltasse para casa

para me salvar, embora eu soubesse, no fundo, que era uma ilusão absurda. Ela estava morta.

Jessie Davis pode ser do meu sangue, mas isso é o máximo de nossa lealdade.

— Wren, você está aí?

Esfrego minha mão em meu rosto úmido. — Estou aqui.

— Você sabe por que estou na prisão, não sabe, Pumpkin? É por isso que você tem se escondido de mim.

Estou me escondendo porque você é um viciado implacável.

— A culpa é sua.

É um tapa no rosto, mas consigo reunir a força que venho moldando desde o meu primeiro lar adotivo e lhe dou um tapa de volta. — Era você ou eu, pai. Eu escolhi a mim.

E, no processo, joguei Stone Foster debaixo do ônibus.

Foi engraçado como as coisas voltaram a girar em círculos. Coloquei as drogas que deveria entregar para o meu pai na caminhonete do Stone, potencialmente arruinando o futuro dele e fazendo o mesmo com o meu pai, o que o levou à prisão. Stone me retribui postando essa foto, dando ao meu pai e a seus traficantes a visão perfeita de onde estou. *Odeio minha vida.*

— Bem, agora você me deve uma, Wren.

Eu me arrepio com o som do meu nome vindo do seu lado do telefone. Ele raramente me chama pelo primeiro nome, e a única vez que o fez no passado foi quando estava prestes a me perguntar algo que eu sei que vou recusar agora.

— Eu preciso de dinheiro.

— Dinheiro? — Eu pergunto. — Para quê? Seus cadernos?

Este não é meu primeiro rodeio. É um mundo totalmente novo atrás das

grades. Os prisioneiros podiam comprar coisas - lanches, roupas, *drogas.* Acabei parando de colocar dinheiro nos cadernos do meu pai quando fui morar com Evan, porque foi quando aprendi o que era *normal*.

Meu pai dá uma risadinha. — Não. Meus cadernos não. Você me colocou em uma situação ruim. Não cumpriu o prometido quando eu precisei, e isso teve um preço, e esse preço tem aumentado desde que cheguei aqui. Se eu não encontrar uma maneira de pagar... bem, digamos que não estou seguro.

— E todas as vezes que eu não estava segura enquanto você estava fora? — Meus nervos se emaranharam ainda mais.

— Você acha que estará segura se eu não pagar?

Puxo meus joelhos até o queixo e o apoio contra eles. Quanto mais tempo converso com Jessie Davis, mais entorpecida fico. Fico olhando para o outro lado do corredor, imaginando quando o treino vai terminar. A última coisa de que preciso é que Evan me encontre assim, porque ele saberá exatamente por que estou nesse estado catatônico e, sem falar que isso dará mais munição a Stone.

— O que isso significa? — Continuo olhando para ele. Meus nervos desapareceram e sinto que estou perdendo o controle. A reação de luta ou fuga é inexistente, e agora estou em minha fase dissociativa, que quase sempre termina mal.

— Você quer minha morte em suas mãos, Wren?

Eu engulo. As palavras saem da minha boca sem pensar duas vezes no que estou dizendo. — Você já está morto para mim.

Sei que ainda estou mentalmente aqui em algum lugar, porque depois de ouvir o que eu disse a ele, há uma sensação de mágoa em algum lugar na parte de trás da minha cabeça. Uma lágrima escorrega pela minha bochecha, mas estou congelado demais para enxugá-la.

Há uma longa pausa do outro lado do telefone, e mais lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas não são de mágoa. Em vez disso, elas estão cheias de um medo inabalável. *O que acabei de fazer?*

— Lembre-se deste momento quando chegar a hora, Pumpkin. Porque eu lhe dei uma saída, e você vai desejar tê-la aproveitado.

A chamada telefônica termina, mas mantenho o telefone junto ao ouvido por tanto tempo que meus dedos ficam dormentes. Meus ouvidos estão zumbindo, então não ouço os passos à minha frente. Há movimento, e a porta está abrindo e fechando, mas não consigo me mover. Concentro-me na minha respiração e na subida e descida do meu peito.

A boca de Archer se move, e é então que vejo que ele está agachado, com a cabeça pingando de suor e a camisa cinza manchada de umidade. Sua bolsa está ao lado dele, e seus olhos azuis estão escurecidos de preocupação. — Você está chorando?

Tudo o que consigo ouvir é meu coração batendo nos ouvidos.

Há uma mão na frente do meu rosto e um estalar de dedos. Volto meus olhos para Archer e vejo que somos os únicos no corredor. Respiro fundo e, depois que Archer grita meu nome novamente, tudo volta à tona.

Um soluço sobe pela minha garganta e meus ombros tremem. *Não, não, não.* Eu não choro, e não é fácil me quebrar. Não há muitas pessoas que poderiam tentar fazer isso, mas Jessie Davis continua com sua atuação principal e me derruba com ele todas as vezes.

— Ei, ei. *Shh*.

As mãos de Archer estão em volta dos meus ombros e, em seguida, sou puxada de pé e esmagada em seu corpo.

Sacudo minha cabeça contra seu peito quente. Eu me recuso a dizer uma palavra. *Está tudo bem. Se recomponha agora mesmo, Wren.*

— É o Stone? O que ele fez para que você saísse no gelo daquele jeito? Posso mijar no cereal dele amanhã de manhã, se você quiser.

Tento rir, mas acabo soluçando de novo. A mão de Archer mergulha em meu cabelo, enroscando-se nas pontas enquanto ele mantém meu rosto pressionado contra seu peito. Seu coração está firme, e eu tento acompanhar os batimentos rápidos do meu.

Mas isso não funciona.

As palavras de meu pai são um eco em minha cabeça, provocando-me com medo, como ele tem feito desde que eu era jovem o suficiente para saber o que era medo.

CAPÍTULO 12

Stone

Estou *morrendo de fome.* Mais do que o normal depois de um treino. Tudo o que eu quero é ir para casa e comer um prato gigante de macarrão, frango e salada. O que é estranho, eu sei. Mas é o que costumávamos comer quando eu chegava em casa depois do treino quando era criança, e é o que desejo agora.

Isso e um pouco de estabilidade.

Mas esses dias estão em um futuro distante. Quando Wren estiver fora de cena e eu puder me concentrar apenas no hóquei e em nada mais, então poderei me concentrar.

Com minha mochila pendurada no ombro, me despeço dos colegas de equipe que ficaram no vestiário. Em circunstâncias normais, eu esperaria por Evan e Sully, mas os dois estão demorando, Sully ainda está se vestindo, e meu estômago roncando dita meus movimentos.

Viro o corredor e paro.

Wren.

Archer.

A primeira coisa que noto é o abraço deles. A maneira como ele segura a nuca dela e a aperta contra o peito.

A segunda coisa é seu pânico. Sua boca está aberta, seu peito está arfando. Há *lágrimas* em seus olhos.

E o que acontece com Wren é que eu nunca vi essa garota derramar uma lágrima. Nem quando a assistente social a deixou de volta na casa de Evan pela milésima vez. Nem quando as pessoas implicavam com ela na escola. Nem quando *eu* implicava com ela na escola.

Mas ela está chorando agora, e Archer parece confuso e mortificado. Nosso goleiro é um cara grande. E, normalmente, a última pessoa com quem você quer brigar é a porra do goleiro. Mas ele parece *culpado*, acariciando o cabelo dela como se tivesse o direito de tocá-la.

Por que ele a está tocando? Por que ela está chorando?

Por alguma razão, isso só aumenta minha raiva. Larguei minha bolsa e corri para eles, arrancando Wren de perto dele. Ela cambaleia para o lado, mas estou muito concentrado em Archer. Ele percebe tardiamente o que aconteceu, o que significa que não está preparado para meu punho em seu rosto.

Algo estala em minha mão, mas o sangue que sai de seu nariz vale a pena a dor. Ele grita e me empurra para longe, mas não é difícil.

Porra, eu quero brigar. Eu me atiro contra ele novamente. Ele agarra meus ombros e basicamente me joga contra a parede, mas eu volto e dou um soco rápido em suas costelas. Minha mão está me matando, mas eu o acerto novamente no estômago. Ele se curva, soltando gotas de sangue por toda parte.

Archer passa os dedos sob o nariz. — Que porra é essa?

— Não toque nela, porra! — eu grito. — Você a fez chorar?

— Você é completamente louco.

Eu o empurro, e ele ri enquanto vai para trás. Somente um goleiro estaria rindo e sangrando ao mesmo tempo.

— Fique longe dela. — Eu aponto para ele. Meu coração está a um milhão de quilômetros por segundo, a adrenalina se transformando em exaustão pós-treino.

— Stone! — Evan se coloca entre nós. Sua mão em meu peito é a única coisa que me impede de arrancar a cabeça de Archer. — O que está acontecendo?

— Ele a fez chorar.

— Não, eu não fiz isso, — Archer esbraveja. — Eu estava consolando-a.

Eu o encaro. — Você pode confortá-la à distância, idiota. Não precisa molestá-la para fazer isso.

— Você é osso duro de roer, Foster...

— Chega, — diz Even. — Archer, vá embora. Por favor.

Levanto as sobrancelhas para ele, e o grandalhão finalmente se afasta. *Boa viagem*. Mas quando me viro de volta para Wren, ela não está mais chorando.

Ela está tão irritada quanto eu estou.

Puta que pariu, ela confundiu todo.

— Vá para o inferno, Stone, — diz ela em uma voz uniforme.

Minhas sobrancelhas se erguem. — O quê?

Ela agarra a mão de Evan e o arrasta para longe de mim. — Você deveria se familiarizar com o Inferno. Você me recebeu lá quando começamos a dividir o quarto, mas é você quem vai morar lá nos próximos meses.

Eles saem, e eu fico ali, perplexo, até que Sully sai do vestiário.

— O que está acontecendo? Ouvi uma gritaria.

Pego minha bolsa de onde a deixei cair e o sigo para fora. Seguimos na direção da casa de hóquei. Em um dia como hoje, preciso de ar fresco.

— Achei que tinha visto o Archer sendo inadequado com a Wren.

Sully bufa. — Você sabe que é a definição de inadequado com a Wren?

Meu queixo se abre. — O quê? Não, não sou.

— Sim, você é.

Quero dizer... *talvez*. — É só porque nos conhecemos desde sempre. Ela é a pseudo-irmã do meu melhor amigo, o que basicamente significa que ela é minha irmã.

A maior mentira que já contei, especialmente porque não consigo parar de pensar no rosto dela quando o vibrador fez contato debaixo do cobertor. Isso está me assombrando. *Ela está* me assombrando.

Quando voltamos para casa, todas as luzes estão acesas.

Wren se senta à mesa com uma tigela de macarrão com queijo e Evan ao seu lado. Junto com Taylor e Grant, os dois colegas de casa restantes. Archer se senta ao lado de Evan, e a distância me faz sentir um pouco melhor. Todos os rapazes têm cabelos molhados e expressões contemplativas, o que significa que ela estava falando merda.

É claro que sim.

Ela veio para esta casa com o objetivo de nos sabotar. Sabotar a *mim*. Evan pode estar cego para seu pequeno ato, mas eu não estou.

— Reunião da casa, — anuncia Wren sem olhar para mim.

Sully dá uma risadinha. — Você se meteu em uma merda, meu amigo.

Ele me dá um tapinha nas costas. Eu o acotovelo e me sento na ponta da mesa, com Sully ao meu lado. O olhar de Wren ainda parece ir para todos os lugares, menos para mim.

— Estou em busca de um novo colega de quarto, — diz ela.

Meu queixo caiu. Quero dizer, *sim*, tecnicamente, era isso que eu queria desde o início. Mas e agora? Devo simplesmente deixá-la ir com um deles?

— Você pode compartilhar minha cama, Wren, — diz Archer.

Ele olha para mim e sorri. *Oh, que droga, ela vai.*

— Por cima de meu cadáver, — eu disse.

— Você é pequena, — diz Taylor, ignorando-me. — Não ocuparia muito espaço na minha.

Ela sorri brilhantemente para ele. É tão falso que queima. O que significa

que ela está fazendo isso para me torturar, então.

— Não. — Fecho os punhos sob a mesa.

Evan dá uma olhada entre nós. — Então, Stone, você quer que a Wren fique no seu quarto?

Eu faço uma careta.

— Não importa o que Stone quer, — diz Wren em voz alta. — O que importa é o que *eu* quero. Não vou dividir um quarto com alguém em quem não posso confiar. E ele está no topo dessa lista.

Ai. — Por causa da foto idiota?

— Você ainda não a retirou, — ressalta Evan. — O que você definitivamente deveria fazer. Agora mesmo.

Todos os olhares se voltam para mim. *Sério?* Como me tornei o vilão?

Sacudo a cabeça e pego o celular, apagando a postagem inteira e seu milhão de visualizações. Bem, que merda. Isso realmente acumulou muito.

Atiro meu telefone para Wren. — Pronto. Confira e veja você mesma. Mas não me responsabilizo pelas pessoas que copiaram e repostaram.

Ela faz uma careta e pega meu celular com a ponta dos dedos, como se ele estivesse contaminado. Ela digita algo e, em seguida, desliza o celular de volta para mim.

Uma nova atualização de status de Stone Foster: Eu posto fotos de garotas dormindo porque estou compensando por ser um jogador de hóquei de merda.

Vou apagar a mensagem, mas Wren me mostra o dedo.

— Se você tocar nesse status, garanto que ficarei no quarto de todos, exceto no seu.

— Bem, você definitivamente não está fazendo *isso*.

Ela se levanta. — Venha, Archer. Quero dar uma olhada no seu quarto.

Ele corre atrás dela. A risada de Evan me persegue enquanto eu os sigo escada acima, parando na porta. Ela se joga na cama dele, enquanto ele fica no meio.

— Hmm... Sua cama é muito confortável. — Seu olhar se volta para mim.

Eu a odeio *pra* caralho.

— Não, — eu digo. Passo por Archer e agarro Wren, pegando-a e levando-a para o corredor. Eu a coloco de pé, me afastando antes que ela possa me bater novamente. — Pare de ser boba, porra.

— Não sei qual é o seu problema, — ela responde. — Por que você se importa?

Reviro os olhos. — Porque você é um incômodo e não consigo me concentrar com você por perto.

— E é exatamente por isso que eu não deveria estar por perto.

— Você acha que a ideia de fazer pegadinhas estúpidas no quarto de outros caras, me provocando para transar com eles, vai ajudar?

Sua boca se abre. — Você acha que eu vou dormir com eles?

Levanto minhas mãos. — Sim, talvez. Não sei o que sua espécie faria para manter um teto sobre sua cabeça.

— Sua *espécie*, — ela repete. Ela se aproxima, com os olhos brilhando. — Você quer dizer *pobre*, Stone?

Levantei meu queixo. — Quero dizer, a filha de um traficante de drogas preso. Você está seguindo os passos do seu pai?

A mágoa aparece em seu rosto, mas desaparece antes que eu possa me agarrar a ela. Em seu lugar, há uma determinação de aço. — Então você não me quer no seu quarto e não me quer em nenhum dos quartos deles.

— Basicamente, — eu instigo.

— Tudo bem, — ela sibila. — Como quiser.

Ela sai em disparada. Eu a sigo escada abaixo, até uma porta da cozinha que eu nunca abri. Pensei que fosse uma despensa. Mas ela a abre e revela um cômodo *minúsculo*. Tem uma única janela com persianas quebradas cobrindo-a e está cheia de caixas.

— Evan, — ela chama. — Você pode me ajudar a tirar essas caixas daqui?

Ele aparece ao meu lado e me dá uma cotovelada forte no estômago. Eu grunhi.

— Por quê? — ele pergunta a ela.

Ela se vira na hora, com os punhos plantados nos quadris. — Porque acabei de encontrar meu novo quarto.

Eu a encaro, e ela só sorri.

— Agora, acho que isso satisfaz suas exigências, Stone?

CAPÍTULO 13

Wren

Já morei em lugares piores. Também já dormi em espaços menores. O quarto não é maior do que um armário do Harry Potter, mas funciona. Fiz uma cama improvisada no chão com a promessa de que Evan me daria um colchão de solteiro, o que recusei. Tenho meus livros didáticos empilhados ao lado do travesseiro e um pequeno abajur colocado em cima, dando ao meu novo quarto um ambiente romântico. Minhas roupas estão bem dobradas na parte inferior da minha "cama" e, embora não haja muito espaço para fazer a lição de casa, sempre posso usar a mesa da cozinha ou ir à biblioteca, como já fiz no passado.

Na verdade, qualquer coisa é melhor do que dormir no quarto de Stone.

Esse cômodo minúsculo poderia ter aranhas penduradas nos cantos, e eu as consideraria amigas em vez de considerar Stone.

Deito-me e fico olhando para a lua pela janela e sinto a pressão arterial subir. A maneira como Stone me arrancou de Archer foi completamente desnecessária. Fiquei chocada no início e depois fui completamente dominada por uma confusão de emoções.

Foi bom, por meio segundo, ter alguém para me defender.

Depois veio a raiva e a traição. O motivo pelo qual eu estava abalada era o fato de Stone ter postado aquela foto estúpida de mim.

Agora, tenho que tomar mais cuidado do que antes.

Fecho os olhos com força e expiro pelo nariz. Odeio ter baixado minha guarda.

Não com Stone. Não sei se confiaria nele, mesmo que ele tentasse me salvar com os braços de Archer ao meu redor. Eu quis dizer comigo mesmo e com meu

pai.

Há um mês, eu achava que estava livre. *Feliz*. Relaxada.

Agora estou presa em uma casa com jogadores de hóquei, atentos a todos os meus movimentos, lutando para manter minha agenda escolar exigente e amaldiçoando meus pés doloridos por causa dos turnos extras no Shadow's.

Viro de lado depois de colocar o celular no modo silencioso e me enrosco no chão de madeira coberto por uma colcha quente. Ignoro a rigidez do meu quadril e tento bloquear a voz fria do meu pai.

Você quer minha morte em suas mãos, Wren?

Você quer minha morte em suas mãos, Wren?

Você quer minha morte em suas mãos, Wren?

Eu me sento rapidamente e levo meus joelhos até o queixo, envolvendo meus braços firmemente em torno de minhas canelas. Minha testa está pegajosa e meu pulso está acelerado por trás da minha pele. Tiro os cobertores das pernas, na esperança de que ninguém esteja acordado na casa.

Por mais tentador que seja irritar Stone, a última coisa de que minha ansiedade precisa agora é outro confronto com ele - ou melhor ainda, outra briga em potencial com sua surpreendente necessidade de me proteger.

Como se ele tivesse o direito de fazer isso. *Babaca.*

A porta range alto o suficiente para acordar cada um dos rapazes no andar de cima, mas fico na ponta dos pés até a cozinha escura e rezo para que todos se metam na vida deles. Especialmente Stone. O brilho da geladeira ilumina o cômodo e me lembro de quando eu morava na casa do Evan e a mãe dele já estava na cozinha com leite e biscoitos na noite seguinte à minha volta aos cuidados deles.

Ela nunca me pressionou ou me fez falar. Ela simplesmente estava lá.

A porta da frente se abre e eu rapidamente fecho a geladeira e dou uma espiada no corredor. Meu batimento cardíaco irregular está ainda mais acelerado do que antes e engulo meu medo antes de perceber que é apenas Evan andando pelo corredor com sua jaqueta escolar e suéter.

— Procurando por isso?

Minha mão voa para o meu coração. — Você me assustou, Evander. Puxa vida... — Faço uma pausa e olho para suas mãos. — Isso é...

Minhas palavras se arrastam tão rapidamente quanto meu medo.

Ele vai até a mesa depois de acender a luz da cozinha e coloca o saco Ziploc com biscoitos de chocolate em cima. Em seguida, passa por mim e abre a geladeira, tirando o leite antes de pegar duas xícaras. Ele cutuca meu ombro. — Sente-se.

Eu me arrasto até a mesa, sabendo muito bem que Evan não vai permitir que eu me esconda atrás do silêncio. Sua mãe sabia quando não fazer perguntas. Evan não se importa com minha independência.

— Você foi até sua casa para pegar isso... para mim?

Parece que um biscoito de chocolate está preso em minha garganta, mas me recuso a chorar novamente. Fico sentada em silêncio enquanto Evan serve leite para nós dois e abre o fecho da bolsa. — Mamãe me encontrou no meio do caminho.

Soltei uma risada suave e balancei a cabeça, puxando os joelhos até o queixo novamente enquanto apoiava as costas na cadeira da cozinha. — Você não precisava fazer isso. — Desvio meu olhar dos biscoitos. — O que você disse a ela?

— Eu disse a ela que seu ex estava sendo um babaca e que você precisava do famoso estímulo dela.

Ele enfia um biscoito inteiro na boca enquanto eu mordisco o que está em minha mão.

Depois de engolir, ele bate na mesa com a junta dos dedos e me olha. — Por que você estava chorando, Wren?

Meus olhos se voltam para a porta do meu quarto, também conhecida como armário do corredor, e uma mentira sai da minha boca. — Eu só estava frustrada porque Stone...

— Fui a quatro cidades para comprar esses biscoitos para você e você vai ficar aqui mentindo? De jeito nenhum.

Merda.

Não é que eu não confie em Evan. Confio nele mais do que em qualquer outra pessoa. Mas não vou colocar meu trauma sobre os ombros dele. *De novo.*

— Wren.

— Meu pai ligou, está bem? — Meus pés batem no chão em sinal de frustração, e eu empurro o biscoito para longe.

Quando olho de volta para Evan, suas sobrancelhas estão levantadas em sinal de preocupação. — Deve ser ruim se você está recusando os biscoitos da mamãe. O que ele queria?

Eu suspiro. — O de sempre. Dinheiro.

— Mas você estava chorando.

Por favor, não me lembre disso.

— Você nunca chora, Wren.

Chorei porque a maneira como meu pai falava comigo parecia mais definitiva do que antes. Houve muitas ameaças ao longo dos anos, mas desta vez é diferente. Ele está desesperado e, se o passado é uma janela para o futuro, sei que ele fará de tudo para se salvar.

— Estou bem, Evan, — minto e me forço a sorrir. — E eu choro mesmo. Mas não na sua frente.

— Mentirosa. — Evan joga uma migalha em mim.

Reviro os olhos.

— Quando foi a última vez que você falou com ele?

— Logo antes de ele ir para a prisão.

Evan parece surpreso, e sei que ele quer fazer mais perguntas.

— Foi a foto? Foi isso que o levou a entrar em contato com você?

Aceno com a cabeça e discuto contar-lhe tudo, mas o ar ao nosso redor fica tenso. A pele de meus braços expostos mostra meus calafrios. O olhar de Evan se move para trás de mim, e sei, sem olhar, que Stone está se escondendo nas sombras.

— Volte para cima, — grita Evan.

Minha cadeira range contra o chão. Evan suspira alto, sabendo que já terminei a conversa. Recuso-me a olhar para Stone enquanto ando um metro e meio até *meu quarto*. Stone não se move. Ele fica do lado de fora da cozinha, impedindo-me de abrir a porta do armário. Fico olhando para além de seu ombro, sabendo que seus olhos estão fixos em mim.

— Mova-se, — exijo, nivelando meus ombros e me preparando para o impacto.

Sua boca se abre. Ele lambe os lábios e eu sei que ele vai dizer algo que vai me deixar louca, mas, para minha surpresa, Stone se afasta o suficiente para que eu possa passar por ele. Meu peito roça o dele, e a maneira como seu hálito quente roça minha pele me irrita. Quero abrir a porta tão longe que ela o acerte no rosto, mas, em vez disso, mantenho a calma e a abro o suficiente para que eu possa entrar.

A porta se fecha um instante depois e, se Evan não estivesse nos observando da cozinha, tenho certeza de que Stone puxaria uma cadeira e a empurraria contra a maçaneta, trancando-me lá dentro. Só para ser um idiota.

— Deixe-a em paz.

Faço uma careta ao ouvir a fúria de Evan. Sua voz é mais baixa, mas tenho uma audição excepcional. Não se cresce em lares adotivos e não se aprende a escutar.

— Eu vi, — diz Stone em seu tom normal. — Caso contrário, eu provavelmente teria tropeçado nela quando ela passou.

— *Stone*. — Evan está com raiva.

— Relaxe. Estou brincando.

— Bem, estou cansado das piadas. Não quero nem que você olhe para ela. Não agora.

— Agora não?

É difícil de ouvir, então pressiono meu ouvido contra a rachadura.

— O que isso quer dizer? Isso é porque ela chorou? Como eu poderia saber que uma simples foto dela na Internet faria com que ela tivesse um colapso mental? Isso é que é ser sensível.

— Pelo amor de Deus, Stone. Você não tem ideia do que está falando.

Um rosnado alto o suficiente para me fazer recuar da porta.

— Você não notou que a Wren não está nas mídias sociais? Que não há fotos dela on-line? Tipo, em lugar nenhum? — Há uma pequena pausa antes de Evan continuar. — É claro que você não notou. Você é egoísta demais para se preocupar com alguém que não seja você mesmo.

— Não há nada de errado em estar focado em mim mesmo. Vou me preocupar com outra pessoa quando me estabelecer em minha carreira.

— Não, mas há algo de errado em derrubar pessoas inocentes só porque você está cego para os problemas reais que os outros têm.

— Você quer falar sobre derrubar pessoas inocentes?

Meus olhos se arregalaram e olhei para as minhas coisas no fundo da minha cama improvisada. É *melhor eu arrumar minhas coisas agora*. Stone tem todo o direito de me jogar debaixo do ônibus.

— O quê? — pergunta Evan. Ele parece completamente farto de seu melhor amigo.

— Primeiro você. Que problemas reais a Wren tem agora que é legalmente uma adulta e não mais a pobre garota com pernas de pau que vive em lares adotivos? O quê? Porque, pelo que parece, ela está se saindo muito bem.

— *Muito bem?* Ela está dormindo em um maldito armário por sua causa.

— Ela não é inocente em tudo isso, Evan. Você só não consegue ver isso porque está cego para tudo o que ela faz.

— Você é o cego, Stone.

Minhas pernas tremem e coloco minha mão na maçaneta da porta. A discussão deles é silenciosa, mas ouvi cada palavra e, embora odeie Stone, não quero me intrometer entre eles. Evan significa muito para mim para estragar a amizade deles.

— Tudo bem, então abra meus olhos. Por que a foto foi tão importante?

Meus dedos se apertam no bronze desgastado da maçaneta.

— O maldito pai dela ligou para ela. Você postou aquela foto e ele a localizou!

É preciso tudo em mim para não irromper na cozinha e dizer a Evan para ficar quieto, mas, em vez disso, sou eu quem fica quieta. Encosto a cabeça na porta, odiando o fato de minha vida ter que ser tão complicada.

— Ele não está na prisão?

Respiro fundo, esforçando-me ao máximo para afastar o estresse que está persistindo na parte de trás da minha cabeça.

— Você acha que só porque ele está na prisão não pode atormentá-la? Que não pode ameaçá-la?

Passos se movem em frente à porta, e sei que eles estão conversando no andar de cima.

A voz de Evan se reduz a um sussurro. — Você não tem ideia de como era para ela no ensino médio, Stone. Você já se perguntou por que eu nunca deixei você passar a noite?

— Sim, achei que você só estava com tesão por ela.

Eu faço uma cara de nojo.

— Foi por causa de seus pesadelos. Ela gritava quase todas as noites quando se mudou para cá. Portanto, afaste-se, porque nenhum de nós sabe realmente pelo que ela passou.

Encosto a cabeça na porta e fico assim até que os passos deles desapareçam. Quando me deito, olho para a lua novamente e penso em tudo, menos no telefonema do meu pai.

* * *

— Ela é muito boa nisso. — Gus cutuca meu pai com seu cotovelo ossudo enquanto eles me olham do outro lado do trailer.

O suor está escorrendo pela minha pele e se enrola na minha clavícula, descendo até a parte de baixo da minha regata. Está fazendo trinta e um graus lá fora e parece que está oitenta e nove graus dentro deste trailer. O fogo sob a grelha queimou todos pêlos do meu braço e, embora eu seja excepcional em

matemática e saiba a diferença entre ácidos e bases, fazer "experimentos científicos" enquanto meu pai viciado em drogas e seu braço direito observam não é a minha ideia de um verão divertido.

— Eu sei. Eu a ensino há anos, e ela é ainda melhor do que eu imaginava.

Olho de relance para meu pai e desejo poder ajustar a máscara em meu rosto. Pelo menos ele teve a audácia de me dar o equipamento de laboratório adequado enquanto eu produzia uma das drogas mais mortais do mundo.

Lá se foram os "experimentos científicos" com os quais meu pai e eu nos relacionamos anos atrás.

Ele está me preparando há muito tempo.

— Ooh, ela é boa, certo. — A voz de Gus diminui. Seu dedo mindinho está coberto de poeira branca e, quando ele abaixa a máscara, cheira o último lote pelo nariz.

Meu pai faz o mesmo ao lado dele.

Eles precisam testar o produto. Ou isso é apenas uma desculpa para ficarem chapados. O telefone do meu pai toca, e eu cerro os dentes.

— Você pode levar isso para fora? — pergunto. Tomo cuidado com meu tom de voz, mas, por dentro, estou furiosa. — Está me distraindo.

— Tudo por minha cientista favorita, Pumpkin.

Eu me contenho com uma bufada. Cientista. Mais como uma cozinheira de metanfetamina, mas isso é apenas semântica neste momento.

No momento em que a porta se fecha, volto a medir, ignorando Gus e seus movimentos lentos dos olhos. Ele sempre acompanhou todos os meus movimentos. Ele se autodenomina meu tio, mas sei com certeza que os tios não olham para as sobrinhas como ele olha para mim.

— Venha até aqui, pequenina.

Fico em silêncio. Minha mão treme com a colher à minha frente. Olho para a porta e me pergunto quando meu pai vai voltar. Ele não faz muita coisa quando os homens fazem comentários, e houve várias vezes em que ele ignorou seus toques inapropriados, mas não posso deixar de esperar que ele venha me salvar de uma vez por todas.

— Eu disse para vir aqui.

— Não posso parar o que estou fazendo, ou esse lote será arruinado.

É uma mentira, mas ele não perceberá a diferença.

— Tudo bem, eu vou até você.

Meu peito dói e minha boca fica seca. O béquer à minha frente está começando a ferver e, se eu não me concentrar, vou estragar tudo, e não tenho certeza do que é pior: um castigo do meu pai se eu desperdiçar o produto ou um toque do Gus.

— Não me toque, — eu aviso. Tento me lembrar do que já misturei, mas não consigo me concentrar.

— Por que não?

— Porque você vai me distrair, e eu estou tentando fazer isso direito.

— Eu vou distraí-la? — Seu hálito é nojento e quente e se mistura com o suor em meu pescoço. — Assim?

Seus lábios desleixados tocam minha pele, e meus olhos ficam embaçados.

— Por favor, não me toque.

Eu me engasgo de medo com a sensação escorregadia de sua língua, e o quarto fica escuro. Merda, merda, merda. Concentre-se, Wren.

— Pare, por favor.

Estou chorando e, de repente, não estou no trailer do meu pai. Em vez disso, estou em uma cela de prisão, e meu pai está do outro lado, sorrindo para mim.

— Faça isso, Gus. Ela merece ser punida.

Um suspiro de ar sobe pela minha garganta e, embora eu não veja Gus ou meu pai na minha frente, ainda estou cheia de medo e tentando fugir.

CAPÍTULO 14

Stone

Há algo em mim que simplesmente não consegue deixar isso de lado.

Eu ando pelo meu quarto, que parece ter todo o ar sugado. Não sei dizer se é por causa do que Evan revelou ou simplesmente porque está vazio.

Meu olhar se volta para o canto onde Wren havia feito seu pequeno ninho na primeira noite. Os cobertores e travesseiros sumiram, seu ninho foi transferido para debaixo da porra da escada. *Odeio* o fato de ela estar lá embaixo. Odeio que ela ainda esteja nesta maldita casa, mas odeio mais que ela tenha deixado este quarto e me abandonado aos meus próprios pensamentos.

Porque também estou lutando contra a culpa. Por ter postado aquela foto, por ter alertado seu pai, aparentemente psicótico e traficante de drogas, sobre seu paradeiro, por ter potencialmente trazido de volta pesadelos.

Evan não disse isso, por si só. Mas chegou bem perto. Ele *insinuou* que eu era a atual desgraça de sua existência por ter magoado Wren. O que é... justo. Eu estaria mais preocupado com isso se não soubesse que ele vai superar isso em um ou dois dias. A vida continuará.

Além disso, não é como se o pai de Wren fosse machucá-la atrás das grades. Ele é um cara perigoso - com certeza há um processo legal para esse tipo de coisa. A prisão deve monitorar o contato. Portanto, embora ele possa ligar para ela, há uma solução simples: bloquear o número e seguir em frente.

Mas minha mente continua voltando para Wren. A maldita Wren, com seu cabelo macio e escuro e seus grandes olhos cor de avelã. Seu corpo minúsculo envolto em meus braços, não nos de qualquer outra pessoa.

Espere.

Não, ela nunca esteve em meus braços. Nem conta quando eu a arranquei de Archer ou quando ela bateu em meu peito depois que eu me aproximei dela. E o modo como ela roçou em mim na porta, enquanto corria para seu novo refúgio seguro, causou arrepios permanentes em meus braços.

Que se dane Wren Davis.

Minha raiva, uma inquietação incontida, me faz sair pela porta do meu quarto e descer as escadas.

Evan já se foi há muito tempo. O restante dos rapazes está dormindo.

A casa está tão silenciosa que meus passos soam altos aos meus ouvidos. Vou até a cozinha e abro a porta da geladeira, examinando as prateleiras. Embora eu adorasse beber uma cerveja e rezar para que ela me fizesse dormir, opto por uma garrafa de água.

É a escolha mais segura, visto que estamos mudando para um cronograma de treinos de dois dias.

Nosso primeiro jogo da pré-temporada é nesta semana, e o técnico parece... bem, talvez *preocupado* seja a palavra errada. Mas preocupado?

Não sou o único novato na equipe. Parece que houve uma grande transição nos últimos dois anos, uma saída dos jogadores talentosos com os quais o treinador contava e um *influxo* de... nós. Os caras novos.

Embora eu esteja determinado a provar que sou digno de ser titular, embora eu tenha perseguido incansavelmente *essa* faculdade por causa *desse* técnico e *dessa* equipe, nem todos pensam da mesma forma. O hóquei é meu sangue. Mas, para alguns, é um hobby.

Não há tempo para ninguém fazer uma temporada ruim.

Fecho a geladeira e me sento em um dos bancos. A água está a meio caminho da minha boca quando um barulho alto não apenas quebra o silêncio, mas o dizima. Eu começo, deixando cair a garrafa.

A água flui dela para o balcão, escorrendo pelas bordas e atingindo o chão em pequenos riachos.

— Merda, — murmuro. Acerto a garrafa e limpo a sujeira com a bainha da minha camisa. Não há toalhas de cozinha, e um mísero pedaço de papel toalha se mostra... *ineficaz*. Rasgo a camisa e a uso para absorver o resto da água no chão antes de registrar o barulho.

Foi um grito.

Inclino minha cabeça, esperando...

Bem, eu não sei.

Algum tipo de reação do resto da casa?

— Não! Saia de cima de mim!

Foda-se.

Corro em direção ao pequeno armário de Wren, parando apenas por um breve momento antes de abrir a porta. É uma faixa de escuridão e sombra. Acendo a luz do corredor e ela ilumina o espaço minúsculo o suficiente para vê-la.

Ela está se contorcendo na cama improvisada, que nada mais é do que alguns cobertores no chão - o que, por si só, me dá outra pontada de culpa. Seus olhos estão apertados e todo o seu corpo está tenso. Ela se sacode como se estivesse tentando e não conseguindo escapar de alguém.

Olho por cima do ombro, esperando o sinal revelador de Evan correndo para salvar Wren. Esperando por isso, melhor dizendo.

Não tive essa sorte.

Sua boca se abre. Um bocejo, uma grande extensão de dentes, língua e gengivas, tudo rosa e branco e excepcionalmente comum...

Só que não é.

E, por alguma razão, eu me escondo *no* closet em vez de me afastar e esperar que outra pessoa lide com isso. Com ela.

Alguém muito mais qualificado. Alguém que se importa com o que acontece com ela.

A porta se fecha atrás de mim, deixando-nos na escuridão total. No entanto, quando me ajoelho e a alcanço, não é nada difícil encontrar seus ombros. Puxá-la para cima e sacudi-la levemente, mesmo quando o grito borbulhava de dentro dela.

É barulhento. De gelar o sangue.

Coloco minha mão sobre sua boca, abafando o som, e pego a lâmpada com a outra mão. Eu me atrapalho com ela. Demora um pouco para a luz se acender e eu aperto os olhos contra a iluminação ardente. Depois, volto a me concentrar em Wren.

— Acorde, — insisto, tirando meus dedos de seu rosto e segurando sua nuca. — Wren, *acorde*.

Ela faz isso.

De forma violenta.

Ela me acerta no peito, fazendo com que eu volte para a porta. Ela deve ter travado, porque não se moveu com meu peso. E seus olhos estão arregalados, suas mãos estão passando pelo seu corpo. Ela toca seu rosto, passa as mãos sobre as bochechas, os lábios e o nariz.

Sua respiração vem em rajadas curtas e seus olhos permanecem desfocados.

Eu me arrasto para mais perto até conseguir pegar sua mão.

— Wren, pare.

— Não consigo. Respirar.

— Eu sei. Está tudo bem, mas vá mais devagar.

Ela balança a cabeça, com os cabelos balançando ao redor dos ombros. Parece que ela ainda está presa no pesadelo.

Percebi duas coisas ao mesmo tempo.

Se ela continuar assim, vai desmaiar.

E... Evan vai me matar de qualquer maneira.

Então, agarro seu rosto e a puxo para frente, batendo meus lábios nos dela.

Eu já beijei garotas antes. Mas me diga por que *minha* respiração para assim que nossas bocas se tocam?

Diga-me por que meu coração pula?

E, acima de tudo, diga-me *por que* Wren Davis me beija de volta?

Eu me inclino para ela, nossas bocas se abrem e as línguas se misturam. Ela tem um gosto doce, um leve resquício de açúcar em seus lábios. Suas mãos se aproximam de meus bíceps, agarrando-me com tanta força que suas unhas cortam minha pele. E seu gemido vai direto para o meu pau.

Mordisco seu lábio inferior.

A pequena dor quebra o encanto, e ela se afasta de mim.

Nós dois estamos respirando com dificuldade. Ela prende o cabelo atrás das bochechas, com os olhos arregalados e confusa. Foi-se a garota arrogante que me deixa louco. Em seu lugar, há uma versão dela que não é tão... *reservada*. Por um momento, consigo ver quem ela seria se não tivesse passado pela infância que teve.

Mas ela é Wren, e eu sou eu, e assim que ela registra isso, as paredes voltam a cair.

— Que porra você está fazendo? — ela sibila.

Eu engulo. — Você estava gritando.

— Por causa de *você*.

— Eu não acredito em você. — Minha voz é baixa.

Seus olhos inexplicavelmente se enchem de lágrimas, e ela se vira bruscamente em seu palete de cobertores, afastando-se de mim. Ela está de frente para a parede, com os ombros tão altos que quase tocam suas orelhas.

— Vá embora, — ela ordena.

— Wren...

— Vá *embora*.

Não acredito em uma única coisa que Wren Davis tenha dito. E também não acredito nisso. Estendo a mão e agarro seu ombro, puxando-a de volta. Mas a expressão em seu rosto - fúria pura e devastadora - me faz soltá-la com a mesma rapidez.

— Tudo bem, — eu cuspo. Meu orgulho está mais ferido do que qualquer outra coisa. — Fique em seu pequeno armário até o sol nascer. Esconda-se de todos...

— Não estou me escondendo, — sussurra ela com dificuldade. — Só não quero ter nada a ver com você.

— O sentimento é recíproco, — eu digo.

Levanto-me e saio do quarto, batendo a porta atrás de mim. Chego ao meu quarto antes de perder a cabeça. Tenho um surto silencioso por dez segundos, depois volto a me controlar.

Não é permitido beijar o inimigo em nenhuma circunstância.

Mesmo que o inimigo esteja tendo um pesadelo. Ou hiperventilando. Ou olhando para mim com aqueles olhos grandes e em pânico...

Deito-me na cama e cubro o rosto com as mãos.

Por que meu primeiro impulso foi...? Por que eu tinha que beijá-la? Eu poderia ter lhe dado um tapa, que poderia ter feito a mesma coisa. *Mas com*

muito menos calor. Ainda posso sentir o fantasma dela em meus lábios, o pequeno ruído de respiração que ela fez, a maneira como ela começou a recuar quando pareceu registrar com quem ela estava se beijando.

Usamos a língua.

Isso vai me deixar fodido por um longo tempo.

Deito-me de lado e desligo a lâmpada.

A *única* solução para isso é ficar em silêncio. Ou, como ouvi minha madrasta sussurrar uma noite, frio como pedra. Ela odiava quando eu a deixava travada - o que eu fazia com frequência. Eu a odiava. Queria que ela fosse embora. Ela não era uma substituta para minha mãe, nem de perto. Mas ela bem que tentou. Então, ela recebia o ombro frio, os comentários gelados e cortantes, e então... bem, então eu parti para o acampamento de hóquei. E isso se transformou em hóquei durante o ano letivo, que se transformou no recrutamento.

Mais um ano jogando hóquei na faculdade e depois vou para o New York Guardians.

Depois desta noite, estou tão pronto para sair daqui.

CAPÍTULO 15

Wren

A falta de sono está me afetando. Não consigo decidir o que é pior - a exaustão por me recusar a fechar os olhos ou a exaustão por acordar com a garganta rouca por causa dos pesadelos e dar de cara com Stone à espreita no corredor, o que é um pesadelo por si só.

A única coisa que passou entre nós, além de um olhar fugaz, foi a água que coloquei em sua mesa na outra noite, quando os rapazes foram jantar no Shadow's. Passei minha mesa para a Nicki, recusando-me a servir Stone, mesmo que o restante dos meus colegas de casa não estivesse na minha lista de merdas.

Stone está agindo como se o beijo nunca tivesse acontecido. Tenho tirado da cabeça o pensamento de seus lábios nos meus e, se ele se insinua, lembro-me de meu pesadelo induzido por gritos. Estou praticamente treinando meu cérebro para recuar ao pensar em sua boca.

Seu pequeno alerta funcionou, no entanto. A língua quente de Stone contra a minha interrompeu momentaneamente as lembranças sangrentas do passado, mas no segundo em que percebi que havia caído em outra armadilha, fiquei ainda mais envergonhada. O fato de Stone me beijar parecia um castigo. Um arrependimento pelo passado, quando permiti que meu pai me tratasse como se eu fosse um pedaço de lixo em vez de seu sangue.

E como se isso não fosse punição suficiente, estou sentada na última fileira de uma aula de recuperação de uma disciplina eletiva que eu nunca quis cursar - Finanças Pessoais. Graças ao excesso de trabalho na Shadow's e aos pesadelos ininterruptos, eu acidentalmente dormi no outro dia e perdi a prova. Felizmente, o professor Walsh tem um pouco de decência e permitiu que eu fizesse a prova hoje de manhã em vez de me dar uma nota zero.

Se eu perdesse minha bolsa de estudos, estaria realmente arruinada.

Pelo menos com um diploma de química, tenho alguma esperança de quebrar a maldição interminável de ser um *verdadeiro* Davis.

— Lápis para baixo.

Os lápis batem na madeira por toda a sala de aula. Terminei minha prova há vinte minutos, mas verifiquei três vezes minhas respostas porque sempre as verifico três vezes, mesmo em uma aula infrutífera como *Finanças Pessoais*.

— Como você se saiu?

Eu me viro e encontro o rosto de um cara de olhos castanhos com um sorriso que tem problemas escritos por toda parte.

Dou de ombros. — Bem, eu acho.

O teste foi muito fácil, especialmente quando estou acostumada a calcular reações complexas de substâncias e a me debruçar sobre papéis referentes ao que essas substâncias podem ou não produzir quando misturadas.

— Bom, bom.

Viro as costas e arrumo minhas coisas. Mais uma aula e um turno até que eu possa entrar em meu pequeno armário de Harry Potter e evitar perguntas de Evander e olhares de Stone.

— Eu nunca a vi nesta classe antes. Você ficou escondida aqui atrás esse tempo todo? Normalmente me sento na frente, mas hoje cheguei atrasado, então fiquei aqui atrás.

— Oh, não...

Outra voz interrompe minha resposta. — Ela está na turma da manhã.

Olho de soslaio para o homem à minha esquerda. Um rápido tremor de medo alimenta meus movimentos e mexo em minha mochila. — Como você sabe meu horário?

O cara à minha esquerda sorri, e o sorriso é tão mortal quanto o do cara à minha direita. — É sempre melhor conhecer a agenda de uma garota tão bonita quanto você.

Eu tenho ânsia de vômito na boca.

Ele não presta atenção na forma como meu rosto se enruga, porque se inclina para trás em seu assento, parecendo mais arrogante do que qualquer outra pessoa que já conheci antes - até mesmo Stone.

— Ouvi dizer que você mora com os jogadores de hóquei.

— Eu também ouvi isso.

Olho para trás e vejo que há um *terceiro* cara. Começo a me perguntar se eles planejaram me colocar no meio do seu pequeno trio. *Eles se sentaram antes ou depois de mim?* Admito que estou nervosa. O telefonema do meu pai e o reaparecimento dos pesadelos me fizeram repensar cada olhar ou interação que tenho com alguém.

— Sim, e daí? — Eu digo.

— Então, talvez você queira tentar dormir na casa de lacrosse em vez disso?

O estalar de um lápis chama minha atenção quando ecoa pelo corredor de assentos. Procuro o culpado e meu coração para pôr um segundo quando me deparo com sua cabeça de cabelo cor de castanho-avermelhado. *Você está brincando comigo?* Stone *estaria* nessa classe. Cerro os dentes e odeio o fato de não o ter notado no momento em que me sentei. É verdade que o teste foi dado minutos depois de eu ter chegado, mas *mesmo assim.* Preciso ser mais cuidadosa ao meu arredor.

— Você é bem-vinda para ficar conosco. — O cara à minha esquerda está olhando atentamente para mim com seu lápis preguiçosamente preso entre seus longos dedos.

Ele a balança para frente e para trás enquanto morde o lábio, e eu quero rir

na cara dele por sua tentativa de me levar para a casa deles.

O professor Walsh finalmente nos dispensa, e eu coloco minha mochila no ombro. Estou com a camisa do Shadow e odeio que esses caras saibam que eu trabalho lá.

Todos eles ficam de pé e caminham comigo. Eles estão alheios. Reviro os olhos e quero dizer algo de flerte, só para irritar Stone, porque, embora ele esteja me evitando tanto quanto eu o estou evitando, sei que ele está ouvindo.

Não tenho energia para contrariá-lo hoje. Isso provocará outra briga, e estou cansada.

— O que você acha? Quer ficar conosco esta noite?

Paro em meu caminho e agarro minha mochila com força. Há um amontoado de alunos ao nosso redor, caminhando em diferentes direções para sair da sala de aula, mas, naturalmente, o grupo de rapazes para e espera ansiosamente pela minha resposta.

— Se eu quero ficar com vocês esta noite? — Repito, certificando-me de que *realmente* os ouvi bem.

Todos eles acenam com a cabeça e se acotovelam em sinal de empolgação, e eu fico ali parada, atônita com a confiança deles.

Depois de soltar um leve suspiro, pergunto: — Esse é o seu jeito de me convidar para um encontro a quatro? É isso que vocês acham que eu faço quando estou na casa de hóquei? Vocês acham que eu deixo aqueles caras me usarem ou algo assim?

— Não é assim que se paga o aluguel? — pergunta um deles, e pela expressão de confusão em seus rostos, eles realmente acreditam nisso.

— Ela não é uma puta de merda, Gibbons. — A voz de Stone é feroz e, embora ele esteja falando com eles, é a primeira vez que ele se refere a mim desde o último fim de semana.

— Não foi você quem disse isso? Foi um boato?

Eu me viro e lanço um olhar de morte para Stone, mas ele se recusa a me olhar. *Ainda está me evitando, pelo visto.*

— Vamos, Stone.

Um deles ri, e seu hálito quente atinge minha nuca.

— Compartilhe-a.

O rosto de Stone fica vermelho, e os músculos trêmulos nas laterais de suas têmporas se movem com uma raiva incontrolável. Quero concordar em me mudar para a casa de lacrosse *só* para irritar Stone, mas me recuso a ser tratada como um brinquedo, sendo passada de mão em mão por atletas arrogantes e confiantes demais. Fico de costas para Stone, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele agarra meu ombro e me puxa para trás com tanta força que quase tropeço.

Ele está na minha frente, com os punhos ao lado do corpo. — Se vocês voltarem a insinuar que ela estará dormindo com vocês, vou quebrar o pescoço de cada um.

Esse idiota. Ele acha que pode começar um boato degradante sobre mim e depois ficar com raiva quando alguém realmente tenta agir de acordo com ele? Ou pior, vir em meu socorro?

— Não preciso que você lute minhas batalhas por mim. — Eu dou um passo à frente dele.

Os jogadores de lacrosse riem e balançam a cabeça diante da ameaça de Stone, mas antes que eu possa dizer algo a eles, as mãos de Stone estão em minha cintura e sou levantada do chão. Ele gira e me deixa cair no chão, enquanto se recusa a me olhar nos olhos. Ele se vira de costas para mim *novamente,* e eu quero gritar.

— Fiquem longe dela.

Quero bater com meus punhos nas costas de Stone, mas não o faço. Os jogadores de lacrosse passam por Stone e um deles dá uma piscadela, mas eu mantenho minha expressão firme e equilibrada. Espero até que Stone dê um passo na direção oposta, mas não vou continuar a ignorá-lo como ele quer.

— Como você ousa começar um boato como esse sobre mim? — Eu digo, acelerando o passo para acompanhar o passo dele. Sua mandíbula está tão afiada quanto a faca que ele colocou em minhas costas por causa do boato que começou. — Qual era o seu plano com esse boato? Está tentando fazer com que eu seja estuprada?

Stone interrompe seus passos tão abruptamente que tenho que dar um passo para trás para ficar ao lado dele. Ele continua com a mesma expressão. Acho que ele nem sequer piscou. Seu peito está inchado, então eu o cutuco um pouco mais.

— Os pesadelos que estou tendo não são suficientes para você? Gostaria de acrescentar mais algum?

Seus olhos se contraem e eu aperto minha mochila alto com confiança. Eu disse que estava exausta demais para brigar com ele, mas, a essa altura, é viciante, o que é assustador.

— O que foi que você disse mesmo? — Pergunto por cima do ombro quando chego à porta.

Se eu não me apressar, vou me atrasar para o meu turno, e isso não é uma opção. Quanto mais dinheiro eu economizar, mais cedo poderei ter minha própria casa sem ter que dividir a casa com alguém como ele.

— Você não tem certeza do que garotas pobres como eu fariam para manter um teto sobre suas cabeças? — Eu ri. — Talvez eu vá morar com eles. Seria melhor do que dividir uma casa com um babaca egocêntrico que não consegue nem pedir desculpas.

Dou um sorriso malicioso, mas ele cai quando sua voz toca minhas costas.

— É preciso ser um para reconhecer outro.

Meu rabo de cavalo bate na minha bochecha quando me viro. — Desculpe-me? — *Egocêntrica?* Eu sou exatamente o oposto disso. Anos e anos salvando meu pai da cadeia, dando a ele todo o meu dinheiro e preparando drogas para ele estão longe de ser egocêntricos. Abri mão de minha moral por ele. Abri mão de minha sanidade por ele.

Stone mantém seu olhar sombrio e gelado sobre minha cabeça, e quase levanto o joelho e o acerto nas bolas.

— Você é tão egocêntrica que colocou drogas na minha caminhonete para salvar a própria pele, Sticks. Então, cale a boca sobre ser egocêntrico.

Seus olhos se voltam para os meus inesperadamente, e meu mundo para pôr um segundo.

— E alguém *tão* egocêntrico dormiria a um metro de você todas as noites para o caso de você começar a gritar e acordar toda a vizinhança?

Minha garganta se fecha.

Estou derrotada.

Stone me derrotou, e eu deixei.

— Ninguém está pedindo que você durma na porta do meu quarto, — respondo com um constrangimento oculto.

Eu não sabia que ele estava dormindo lá fora. Nas poucas vezes em que saí do quarto para tomar água depois de um pesadelo que me cobriu de suor, ele sempre estava por perto, mas nunca dormindo.

Provavelmente eu o acordei.

Minhas bochechas queimam, e ele percebe.

— Diga-me se esses caras a incomodarem de novo, — ele exige, com o rosto gravado de raiva. Ele passa por mim e a porta se abre, permitindo que o ar fresco

cubra minha pele.

Olho para o relógio e xingo porque vou me atrasar para o meu turno.

E a culpa é toda do Stone.

CAPÍTULO 16

Stone

Eu deveria saber que esse maldito boato iria me prejudicar. Uma pequena menção ao fato de Sticks ter se mudado para a casa de hóquei, uma pequena insinuação de que ela está pagando pelo espaço de maneiras mais criativas... Não parecia ter se firmado, mas, de repente, parece que todos os homens e seus pais estão olhando para Wren como se ela estivesse andando nua.

Ela sai correndo para onde quer que seja, e eu vou para a arena para o treino de hóquei. O ar frio é uma distração bem-vinda assim que entro no prédio. O vestiário cheira a suor velho e solução de limpeza, mas isso me faz sorrir.

Não há lugar onde eu prefira estar do que no gelo ...Exceto hoje.

Hoje, meus pensamentos estão voltados para Wren e aquele maldito beijo. E os idiotas do lacrosse tentando fazer com que ela se mude para a casa *deles*.

— Foster!

Alguém se choca contra mim.

Grunhi com o impacto, perdendo o equilíbrio e caindo com força. Não estamos usando protetores completos hoje, e uma cotovelada em meu estômago tira o ar de meus pulmões.

Demoro um pouco para perceber que se trata de Grant. Nosso executor e homem de defesa. Ele é pesado pra caralho, e seu peso me mantendo preso ao gelo não faz nada além de me enfurecer. Bato meu punho em sua lateral, e ele solta um *"oof"*.

— Saia — eu rosno.

Ele se levanta e joga o bastão no chão, olhando para mim. — Qual é a porra do seu problema?

— Não tenho nenhum problema. — Eu me levanto e largo meu bastão também. Ou me livro dele ou lhe dou uma pancada na cabeça - e aí eu estaria na merda.

— Sim, você tem. Você está horrível. Está jogando muito mal.

— Estou bem, — insisto. — Você é apenas um idiota que não sabe andar de patins.

— Você esbarrou em *mim*! — ele grita. — Jesus, cara, estamos no mesmo time.

Reviro os olhos.

— Qual é o problema aqui? — O treinador grita, parando entre nós. Seu olhar salta de Grant para mim. — Foster? Marvin?

Às vezes esqueço que Grant tem um sobrenome horrível.

— Desculpe, treinador, — dissemos os dois.

Ele balança a cabeça. — Não é bom o suficiente. Vocês dois estão acabados por hoje. Saiam do meu gelo.

Abro a boca para protestar, mas Grant agarra meu braço e me arrasta com ele. Evan empurra meu bastão contra meu peito, e eu o pego por reflexo.

A equipe inteira está olhando.

Grant suspira assim que chegamos ao vestiário e se apressa em tirar o equipamento. Enquanto eu apenas... fico sentado ali.

— Fale, — ele exige. — Os círculos sob seus olhos são escuros o suficiente para me convencer de que você levou um soco no nariz. Por que está caindo aos pedaços?

Eu cerro os dentes.

Não é de minha natureza falar. Especialmente sobre sentimentos. Papai costumava dizer que as emoções são perigosas. Se eu as deixar vazar por toda

parte, não terei mais nada para o hóquei.

Ok, ele não disse a última parte. Meu treinador, quando eu tinha quatorze anos, disse isso, provavelmente em um esforço para me impedir de brigar com caras com o dobro do meu tamanho. Ele queria minha raiva no gelo, e foi exatamente isso que ele conseguiu.

Ele costumava me chamar de Stone-Cold Killer. Eu sorria na época, mas de alguma forma isso se transformou em toda a minha personalidade. Frio em todos os aspectos - exceto quando estou perto da Wren. Então, parece que estou queimando por dentro.

— Na verdade, não tenho dormido. — As palavras saem antes que eu possa impedi-las.

Grant fica quieto.

— Tenho me sentado do lado de fora do quarto de Wren todas as noites.

Ele me olha de relance, mas tenho a impressão de que não quer me assustar. — Por quê?

— Porque ela tem pesadelos, e tenho certeza de que a culpa é minha. — Não, definitivamente é minha culpa. — Eu só não quero que ela pense que está sozinha.

— Ela está sozinha, — ele ressalta. — Ela estava no seu quarto, mas você surtou, e agora ela está dormindo em um pequeno armário.

Esfrego meu rosto. — Sim.

— E você está dormindo no chão do lado de fora do quarto dela porque...?

— Talvez seja o que eu mereço, — digo calmamente.

— Não.

Muito fácil. Fico olhando para suas costas e tento pensar em uma resposta. *Não*. Não é o que eu mereço? De acordo com Wren, eu deveria estar

apodrecendo no inferno. Então é isso que estou fazendo. Estou me punindo, porra.

Ninguém pediu para você dormir na porta do meu quarto. Suas palavras me assombram. Seu rosto me assombra. Aquele maldito beijo me assombra.

Se você me perguntasse há duas semanas se a mudança de Wren Davis era uma coisa boa, eu teria dito que *sim*. Eu teria colocado as coisas dela em sacos de lixo e os jogado no gramado da frente para serem recolhidos por qualquer novo arranjo que ela organizasse.

Mas agora... Não.

Eu me forço a entrar em ação, desamarro meus patins e visto minhas roupas. Quando termino, aceno para Grant e o sigo para fora.

— Quer tomar um drinque? — ele oferece.

E é assim que acabamos no Shadow's.

Wren está ocupada com outras mesas, seu cabelo escuro se solta da trança em pedaços que emolduram seu rosto. Ela parece tão cansada quanto eu me sinto de repente, mas continua andando.

Outra garçonete nos traz cervejas. Grant e eu nos sentamos em silêncio enquanto observo Wren. Ela desaparece na cozinha e sai alguns instantes depois com uma bandeja de pratos. Quando eles estão em uma mesa, ela coloca o cabelo atrás da orelha e vai direto para a próxima tarefa.

— Cara.

Faço uma careta e me volto para Grant.

Sua expressão é estoica. Não está feliz, não está bravo, apenas cuidadosamente em branco. Mas o canto de seus lábios se ergue quando ele diz: — Você está tão ferrado.

— Você está me dizendo, — murmuro.

— Temos nosso primeiro jogo de pré-temporada na sexta-feira. O que será necessário para que você esteja pronto?

Eu suspiro. — Estarei pronto.

Ele zomba.

A voz em pânico de Wren chama minha atenção de volta para ela. Demoro apenas uma fração de segundo para encontrá-la no bar lotado - é como se eu nunca tivesse parado de observá-la enquanto conversava com Grant. Um cara está segurando seu pulso, mesmo quando ela o puxa para trás.

Eu fico em alerta.

Saio da cadeira antes que Grant possa dizer uma palavra, atravessando a sala. Só quando me aproximo é que percebo que se trata de outro grupo de rapazes da faculdade. Talvez idiotas do futebol. Não sei. Não dou a mínima para o esporte que eles praticam - apenas que estão tocando na Wren.

— Você realmente deveria soltá-la. — Paro ao lado dela e olho para o cara.

— Oooh, seu amigo durão veio resgatá-la? — O cara faz uma careta.

Seus amigos riem.

Inclino a cabeça e me atiro sobre ele. Agarro a parte de trás de sua cabeça e a puxo para frente, batendo seu rosto contra a mesa. Há um *estalo* satisfatório, e Wren se solta. Eu o solto e me afasto. Ele se levanta. O sangue jorra de seu nariz.

— Isso foi um aviso. — Apontei para ele. — Vá em frente e espalhe a maldita palavra de que Wren Davis está fora dos limites.

— Stone...

Eu me volto para ela. — Poupe-me, Sticks.

Seu rosto está corado, seu cabelo está selvagem. Tenho o desejo indescritível de me tornar um homem das cavernas com ela. Jogá-la em meu ombro e levá-la para fora. Devastá-la só para poder reivindicá-la.

Não é assim que funciona.

— Você precisa ir embora. — Ela agarra meu braço.

Foi só então que percebi que o lugar ficou em silêncio.

Grant se aproxima e me guia até a saída. Wren o segue.

— Você é um monstro, — ela diz. — Toda a sua conversa sobre *eu* ser a egoísta. Você só quer que eu vá embora por qualquer meio necessário...

— Não. — Eu me viro e aponto para ela. — Tudo o que eu quero é jogar hóquei! E parece que não consigo fazer isso com você mexendo com a minha cabeça.

Ela fica olhando para mim. Ela tem a audácia de parecer magoada com isso. — Você está brincando comigo.

— Você põe em risco *tudo o que* eu quero! — Eu me solto do controle de Grant e passo por ela. Que se dane isso. Começo a correr. Não quero nem saber para onde vou - só não posso ficar aqui.

Eu a odeio.

Eu a odeio.

Eu a odeio.

Diga isso muitas vezes e pode se tornar verdade.

* * *

Eu estava cochilando quando a porta de Wren se abriu. Na última semana, ela chorou durante o sono todas as noites. Mas ela só apareceu algumas vezes. E nessas ocasiões, não falamos uma palavra sequer.

Evan e eu também não estamos nos falando no momento. Ele ainda está irritado com a foto e com o fato de eu ter sido um idiota insensível, e também

por não ter esclarecido as coisas com a Wren. Sempre que nos vê em uma sala juntos, ele faz uma careta como se eu tivesse quebrado seu animal de estimação favorito e sai tão rápido quanto entrou.

A luz do celular do Wren passa por cima das minhas pernas estendidas, sobe pelo meu peito e finalmente cai no meu rosto. Eu aperto os olhos para ela, mais do que um pouco confuso sobre o motivo de estarmos quebrando o padrão.

— Por que você ainda está aqui?

Dou de ombros e levanto a mão, bloqueando a luz.

— É por que você se sente culpado?

— Eu não sei, porra. — Minha cabeça *bate* contra a parede. Então, — Sim, talvez eu me sinta culpado.

Ela hesita. Mas apenas por um segundo. — Ótimo.

Eu aceito isso.

Ela segue pelo corredor. A luz da geladeira ilumina a cozinha por um breve momento e, em seguida, se afasta para a escuridão. Espero que ela volte e se retire para seu quarto, mas, em vez disso... ela para ao meu lado.

Em seguida, ela desce pela parede e se senta. Ela segura uma garrafa de água.

— Isso não é uma trégua, — ela adverte.

Eu sorrio e pego o prêmio dela. — Eu nem sonharia com isso.

Mas uma coisa é certa: Wren não está segura sozinha. É claro. Já planejei exatamente o que preciso fazer. Já entrei em contato com a minha orientadora e pedi para mudar para a aula de Finanças Pessoais dela. *Fácil*. O mesmo professor, o mesmo trabalho, em um horário diferente do dia. Porque se há idiotas assediando-a em minha aula, com certeza haverá alguns na dela.

Só de pensar nisso, fico com raiva.

Também tenho sua agenda completa. Ela está tendo aulas de ciências e matemática malucas pra caralho, que me fazem pensar só de ler os nomes. Eu *ia* ver a possibilidade de me transferir, mas que se dane. Mas posso estar no mesmo corredor quando a aula dela terminar... e por acaso estou caminhando na mesma direção da próxima aula dela.

Se ela perguntasse - o que não fará. Porque eu sou a encarnação da furtividade.

— Parece que você está planejando algo.

Ok, talvez não.

Eu a olho. — Você não está cansada?

— Exausta.

Seu *sorriso*. Seu sorriso triste e cansado quase mexe comigo.

Meu pau tem uma reação não tão sutil. Cubro minha virilha com a garrafa de água antes que ela perceba seu aumento.

Acho que não vou beber isso.

— Então... — Eu me mexo. — Você está cansada, mas não quer ir para a cama.

Ela acena lentamente com a cabeça. — E você está cansado, mas dorme aqui fora.

Eu zombo. — Eu descanso bastante. Posso dormir em qualquer lugar.

— Stone.

— Sticks.

Seu cotovelo bate em minha lateral, rápido e com força. — Não me chame assim.

— Bem, eu gosto disso, *Sticks*.

Ela se levanta com um salto. — Por que você não pode simplesmente...

— Por que você leva isso tão a sério? Não é um apelido ruim. Sente-se, Wren.

Puxo sua mão, insistindo para que ela realmente *se sente*. Porque não quero que isso acabe. Nossa estranha trégua temporária no meio da noite. Mas quando o faço, ela se senta quase que com muita facilidade. E ela pousa em meu *colo*.

Ficamos olhando um para o outro por um instante, ambos surpresos com a situação em que nos encontramos. Quero dizer, em que mundo Wren Davis realmente me tocaria?

Mas ela não se mexe, não tenta sair de cima de mim, e isso está me confundindo. Especialmente pelo modo como ela está me encarando, como se quisesse arrancar meus olhos.

Eu não deveria me sentir atraído por ela. *Eu não deveria...*

— Você realmente me ferrou ao me beijar. — Seus olhos se estreitam. — Então, isso é só eu retribuindo o favor.

Fico chocado e quieto quando Wren me beija. Não consigo nem retribuir. Estou apenas... Ela apenas...

Meu cérebro se ajusta quase no mesmo instante em que Wren desiste. Ela se afasta.

Não a deixo chegar tão longe. Deslizo minha mão ao redor de sua nuca e a trago para frente, apertando seus lábios contra os meus. Isso se transforma em um frenesi louco. Ela está agarrando minhas roupas, meu cabelo. Mordo seu lábio e sinto o gosto de sangue em minha boca, e ela geme. Não de uma forma que lembra seus pesadelos, mas de prazer.

Ele vai direto para o meu pau.

Tenho certeza de que ela sente a pressão entre nós. Seus dedos puxam minha camisa para cima e deslizam pela pele acima do cós do meu short, causando

arrepios que sobem pelas minhas costas e descem pelos meus braços. Agarro seu cabelo com mais força, inclinando sua cabeça para o lado e me inclinando para ela.

Mas quando ela apalpa meu pau através da bermuda, eu vejo estrelas. Mergulho minha mão em seu short, passando por baixo de sua calcinha. Sua leve respiração é o único sinal de que meus dedos a estão afetando.

Mas ela está encharcada. Eu me detenho em seu clitóris, depois desço um pouco e mergulho meus dedos em sua boceta. Quero saboreá-la da pior maneira possível. Mas estou muito concentrado nos ruídos que ela está fazendo enquanto eu a fodo com os dedos.

Wren rola os quadris para a frente, pressionando o clitóris na palma da minha mão.

— É isso, — sussurro contra seus lábios. Paramos de nos beijar e estamos apenas pressionados um contra o outro, com a boca aberta e em busca de prazer.

— Porra, — ela geme.

Mordo seu lábio inferior, puxando-o até que ela me beije novamente. Com mais força. Nunca me senti tão excitado só de tocar em alguém. Sua mão ainda está em mim, roçando em meu short. Mas isso fica em segundo plano quando ela subitamente arqueia as costas.

Seus músculos se contraem ao redor dos meus dedos.

Seu rosto de orgasmo é algo que não esquecerei tão cedo.

Quando ela desce, eu cuidadosamente retiro minha mão. Meus dedos estão molhados e seus olhos estão escuros. Pupilas dilatadas.

Lambo meus dedos e imagino que seja sua boceta.

Um dia eu a terei aberta para que eu a devore.

Mas o momento parece desaparecer, mesmo com meu tesão furioso atraindo

noventa por cento da minha atenção. A mudança no ar é bastante clara.

Ela se levanta trêmula, usando a parede para se equilibrar, e se afasta.

Retirar-se.

— Você sabe o que dizem, — eu a chamo antes que a porta se feche entre nós.

Ela faz uma pausa, e eu sorrio.

— Um orgasmo por dia mantém os pesadelos longe.

Wren revira os olhos e fecha a porta. Pego minha garrafa de água e a destampo, bebendo metade. Abaixo-a e me resigno a mais uma noite no chão.

Porque, *porra*. Isso foi inesperado.

CAPÍTULO 17

Wren

Um orgasmo por dia mantém os pesadelos longe.

Não posso acreditar que foi isso que ele me disse, assim como não posso acreditar que tenha sido verdade. Não tive mais nenhum pesadelo depois de fechar a porta na cara do Stone há duas noites e, desde então, me recuso a fazer contato visual com ele.

O que eu estava pensando?

Meu plano era irritá-lo porque eu podia vê-lo amuado do lado de fora da minha porta, e eu já estava irritada com o fato de ele ter vindo me salvar no Shadow's. Ele estava mexendo com a minha cabeça - tão quente e frio, exatamente como o apelido que ele tinha no colégio, *Stone-Cold Killer.* Ouvi um dos rapazes conversando com ele na cozinha, cutucando-o e perguntando por que ele estava jogando mal, mas ele apenas grunhiu e foi embora.

Provavelmente é porque ele está cansado devido à minha ansiedade estúpida que se aproxima de mim quando estou mais vulnerável, gemendo e chorando a qualquer hora da noite. Não que eu tenha pedido para ele ficar fora do meu quarto - isso é culpa dele. O que, mais uma vez, mexe com minha cabeça.

Fecho o notebook e esfrego o pescoço dolorido. Fico de pé ao ouvir o professor Walsh se despedir. Finanças Pessoais é a aula que eu escolheria para tirar um cochilo se tivesse que escolher, pois é a menos exigente da minha carga horária, mas não vou me descuidar quando se trata dos meus estudos.

— Você parece cansada.

Fico paralisada ao ouvir uma voz que não estava esperando. Stone está de pé no fundo da sala de aula, apoiado casualmente na moldura da porta. Seu livro

está preso em sua mão grande enquanto ele ignora todas as garotas que tentam chamar sua atenção.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto.

Todos estão olhando para nós.

Ele dá de ombros e caminha ao meu lado. — Troquei de classe para ficar na sua.

— O quê? — Pisei no freio. — Não.

Ele não presta atenção em mim. Em vez disso, saca o celular e, quando olho para a tela, ele tem um e-mail aberto de um orientador acadêmico com o título: *Aqui está seu novo cronograma.*

Arranco o celular de sua mão, ignorando o rápido roçar de nossos dedos, e aproximo o zoom.

Quando encontro seus olhos, aqueles *irritantes olhos azuis*, percebo que ele está satisfeito consigo mesmo.

— É sério que você mudou toda a sua agenda para combinar com a minha?

Stone é tão indiferente com seu encolher de ombros casual. — Sim, exceto aquelas aulas de química horríveis que você está tendo.

Aguardo um pouco, preparando-me para o seu comentário irônico sobre o fato de eu ser formada em química e cozinhar drogas para o meu pai, mas, surpreendentemente, ele não diz nada, o que me deixa confusa.

— O quê? Nenhum comentário sobre minhas habilidades anteriores *em química*?

Stone caminha ao meu lado, olhando com ceticismo para todos por quem passamos. Estou nervosa. Não por causa dos olhares de nossos colegas, mas pelos olhares de morte que *ele está* lançando. No momento em que estamos do lado de fora, vejo que ele estacionou o carro bem ao lado do meu. Acelero o

passo, o que é completamente inútil porque ele é um jogador de hóquei, pelo amor de Deus - sua resistência é muito melhor e um de seus passos equivale a três dos meus.

— Por que está saindo correndo, Sticks? Você precisa trabalhar?

Eu o encaro. Ele está com um boné de beisebol para trás e está irritantemente sexy. Sua mandíbula treme de impaciência, mas seus olhos percorrem todo o meu rosto como se estivesse procurando algo.

— O que você tem a ver com isso? — Joguei minha bolsa e meus livros no banco do passageiro do meu carro. — Você está planejando aparecer e dar um soco em todos os caras que olharem para mim?

Ele solta uma risada e eu a sinto em toda parte. Baixei meus olhos para sua boca e suei ao vê-la. *Que merda.* A outra noite deveria ter sido um castigo para ele. Deveria ter mexido com sua cabeça, mas, em vez disso, mexeu com a minha.

— Se eles precisarem ser socados, sim.

— Bem, não faça isso, — eu respondo. — Eles me dão boas gorjetas.

Fecho a porta do passageiro e vou até o lado do motorista. A porta range quando a abro, e quase espero que ela caia de suas dobradiças. Stone me observa com diversão, e estou ficando cada vez mais irritada.

— E por que diabos você mudou sua agenda para coincidir com a minha? Está tentando me pagar pela outra noite? Porque isso não está mexendo com a minha cabeça. Só está me irritando. — Estou mentindo com todos os meus dentes. — Ou é esse o seu plano? Me irritar tanto que eu simplesmente saia de casa?

A mão de Stone cai sobre meu bíceps, e eu paro ao tocá-lo. *Por que, de repente, a sensação é diferente?* E por que diabos não estou me afastando?

— Eu troquei porque estou tentando evitar que você seja agredida por uma

gangue.

Minha mandíbula se contrai com um suspiro. A mão livre de Stone empurra meu queixo para cima para fechar minha boca.

— Comecei um boato e ele está me prejudicando. Isso sou eu tentando consertar. Estou... — Ele abaixa tanto a voz que quase não o ouço. — Estou tentando protegê-la.

Meu coração bate forte e sei que é porque há uma parte de mim gravemente abalada que deseja que alguém me proteja. Mas tão rapidamente quanto caio em suas palavras, volto a me levantar e o afasto.

— Bem, eu não quero a proteção de ninguém. — Entro em meu carro com pressa. — Muito menos a *sua*.

Bato a porta, acelero meu carro de merda e saio em alta velocidade, esperando que eu possa levá-lo para casa. Mas, conhecendo Stone, ele vai me alcançar porque se recusa a perder.

E é exatamente isso que acontece.

Seus passos estão atrás de mim, e eu amaldiçoo o fato de que meu carro não pode andar a mais de trinta quilômetros por hora sem vibrar todo o chassi. Tento subir os degraus da casa primeiro, mas Stone está um passo atrás de mim, cacarejando como um maldito seu em meu ouvido.

— Essas pernas de pau que você tem são rápidas, — ele sussurra tão perto de mim que sua respiração roça meu pescoço. — Mas não são rápidas o suficiente.

Examino a casa para ver se há alguém, mas não encontro nenhum outro jogador de hóquei musculoso em lugar algum. Nem mesmo na cozinha.

— Sou rápida quando preciso ser. Se eu realmente quisesse perder seu rastro, eu conseguiria. — Abro a porta do armário.

Fico olhando para Stone parado no corredor com seu sorriso irritante. Ele acha isso divertido, eu não.

— Sou astuta, Stone. Você deve saber disso melhor do que ninguém.

Observo como o pensamento passa por suas feições, endurecendo as linhas ao redor de sua boca e transformando seu sorriso em uma careta.

Wren-1. Stone-0.

O sorriso tem um sabor tão vitorioso quanto o que sinto, mas quando me viro e olho para o meu quarto, fico quieta. *Que porra é essa?*

Eu me viro rapidamente e olho para Stone com um olhar fixo. — Você não só está me perseguindo, como também está mexendo nas minhas coisas?

Stone revira os olhos. — Não estou perseguindo você, Sticks. Que jeito dramático de ser.

Meu coração está batendo de raiva e, de repente, tenho dez anos de idade novamente, em um quarto com papel de parede do Ursinho Pooh, olhando minhas coisas espalhadas por todo o lugar porque um dos filhos adotivos achou que eu tinha roubado o isqueiro deles. Eles destruíram minhas coisas e eu ainda não superei isso.

— Pelo menos limpe o que você fez da próxima vez! Por que estava mexendo nas minhas coisas? — Eu me aproximo do meu quarto, notando que cada um dos meus cadernos está aberto e meus livros estão embaralhados. Olho para trás e grunhi. — O que você estava procurando? Não fez sua lição de casa e queria me copiar? — Reviro os olhos. — Exatamente como no ensino médio. Sempre trapaceando... no dever de casa *e* nas namoradas.

— Eu não estava na porra do seu quarto.

Ele está atrás de mim, e sei que Stone não é um cara honesto, mas posso dizer pela sua voz que ele não está mentindo. Examino minha pequena área novamente, e o pânico se instala antes da percepção.

— Jesus, isso está uma bagunça, — diz ele.

— Saia, — eu digo, odiando o fato de minha voz não ser muito confiante.

Stone percebe. Eu sei que ele percebe.

— Wren. Eu não mexi em suas coisas.

Ele me chamou de Wren. Ele sabe que algo está errado.

— Saia.

Empurro seu peito, e isso deve surpreendê-lo, pois ele tropeça para trás. Antes que ele perceba o que fiz, bato a porta e giro a fechadura. Dou um pulo quando seus punhos batem contra a madeira.

— Wren! Abra a porra da porta.

Eu o ignoro e dou um pequeno passo à frente. Abaixo-me e pego um de meus cadernos. É um caderno mais antigo, do ensino médio. Eu o guardei porque sabia que teria de consultar as equações mais fáceis para aprofundar meus laboratórios atuais em Química Orgânica e, provavelmente, ainda mais aulas ao longo do meu primeiro e último ano. Passo o dedo sobre as marcas suaves de lápis para aliviar minha ansiedade, mas assim que viro a última página, meus olhos se enchem de umidade. Ela está rasgada e sei *exatamente* o que estava escondido entre o que pareciam ser equações normais.

Sem mencionar que o rabisco de uma caligrafia bagunçada deixada para trás é a resposta de que eu realmente não precisava:

Seu pai agradece por toda a sua ajuda, Pumpkin.

Abafo um soluço e empurro o caderno para longe. Stone desistiu de bater na porta e tenho quase certeza de que ele saiu para treinar. Mas me recuso a abrir a porta. Em vez disso, limpo a bagunça que os *amigos* do meu pai fizeram e coloco tudo de volta onde estava antes. Eu deveria estar agradecida por eles terem tirado as medidas do melhor lote de metanfetamina que já fizemos em vez de me levar, mas agora eles sabem onde moro, e isso é um problema por si só.

* * *

— De joelhos.

Merda. Merda. Merda. Fico olhando para a porta do trailer e contenho um soluço. Há uma arma encostada na parte de trás do meu crânio e eu me forço a engolir o sapo em minha garganta. Estou tremendo de medo e minhas mãos têm resíduos que são honestamente muito perigosos. Minhas luvas são jogadas ao lado da mesa e vejo uma barata correr para debaixo do sofá para se esconder das vozes altas.

— Onde ele está?

O cano cravou em minha cabeça e eu choraminguei. — Eu não sei.

Eu não sei. Não sei mesmo. Meu pai não é um cavaleiro de armadura brilhante, mas, neste momento, sua presença me salvaria.

— Onde está o dinheiro, então?

Ele não me diz onde está o dinheiro. Por que ele diria?

Minha voz trêmula se destaca das batidas em meus ouvidos. — Eu não sei. Posso... posso lhe dar um novo lote, se isso ajudar até que ele volte?

Por favor, aceite. Por favor, aceite. Por favor, aceitem.

— Um lote novo? Quantos anos você tem? Você não pode pensar honestamente que eu vou acreditar que uma adolescente está cozinhando.

O homem tem uma grande cicatriz no rosto que para logo acima do lábio superior. Há cicatrizes em todo o seu rosto, mas a mais longa é a que me causa um arrepio na espinha.

— Um lote novo? Queremos outra coisa.

— O que você quer? — Desvio minha atenção para o cara que está perto da

porta. Estou ansiosa. Eu faria qualquer coisa para tirar a arma da minha nuca. O medo nos leva a fazer coisas loucas. Aprendi isso da maneira mais difícil.

— Você.

A arma se torna um pouco menos forte, e meu corpo fica dormente. Meu estômago se revira e, em vez de engolir as lágrimas, agora estou engolindo o arrependimento. Que merda.

— Quantos anos você tem?

A ponta da arma fica em volta do meu pescoço, e meu cabelo é puxado para trás.

— Dezesseis, — respondo.

— É o suficiente para mim.

Um par de botas está na minha frente, e sou empurrado para trás. Estou no chão com as baratas como meu público. Digo a mim mesma para permanecer forte e colocar minha mente em outro lugar, mas a lutadora dentro de mim não consegue entender isso, então eu grito.

Eu grito tão alto que minha garganta dói mais do que a força entre minhas pernas.

— Droga, Wren!

Minha garganta queima quando sinto falta de ar. Eu me afasto para trás e bato minhas costas na parede. Minha cabeça é pega pela mão de alguém antes de bater, e ouço meu soluço em alto e bom som.

— Olhe para mim.

Não consigo respirar. Não consigo fazer nada além de tremer.

Eu arfava e arfava até que duas mãos seguraram minhas bochechas, acariciando a pele sob meus olhos.

— Olhe para os meus olhos, baby.

Pisco os olhos depois das lágrimas e me vejo agarrada ao azul para salvar minha vida. Aperto seus pulsos com tanta força que tenho certeza de que o fiz sangrar. Mas ele aguenta. Stone não diz nada. Ele continua a olhar fixamente em meus olhos, respirando lentamente pela boca, tentando fazer com que eu faça o mesmo.

— Você está segura, — ele sussurra.

Estou fraca demais para discutir e fraca demais para fingir que não preciso de alguém neste momento, porque preciso. Em vez de afastar Stone, eu o puxo para mais perto e enterro minha cabeça na curva de seu pescoço, encharcando sua camisa com minha pele pegajosa e meu rosto molhado.

Sinto o movimento sem abrir os olhos. Estou em seus braços e ele está me levando para fora do meu quarto. Minha porta tem um buraco. A madeira está lascada. Tranquei a porta antes de dormir e tenho quase certeza de que Stone usou o punho para arrombá-la e chegar até mim.

— *Jesus Cristo*, — alguém diz.

Fecho os olhos imediatamente quando vejo o resto dos meus colegas de casa parados no corredor com a preocupação estampada em seus rostos sonolentos.

— Wrenny.

Stone faz uma pausa ao ouvir a voz de Evan, mas eu balanço a cabeça em seu peito. Não quero falar, e não há quantidade de leite e biscoitos que possa me fazer falar. Em vez disso, ouço a batida estrondosa do coração de Stone em meu ouvido e me seguro com mais força enquanto ele me leva para cima.

CAPÍTULO 18

Stone

Step-Monster: Por favor, ligue para mim! Estou preparando tudo para o aniversário do seu pai!

Deixo minha cabeça cair contra a parede e tento formular uma resposta. Se eu ignorar suas mensagens, em dois dias receberei uma ligação do papai. Até o minuto, na verdade. Eu poderia cronometrar isso se quisesse fazer outro experimento...

O aniversário do papai é só daqui a dois meses. Ele gostaria que eu voltasse para casa, é claro. A foto perfeita da família - você sabe, pai, filho e a santa esposa de Stepford - para todos testemunharem.

A madrasta fará uma grande festa, como faz todos os anos. Ela trata o aniversário dele como se fosse o mais sagrado dos feriados.

Piada.

Na verdade, estou surpreso que ela tenha esperado até agora para entrar em contato.

Portanto, é com satisfação que desligo meu telefone e o deixo na mesa da cozinha. Alguns dos rapazes passaram por mim, mas ninguém questionou por que decidi fazer minha lição de casa de Finanças Pessoais aqui.

Há milhares de razões carregadas e prontas para serem apresentadas, caso eles perguntem. Motivos que não têm nada a ver com Wren Davis.

Archer se senta na cadeira à minha frente.

Olho para ele e volto para meu laptop.

— Foster.

Eu suspiro. — Sim?

— Você está péssimo.

— Muito obrigado, Arch. — Reviro os olhos. — Isso é tudo?

— Você tem olheiras. Quando foi a última vez que você dormiu? — Ele se inclina para a frente, com as sobrancelhas franzidas. — Quando foi a última vez que você fez uma refeição de verdade?

— Eu durmo. — Não é exatamente o argumento convincente que eu esperava que fosse.

Ele dá uma risadinha. — Tudo bem, cara. Já é tarde. Pessoas normais estariam dormindo... *agora*.

— Bem, eu tenho dever de casa. Coisas para fazer. Notas para acompanhar, sabe? — Dou de ombros e tento não olhar para além dele, para a porta do armário da Wren.

— Hóquei para jogar, — acrescenta Archer.

Eu o afasto. — Estarei pronto para nosso jogo de amanhã.

Vamos jogar contra o Bexley University Wolves em casa para começar a temporada. Não estou nervoso. Sinto que analisei suas fitas por horas. Sei que Theo, o capitão do time, é uma força no gelo. E o goleiro deles, Emery, tem problemas de raiva.

Estou ansioso para irritá-lo.

— É que...

— Estou *bem*. — Eu o encaro. — Está tudo bem. Tudo está sob controle.

Ele acena lentamente com a cabeça e se afasta da mesa. Volto ao trabalho que estava tentando escrever. Que tipo de aula de contabilidade exige *redações*? A única graça salvadora é que ele acabará sendo útil. Tenho a maior parte do meu salário inicial dos New York Guardians em uma conta com juros altos até que eu esteja pronto para usá-lo. Essa foi a ideia do contador do papai.

Acho que eu poderia confiar apenas em contadores, mas prefiro saber por mim mesmo.

A luz do corredor do andar de cima se apaga. Seu brilho era visível ao descer as escadas, perfeitamente visível de onde estou sentado. Depois de mais alguns minutos, fecho o laptop. Minha cabeça estava começando a cair.

Apago a luz e empilho minhas coisas, indo me lavar no banheiro do andar de cima. Mesmo que eu esteja dormindo no chão do lado de fora da porta do Wren pelo resto do ano, não posso deixar minha higiene de lado.

É quando estou voltando que um som faz meu sangue gelar.

Gritando.

Começo a correr e bato na porta dela. Ela faz barulho, mas não se move. A maçaneta gira, mas ela deve ter virado a fechadura.

— Porra, — eu rosno.

Seus gritos vão assombrar meus malditos pesadelos.

Dou um soco na porta. Nada. Quero dizer, nada além dos ruídos de terror que ela está fazendo. Eu me atiro contra a porta novamente. E mais uma vez.

Até que algo se rompe.

Mais uma vez, com meu ombro latejando, e a porta se abre sob meu peso. Eu entro cambaleando e a encontro na escuridão. Meu peito se aperta. Há luz suficiente atrás de mim para vê-la.

Ela está encolhida em posição fetal, com lágrimas no rosto e olhos fechados enquanto luta contra um agressor invisível.

— Wren. — Eu me ajoelho ao lado dela, apertando seu braço. — Acorde.

Ela se debate. Sua mão pega minha mandíbula, jogando minha cabeça para o lado. Se eu não estivesse tão assustado, ficaria impressionado com seu golpe de costas. Mas ela precisa de ajuda para ser arrancada desse sonho, aparentemente

presa nele.

Agarro seus dois braços e a sacudo violentamente. — Droga, Wren!

Ela acorda e se afasta para trás. Eu a acompanho, pegando sua cabeça antes que ela a bata contra a parede. Não preciso que ela fique traumatizada *e* com concussão. Seu olhar está perdido, sua respiração está descontrolada. Ela está hiperventilando.

— Olhe para mim, — eu peço.

Ela está tremendo. Sua boca abre e fecha, mas é apenas pânico puro por trás de seus olhos. Eu seguro seu rosto com as duas mãos, pegando suas lágrimas com as pontas dos polegares.

— Concentre-se em meus olhos, baby. — *Baby*. Eu ignoro isso e espero que ela também o faça.

Concentro-me em minha respiração. Suas mãos se aproximam e apertam meus pulsos. Exagero minhas inspirações e expirações até que ela me copie.

— Você está segura.

Ela finalmente parece estar voltando a si. E quando ela *me* registra, ela não me afasta. Não, ela me arrasta para mais perto. Ela passa os braços em volta do meu pescoço e enterra o rosto na minha camisa, escondendo-se.

Meu coração se parte.

Ela estava aqui lutando por sua vida em seus sonhos. *Sozinha*.

Não posso deixá-la. Eu a pego em meus braços, ignorando como ela é leve. Como isso lembra a vez em que a carreguei até a banheira - mas foi por maldade. E talvez um pouco de luxúria. Isso tudo é preocupação.

A luz do corredor está acesa, e eu aperto os olhos com a claridade.

Archer e Sully estão na porta, observando os pedaços de madeira estilhaçados. A fechadura que rasgou a moldura.

— Jesus Cristo, — murmura Archer.

Eu o olho, e Sully lhe dá uma cotovelada. Os dois saem do meu caminho. Grant e Taylor também conseguiram sair de suas camas. Eles parecem mais confusos do que qualquer outra coisa.

— Você está bem? — Grant diz.

Aceno com a cabeça.

Evan está na parte de trás do grupo. — Wrenny.

Ele dá um passo à frente como se fosse tirá-la de mim. Eu cerro os dentes para ele, impedindo-o de prosseguir, assim como Wren balança a cabeça contra mim.

Ela também não o quer.

Ele vê o meu olhar e fica tão confuso quanto eu. Bem, ele pode se ferrar. Todos eles podem.

Não sei como passei de odiá-la profundamente para... *isso*.

Ela pensou que eu estava mexendo em suas coisas. Não fui eu, e duvido muito que tenha sido algum dos outros rapazes. Eles respeitam o espaço dela, embora certamente tenha havido um ar de confusão pela casa na última semana ou algo assim. Apenas Evan me pegou no andar de baixo depois da meia-noite, mas eu lhe assegurei que era um caso isolado.

Uma mentira total.

Foi o rosto dela que imaginei enquanto estava preso na delegacia de polícia. Seu nome eu amaldiçoava quando meu pai me repreendia. Quando ele se certificava de que eu sabia que tinha de fazer melhor, de *ser* melhor.

Nunca contei a Evan o que ela fez. Inventei algo para explicar por que fui expulso do refeitório e, mais tarde, preso - algo que meu ego não previa que precisaria enfrentar. As perguntas, as piadas.

Agora temos isso.

A mágoa transparece em sua expressão, mas eu a ignoro e continuo andando. Subo as escadas e entro no quarto. Viro-me para fechar a porta e encontro o resto dos rapazes no corredor.

Não precisamos de uma audiência, mas eles provavelmente merecem uma explicação.

Eu também mereço.

Meu corpo está doendo. Nunca me joguei em algo tão difícil - nenhum teste de hóquei se compara à natureza chocante de tentar arrombar uma porta. Uma porta que Wren trancou para manter a mim - e ao mundo - do lado de fora.

Mas ela não pode me manter afastado. Não depois desta noite.

Com a cabeça dela aninhada na curva do meu pescoço, seus dedos enrolados na minha camisa, a necessidade de protegê-la fica cada vez mais forte.

Fecho a porta com um chute e me sento na cama, colocando-a no meu colo. Acaricio seus cabelos. — Somos só nós.

Ela estremece, seus dedos se apertam em minha camisa e depois relaxam lentamente. Sua palma se achata. É incrível a quantidade de calor que é transferida dela para mim.

— Sinto muito, Stone.

— Pelo quê?

Ela levanta minha mão e passa o polegar sobre os nós dos dedos.

— Dar um soco não funcionou. Eu só bati até a fechadura quebrar. — Forço uma risada para esconder meu nervosismo repentino. Não tenho mais quinze anos de idade, praticando como falar com garotas gostosas. — Estou bem...

— Mas?

Sempre há um "mas." E, nesse caso, é o elefante na sala. O motivo de seus

gritos.

— Mas acho que mereço a verdade. Você disse que alguém estava em seu quarto. Você se assustou com a foto que publiquei. Quem está perseguindo você?

Não consigo nem dizer a ela o quanto preciso que ela seja honesta.

Ela sai do meu colo e se afasta, até ficar encostada na parede. Ela pega meu travesseiro e o abraça contra o peito.

— Eu lhe devo a verdade. — Ela desvia o olhar. — Mas não quero que você me odeie por isso.

Eu olho para ela. — Duvido que eu a odiaria por isso.

— Você já me odeia por... — Sua mandíbula se contrai. — Pelo que eu fiz no ensino médio.

— Apenas me diga a verdade, — respondo. — Por favor, Wren.

Ela esfrega os olhos e acena com a cabeça. — Bem, você sabe que meu pai gosta de algumas coisas.

— Drogas. — Eu não digo o óbvio, *duh*.

— Quando eu era adolescente, ele descobriu que eu tinha uma afinidade com... receitas. — Ela joga o travesseiro de lado e se levanta. — Receitas de natureza ilegal.

Puxa vida. — Você estava preparando as drogas dele?

— Sim. Bem, você sabe. É difícil encontrar alguém inteligente o suficiente para não ser explodido nesse tipo de trabalho. — Ela coloca o cabelo atrás da bochecha e me dá um pequeno sorriso. — Mas com essa linha de... trabalho... vêm outras coisas. Principalmente, homens maus.

— Mas seu pai...

— Ele não poderia me proteger 24 horas por dia. — Sua expressão diminui. — E, às vezes, acho que ele não *queria* me proteger de tudo isso.

Isso é ridículo.

— Você estava preparando metanfetamina e ele nem sequer teve a decência de mantê-la segura?

Ela ri. — Você está se ouvindo, Stone?

Eu também me levanto. Passo as mãos pelo cabelo. — Isso é apenas uma parte da história, não é?

— Sim. Então... eu passava alguns meses com o papai, depois acontecia alguma coisa. Ele se metia em problemas, ou um vizinho chamava a polícia, e eu acabava com os Mitchells.

A família de Evan.

Wren limpa a garganta. — *De qualquer forma*, cortei os laços definitivamente quando fui para a faculdade. Papai está na prisão e me pareceu um momento tão bom quanto qualquer outro para um novo começo.

Estreito meus olhos. Ela fugiu de seu pai traficante de drogas... — Até eu postar a foto?

Ela vai até a janela e puxa a cortina para trás, dando uma olhada para fora.

— Wren.

— Sim, Stone, até você publicar a foto. Então começaram as ligações telefônicas.

Um calafrio percorre minha espinha. Ela está estranhamente calma ao transmitir todas essas informações. Como se ela não estivesse realmente compreendendo, apenas recitando os fatos.

— Seu pai?

— Ele me encontrou, — diz ela em uma expiração. — Ele me quer de volta em sua operação.

Eu já sei que foram as drogas dele que ela colocou na minha caminhonete no

ensino médio. Já sei que ela veio de uma família ruim. Que ela não dormia quando morava lá - nem comia. Ela perdia peso, ficava com olheiras.

Evan lhe daria as chaves do carro para que ela pudesse cochilar.

Eu não suspeitava...

— Eles a machucaram?

Ela olha para mim por cima do ombro. Seus cabelos escuros estão soltos. Quero passar meus dedos por ele. Puxá-lo.

Tire sua cabeça da sarjeta.

— Não mais do que o esperado, — ela sussurra.

Fecho meus olhos. Tudo em mim fica branco e quente, uma raiva ardente como nunca senti antes. Suspeito que agora sou eu quem está tremendo. Fecho os punhos e tento respirar, mas não está funcionando.

— Stone.

Wren precisa ser protegida.

Não é uma questão de dúvida. Eu fiz merda e alguém está claramente tentando usá-la de volta para a operação do pai dela - não, espere. Usar uma palavra bonita demais para isso. Não tenho dúvidas de que eles a arrastariam de volta.

— *Stone.*

Seus dedos sobem pelos meus braços, passando pela minha nuca. Ela me puxa para baixo até que seu hálito passe pelos meus lábios.

Alguém estava em seu quarto. Eles encontraram seu quarto e o vasculharam o suficiente para mostrar a ela que estavam aqui.

Precisamos de câmeras de segurança. Ou um guarda-costas para segui-la, ou...

— Não quero voltar a dormir, — ela sussurra. — Você pode me ajudar com

isso?

Abro meus olhos.

Ela está bem ali, seus olhos, às vezes verdes, às vezes castanhos, são tão sedutores que não tenho dúvidas de que eu poderia me apaixonar por eles se tivesse a chance.

Se você ainda não o fez.

— Você está me propondo algo, baby?

Ela morde o lábio para esconder o sorriso e acena lentamente com a cabeça.

Oh, droga. Estou perdido - e, a julgar pelo brilho em seu olhar, nós dois sabemos disso.

CAPÍTULO 19

Wren

O sono costumava ser uma maneira de desligar tudo, de me esconder, mas parece que não consigo mais usá-lo como uma pausa na realidade. Tenho medo de dormir. Tenho medo de que alguém venha me levar, depois de saber que eles estavam no meu quarto - tanto que eles vêm me buscar em meus sonhos. Mas pelo menos quando estou acordada, posso fingir que Stone Foster me protegerá de todas as coisas ruins da minha vida, mesmo que eu o tenha considerado uma dessas coisas ruins horas atrás.

Stone olha para o teto, exibindo sua mandíbula cinzelada que está se movendo para frente e para trás com a tentação. — Não posso dizer não a você.

Ele segura minha bunda e me levanta. Estou pressionada contra ele e posso sentir como ele está duro através do algodão fino de sua calça, e isso faz algo assustador em mim. Anseio por seu toque, sua boca, seus olhos. Quero tudo isso e quero que ele me tire o medo de que senti momentos atrás, presa em meu pequeno quarto.

— Beije-me, — sussurro, olhando fixamente em seus olhos. Nas duas últimas vezes em que nos beijamos, não foi assim. Estou desesperada por uma fuga. Estou desesperada para que ele silencie tudo, e não há um pingo de ódio ou manipulação entre nós dois neste momento.

Stone engole, seu pomo de Adão balançando logo acima da gola da camiseta, e ele olha fixamente em meus olhos. Ele é como o Ceifador, sugando minha alma, e estou disposta a entregá-la a ele.

Minhas costas pressionam a parte de trás da porta do quarto dele - a porta que deveria ser minha - e seus dedos cravam a pele por baixo do meu short curto de dormir. Ele me beija, mas é muito mais do que um simples beijo. Sua língua

mergulha em minha boca, e um gemido sai de seu peito e vibra. Eu o beijo de volta, ardendo por inteiro. Estou molhada e necessitada, e esqueço tudo sobre o pesadelo desagradável que me fez gritar minutos antes.

— Foda-se. — Ele se inclina para trás.

Há pequenas manchas vermelhas subindo por seu pescoço. Ele coloca meus pés no chão e me empurra com força para trás de sua porta novamente, empurrando meu short até os tornozelos. Eu os chuto para o lado e isso só o distrai por um momento, porque ele pega a mão e a mergulha na parte da frente da minha calcinha, enquanto olha fixamente para os meus olhos. Meu coração bate a milha por minuto quando ele me provoca, passando gentilmente o dedo sobre meu clitóris inchado.

— Você fica excitada sabendo o poder que tem sobre mim, Sticks? Não consigo resistir a você, porra.

Ele retira a mão quando eu não respondo. Eu gemo, mas isso dura apenas um segundo, porque, ao mesmo tempo, ele enfia o dedo em minha boca. Sinto meu gosto e não consigo enxergar direito. Estou em um frenesi e arranho sua camisa, empurrando-a para cima de seu peito e revelando seu estômago apertado e seus músculos ondulantes.

— Na cama. — Ele está falando entre dentes cerrados, como se estivesse fazendo de tudo para não me foder contra a porta.

Eu ficaria bem com isso. Qualquer coisa para parar a dor e me alimentar com mais distrações.

— *Agora*.

Estou de costas, e Stone não perde tempo. Ele empurra minha camisa e revela meu peito nu.

— Deus, — ele sussurra.

Minhas costas se arquearam e minhas pernas se flexionaram, precisando

senti-lo em todos os lugares.

— *Perfeita.*

Suspiro quando ele morde meu mamilo com delicadeza. Ele solta o botão e dá um beijo suave nele antes de passar para o próximo.

— Stone, — eu peço. Seus lençóis se amontoam em minhas mãos. — Por favor.

— Isso é uma mudança, — ele observa antes de soprar ar frio contra minha carne. — Você está dizendo *por favor* para mim.

Sua boca contra a minha pele é como o diabo me adorando, e estou atordoada. Minha mão passa por sua cabeça enquanto ele continua a morder e sugar. Coloco um dedo em meu clitóris e ofego de prazer.

— Absolutamente não, — ele diz, sentando-se rapidamente e colocando meus braços acima da minha cabeça.

Seus olhos azuis estão cobertos de prazer, e eu nunca vi um olhar mais sexy. Ele está excitado, e há um fogo se formando em meu estômago com a expectativa de tê-lo dentro de mim.

— Essa boceta é minha.

Meu lábio está preso sob os dentes superiores e estou apenas com uma calcinha úmida. *Roupa demais.* O pensamento deve ter passado pela cabeça dele, porque ele se abaixa e ouço o rasgo do tecido antes de o ar frio do quarto roçar no meu clitóris.

— Abra, — diz Stone um pouco acima de um sussurro. Ele bate na parte interna de minha coxa nua. — Deixe-me ver como você é perfeita.

Ele sibila entre os dentes quando abro minhas pernas de bom grado. Relaxo meus pulsos flexionados quando sua mão solta meus braços presos e, quando sinto sua língua deslizar para dentro de mim, imediatamente me aperto. Ele me lambe com tanta atenção que o quarto se fecha. Seu zumbido contra meu clitóris

força um grito do meu peito, e arqueio as costas quando seu dedo mergulha dentro de mim.

— Quero vê-la gozar para mim antes que eu a foda com tanta força que você goze mais rápido do que nunca, baby.

A conversa suja me leva ao limite. Jogo minha cabeça para trás e busco a euforia. Stone tira seu dedo de dentro de mim e bate com a palma da mão em minha boca.

Seu sussurro roça em minha orelha. — Shh, baby. Evan vai me matar se souber o que estou fazendo com você aqui dentro.

Aceno com a cabeça rápida e ansiosa. Stone sorri ao ver como eu acompanho todos os seus movimentos com os lábios entreabertos e o peito pesado. Estou em transe. Ele abaixa lentamente a calça e a cueca, e não consigo desviar o olhar. *Que droga.* Meus olhos se arregalam quando olho de volta para seu rosto. Tudo o que vejo é seu sorriso sensual. Stone é um dos caras mais convencidos que conheço e, neste momento, estou a fim dele. Lambo meus lábios e me sento.

Ele balança a cabeça para mim, baixando o olhar. — Sou totalmente a favor de descobrir o talento dessa boca de pirralha, mas não vou esperar nem mais um segundo antes de reivindicá-la. — A embalagem da camisinha fica presa entre seus dentes brancos quando ele a abre.

Minhas pernas caem para o lado por conta própria e, antes que eu perceba, Stone está em cima de mim, agarrando o topo da cabeceira da cama e me penetrando com força e rapidez. Ele pega meu suspiro com a boca, engole minha surpresa e passa a língua sobre a minha da maneira mais sensual que já senti. Nós acompanhamos o ritmo um do outro, beijando-nos tão intensamente que sinto isso em toda parte. Não consigo mais me esconder de Stone Foster. O desejo é palpável demais entre nós. Meu coração bate forte cada vez que ele se encosta em mim. Seus movimentos são alimentados com poder e redenção. Ele está me dominando, e eu o estou deixando.

— Jesus Cristo, Wren. — Ele se afasta e interrompe o movimento de nossos corpos. — Isso é...

— Não pare. — Eu me aproximo dele.

Sua mão se espalha em minhas costas, e ele nos vira de modo que eu fique por cima.

Ele percorre meu corpo e faz uma pausa no caminho em que nos conectamos. Seus dedos deixam marcas em minha pele, e sua mandíbula treme. — Dê-me tudo o que você tem, — ele me persuade, esfregando o polegar sobre meu clitóris.

A visão de sua língua lambendo os lábios enquanto ele me encara me leva a avançar sobre ele e tomar o que ele está me dando.

— Eu vou querer cada parte de você.

Eu me movo rapidamente, trabalhando meu corpo ao mesmo tempo em que trabalho o dele. As partes ásperas das palmas de suas mãos tocam minha pele. Ele toca todos os pontos visíveis, como se eu fosse desaparecer quando tudo estiver dito e feito.

E é bem possível que sim.

Minhas unhas cravam em seus ombros quando me inclino e o beijo para silenciar meu choro.

Ele me beija de volta com a mesma intensidade, flexionando os quadris para me encontrar, e então ambos paramos abruptamente. Seus dentes afundam em meu lábio inferior, e o gosto metálico se mistura com a luxúria enquanto ele enche o preservativo que ainda está dentro de mim.

Meu lábio estala com um som alto quando ele o solta. Pego meu polegar e limpo o sangue de sua boca antes de cair na cama. Estou sem fôlego, exausta e completamente satisfeita.

Merda, isso realmente aconteceu?

O barulho do colchão é a única indicação de que ele se levantou. Fecho os olhos com cuidado, sentindo o sono chegar. O silêncio do quarto é reconfortante de certa forma e, embora eu ainda tenha medo de fechar os olhos e ceder ao sono, não posso impedir que isso aconteça.

— Durma, — sussurra Stone de algum lugar próximo.

Inspiro o aroma de seu travesseiro e me submeto ao calor de seus cobertores quando ele os coloca sobre minha pele nua.

— Estou aqui e não vou embora, Sticks.

CAPÍTULO 20

Stone

Terceiro período contra o Bexley University Wolves, e parece que não consigo me controlar. Quando sou jogado na prancha pela quinta vez em tantos minutos, eu perco a cabeça.

Corro atrás de seu capitão, Brooks. Ele está com o disco e avança pelo centro em uma corrida rápida. Meus companheiros de equipe o atrasam. Grant patina para interceptar, Archer se prepara na trave.

Ele passa o disco um pouco antes de eu pegá-lo, batendo nele por trás e derrubando-o em uma confusão de membros e bastões. Ele me xinga e me empurra para o lado. Sully me pega pela parte de trás da camisa, girando-me para que eu não possa fazer algo realmente estúpido.

Estamos *perdendo*. Muito mal. E, embora a culpa seja principalmente minha, o resto da minha equipe está se desmanchando. Nossos passes não estão se conectando. Ninguém está arremessando. Os BU Wolves estão patinando em círculos ao nosso redor.

E agora o capitão deles está olhando para mim do outro lado do círculo.

Automaticamente, faço uma careta de volta.

O árbitro solta o disco, e Grant, sempre o fiel central, pega o disco e o joga na minha direção. Eu pego o disco e corro em direção ao goleiro dos Wolves. Mas não consigo ver a tempo o taco cuidadosamente colocado em meu caminho. Ele se engancha nos meus patins e, de repente, caio para a frente.

O apito soa. Eu me levanto e giro, encontrando Theo Brooks sorrindo para mim.

— *FOSTER!* — O técnico grita do banco de reservas.

Eu realmente não deveria dar um soco em seu rosto presunçoso, então o ignoro e patino até o banco.

Brooks é jogado na caixa de pênaltis por dois minutos, e eu fico no banco pelo resto do jogo. Tiro o capacete e as luvas e cuspo o protetor bucal. Passo as mãos pelo cabelo e vejo o tempo passar.

Dois minutos, depois um.

Estamos em 1-5. Sem a menor chance.

Trinta segundos.

Dez.

A campainha soa, e a torcida está sem brilho, com razão. Eles acabaram de assistir à derrota do time da casa por uma grande diferença.

Nós, que estávamos no banco de reservas, voltamos para o gelo, fazendo fila para apertar a mão dos vencedores. Eu bloqueio a maior parte.

Fiquei acordado por um longo tempo depois do sexo alucinante com Wren na noite passada. Em um minuto, eu estava com medo de que ela ficasse permanentemente traumatizada pelo seu passado e, no outro, ela estava se contorcendo de prazer em meu pênis. E a sensação foi melhor do que eu jamais poderia imaginar.

Há uma formigação permanente deixada pelo corpo de Wren pressionado contra o meu. Sua cabeça em meu ombro. Ela se deslocou para lá depois que adormeceu, sua mão deslizando pelo meu estômago. Um nó se forma em minha garganta só de pensar nisso.

Eu a deixei naquele quartinho por muito tempo. Deixei-a gemer e chorar, desde que não ficasse *muito ruim*. Mas ela estava tendo pesadelos esse tempo todo.

— Você está bem?

Saio de meus pensamentos. Evan está sobre mim, com as sobrancelhas franzidas. Voltamos ao vestiário antes que ele decidisse me confrontar, pelo menos. Ele tem estado estranho o dia todo, mas eu ignorei - bem, na maioria das vezes, apenas *o* ignorei. Como diabos vou explicar a influência que Wren exerce sobre mim?

Minha atenção se move pela sala. Os únicos que restam são meus colegas de casa, o que representa a oportunidade perfeita. Todos eles estão em vários tons de angústia, aborrecimento ou preocupação - e tudo está apontado para mim.

— Precisamos fazer uma reunião de emergência na casa, — digo a eles.

Uma hora depois, todos estão sentados em volta da mesa da cozinha.

Exceto Wren.

Tenho um estranho momento de déjà vu, quando a vejo fazendo a mesma coisa. Embora, neste momento, ela esteja trabalhando na última hora do seu turno no Shadow's. Depois do jogo, ela deve estar ocupada, o que deve mantê-la entretida até chegarmos a um acordo.

— O que é tudo isso, Foster?

Olho de relance para Grant e depois para as câmeras que coloquei sobre a mesa.

Wren me contou a verdade, e eu me sinto estranhamente protetor em relação a ela. Venho colecionando seus segredos como se fossem moedas de um centavo desde o ensino médio. Nunca contei a Evan sobre o envolvimento de Wren com minha prisão e, definitivamente, não contei a ele sobre minha ameaça a ela depois.

Mas agora é o momento de compartilhar pelo menos alguns deles.

— Wren está com problemas.

Silêncio.

Evan me encara. — Stone...

— Cale a boca, E. — Demoro um pouco para encontrar os olhares do resto dos rapazes. — Escutem. Eu não viria até vocês se não fosse sério. Todos vocês ouviram os gritos da Wren ontem à noite. Viram como ela estava.

Acenos de cabeça para todos.

Eu suspiro. — A culpa é minha. Ela está tendo pesadelos há semanas.

— E você tem dormido na porta dela por culpa? — pergunta Sully. — É por isso que você tem jogado mal?

— Ele também parece uma merda, — murmura Taylor.

Levanto minhas mãos. — Não é uma desculpa. É apenas uma explicação.

— Uma explicação de merda, — diz Grant. — O que você está dizendo?

Evan ainda está olhando para mim como se eu estivesse prestes a mijar em meu cereal. Mas se ele tivesse *me* contado a verdade, mesmo que não fosse um segredo dele, eu nunca teria compartilhado aquela foto na Internet.

Eu poderia ter previsto que ele se tornaria viral? Não. Mas isso não é importante.

— Wren vem de uma família ruim, — eu digo. — E a foto que publiquei chamou a atenção para ela, que estava evitando.

— Escondendo-se, — Evan cuspiu.

Aceno com a cabeça em sinal de aceitação. — Certo. Escondendo-se.

— De quem?

— Bem, o pai dela está na prisão, por exemplo. — Eu me encolho. — Não vou entrar em detalhes, mas ele a usou durante anos. E quando os assistentes sociais perceberam, foi quando ela foi para a casa de Evan. Mas ela sempre voltava para ele. Até que ele foi embora.

Archer se inclina para frente, apoiando os antebraços na mesa. Ele está

diretamente à minha direita e examina meu rosto. — Como ele pode machucá-la na prisão?

— Ele tem pessoas do lado de fora, — responde Evan.

— Além disso, — eu me apresso, antes que meu melhor amigo possa assumir o controle da reunião, — alguém entrou no quarto dela. Mexeu em suas coisas. Foi isso que desencadeou o caso mais recente...

A sala se transforma em um caos.

Talvez eu devesse ter começado com essa informação?

Recosto-me em minha cadeira e espero que a indignação deles se acalme, e bato nas câmeras à minha frente. — É para isso que servem as câmeras. Elas podem ser sincronizadas com todos os nossos telefones. Apenas nos espaços públicos e do lado de fora, não sou tão idiota assim.

— E Wren? — A voz de Evan é fria. — Você não deu a ela a chance de explicar isso para nós...

— Ela não ia fazer isso. — Eu ri. — Você é um idiota do caralho, enchendo-a de leite e biscoitos como se isso fosse resolver alguma coisa.

— E as câmeras?

— Para que possamos pegar o desgraçado que está tentando chegar até ela...

— Cale a boca. — Archer se levanta, batendo sua cadeira para trás. — Vocês dois precisam resolver suas coisas no seu próprio tempo.

Desvio o olhar de Evan e volto a me concentrar nas partes importantes.

— Alguém entrou aqui sem nossa permissão. Isso é inaceitável. — Levanto meu queixo. — Mas, além disso, precisamos proteger a Wren.

— Concordo, — diz Evan.

— Sim, — diz Grant. — Obviamente. Acho que todos concordamos com isso.

— Certo, então vamos instalar essas câmeras. — Eu passo uma das caixas para Grant e Sully. — Essa é para a varanda da frente. — Outra para Taylor e Archer. — Porta dos fundos. — Guardo uma para mim e empurro a outra para Evan. — Essa é para o interior.

— Vamos fazer isso. — Archer bate palmas.

— Mais uma coisa, — eu digo. — Wren está voltando para o meu quarto. De imediato.

Eu já havia tirado as coisas dela daquele armário minúsculo. Enquanto eu estava lá dentro, pegando suas roupas e roupas de cama, meu estômago deu um nó de culpa. Ela tem dormido basicamente no chão. Com nada mais do que alguns centímetros de cobertores como almofada.

Então, sim. Antes do jogo, eu me certifiquei de que nenhum rastro de Wren fosse deixado naquele pequeno espaço. Ela terá que lidar com isso.

E eu.

Os rapazes não se importam muito com isso, dando alguns sorrisos de conhecimento. Eu os ignoro e pego minha câmera, indo para a cozinha. Caso a câmera externa não capture alguém entrando, essa é basicamente uma reserva.

Comprei um produto de primeira linha. Esta é minúscula e praticamente indetectável.

Em menos de vinte minutos, as câmeras estão todas configuradas e sincronizadas com nossos telefones. Nós nos encontramos na cozinha, aprendendo a usar o aplicativo, quando Evan me cutuca.

— Preciso falar com você, — ele murmura.

Ótimo. — Ok...

Eu o sigo até o corredor. Assim que saímos de vista, ele aperta a frente da minha camisa e me empurra contra a parede.

— Jesus. Você vai dar uns amassos em mim, E?

— Você não tem o direito de passar por cima dela, — ele rosna. — Você a odeia desde sempre. E eu entendo, você não se inscreveu em um projeto. Seu melhor amigo de repente ganha uma irmãzinha a cada poucos meses que nos acompanha. Mas você passou de uma briga verbal com ela a odiá-la. E agora isso?

— O que você quer que eu diga?

Eu sei o que ele quer. Ele quer que eu explique a mudança. Por mais que eu tenha tentado esconder isso dele, depois que fui preso, não consegui me controlar. Wren fez um ótimo trabalho para me evitar, correndo pelos corredores como se eu fosse comê-la no café da manhã.

E talvez seja por isso que eu não contei a Evan - porque ela me ouviu.

Ela ficou fora do meu caminho.

Contar isso a ele, *agora*, só prejudicaria a ele e a Wren, e eu não vou fazer isso.

— Eu quero a verdade.

Afasto as mãos de Evan de mim. — Não existe uma verdade misteriosa e abrangente. Não há uma explicação mágica para eu não gostar de sua irmãzinha. Mas eu... eu já superei isso, ok?

— Há uma explicação.

Nossas cabeças giram em torno disso.

Wren está no topo do corredor, torcendo as mãos. Lágrimas enchem seus olhos. — Há uma explicação, Evan. E a culpa é toda minha.

CAPÍTULO 21

Wren

— Wren, não.

Eu tropeço na réplica de Stone quando tomo a decisão de contar a verdade a Evan. A severidade em seu rosto me desequilibra, porque é estranho que ele de repente se mostre protetor. Evan olha entre mim e Stone com um pequeno vinco na testa.

— Sim. — Eu me aproximo dos dois.

O corredor não é longo, mas parece interminável com seus olhos grudados em mim. O restante dos meus colegas de casa está na cozinha, conversando entre si, então eu deixo tudo às claras, correndo para falar de algo que enterrei por anos.

— No dia em que ele foi preso... — Começo, recostando-me na parede com os braços cruzados sobre o peito para me proteger. Proteção contra o quê? De Evander me odiar, eu acho. — A culpa foi minha.

— Wren.

O tom de Stone provoca arrepios em meus braços, mas eu me recuso a olhar para aqueles olhos azuis sugadores de alma que acariciaram cada centímetro do meu corpo na noite passada.

— Pare com isso.

Ignoro Stone e olho para Evan. Ele está esperando pacientemente com as mãos nos bolsos, encostado na parede oposta a mim. O espaço entre nós parece tão grande quanto a distância que eu sei que vai afetar nossa confiança.

— Como isso foi culpa sua?

Eu engulo e olho para os meus sapatos. Meus pés estão doendo por causa do meu turno de trabalho, mas me mantenho ereta e choro. — Eu sabia que os cães farejadores de drogas estavam na escola naquele dia porque quando fui até o seu carro para tirar um cochilo, eu os vi e me assustei. — Uma respiração trêmula sai de mim, e tenho certeza de que a casa inteira está ouvindo, porque é possível ouvir um alfinete cair. — Meu pai me deu um pacote naquela manhã e, embora eu não tenha olhado, sabia que eram drogas.

Que merda. Por que é tão difícil reviver isso?

Passo as mãos pelo rosto e continuo olhando para meus sapatos. A lembrança é um disco quebrado que se repete sem parar. — Eu não queria que você se metesse em problemas e não queria que seus pais me odiassem. Eles eram os únicos adultos estáveis que eu tinha em minha vida. — Minha voz se embarga e tento superar o nó na garganta.

Stone dá um passo à frente e se move ao meu lado. Nossos braços se tocam, e eu olho para o toque.

— Então ela colocou as drogas embaixo da carroceria da minha caminhonete, sabendo que os cães iriam farejá-las e você estaria livre.

— O quê? — O sussurro de Evan é um tapa na minha bochecha. Ele me odeia. Eu sei disso.

— Sinto muito, — eu me engasgo. — Eu só sabia que Stone levaria um tapinha nas costas por causa do pai dele. Se eu fosse pega, perderia minha bolsa de estudos, e eu não conseguia imaginar isso. Era minha única saída e, se você fosse pego, seus pais seriam enterrados em custas judiciais e...

— Pare.

Meu pescoço estala quando olho para Evan. Stone dá um passo à frente, como se estivesse preparado para me resgatar se Evan me mandasse sair, mas em vez de Evan olhar para mim, ele olha para Stone.

— Então você sabia? E nunca me contou?

Stone dá de ombros, mas não diz nada. Ele não nega o fato e não oferece uma explicação.

Evan volta sua atenção para mim. — E é por isso que você o deixa intimidar você? Por que você acha que merece isso?

— Eu mereço, — respondo. — E se você quiser que eu me mude...

— Merecia. — A mão de Stone envolve minha parte superior do braço.

Inspiro com seu toque. É sincero, e não tenho ideia do que fazer ou como agir. Stone não é um cara legal, especialmente comigo.

— Você merecia minha frieza, mas eu não sabia o quanto era ruim. Eu não achava que as coisas eram tão preto e branco ou vida e morte. Agora, porém...

Evan coloca as mãos nos quadris e solta um suspiro exasperado. Ele olha fixamente para o aperto de Stone em meu braço. — Nunca pensei que veria o dia em que você, Stone Foster, colocaria outra pessoa antes de si mesmo.

— Ele ficou mole! — Archer grita da cozinha, permanecendo escondido atrás da parede.

Stone zomba e tira sua mão do meu braço.

Evan rola os lábios com um riso oculto, mas não acho nada engraçado.

— Você não está com raiva? Eu fiz com que seu melhor amigo fosse preso, tirado da escola algemado.

— Não estou com raiva. Não.

Estou agradecida, não me entenda mal, mas há uma parte repugnante de mim que quer que Evan fique com raiva, porque, independentemente de Stone e Evan concordarem, eu mereço. Eu trouxe a desgraça para o Stone há dois anos, e essa foi a razão pela qual ele postou uma foto estúpida minha e deixou meu pai saber do meu paradeiro, e agora a desgraça está chegando para todos nós. Alguém

esteve em nossa casa, em meu pequeno e estúpido quarto.

— Eu coloquei a tensão na amizade de vocês e causei tantas brigas entre os dois. — Levanto a mão no ar, consciente de que estou entrando em uma espiral. — Meu passado está vindo para me prejudicar, e vocês estão todos envolvidos porque eu moro aqui. Na verdade, quer saber, vou me mudar...

Stone se aproxima e coloca sua mão sobre minha boca, silenciando-me. Tento lhe dar uma cotovelada, mas ele é muito rápido e se esquiva do golpe.

— Fique. Quieta.

Eu mordo sua palma. Ele sibila entre os dentes, mas sua risada enche meu ouvido.

— Eu não amoleci, apesar do que todos nesta casa estão pensando no momento. Eu vou te morder de volta, Sticks.

Por fim, ele solta a mão, e todos estão nos observando frente a frente. Seu olhar é frio e quente ao mesmo tempo, causando pequenos arrepios por todo o meu corpo só de pensar em seus dentes tocando minha pele.

Ouço uma risada no fim do corredor e cruzo os braços, lançando aos meus colegas de casa um olhar fulminante do qual todos riem. — Estou me mudando.

— Por cima do meu cadáver. — Stone enfia as mãos nos bolsos e caminha até Evan, apoiado na mesma parede, esperando minha reação.

— Sobre todos os nossos cadáveres, — acrescenta Grant.

— *Ugh!* — Eu grito e saio pisoteando pelo corredor até meu quarto.

Eu me odeio pela sensação de alívio, porque sei que estou sendo egoísta. Meus colegas de casa são fortes e têm muita testosterona, o que os torna mais letais do que a *maioria* - especialmente no gelo - mas não são nada comparados a armas. E esse é exatamente o tipo de arma que meu pai e seus amigos doentes levam para todas as brigas. Não há lei que eles não quebrem para conseguir o que querem e, além disso, para sentir o gosto da vingança em suas línguas.

Abro a porta do armário - meu *quarto* - *e* fico incrédula. Há risadas borbulhantes vindas da cozinha, e eu arreganho os dentes. Giro, e Evan e Stone estão olhando para o teto como se a *Mona Lisa* estivesse pintada lá em cima ou algo assim. Os lábios de Evan estão puxados para dentro da boca, e a língua de Stone está pressionada na parte interna da bochecha enquanto ele finge que nada é incomum.

— Onde diabos estão minhas coisas? — Pergunto, olhando diretamente para Stone porque sei que ele é o único que faria isso.

Ele abaixa lentamente a cabeça e me atende com uma sobrancelha levantada. — Hm?

— Stone, — eu grito. — O que eu disse sobre entrar em meu quarto?

— Você quer dizer o armário? — Ele dá de ombros. — A porta está quebrada. Você terá de mudar de lugar até que a consertemos.

— Mudar de lugar?

Há algo familiar em seu olhar, e estou começando a lê-lo muito bem. Ele se aproxima de mim, e todos os outros desaparecem.

— Sim, — diz Stone, segurando meu queixo. — Você vai ficar comigo agora, Sticks.

Não.

Abro a boca para protestar, mas, de repente, estou voando e acabo pendurada em seu ombro largo. — Stone! — Eu grito em meio ao barulho. Olho para o meu irmão adotivo. — Evander! Faça alguma coisa.

— Desculpe, irmã. — Ele sorri. — Mas é para o seu próprio bem.

Estou chocada e insegura sobre como me sinto em relação ao fato de Evan e Stone não terem mais seu pequeno desentendimento sobre mim. — Vocês estão mesmo fazendo isso comigo agora?

O aperto de Stone em mim se torna mais forte quando chegamos ao topo da escada. — Ninguém vai fazer nada quando se trata de você.

Reviro os olhos. — Eu não quis dizer isso, Stone! Que nojo. Ele é meu irmão.

Sua risada vibra contra meu peito e, por fim, paro de tentar escapar e me inclino sobre seu ombro, por que qual é o objetivo? Não consigo escapar nem mesmo dele dentro da minha cabeça.

— Bem-vinda ao seu novo quarto. — Ele me deita na cama e aponta com o queixo para o meu travesseiro roxo. É o mais próximo da parede, bem ao lado do dele. — Esse é o seu lado.

Ouço a fechadura da porta e fico em silêncio. Ele se aproxima e se deita ao meu lado.

— E este lado é o meu.

Excelente.

CAPÍTULO 22

Stone

Eu me tornei um perseguidor completo. O que, após uma análise mais aprofundada, provavelmente não é o *melhor* para a Wren. Ela já está traumatizada o suficiente por compartilhar seus segredos. Mas depois da noite passada, deitado ao lado dela no escuro sem tocá-la, percebi que já era o bastante.

Esta casa está rapidamente se transformando em uma família, e a família protege uns aos outros por todos os meios necessários.

Eu a sigo do campus até a Shadow's, esperando até que ela tenha batido o ponto e amarrado o avental na cintura antes de entrar.

A recepcionista imediatamente sorriu para mim.

— Seção da Wren, — digo a ela.

— Você está sozinho esta noite, Stone?

É um pouco estranho que ela saiba meu nome. Mesmo assim, aceno para ela e forço um sorriso, depois olho por cima de seu ombro e percebo o olhar de Wren. Sua cabeça se volta para mim, com a testa franzida.

Azar.

A recepcionista me leva a uma cabine e, um instante depois de ela ter saído, Wren está praticamente respirando em meu pescoço.

— O que você está fazendo aqui? — ela sussurra.

Dou uma olhada ao redor. — Por que está sussurrando?

— Porque...

— Você está com vergonha? — Pego o cardápio e o coloco sobre a mesa. —

Eu só queria comer alguma coisa antes do treino...

Ela olha para o relógio e depois de volta para mim. — Você não vai ganhar meu desconto.

— Não teria desejado isso.

— E você tem que me dar gorjeta.

Eu me inclino em sua direção. — Se quiser minha gorjeta, *baby*, tudo o que precisa fazer é pedir.

Seus lábios se separam.

Caramba, ela é tão bonita. Ela coloca os cabelos escuros atrás da orelha e se endireita, o choque se transformando em uma falsa raiva. Porque ela não está realmente com raiva. Ela está fazendo o melhor que pode para esconder um sorriso.

— Se você precisar de um pouco de alívio do estresse no meio do turno, eu sei exatamente o que fazer.

— *Stone*. — Ela limpa a garganta. — Você quer fazer o pedido ou...

Reviro os olhos e peço uma água e o espaguete com almôndegas deles. Não é um lugar verdadeiramente italiano, mas eles conseguem manter o macarrão al dente. O que é bom o suficiente para mim.

Ela faz uma careta e se afasta, e eu pego minha lição de casa. Eu a coloco sobre a mesa e a examino até que ela retorne com a água e os talheres.

— Quanto tempo dura seu turno?

Ela dá de ombros. — Em uma segunda-feira? Provavelmente vão me liberar às sete.

O silêncio é total, e são quase cinco e meia.

— Ótimo, faça isso. Você pode vir comigo para o treino.

— Não.

Faço minha melhor expressão de ofendido. A julgar pelo franzir de seus lábios, no entanto, ela não cai nessa.

— Acho que seria de seu interesse, — digo lentamente.

— Não precisa me humilhar, Stone.

— Eu poderia arrastá-la até lá. — Eu me sento mais ereto, com os pensamentos perversos sobre o que exatamente eu faria para fazê-la ficar lá passando pela minha mente. — Você já foi fodida na área de penalidade, Sticks?

Ela geme. — Oh, meu Deus.

— Você quer dizer "*Oh, meu Stone*". É melhor praticar, porque é isso que você vai gritar mais tarde nesta noite... — Dou uma risadinha e pego sua mão. — Saia mais cedo e venha ao treino. Não me faça dizer "por favor".

— Você conseguiria? Dizer por favor?

Eu sorrio. — Talvez...

Ela suspira. — Vou dar uma olhada na minha outra mesa.

Assim que ela sai, deslizo para fora da cabine e me aproximo da anfitriã. — Quem está encarregado de liberar as garçonetes da noite?

A garota está muito... não sei, impressionada? Ela fica me olhando por um instante, e eu me lembro de que gosto da Wren porque ela não tem essa reação insana. Eu sou humano. Só porque jogo bem hóquei não significa que as meninas precisam se jogar aos meus pés.

Receber atenção nacional pela forma como jogo já é bastante prejudicial para o ego.

— Hum, eu, — ela finalmente responde.

— Ótimo. — Mexo em minha carteira e tiro uma nota de 50, empurrando-a para sua mão. — Certifique-se de que Wren esteja saindo na próxima hora.

Ela olha de mim para o dinheiro e depois de volta para cima. — Oh, hum...

— Obrigado! — Eu a deixo ali parada antes que ela possa mudar de ideia. As pessoas geralmente reagem melhor dessa forma - quando acham que você espera algo delas e não têm a chance de refutar.

Depois que a comida acabou, a conta foi paga e Wren recebeu a gorjeta exigida, olho para a garçonete e levanto uma sobrancelha.

Ela suspira, quase audível do outro lado da sala, e então se dirige a Wren.

Elas conversam um pouco e Wren se vira para me encarar. Ela arranca o avental e desaparece na cozinha, voltando com sua bolsa apenas um minuto depois.

— Pronta? — Pergunto na entrada da frente.

— Você é um idiota.

Coloco minha bolsa mais alta no ombro e, em seguida, arranco a dela de suas mãos. — Veja as coisas desta forma, Sticks. São apenas preliminares para ver o que posso fazer com *um* pau...

Ela me dá uma cotovelada.

Mas quase duas horas depois, o treino terminou, e Wren Davis ainda está me esperando.

Bem, espero que ela esteja esperando por mim. Ela definitivamente não parece estar prestando atenção em Evan, que lhe dá um olhar estranho antes de ir para o vestiário.

— Venha, Sticks, — eu chamo.

Ela zomba.

Coloco minhas mãos nos quadris. — Entre no gelo, Wren.

Ela fala alguma coisa. É uma escolha entre *"Não estou ouvindo"* e "*Vá se foder."*

— Isso não vai funcionar. — Eu patino em um círculo e volto. Aponto para a

porta que se abre entre a arquibancada e a área de pênaltis. — Por ali.

Ela levanta as mãos. Um momento depois, ela está se movendo pelas fileiras em direção à porta. Eu a encontro lá, destrancando-a por dentro e agarrando sua mão, apenas para arrastá-la mais rápido.

— Seu técnico acabou de sair do gelo, — ela respira. Sua mão pressiona meu peito. — O que está fazendo?

Pego a parte de trás de sua cabeça e me inclino para baixo. Nossos lábios se chocam e, embora demore um segundo, de repente ela está tão *envolvida* quanto na outra noite.

Parte de mim pensou que poderia ter sido um acaso. Que ela estava tão fora de si por causa do pesadelo, da presença de alguém em seu quarto, do *medo,* que simplesmente se agarrou a mim porque eu era uma distração voluntária.

Eu a pego e a coloco na borda ao lado da porta para o gelo. Ela abre as pernas, permitindo que eu me aproxime. Mordo seu lábio inferior. Ela geme em minha boca.

O som vai direto para o meu pau preso atrás da porra do protetor Eu a solto com uma mão e o arranco, jogando-o no banco atrás de nós. Eu me desloco para frente e pressiono meu tesão entre suas pernas.

— Diga que quer que eu toque sua linda bocetinha, Sticks, — digo contra seus lábios.

Arrasto minha boca por sua mandíbula. Ela inclina a cabeça, dando-me mais espaço para beijar e sugar seu pescoço. A vontade de deixar uma marca me invade. Suas mãos passam pelo cós da minha calça de moletom.

Isso está me deixando absolutamente louco.

Eu agarro seu cabelo e forço sua cabeça para trás, mordendo sua pele.

— Porra, — ela geme. — Estamos em público.

— Ninguém pode nos ver, — digo contra o ponto de pulsação dela.

Ela geme novamente. Minhas mãos estão sobre ela. Acaricio seus seios através da camiseta, depois deslizo para baixo e para dentro de sua calça. Ela faz um barulho quando meus dedos tocam seu clitóris, e ainda mais longe para se enrolar dentro dela.

— Alguém está excitada. — Eu me inclino para trás apenas o suficiente para sorrir para ela.

Ela agarra meu rosto e me beija novamente. Sua língua acende um fogo sob minha pele que eu não consigo controlar. Abro o botão de sua calça e a puxo para baixo, ficando de joelhos. Coloco suas pernas sobre meus ombros e dou uma piscadela para ela.

— Stone...

— Agora não. — Afasto a tira de sua calcinha que esconde sua boceta de mim.

— *Stone...*

Minha boca pousa em seu clitóris. Eu o lambo, sentindo o gosto de sua excitação, e meu pênis se contrai. Vou gozar só com isso.

Suas mãos se enroscam no meu cabelo, puxando-o como se ela tivesse o controle. Ignoro isso e deslizo meu dedo para dentro dela, bombeando para dentro e para fora no ritmo de suas respirações irregulares. Quando coloco um segundo dedo, seus quadris se mexem. Uma mão deixa minha cabeça para segurar a borda em que sua bunda está equilibrada.

— Foda-se, — ela sussurra. — Alguém vai nos ver.

— Eu não me importo. Você se importa? — Eu me afasto e me concentro em seu rosto. — Você quer que eu pare antes de você gozar?

Ela rosna. Eu ri, ainda movendo meus dedos dentro dela. É o suficiente para fazê-la balançar a cabeça.

— Boa menina, — murmuro.

Ela fica mais úmida.

— Minha garota gosta de elogios? — Eu a lambo lentamente, desde sua fenda até o topo de seu monte. — Seu gosto é tão bom, baby. Nunca mais vou precisar de outra refeição, desde que você mantenha sua boceta molhada para mim.

— Oh, eu odeio você, — diz ela. Só que seus olhos estão fechados, sua cabeça inclinada para trás contra o vidro.

Evito seu clitóris e brinco com o resto de sua boceta. Até que seus calcanhares se cravam em minhas costas e meu couro cabeludo dói com a força com que ela agarra meu cabelo. Só então eu me agarro a ela, mexendo e chupando até que ela esteja se soltando.

E quando ela explode, apertando meus dedos e arqueando as costas, ela grita *meu* nome. Meu sangue canta.

Meu pênis está latejando muito. Abaixo minha calça de moletom e me levanto, inclinando seus quadris e deslizando para dentro dela antes mesmo que ela pareça registrar o que estou fazendo. Eu seguro seu cabelo, mantendo sua cabeça inclinada para trás, e meu olhar se fixa no dela.

Eu a ataco sem nenhuma restrição. Sua boca está aberta, ofegante, e eu me inclino para baixo e a beijo com os lábios novamente. Nossas línguas dançam juntas, enquanto suas unhas arranham minhas costas sob a camisa. Forçando-me a ficar mais perto.

Será que eu parei para colocar uma maldita camisinha? *Não.*

Esperemos que ela não me mate por isso.

Minhas bolas se contraem e eu me afasto. Empurro a camisa dela para cima e bombeio meu pau uma, duas vezes. Não é a mesma coisa que estar dentro dela, mas é o suficiente. Gozo com força, derramando porra no abdômen e na barriga

dela.

— Droga, — ela sussurra. — Bem...

Enfio-me de volta em minha calça de moletom e observo enquanto ela ajeita a calcinha. Nós nem sequer a tiramos. Ela olha para o esperma e enruga o nariz, com a camiseta ainda enfiada até um pouco abaixo dos seios.

— Faça-me um favor, Sticks.

Sua sobrancelha se ergue.

Arrasto meu dedo pelo esperma em sua pele. — Deixe minha marca em você.

— Você é horrível.

— E você é minha. — Dou de ombros. — O que é justo é justo.

Ela ajusta a camiseta, ainda parecendo irritada, e veste a calça.

Eu me viro, de modo que minhas costas fiquem de frente para ela, e me agacho um pouco. Agarro a parte de trás de suas coxas.

— O que você está fazendo? — ela grita.

— Levando você para o vestiário, — eu digo. — Obviamente. Suba em minhas costas.

Quando ela o faz, com os braços em volta do meu peito, eu saio para o gelo e deslizo por ele em direção à abertura mais distante. Sua boca toca a concha da minha orelha. Arrepios surgem na parte de trás de meus braços.

— Você pode me deixar sozinha, em paz por um segundo, sabe. E não estamos no gelo...

Reviro os olhos e empurro a porta do vestiário.

Como esperado, estamos sozinhos.

Ela suspira e se senta enquanto eu tiro meus patins. Algo toca e ela tira o

celular da bota. Um toque diferente.

Estreito os olhos quando ela atende.

Silêncio.

Então...

— Por que está me ligando de um número desconhecido, Brad? — Sua sobrancelha está franzida.

Eu me levanto, mas ela me afasta.

— Não. Não me importa que você se arrependa. Não me ligue de novo. — Ela termina *a chamada* e joga o celular no banco ao seu lado.

Ficamos olhando um para o outro por um instante.

— Nem pense nisso, — ela adverte.

Levantei minhas mãos em sinal de rendição. — Eu não estava pensando em *nada*.

Definitivamente, eu não estava pensando que *o* maldito *Brad* acabara de ser transferido para o topo da minha lista de merdas.

CAPÍTULO 23

Wren

— Ele virá em todos os turnos? — Ally, uma das novas garçonetes, está com os cotovelos sobre o tampo do balcão.

Eu sigo sua linha de visão, embora não seja necessário. Eu sei a quem ela está se referindo.

Stone.

Só que, esta noite, são todos os meus colegas de casa. Até o Evan está participando.

É como uma piada de mau gosto que todos eles têm - observando cada movimento meu, seguindo-me pelo campus, forçando-me a ir aos seus estúpidos treinos.

Tento parecer irritada com isso, especialmente quando Stone tenta agarrar minha mão ou me puxa para perto enquanto me acompanha até o carro depois de cada uma das aulas, mas a verdade é que eu gosto.

Mais ou menos.

Meu estômago se revira e algo em meu peito borbulha. O calor em minhas bochechas não tem nada a ver com a temperatura, e sei que ele percebe o modo como fico corada toda vez que olha para minha boca.

— Ei, encha o copo aqui!

E o rubor se transforma em raiva, sem mais nem menos.

Inclino a cabeça na direção deles e olho fixamente.

Ally coloca a mão sobre a boca e murmura: — Oh, eu tenho que ver isso.

Pego a jarra de cerveja e me aproximo lentamente da cabine deles. —

Desculpe-me? — Digo da forma mais doce possível. — O que foi?

Stone se inclina para trás e descansa os braços sobre o couro rachado. Seu olhar desliza para a minha boca, mas isso não importa, porque meu rosto já está apertado de irritação. — Você estava falando de mim ali?

Ally bufa baixinho, mas eu ainda a ouço.

— Por que perderíamos nosso tempo falando sobre você? — Eu sorri maliciosamente. — E se vocês quiserem um refil, espero que usem suas maneiras.

Olho de relance para Evan. — Tenho certeza de que sua mãe o ensinou direito.

Ele dá uma risadinha. — Posso pedir mais uma dose, Vossa Alteza?

Reviro os olhos de brincadeira. — Você pode. — Eu passo por Stone e começo a encher o copo de Evan. Sinto arrepios em meu braço quando o hálito quente de Stone se choca contra minha pele. Isso mexe com um nervo bem no meio das minhas pernas, e lentamente movo meu braço para a direita, deixando de lado o copo de Evan de propósito. A cerveja cai no colo de Stone, fazendo parecer que ele se mijou.

— Porra, Wren. — Sua mão grande envolve meu pulso, empurrando-o para longe.

Uma risada suave sai de mim. Ally abafa um suspiro e coloca a mão sobre a boca, enquanto meus colegas de casa riem.

— Você se acha engraçada, não é? — Stone levanta uma sobrancelha, e ele é tão sexy que me dá água na boca. Sua arrogância costumava me fazer ficar vermelha, mas agora, formigamentos correm para meus dedos em antecipação ao que ele fará para retaliar.

— Eu sou engraçada, — respondo.

Eu giro em meu calcanhar e Ally me segue. Ela não começa a rir até que

estejamos em segurança atrás do bar.

— Isso foi de ouro. — Ela está praticamente pulando de alegria. Com os olhos brilhantes. — Stone é um dos caras mais populares do campus e ninguém tentou colocá-lo em seu lugar. A maioria das garotas do campus está nervosa demais para sequer olhar para ele. Mas você não.

— Isso é porque ele não me assusta. — Tenho que lidar com outras pessoas assustadoras.

— Ouuuuuu, — ela usa uma voz cantada. — É por que vocês dois estão transando?

Eu fico paralisada. — Quem disse isso?

— Suas bochechas coradas sempre que ele está por perto. — Ela faz uma pausa. — Ou a maneira como ele a olha, como se tivesse medo de que você escapasse por entre os dedos dele. Ou talvez o fato de que ele vai a todos os seus turnos e caminha com você pelo campus. Ou...

— Está bem, está bem! — Pego um pano e limpo o tampo do balcão para me dar algo para fazer. — Entendi! Você também está me seguindo por aí?

— Não. O que é ainda pior porque eu ainda notei.

Eu trago meu lábio e olho para a mesa deles. Todos estão preocupados, rindo e conversando, exceto Stone. Ele está olhando diretamente para mim, como se pudesse ler meus lábios e soubesse do que se trata nossa conversa.

Olho para Ally e desvio minha atenção dele. Parece errado fazer isso, mas não sei por quê. Simplesmente *parece*. — Você quer ir ao jogo comigo amanhã?

As sobrancelhas dela se erguem. — O jogo de hóquei?

Aceno com a cabeça, enrolando o pano úmido na mão. Não fui a um único jogo de hóquei nesta temporada - nem em nenhuma das temporadas anteriores, aliás - mas sei com certeza que Stone vai exigir que eu vá. É melhor me antecipar a ele.

— Sim, claro, — diz Ally, parecendo pensar no assunto. — Devemos ir para a fila dos atletas depois também? Ou seu grande e mau namorado vai perder a cabeça?

Eu a encaro, e ela ri de sua piada.

— Estou brincando! Vou buscá-la amanhã às sete. Basta me mandar uma mensagem com seu endereço.

— Ok. — Eu sorrio. — E eu tenho a coisa certa para nós usarmos.

Ally balança as sobrancelhas, mas sai correndo para cuidar de suas mesas um segundo depois.

— O que foi aquilo?

Eu me viro lentamente e vejo por que ela saiu correndo. *Traidor.* Stone está inclinado sobre o tampo do bar e eu fico na ponta dos pés para ver a mancha molhada em sua calça. Ri baixinho, e ele rosnou.

— Somos sua última mesa, certo?

Dou uma olhada ao redor dele. Os rapazes já saíram e o garçom já está colocando os copos vazios na pia.

— Sim. Parece que estou indo embora.

— Vou buscá-la nos fundos depois que pegar suas coisas.

Stone se vira e sai pelas portas. Franzo a testa, mas faço meu trabalho habitual, contando minhas gorjetas e deixando algumas para o ajudante de garçom. Bato o ponto e aceno para Ally antes de me virar e ir para a entrada dos funcionários.

O corredor está escuro, exceto por uma única luz que ilumina a porta do banheiro. Puxo minha bolsa para o ombro e dou um grito agudo quando a porta se abre e uma mão familiar agarra meu braço, puxando-me para dentro do banheiro.

A palma da mão de Stone está contra minha boca, de modo que meu grito soa abafado. Ele balança a cabeça ao mesmo tempo em que seus dedos descem até meu queixo, segurando meu rosto junto ao dele. — Você precisa estar carregando o spray. Eu poderia ter sido qualquer um agarrando você.

Eu engulo em seco porque ele está certo, mas é muito improvável que eu admita isso em voz alta. — Quem poderia me agarrar com você sempre à espreita nas sombras para me proteger?

— Proteger você? — ele sussurra. — Não sou eu que estou protegendo você.

A pia de porcelana corta a parte inferior das minhas costas quando Stone pressiona contra mim.

— Isso é vingança.

A piscadela dele fecha o negócio, porque sou massa de modelar em suas mãos. Minha língua se abre e, pelo modo como seus olhos brilham sob a luz fraca do banheiro, sei que ele gosta.

— Sobre o que você e sua amiguinha estavam conversando?

Meus dedos escorregam contra a porcelana quando me aproximo e me firmo na pia. Inclino meu queixo e dou a Stone acesso ao seu ponto favorito. Seus dentes roçam meu pulso pulsante, e a batida aumenta.

— Não é da sua conta, — eu provoco.

De repente, estou virada de costas e nos olhando no espelho sujo. Minha cabeça voa para trás com o dedo de Stone enganchado embaixo do meu elástico de cabelo. Meu cabelo cai em cascata pelos ombros e eu suspiro de prazer quando ele joga o elástico preto na pia.

— Tudo sobre você é da minha conta, baby.

— Stone, — eu digo, entre a empolgação e a irritação.

— Wren, — ele responde, depositando um beijo em meu pescoço. — Diga-

me sobre o que vocês duas estavam cochichando? Dizendo a ela como eu sou bom de cama?

Seu sorriso é um leve toque em minha pele. Eu expiro pelo nariz e tenho dificuldade em sugar o ar de volta. — Eu disse a ela que você era péssimo na cama.

Sorrio com sua risada sarcástica, mas o forte empurrão em minhas costas abafa o barulho. Nunca fui de ficar brincando em qualquer lugar que não fosse um quarto com a porta trancada, mas depois que ele me levou para o rinque, acho que isso pode ser a maior excitação de todas. — Você acha que eu serei tão terrível nesse banheiro nojento de funcionários quanto sou no quarto?

Vamos descobrir.

Eu o empurro para trás, apreciando seu grunhido. Suas mãos voam para minha cintura e ele me empurra para frente. Eu me arrepio com o domínio que ele exerce e quase me viro e caio de joelhos para mostrar a ele que estou à sua mercê. Eu nunca faria tal coisa, mas quero fazer.

A maneira como sua mão acaricia a curva da minha bunda me faz encontrar seu olhar. Ele sorri ao ouvir o som do zíper da minha calça jeans, e eu jogo a cabeça para trás ao sentir o ar roçar minha pele.

— Diga-me sobre o que vocês duas estavam conversando, ou eu lhe pagarei muito mais do que pretendo.

O que isso significa?

Um gemido sobe pela minha garganta quando seu polegar toca meu clitóris. *Que se dane.*

— Eu lhe pedi... — Agarro a pia com mais força. — Para ir ao jogo de hóquei comigo amanhã.

A mão de Stone para de se mover e ele se afasta, colocando espaço entre nós. — O quê?

— Eu... perguntei se ela queria assistir ao jogo comigo amanhã. Na arquibancada.

Seu folego é alto o suficiente para que eu possa ouvir. — Você virá ao meu jogo?

— Achei que vocês jogariam melhor se não tivessem que se preocupar com o fato de eu estar sozinha em casa.

— Porra, Wren.

Minha calcinha desce pelas minhas pernas e a mão de Stone se espalha pelas minhas costas. Minhas costelas doem por causa da pia que corta o osso, mas a dor dura apenas um segundo quando ele me preenche.

— Isso é demais para mim.

Levanto o braço até o ombro e agarro sua mão que me mantém firme. Ele bombeia em mim lentamente, sibilando entre cada respiração e extraindo prazer de mim como se fosse seu passatempo favorito. Acho que ele nem parou para colocar uma camisinha, e me sinto bem demais para obrigá-lo a fazer isso agora, como quando estávamos no rinque e eu tinha medo de que alguém nos visse.

— Você é tão gostosa, e saber que você fez algo para que eu pudesse jogar melhor é muito excitante, — ele murmura contra a minha pele antes de morder o lóbulo da minha orelha.

Uma pitada de prazer corre para o meu sangue, e eu gemo.

— Essa é uma boa garota, já está apertando meu pau.

Foda-se.

Estouro pelas costuras quando ele inclina meus quadris e desliza rapidamente para atingir o ponto que preciso. Sua boca captura a minha, e nós dois paramos de nos beijar assim que meu orgasmo atinge o pico.

— Porra, sua boceta está me ordenhando, Sticks.

Ele me deixa vazia quando se afasta e me vira, puxando apressadamente minha calça jeans para cima e se derramando por toda a frente dela. Minhas sobrancelhas se franzem com o ato e, quando ele solta a respiração e acalma seus pulmões em ascensão, ele me lança o olhar mais arrogante que já vi.

— Vingança, lembra? — Seu olhar recai sobre minha calça, que agora está molhada e pegajosa.

Estou cega demais pelo prazer que percorre meu corpo para perceber a que ele está se referindo. Sem recuar, permito que ele pegue minha mão e a pressione na bagunça que ele deixou contra o jeans. — Agora parece que você também se mijou.

Meus lábios se separam e ele deposita um beijo rápido neles antes de se recompor e abrir a porta. O ar fresco entra e a névoa no espelho desaparece rapidamente quando ele me puxa, deixando meu laço de cabelo na pia como uma pequena lembrança do que acabamos de fazer.

Não preciso mostrar a Stone que estou à sua mercê.

Ele já sabe.

CAPÍTULO 24

Stone

Minha paixão obsessiva por Wren está *bem*. Não está fora de controle. Não está tomando conta da minha vida. Não estou pensando nela constantemente.

Tenho hóquei para pensar. Especialmente porque ela se ofereceu para ir ao jogo hoje à noite.

Fecho meu laptop e arrumo minha bolsa, depois me inclino para trás e olho para Wren a quatro mesas de distância. Ela está de costas para mim, debruçada sobre seu notebook. Somos as duas únicas pessoas estudando na biblioteca. É dia de jogo e acho que todos, exceto Sticks, decidiram dormir até mais tarde.

Assim que ela saiu esta manhã, passando por cima de mim e se vestindo no banheiro como uma covarde, eu pulei fora e a segui.

Depois de Wren, na recepção, a única funcionária estudante está com a cabeça enfiada em um livro.

Coloquei minha bolsa no ombro e me aproximei de Wren. Ela está com fones de ouvido. Totalmente distraída.

— Ahh! — grito, colocando minhas mãos sob seus braços e puxando-a para trás da cadeira.

Ela grita, se debatendo enquanto eu a levanto sobre meu ombro. Ela levanta as pernas até o peito e seus braços vão para todos os lados. Sua mão bate na lateral do meu rosto, com os dedos cravados em minha boca, e não consigo conter o riso. Eu a deixo de pé e a giro.

Assim que ela percebe que sou eu, sua boca se abre.

Eu comecei a rir. — Desculpe, Sticks, — eu sussurro. — Esse é o seu plano de defesa para quando alguém a agarra? *Se sacudir?*

Seu rosto está ficando vermelho. O rubor sobe por seu pescoço, e sua boca se abre e fecha. Limpo as lágrimas dos meus olhos enquanto ela fica mais irritada a cada segundo.

A funcionária dá uma olhada para nós, mas eu a ignoro.

— Vamos lá, baby. Talvez você devesse fazer uma ou duas aulas de autodefesa...

— Você, seu *babaca*, — grita ela, empurrando-me um passo para trás.

Pego seus pulsos e a arrasto de volta. Eu a beijo antes que ela possa me impedir, mordiscando seu lábio inferior. — Mmm, — sussurro, — você deveria ter ficado na cama comigo.

— Tenho que estudar, — diz ela.

Sim, sim.

Solto seus pulsos e ela endireita a camisa. Ela dá a volta na mesa e se dirige à cadeira caída, bufando com força suficiente para que mechas de seu cabelo escuro saiam flutuando na frente de seu rosto.

Ela está adoravelmente fora de si.

Quando ela volta a se sentar, franzo a testa. Eu me ajoelho na cadeira ao lado dela.

— O que você está fazendo? — pergunta ela, com a voz cautelosa.

— Você é bonita quando está irritada. — Coloco seu cabelo atrás da orelha e deixo meus dedos percorrerem a lateral de seu pescoço.

Ela coloca os fones de ouvido de volta.

Pontualmente.

Dou uma risadinha para mim mesmo e me inclino para trás, observando a lateral do rosto dela. Ela volta a ler alguma coisa, com os lábios se movendo. Até que seu celular acende entre nós, e sua atenção se volta para a tela.

— Você não vai atender? — Eu me desloco para frente.

Número desconhecido.

Wren vira o telefone de cabeça para baixo.

— Você sabe quem é?

Ela dá de ombros. — Não. Eu não sei. Talvez.

— Isso parece suspeito. — Eu estreito meus olhos. — Sticks?

— Pare de me chamar assim, — ela sibila. — E isso não é nada.

Pego seu celular. Ela faz um barulho de protesto, mas não me impede de usar seu rosto para desbloqueá-lo e depois ir direto para as chamadas recentes.

Meia dúzia de ligações de *números desconhecidos* de hoje e de ontem. Apenas uma, a primeira, foi atendida. E ela disse que era o ex dela.

— Brad? — Eu me esforço para dizer.

Ela apenas dá de ombros.

Balanço a cabeça para ela e envio uma mensagem de texto para Archer.

E uma segunda para Evan.

Vinte minutos depois, os dois rapazes se juntam a nós na biblioteca. Archer está com a mochila da escola pendurada no ombro e duas xícaras de café. Ele se acomoda na poltrona em frente à Wren.

Ela puxa os fones de ouvido novamente, olhando para mim.

— O quê? — Levanto minhas mãos em sinal de rendição.

— Eu não preciso de *babá*.

Eu zombo. — Archer é uma excelente babá. E, ele e eu temos alguns negócios a tratar.

Arch sorri. — Você não quer passar um tempo comigo, Wren? Trouxe café para você... — Ele desliza uma das xícaras em direção a ela.

Ela belisca a ponta do nariz e espera um pouco. Talvez controlando seu temperamento. Mas, por fim, ela abaixa a mão e aponta para ele. — Eu preciso *estudar*. Nada de falar. Nada de música alta. Nada de distrações.

Ele levanta um ombro. — Tudo bem, tenho um trabalho de economia para entregar na quarta-feira.

Ela toma um gole do café e acena com a cabeça. — Isso é um suborno. Mas eu aceito.

— Perfeito. — Puxo uma mecha do cabelo de Wren. — Até logo, baby.

Wren franze os lábios, e eu a deixo com um sorriso. Ele cai de meus lábios quando estamos do lado de fora, e olho para meu melhor amigo. As coisas têm sido um pouco estranhas desde... bem, na verdade, desde que Wren se mudou para a casa. Às vezes, eu o vejo me observando com uma expressão estranha. Como se estivesse pensando em algo, ou suspeitando de algo, mas depois ele deixa isso de lado.

Isso só piorou com a confissão de Wren. Eu não queria que Evan soubesse por que era meu assunto com Wren. Manchar o relacionamento dela com seu irmão adotivo não faria bem a ninguém.

Estamos a uma quadra de distância da biblioteca quando Evan finalmente fala.

— Para onde estamos indo? — Ele faz uma careta. — Sua mensagem foi um pouco vaga. E muito *cedo*. Afinal, o que há entre você e a Wren? Vocês estão...

Eu lhe dou uma cotovelada. — Se você está prestes a me perguntar algo que não quer saber a resposta, sugiro que se cale. Porque eu vou lhe responder. Explicitamente.

Ele faz uma careta. Mas então... — Você não me contou sobre as drogas.

— Que drogas?

— Na escola. Quando você foi retirado do refeitório, *preso* e... não me

contou sobre as drogas deixadas no seu carro. Tudo o que disse foi que foi um mal-entendido. — Ele parou.

Eu o encaro no caminho e o afasto. — *Foi* um mal-entendido. Eles pensaram que eu era um traficante de drogas, mas... eh, tanto faz. Águas passadas.

Menos a parte em que ameacei Wren para ficar longe de mim.

Ele suspira e volta a caminhar.

Reviro os olhos. — Estamos bem agora. Eu e ela.

— Ela derramou cerveja em seu colo há menos de doze horas. E você diz bem?

Bem, tudo bem. Eu sorrio. — Acho que me odiar é a linguagem do amor dela. Significa apenas que ela se importa. De qualquer forma, não se trata disso. O treino do time de futebol está acabando agora.

Evan resmunga. — Isso não é sobre *isso*? Mas é sobre o time de futebol?

No tempo que eles levaram para chegar à biblioteca, eu fiz algumas buscas. Era isso ou continuar olhando para a Wren. E por mais sedutora que ela seja, não sou tão importuno assim.

Papai sempre dizia que havia exatamente uma maneira de conhecer o inimigo. Ou, bem, ele costumava dizer adversário. E, sem dúvida, ele estava falando de promotores públicos. Mas o conselho dele pode ser aplicado à escória traiçoeira de um ex-namorado.

Essa filosofia também me foi incutida pelos treinadores de hóquei desde que eu tinha idade suficiente para me importar. Assistir a fitas de jogos, analisar jogadas.

Não é de se surpreender que eu tenha gastado meu tempo com sabedoria. Ou seja, caçando todas as informações nas plataformas de mídia social sobre nosso querido *Brad*. Até mesmo seu nome cheira ao lixo que se esconde sob sua pele.

— Você não fez nenhuma pesquisa, não é? Mesmo quando a Wren apareceu em sua porta após o término do namoro? Você não pesquisou sobre ele?

Evan tem a boa graça de parecer um *pouco* envergonhado.

Eu seguro meu celular. Mais especificamente, a página de mídia social do idiota traidor, que o destaca no time de futebol.

— Ele continua ligando para ela de um número privado, — acrescento.

— Como é? — Evan franze a testa.

Levanto minhas mãos. — Eu sei! Como se a Wren já não tivesse coisas suficientes com que se preocupar. Sei que estamos cuidando dela e que a protegemos, mas, sinceramente. Quando isso vai acabar? Os pesadelos praticamente pararam. Mas ela não se preocupou em contar a nenhum de nós sobre essa pessoa que ligou...

— Como ela sabe que é ele? — ele pergunta.

— Ela atendeu a primeira chamada. Ignorou as demais.

Ele grunhe.

Chegamos ao campo no momento em que a equipe estava terminando o treino. Apontei para Brad, um babaca alto e bem mediano. Ficamos parados e observamos por um longo momento enquanto minha raiva aumenta lentamente.

Quanto mais eu o analiso, mais sei que Wren estava perdendo seu tempo. Mas isso não nega o fato de que ela confiou nele e ele *a traiu*.

O técnico vai embora com alguns jogadores, desaparecendo ao redor do único prédio permanente do campo de treinamento e indo em direção ao campus. Brad e outro jogador estão pegando pequenos cones laranja no campo.

Eu me dirijo a ele, deixando Evan correndo atrás de mim.

— Você tem um plano? — sussurra meu melhor amigo.

— Sim.

Não há momento melhor do que o presente para jogar a cautela ao vento.

— *Stone*...

— Ei, — eu chamo. — Alto, moreno e idiota.

Brad se endireita. Ele me reconhece e, uma fração de segundo depois, percebe o que eu disse. Isso fica óbvio pela irritação que toma conta de sua expressão.

Mas a questão é a seguinte: caras como Brad, seja lá qual for seu sobrenome, merecem apodrecer no inferno. Como ele pode namorar alguém como Wren Davis e achar que ela não merece todo o amor do mundo? Como ele pôde olhar para outra pessoa quando *a* tinha? Muito menos *transar com outra* pessoa.

— O que está acontecendo, Foster? — Brad pergunta. — Parece que você tem um pau na bunda.

Cerro os dentes e fecho os punhos.

Estou a três metros de distância. Em seguida, dois.

Evan me agarra, mas suas mãos deslizam para fora do meu ombro. — Stone, não...

Dou um soco em Brad o mais forte que posso.

No nariz.

A dor irradia pelo meu braço, familiar e nova - não tão mascarada pela adrenalina do dia do jogo como durante as lutas de hóquei. Mas vale a pena, pois o canalha se dobra como um acordeão. Há sangue saindo de seu nariz, mas ele não se move.

Evan parou ao meu lado e, tardiamente, agarrou meu braço.

E eu nem cheguei a avisá-lo para não ligar mais para a Wren.

Ficamos olhando para ele, e os colegas de time de futebol começam a gritar do outro lado do campo.

Olho de relance para Evan e dou de ombros. — Tarde demais.

Ah, bem. Brad não tinha a menor chance.

CAPÍTULO 25

Wren

Bem, estudar foi um fracasso.

Bato a porta da frente, e Archer grunhe um momento depois.

Ele entra e faz beicinho. — Vamos lá, Wrenny. Não fique brava comigo. Eu só estava fazendo um favor aos rapazes.

Cruzo os braços sobre meu peito bufante depois de deixar minha mochila cair no chão. — E onde *estão* os rapazes?

— Estamos bem aqui, baby. — Os braços de Stone me envolvem.

Estou no limite.

Levanto o pescoço e olho para a linha de seu maxilar, perguntando-me por que ele está sendo tão... *gentil*. Minhas sobrancelhas se franzem e olho para o resto dos meus colegas de casa.

Evan não me olha nos olhos, e é assim que sei que ele está tramando algo.

Os braços de Stone caem quando arqueio as costas e dou uma pancada nele. Ele sibila, e meus colegas de casa riem.

— O que você fez?

Ele não consegue falar. Está muito ocupado com a respiração ofegante e com as mãos nas bolas. Evan está olhando para o teto novamente com as mãos nos bolsos.

— Evan...

— Ah, não, não precisa. — Ele balança a cabeça. — Vocês dois não vão me colocar no meio disso.

— Então você não aprovou? — pergunta Stone, respirando fundo.

Evan meio que encolhe os ombros.

Eu me concentro nas mãos de Stone, que ainda estão segurando suas bolas.

— Por que seus nós dos dedos estão vermelhos?

— Eu bati em um idiota.

Corro para a frente e pego sua mão, esfregando meus dedos sobre o inchaço. — Você tem um jogo mais tarde! Por que você faria isso...

Não se ouve nenhum ruído quando meu telefone começa a vibrar na bolsa. A atenção de todos está voltada para ele.

Antes de dar um passo à frente, pressiono os nós dos dedos vermelhos de Stone. — Fique parado.

Sua boca se contrai.

Quando pego meu telefone, fico confusa. Mas só por um momento.

— Você bateu no Brad, não foi?

— É ele que está ligando? — Os olhos de Stone se arregalam.

Levantei minha mão. — Não se atreva, Stone Foster!

Não adianta tentar encontrar alguma privacidade nesta casa, não depois que os caras decidiram que eu precisava de um guarda-costas o tempo todo, então coloco o telefone no ouvido e digo: — Alô?

— Que porra é essa, Wren?

— Viva-voz, agora, — Stone sussurra.

Eu lhe dou o dedo, e Evan ri. A voz de Brad me dá nojo.

— Sério que você mandou seu namorado psicopata me atacar por ter ligado para você *uma* vez?

Por que voltei a gostar dele?

— É melhor ele tomar cuidado com o modo como fala com você.

Eu me desloco para trás para que Stone possa parar de usar sua audição supersônica e ouvir a conversa.

— Uma vez? — Eu pergunto. — Recebo várias ligações *desconhecidas* por dia, Brad.

— Bem, não sou eu! — ele argumenta.

— E você quer que eu acredite em você? Você me traiu por meses e mentiu na minha cara. Como eu poderia acreditar em algo que você diz?

— Maldito bastardo.

— Talvez devêssemos nos revezar para dar um soco nele?

— Sim, porra.

Olho para os rapazes, que estão todos olhando para mim com os braços cruzados. Cada um deles está fazendo uma careta, e eu zombo. Não preciso que eles lutem minhas batalhas por mim. Eu estava me saindo muito bem ao afastar o Brad.

— Bem, acredite no que você quiser. Eu liguei uma vez e ocultei meu número porque achei que você não atenderia se soubesse que era eu.

— Bem, você pensou certo. Não me ligue novamente.

— Nem pense nela de novo, — diz Stone.

Empurro Stone para trás, e ele vai de bom grado, sorrindo o tempo todo.

Brad xingou em meu ouvido. — Diga ao seu namorado psicótico, jogador de hóquei, que se ele me tocar de novo, ele estará acabado.

Eu desligo e fico olhando para Stone do outro lado do corredor. — Você é inacreditável!

A mão de Stone se estende para a frente, e acho que ele vai me puxar para tentar acalmar minhas frustrações, mas, em vez disso, ele pega meu telefone.

Todos estão inclinados sobre seu ombro enquanto ele folheia minhas chamadas perdidas.

— Você está mudando seu número, — ele murmura.

Seu dedo continua a rolar.

— Com certeza, — diz Evan.

— Se não é o Brad que está ligando, quem é? — pergunta Grant.

Tento rir, mas ele morre na borda dos meus lábios quando vejo que são todos sinceros. — Você não pode estar falando sério. Quer que eu mude meu número? Não posso fazer isso.

— Por que você não pode? — Stone vira a cabeça para os rapazes.

Eles sobem as escadas. Espero até que estejam fora de vista antes de arrancar meu telefone da mão dele.

— Porque... — A palavra permanece entre nós. — Não posso me dar ao luxo de simplesmente conseguir um novo número. Já passei por isso, já fiz isso. Não posso continuar mudando meu número.

Seu revirar de olhos é mais uma rejeição. — Eu cuidarei disso.

Piso como uma criança pequena. — Não.

— Wren. — Seu tom é quase de raiva.

Meu lábio salta para fora. Em seguida, sou esmagada contra seu corpo, e ele inclina meu queixo para que eu encontre seu rosto.

— Sei que você está acostumada a ser independente, mas terá que se acostumar comigo cuidando de você.

Não digo nada e deixo que ele encoste seus lábios nos meus. Isso me acalma por um segundo antes que ele me solte e suba as escadas.

— Oh. — Ele dá uma olhada por cima do corrimão, e fico desconfiada de seu sorriso. — Coloquei um rastreador no seu celular, então, se você decidir

tentar se vingar por ter batido no seu ex e não aparecer no meu jogo, poderei encontrá-la.

Minha boca cai enquanto olho para o dispositivo em minha mão. — Você é ina...

— *Inacreditável,* — ele conclui para mim. — Eu sei. Vou lhe mostrar mais tarde como sou realmente inacreditável.

Ignoro como minha barriga cai com suas insinuações sexuais.

Estou mais do que feliz em comparecer ao jogo dele, mas ainda assim vou retribuir e mostrar que ele não pode simplesmente entrar na minha vida e controlar tudo.

* * *

— Uau, então é assim que é viver com um bando de jogadores de hóquei bonitões.

Fecho a porta da frente atrás de Ally, mas não sem antes dar uma olhada para a esquerda e para a direita, certificando-me de que não há nenhum carro suspeito escondido à vista de todos. A lua está aparecendo, e eu realmente queria chegar à arena antes do pôr do sol.

Eu me recuso a dizer qualquer coisa aos rapazes, mas estou um pouco desconfortável depois de descobrir que não é o Brad que está me ligando várias vezes ao dia. Eu sei quem está por trás disso, mas se eu não disser em voz alta, não terei que encarar isso.

— Jogadores de hóquei bonitões? — Eu me irrito com seu elogio. — Não diga isso na frente deles. Eles tentarão entrar em suas calças.

Ela ri. — Exceto Stone. Ouvi dizer que ele gosta de entrar nas calças de apenas uma pessoa... no banheiro dos funcionários.

Eu tropeço na escada. Ally solta uma gargalhada antes de agarrar meu braço e evitar que eu caísse de cara no chão, o que não seria a pior coisa do mundo, pois assim eu poderia culpar o chão pelo meu rosto vermelho em vez do constrangimento.

— Oh, meu Deus. Quem lhe disse isso?

Entramos no meu quarto, e ela dá uma olhada ao redor. As cobertas estão bagunçadas e o material escolar do Stone está ao lado do meu na escrivaninha. Minhas roupas estão no chão e, ao lado da minha camiseta, está a de Stones.

— Espere, você também está morando com ele? Uau, vocês dois são o máximo.

— Quem lhe contou sobre o banheiro dos funcionários? — Espero que não tenha sido meu chefe. A última coisa de que preciso é ser demitida do meu emprego.

— Relaxe. — Ela acena com a mão no ar. — Eu vi vocês saindo. Ninguém mais sabe, e seu segredo está seguro comigo.

Eu sacudo meus dedos. — Ufa. Obrigada.

Ela acena com a cabeça e abaixa o cabelo, passando os dedos pelas mechas douradas. — Mas só um aviso, aquele homem é obcecado por você.

— Ele não é, — argumentei antes de trabalhar em meu próprio cabelo. Meus fios castanhos se entrelaçam entre os dedos quando os prendo em um coque alto, afofando as pontas para dar um pouco de volume. Penso no Stone e em como ele colocou um rastreador no meu celular. Certo, tudo *bem.* — Ele é possessivo. Não é obcecado.

Ally para de passar o batom. — Não vejo a diferença.

Meus lábios se contraem porque ela tem razão. Então nós duas rimos, e tenho que admitir que é bom ter uma amiga novamente. Tive algumas conhecidas aqui e ali, a maioria delas namoradas de amigos do Brad, portanto,

nenhuma que desse em alguma coisa. Ainda falo com Jasmin pelo menos uma vez por semana, mas ela não frequenta Shadow Valley, então não é muito comum nos encontrarmos.

— Quer ser travessa comigo? — Pergunto a Ally.

Sorrio para mim mesma enquanto me dirijo à porta do quarto.

— Isso envolve irritar o Stone? Porque, depois de ver a reação dele quando você jogou cerveja no colo dele na outra noite, estou totalmente disposta.

— Mmm-hmm. — Pulo para o quarto de Archer.

Aceno com a cabeça para a porta do Evan. — Vá até lá e pegue a camisa de jogo do Evan. Você vai usá-la hoje à noite.

Ally faz uma pausa. — E você está vestindo... não a do Stone? Presumo que sim, pelo modo como está sorrindo.

Eu respondo. — Correto. Vou lhe dar uma pequena lição.

Nós nos encontramos no corredor com as camisetas nas mãos e rimos como colegiais. Começo a me despir, mas Ally coloca sua mão em meu braço.

— Espere, por que há uma câmera no canto?

Estou de pé, apenas com meu jeans e sutiã, quando o sangue escorre do meu rosto. — O quê? — Olho na direção que ela está apontando e vestindo a camiseta antes de agarrá-la pela mão e desaparecer no meu quarto.

Nós duas olhamos para os cantos e não encontramos nada. Corro para pegar meu telefone, mas paro quando vejo uma mensagem na tela. Ally está olhando por cima do meu ombro, e o estrondo de sua risada silenciosa vibra contra minhas costas.

Stone: É bom que seja a minha camisa que esteja usando.

— Oh, meu Deus! — Meu queixo se abre. *Ele colocou câmeras?*

— Veja. — Ally está claramente se divertindo. — Obcecado.

Meus dedos voam sobre a tela com raiva.

Eu: Está brincando comigo? Está me espionando agora?

Eu: Isso é totalmente desnecessário e inadequado!

Abro a porta do nosso quarto e a deixo bater contra a parede. De costas para a câmera no canto, olho por cima do ombro e dou uma piscadela antes de voltar para o meu quarto.

Ally enrola os lábios. — Isso é tão divertido.

— Ele é inacreditável. Juro por Deus.

Stone: Tire-a. Agora.

Eu: Você não é o meu chefe.

Stone: Você se arrependerá de ter dito isso.

Enfio meu telefone no bolso de trás e Ally me segue pela casa enquanto procuro o resto das câmeras. Pego uma cerveja da geladeira para nós duas e bebemos sem dizer uma palavra. Parte de mim quer derrubar as câmeras e esmagá-las com um taco de beisebol, mas a outra parte de mim se sente um pouco melhor sabendo que, se alguém invadisse a casa, teríamos tudo filmado. Não tenho ideia se o resto dos rapazes está envolvido nisso, mas isso não importa. O que importa é que Stone guardou isso para si mesmo, e isso me irrita. Ele está me tratando como uma criança, e eu não gosto disso.

— Você vai tirar a camisa? — Ally joga nossas garrafas de cerveja no lixo.

Eu olho para ela e sorrio. — Absolutamente *não*.

CAPÍTULO 26

Stone

Tenho certeza de que a odeio.

A imagem de Wren vestindo a camisa de *Archer*, com o sobrenome dele estampado em seus ombros, está gravada em minha mente. Quer dizer, é como se ela quisesse que eu não conseguisse me concentrar.

São necessários alguns golpes fortes para que eu me concentre no jogo. Mas assim que fico parado, recuperando o fôlego no banco, me pego procurando por ela nas arquibancadas. Ou, alternativamente, olhando para Archer.

O pobre coitado não faz ideia de porque estou olhando para ele com desprezo.

Evan se acomoda no lugar ao meu lado. — Cara.

Olho para ele e depois para os jogadores no gelo.

— Canalize toda essa raiva para o jogo. — Ele me dá uma cotovelada. — É o mínimo que você pode fazer.

Eu respiro fundo. Ele tem razão. Tenho uma saída que não estou usando. Concentro-me na maneira como Wren me faz sentir - em uma palavra, *irritado* - e me levanto sem responder. Vou até o fim da fila para ficar na porta. Quando nosso outro ala esquerdo patina em direção à parede, eu ocupo seu lugar no gelo sem problemas.

A ideia de Evan funciona. Eu ando de patins mais rápido, jogo mais forte. Persigo o disco com uma fúria obstinada, derrotando meu oponente várias vezes. Passo por cima do taco de um jogador e dou o passe para Sully, que o devolve para mim. Minha atenção já está voltada para o goleiro, que se inclina e avança para me encontrar.

Eu empurro o disco para frente. Ele ricocheteia no bloqueio do braço do goleiro, voando em direção a Grant. Grant para Sully, de volta para Grant. Para Evan, que se juntou a nós na última troca. Um defensor do outro time está bem perto de mim, e eu o empurro para trás. Ele me empurra novamente. Eu grunhi um palavrão e me coloquei na frente dele, exatamente quando Evan passou o disco para mim.

E, sem pensar, eu chuto.

O instinto e os treinos, juntamente com inúmeras horas de prática, criaram uma memória muscular na qual posso confiar sem pensar. Portanto, quando o disco passa por baixo do joelho do goleiro um segundo antes de ele o soltar, e a luz atrás do gol pisca em vermelho para sinalizar um gol, não fico realmente *surpreso*.

Mas deixo que isso seja um bálsamo momentâneo para minha raiva.

Levanto as mãos e sou imediatamente cercado pelos meus colegas de equipe. A comemoração parece distante. Estou feliz, mas não de verdade. Só quero bater na cara do goleiro ou do cara que fica me atrapalhando.

Evan dá um tapinha em meu capacete. — Muito bem canalizado.

Reviro os olhos.

O jogo recomeça e eu estou quente. Meu sangue está cantando. O outro time pega o disco e vai em direção ao nosso gol. Eu miro no jogador que está com a posse do disco e o bato contra as traves. A pancada é muito forte, e o protetor bucal de plástico evita que meus dentes batam.

— Qual é a porra do seu problema, Foster?

O jogador defensor agarra a parte de trás da minha camisa, impedindo-me de correr atrás do disco. De qualquer forma, ele já se foi há muito tempo. Ele foi jogado para trás do gol. Taylor o pega longe do perigo, longe de Archer na dobra.

Eu me viro e empurro o idiota para longe de mim. — Meu único problema é você, idiota.

Ele me empurra para trás. Um golpe certeiro de suas mãos e um bastão em meu peito. Eu me inclino para trás em meus patins. Ele quer brigar? Eu também. Eu me desfaço do meu taco, das minhas luvas, e ele se espelha em mim. Fazemos um círculo, e eu o encaro com desprezo.

— Covarde de merda, — eu grito. — Não comece algo que você não pode terminar.

Ele se lança contra mim. Nós nos agarramos e, de longe, ouço outro apito sendo soprado. O rugido da multidão se mistura ao sangue que corre em meus ouvidos. Ele derruba meu capacete e eu faço o mesmo com ele. Eu o arrasto para mais perto e o acerto em cheio na boca.

Sua cabeça se volta para trás, os olhos se arregalam de raiva.

Quando ele bate de volta, é como um maldito martelo em minha maçã do rosto. Deixo que o impulso mude meu peso e uso-o para me manter ereto. Trocamos golpes assim até que o sangue enche minha boca. Acho que está vindo do meu nariz. De qualquer forma, ele se cansa antes de mim e, com um giro pesado, eu o derrubo no gelo. Caio em cima dele, mas as mãos imediatamente me agarram, puxando-me para cima e para longe. Cuspo sangue e passo a mão sob meu nariz.

— Pênalti, — grita o árbitro em meus ouvidos. — Agora.

Meu nariz arde e meus olhos lacrimejam. Olho de relance para o outro cara, sorrindo enquanto ele se levanta. Ele faz uma careta em minha direção.

A aprovação da torcida se faz sentir à distância. Sou escoltado até a caixa de pênaltis e me sento pesadamente, só registrando os torcedores batendo palmas e torcendo ao meu redor quando o árbitro nos fecha.

Meus colegas de equipe devolvem meus itens. Bastão, capacete, luvas. Bato

no punho de Evan, que esconde o sorriso com um rápido balançar de cabeça. Meu antigo treinador costumava dizer*: "Se você vai brigar, não me envergonhe perdendo um contra um"*. Gostaria de pensar que o deixei orgulhoso.

Olho para o outro lado da cabine dos locutores, para a outra caixa de pênaltis, onde o outro cara está sentado. Suas mãos estão passando pelo cabelo, e ele parece um pouco estressado, para ser sincero.

— Primeira briga, Mary? — Eu grito para ele. — Você bate como uma virgem.

Ele me ignora.

Recosto-me em meu assento e sorrio.

Quem diria que uma luta poderia aliviar a tensão?

* * *

As meninas - Wren e sua nova amiga garçonete - esperam por nós no átrio do vestiário com outras pessoas.

Nossa equipe conseguiu a vitória por seis a três. Fui agraciado com uma coroa dourada do Burger King, cortesia dos rapazes, pelo meu hat trick. Evan marcou um gol, e não tenho ideia de quem marcou os outros dois.

Uma vitória é uma vitória. Outro ditado do meu antigo treinador. Não importa se é por um ou por cinco, você deve manter a humildade.

Então, quando os parabéns dos fãs, também conhecidos como garotas universitárias que querem entrar em nossas calças, eu dou de ombros.

De qualquer forma, só tenho olhos para Wren e a maldita camiseta que ela está usando.

Quando finalmente me levanto ao lado dela, ela mal olha para mim.

O jogo começou.

Passei os nós dos dedos pelo braço dela, pelo ombro e por baixo do cabelo. Ela se arrepia quando aperto levemente sua nuca.

— Com licença, — interrompo Abby. Ally. Seja qual for o nome dela.

Ela franze a testa para mim. Wren também. Mas eu as ignoro e uso a pressão no pescoço de Wren para afastá-la da multidão.

— Stone...

— Não fale.

Viramos o corredor e eu abro a primeira porta que vejo. Armário de armazenamento.

Não importa.

Empurro Wren para a frente e nos tranco, girando a fechadura com minha mão livre. Ela acende a luz, uma única lâmpada sobre nossas cabeças. Ela zumbe um pouco, esquentada com o desuso.

— Ouça... — Ela parece nervosa. Há uma agitação em sua voz que não existia antes. Que normalmente não está lá. Ela lambe os lábios. — Você parece bravo.

— Essa era sua intenção, não era?

Estou feliz por ter tomado uma ducha assim que voltei para o vestiário. Meu cabelo está úmido, mas estou limpo. Vesti uma camiseta, um moletom e uma calça jeans. E agora, meu pau está enrijecendo dentro da calça antes mesmo de fazermos qualquer coisa.

Pura expectativa.

Porque pensei em como gostaria de fazer com que Wren Davis me pagasse, e só há uma resposta aceitável.

Eu dou um passo à frente e ela recua. Um jogo de gato e rato em uma gaiola

apertada. Não demora muito para prendê-la contra a parede dos fundos, chutando para o lado um balde de esfregão e materiais de limpeza.

— Não foi, baby?

Ela engole... e depois acena com a cabeça.

Eu agarro os quadris dela. Ela faz um barulho no fundo da garganta, mas não me impede de passar meus dedos por baixo da bainha da camisa de Archer. Eu a empurro para cima, para cima, para cima. Expondo sua barriga pálida e a camiseta regata que ela vestiu por baixo. Por cima de seus seios, mal escondidos pela blusa fina e pelo sutiã rendado, até que a coloco sobre sua cabeça. Eu o jogo em direção ao balde do esfregão, sorrindo ao ver o respingo dele na água suja.

— Nenhuma garota *minha* vai usar a camisa de outro cara, — digo calmamente. Passo meu dedo em sua clavícula.

— Bem, a boa notícia é que não sou sua garota.

Eu paro.

Ela me encara com os olhos arregalados. Estou projetando-a na sombra assim, bloqueando o belo verde e marrom de seus olhos.

— Você é minha, Wren Davis. O que mais eu preciso fazer para provar isso? Transar com você na frente do Evan? Tatuar meu nome em sua pele? — Eu seguro sua mandíbula, forçando sua cabeça para cima. — Ou seu nome em mim? Isso parece tentador...

— Stone...

— Onde você quer seu nome, Sticks? — Eu me ajeito. Jesus, falar sobre me marcar para ela me deixa mais duro do que nunca. — No meu pau? Em meu peito? Nos nós de meus dedos, talvez?

— Você está ficando louco. — Ela dá um passo à frente. — Você não pode simplesmente fazer o que quiser e declarar que sou sua. Não é assim que isso funciona.

— Vire-se, — eu ordeno.

Seus olhos se estreitam. — Por quê?

Porque não estou mais brincando. Sem aviso, eu a giro para que fique de frente para a parede. Ela solta um suspiro, e eu puxo seus quadris de volta para mim.

— Chega de perguntas, Wren. Mãos na parede.

Ela obedece, e isso me dá outro impulso.

Demoro um pouco para abaixar sua calça. Eu a levo até os tornozelos e passo minhas mãos pela parte externa de suas pernas macias. Até sua calcinha.

— Não...

Eu as arranco. Com meus dentes.

Ela geme quando o tecido desliza para fora de suas coxas, e eu o tiro de minha boca. Posso sentir o cheiro de sua excitação. E uma rápida verificação, deslizando meu dedo pelo centro dela, confirma isso.

Eu me levanto e finalmente abro minha calça jeans. Meu pau se contorce quando é liberado, e eu seguro a bochecha de sua bunda.

— Quando eu transar com você nesse armário sujo, Sticks, há exatamente um nome que você vai gritar.

— Archer? — ela questiona.

Smack.

Minha palma se choca com sua bunda, e ela quase dá um pulo. Agarro seus quadris e deslizo para dentro dela um momento depois, e ambos gememos.

— Mantenha suas mãos na parede, — eu disse.

Ela precisa se inclinar para frente para alcançar, e eu a acompanho. Me curvo sobre ela como um animal. Seus músculos apertam meu pau, e eu passo as mãos por suas costas. Solto seu sutiã e envolvo meu braço em torno dela, apalpando

seu seio. Minha outra mão aperta seu cabelo. Puxo até que sua cabeça volte e seu olhar se volte para o teto.

— Porra, — ela geme.

—Cale. A boca. — Cada palavra é pontuada por um impulso, por uma torção de meus dedos em seu mamilo.

Ela está tão molhada que não tenho nenhum problema em deslizar ainda mais fundo, atingindo um novo ângulo. Descarrego minha raiva, minha frustração, minha aversão a esse domínio que ela tem sobre mim, em sua boceta.

Só porque ela é minha e eu sou dela, não significa que eu não a odeie por isso.

— Estou perto, — diz ela. Ela empurra com mais força contra mim, com os quadris balançando.

Eu mordo seu ombro. Minhas mãos estão por toda parte. Seios, garganta, cabelo, meus dedos deslizando em sua boca. Estou possuído, e seus gritos agudos só me estimulam a acelerar.

Ela pode estar perto, mas eu estou mais perto. E não faço nenhum movimento para tocar seu clitóris para ajudá-la. Minhas bolas se contraem e eu paro dentro dela. O prazer detona em meu pau, em minha coluna, quando gozo com força.

Depois de um minuto, minha visão volta ao normal. Retiro lentamente meus dedos de sua mandíbula. Acho que cobri sua boca. E agora ela está respirando pesadamente, assim como eu. A nuca dela está úmida, com os cabelos escuros curtos se enrolando ali. Empurro o resto do cabelo por cima do ombro e passo o dedo pela espinha.

Só para vê-la tremer.

Eu me afasto lentamente e a viro de costas.

— Eu não gozei, — diz ela.

Eu sorrio. Ajoelho-me na frente dela e puxo sua calça de volta para cima. Antes de prendê-la completamente, enfio meu dedo dentro dela. Ela faz algum barulho, sufocando-o, e meu sorriso se alarga.

— Eu sei, — digo simplesmente.

Depois, abotoei sua calça e endireitei a parte de cima da camiseta. Ela ainda está com a barriga à mostra, e o sutiã está dolorosamente visível.

Tiro meu moletom e o empurro para ela. Tem meu nome nele, no mínimo.

— A camisa do Archer...

— Ele pagará a multa para conseguir uma nova. — Aceno com a mão. — Ou você pagará. De qualquer forma.

Pego minha coroa de papelão caída e a coloco de volta em minha cabeça.

Ela me encara. — E não me deixar gozar? Isso é um castigo?

Eu destranco e abro a porta, deixando entrar muito mais luz no pequeno cômodo. Por menor que seja, é maior do que o espaço em que ela estava dormindo. Ainda bem que ela nunca mais voltará para lá.

Roubo um beijo de seus lábios quando ela passa por mim. — Agora você está entendendo.

CAPÍTULO 27

Stone

A pós-festa é de arrasar. Algumas garotas foram recrutadas, graças ao Taylor ou ao Grant, para montar nossa casa. As portas de todos os nossos quartos no andar de cima estão trancadas. O andar de baixo está quase irreconhecível. Os móveis são empurrados para as extremidades dos cômodos, um bar é montado na cozinha e um barril é colocado na varanda dos fundos.

Fomos quase os últimos a chegar e devo ter me esquecido de mencionar os planos, porque o olhar de reprovação da Wren ao descobrir uma quantidade enorme de pessoas dentro e ao redor de nossa casa... bem, foi o suficiente para me fazer querer arrastá-la para o lado e repetir nossa aventura no armário.

Mas não o fiz, porque assim que nos viram, fomos arrastados para o meio da festa. Mais felicitações, mais aplausos e cumprimentos, e ecos de como Shadow Valley irá longe este ano. Até os playoffs.

Wren ficou colada a mim desde que chegamos, chegando ao ponto de me puxar para a pista de dança improvisada e se esfregar em mim até que meu pau acordasse. Outra vez. Suspeito que seja uma vingança, embora eu tenha guardado esse pensamento para mim.

Fomos servidos com um fluxo constante de bebidas na mão dela e na minha.

Amanhã será um dia de descanso. Estamos livres dos treinos, não há aulas e meu dever de casa está milagrosamente em dia. Se eu quisesse não fazer absolutamente nada além de assistir à final olímpica de hóquei de 1980, eu poderia.

Agora, estou bêbado de uma forma calorosa. Meu rosto parou de latejar, embora uma das moças que estava servindo as bebidas tenha me informado

sobre os hematomas desagradáveis que estavam aparecendo. Mais tequila foi a solução para isso. Sinto-me como se estivesse flutuando em uma daquelas piscinas que nos fazem sentir como se estivéssemos em um útero.

Wren está em meu colo, se esfregando em minha virilha e chupando meu pescoço. Eu acaricio sua bunda e fecho os olhos, querendo apenas existir por um momento.

Seus dentes roçam minha pele. Ela faz isso de novo e depois dá uma risadinha. Ela também está bêbada.

Abro um olho. — O quê?

Droga, minha fala está ficando arrastada.

— Seu pau se contrai toda vez que faço isso. — Ela me apalpa pela calça jeans.

Estamos na sala de estar. As luzes estão baixas, e a festa se transformou em uma devassidão. Os únicos que restam são pares em vários níveis de nudez. Se ela estivesse usando uma saia, seria fácil simplesmente... deslizar para dentro dela. Transar com ela aqui.

— Bem, meu pau gosta de você. — Franzo a testa. — Obviamente.

Ela dá risada novamente.

Acho que nunca a ouvi dar uma risadinha. É tão libertador que meu coração dá uma batida irregular. E qualquer coisa que aconteça com meu coração em relação à Wren Davis é preocupante. Mas com a tequila em meu organismo, é fácil ignorar isso. Não pensar que isso significa alguma coisa, mesmo que obviamente signifique.

Sentir algo pela irmã de meu melhor amigo não estava em minha lista de afazeres, mas...

Quero dizer, eu a reivindiquei como minha. Para ela. Em um armário de armazenamento.

Mas agora estou fazendo isso de forma mais pública, mantendo-nos em evidência. Eu dancei com ela. Dei uns amassos nela. Ignorei os olhares furiosos de Evan e me esquivei das perguntas de Archer sobre a camiseta que ela poderia ou não ter vestido antes.

Eu estava errado anteriormente. Tenho a sensação de que vou acabar pagando pela substituição do Archer.

A verdade é que Wren é muito sexy, não importa o que esteja fazendo. Ficar no meu colo é um ótimo exemplo, mas até mesmo vê-la atravessar a casa é o suficiente para eu querer persegui-la.

É uma obsessão. Uma obsessão doentia.

Eu a observo nas câmeras. Eu a sigo pela faculdade.

E sim, obviamente é porque estou preocupado que o pai psicopata dela faça alguma coisa da prisão, como enviar alguém para ameaçá-la ou algo assim. Tivemos aquele arrombamento que não foi realmente um arrombamento e nada mais desde então.

Tem sido tranquilo, o que, na verdade, só me deu uma desculpa para observar mais a Wren. Para deixar de procurar o perigo ao redor dela e passar a olhá-la apenas. A maneira como ela joga o cabelo para fora do ombro antes de colocar a mochila, ou dá tapinhas nos bolsos para procurar as chaves, o celular e qualquer outra coisa. O modo como ela sorri para os amigos.

Seus lábios voltam à minha orelha, pegando o lóbulo com a língua e depois com os dentes. É um zumbido que vai direto para a minha virilha, e eu reprimo o desejo de transar com ela pela bilionésima vez.

— Talvez devêssemos levar isso para cima, — ela sussurra em meu ouvido.

— Talvez, — respondo. — Ou talvez eu goste de torturar nós dois. — Ela bufa. — Diga-me, Sticks. Meu esperma ainda está entre suas pernas? — Introduzo minha mão em sua calça. — Oh, hmm, minha garota está molhada.

Ela morde o lábio. — O que você vai fazer sobre isso?

Deslizo minha mão para baixo, enfiando um dedo dentro dela. Depois, dois. Meu sorriso parece perverso. — Vou ver você se masturbar, baby.

Seus olhos se arregalam e ela olha por cima do ombro. Seus lábios estão inchados de beijos e a maquiagem dos olhos está um pouco borrada. O que eu realmente quero é colocá-la no chão entre as minhas pernas e vê-la me chupar, mas isso está em segundo lugar. Sua cara de orgasmo é uma das minhas favoritas.

— Há pessoas aqui, — ela sussurra.

— Eu sei. — Levantei a sobrancelha. — Então... prometa que nunca mais usará uma camisa dos meus colegas de equipe e eu a deixarei gozar aqui mesmo. Caso contrário, farei com que você não goze até terça-feira.

Ela me lança um olhar de reprovação e depois acena com a cabeça. — Prometo nunca usar a camisa de um de seus colegas de equipe, — ela diz. — E agora...

— Agora se solte. — Enrolo meus dedos dentro dela, e seu corpo estremece.

Ela se contorce. Suas mãos sobem para os meus ombros. E, lentamente, ela estabelece um ritmo. Ela pressiona seu clitóris contra a parte áspera da palma da minha mão, e eu coço a *coceira* em seu interior. Sua cabeça se inclina para trás, mas seu olhar permanece fixo no meu.

Inclino-me para a frente e puxo a blusa e a taça do sutiã para baixo, expondo seus seios.

Ela guincha de surpresa.

Pressiono a palma da mão em suas costas, mantendo-a firme, mantendo-a em meu colo e não atirando no teto, e lambo em torno de seu mamilo.

Ela se assemelha à minha atenção. Seus quadris se movem mais rápido, seus músculos apertam meus dedos. Eu o sugo em minha boca, passando a língua

contra o ponto sensível. Roço-o com os dentes, da mesma forma que ela fez com meu pescoço, e ela geme.

Suas mãos deslizam dos meus ombros para o meu cabelo. Ela me puxa para mais perto enquanto seus quadris rebolam mais rápido. Que se dane estar na sala de estar. Que se dane ter uma plateia. Retiro minha mão abruptamente e a levanto, mantendo seu peito nu escondido contra meu peito. Carrego-a até o banheiro, a única porta que não está trancada, e a coloco sobre o balcão.

— A porta, — ela murmura.

— Que se dane. — Puxo sua calça para baixo.

Estou dentro dela em um segundo, e ambos gememos. Deus, ela é muito gostosa. O melhor elixir. Eu a inclino para trás e mordo seu seio, e ela se contrai. Suas pernas envolvem meus quadris, com os calcanhares cravados na minha bunda e me pressionando para mais perto.

— Assim mesmo, — ela geme. — Me foda com mais força.

Gosto dela bêbada e desbocada. Também gosto dela sóbria e desbocada.

— Bem aí. *Porra*, Stone. Sim. *Sim*.

Ela cai rapidamente no limite. Agarro seu pulso tardiamente, arrancando-o de seu clitóris quando ela goza. Ela ri enquanto treme, o prazer deixando sua expressão confusa. Sonhadora.

— Perfeito demais, — eu grunhi.

Meus movimentos se tornam frenéticos, perseguindo a euforia, e não demora muito para eu gozar dentro dela pela segunda vez esta noite. Mas com seu corpo envolto no meu, é dez vezes melhor.

— Jesus Cristo.

Nós dois olhamos para a porta.

A porta aberta do banheiro.

Evan ficou parado com a mão sobre os olhos. — Que porra vocês dois estão fazendo?

Eu sorrio e deslizo para fora de Wren, me escondendo. Ela é mais lenta para se ajeitar, tocando a cabeça e pegando a calça - sem calcinha, que eu arranquei antes - antes de perceber que seu seio ainda está para fora. Ela coloca o sutiã de volta no lugar, com o rosto corado.

— Lamento que você tenha visto isso, — murmura Wren.

Levanto a sobrancelha. — Acho que todo mundo sabia o que estava acontecendo aqui, Sticks.

O rosto de Evan lentamente fica vermelho.

— O quê? — Continuo para Wren, revirando os olhos. — Não é como se você não estivesse gritando: "*Sim, Stone, me foda com mais força!"* há cerca de dois segundos.

E foi assim que acabei levando um soco do meu melhor amigo.

CAPÍTULO 28

Wren

Seu hematoma ainda está com aparência raivosa, mesmo dias depois, mas Stone mereceu. No entanto, isso não significa que eu não esteja total e irrevogavelmente consumida por ele. Porque estou. Eu digo que o odeio dia sim, dia não, mas também me pego pensando nele em todos os espaços vazios dos meus pensamentos.

É uma doença, e não é uma doença para a qual eu queira uma cura.

— Não sejam inconvenientes, rapazes. — Coloco as mãos nos quadris. A casa cheira a pipoca, e um saco já está no chão, com mais três alinhados na mesa de centro.

A sala de estar, que normalmente é apenas um lugar para meus colegas de casa jogarem videogame, está cheia de cobertores, travesseiros e cinco jogadores de hóquei corpulentos em calças de moletom e moletons.

Evan bufa. — Não seja inconveniente? Está brincando, porra?

— Cuidado com isso. — O tom de Stone é preguiçoso, mas todos nós sabemos disso.

— Você transou com ela com tanta força que eu a ouvi gritar seu nome, e então descobri que a porta estava aberta. *Isso* é inconveniente.

Archer bufa, e Grant se engasga com um pedaço de pipoca.

Eu suspiro.

Eu me sinto mal.

Eu sei.

Mas não me arrependo - algo que Stone reconhece ao sorrir para mim da

poltrona.

A batida na porta desviou minha atenção. — Ali está a Ally. Sério... — Eu olho para eles. — Ela não está vindo para uma briga de gangues, certo? Ela é minha amiga. Deixem-na em paz. — Antes de chegar à porta, digo por cima do ombro: — Ela já acha que vocês são loucos com todas as câmeras espalhadas pela casa.

— Essa foi a ideia do Stone.

— Oh, *por favor*, — sussurro.

Meus dedos se enrolam na maçaneta da porta, mas tropeço para trás quando as mãos de Stone caem sobre meus quadris.

— O que está fazendo? — Eu pergunto.

Stone abre a porta ao mesmo tempo em que me empurra para trás dela. Assim que Ally fala, eu saio enquanto lhe lanço um olhar de reprovação. *Mas que diabos?*

— Entre. — Eu sorrio e afasto Stone.

— Eu trouxe a sobremesa. — Ally avança como se fosse a dona do lugar e, pela expressão dos meus colegas de casa - além da de Stone - ela está prestes a ser a dona de todos eles.

— Nós amamos você. — Taylor se levanta e a puxa para a cozinha.

Eles voltam alguns segundos depois com tigelas, colheres e recipientes de sorvete.

Os rapazes empilham suas tigelas até o topo. Ally e eu somos um pouco mais respeitosas e pegamos uma quantidade adequada antes de nos acomodarmos nos sofás. Os lábios de Stone roçam minha orelha. Ele cheira a chocolate e cerejas, e minha boca se enche de água.

— Eu sempre soube que você era uma garota baunilha.

Bufo depois de lamber minha colher. — Garota da baunilha? Estou com você, não estou? — Levanto uma sobrancelha, e seus olhos se desviam para meus lábios. — *Absolutamente não,* — sussurro. — E o que foi aquilo mais cedo? Você praticamente levitou para abrir a porta.

Stone se afasta e percebo que as sombras ao longo de sua mandíbula se movem para frente e para trás. Há uma grande comoção na TV por causa do filme, então ele se inclina para mais perto. — Queria ter certeza de que era a Ally.

— Oh, — eu provoco, aconchegando-me novamente em seu peito. — Estamos agindo como cavalheirosos agora, não é?

Seus braços envolvem meu tronco, e o beijo suave que ele dá em meu cabelo transforma meu estômago em mingau.

— Cale a boca e assista ao filme.

Antes que eu perceba, o filme está quase no fim e metade dos rapazes está dormindo, junto com a Ally. Sua cabeça está encostada no ombro de Taylor e suas pernas estão sobre o colo de Archer. A respiração de Stone está calma - algo a que não estou acostumada. Ele está sempre tão *irritado* ou tenso. Preocupado também. Mas agora, ele está relaxado. Seus dedos continuam a passear pela minha barriga, como fizeram durante todo o filme, mas ele está se comportando da melhor maneira possível. Arrepios me cobriram em um momento em que seu dedo desceu até o fundo, mas ele o afastou - como se tivesse perdido o controle por um segundo.

— Você quer ir para a cama? — Olho com meus olhos sonolentos.

Stone acena com a cabeça. Nós dois olhamos para Ally. *Ela vai ficar bem.* Não preciso me preocupar com ela e, embora os rapazes estejam falando sobre como ela é gostosa, eles nunca passariam dos limites. Eles são irritantes, mas ainda assim são bons rapazes.

Eu me levanto primeiro e depois pego a mão do Stone. Ele me domina por um segundo, baixando o olhar para a minha boca, mas depois me segue pelas escadas após verificar a fechadura da porta da frente.

É fofo. Sua necessidade de ser protetor é atraente.

— O quê? — pergunta ele, fechando a porta do quarto.

Seu olhar rápido é preocupante e me deixa confusa. *O que há com ele?*

Entro em pânico, e as palavras saem de minha boca. — Por que está sendo tão gentil e protetor? Você está se comportando muito bem, e eu...

— Você o quê? — Stone inclina a cabeça. — Você não gosta?

Estou com borboletas. Tipo, borboletas que voam rapidamente. — Não. Eu gosto. — Na verdade, isso me faz pensar em coisas perigosas - como o fato de eu não querer viver sem ele. — Eu só... não entendo.

Stone ri. Sua cabeça cai, e eu não consigo lê-lo como de costume.

— Sticks, o que você não está entendendo?

— O quê...

— Baby, estou obcecado por você. — Sua voz profunda é quente. — Não consigo dormir se você não estiver ao meu lado. Não consigo comer se você estiver no trabalho e eu não estiver sentado em uma cabine, observando seus quadris balançarem com a bandeja. Mesmo durante meus treinos e jogos, se eu não souber onde você está o tempo todo, faço merda e quase caio no gelo.

Minha garganta se contrai. A honestidade de Stone suga todo o oxigênio do nosso quarto compartilhado.

— Diga-me que você sente o mesmo.

Esse não é um momento para piadas. Em geral, eu teria alguma réplica sarcástica e diria algo como: "*Ou o quê?"*, mas não consigo me esforçar para acabar com ele, porque se essa é a versão do Stone de abrir seu coração para

mim, eu vou pegar e sair correndo.

— Eu sinto, — sussurro.

— Então venha até aqui para que você possa provar isso.

Suas palavras me levam em sua direção, embora a independência que possuo desde jovem esteja me pedindo para ficar quieta.

Não posso dizer não a ele.

Quando suas mãos encontram minhas bochechas, ele me puxa para perto. Nossos peitos se roçam, e seu coração bate tão forte quanto o meu. Suspiro quando sua língua mergulha em minha boca, mas, pela primeira vez, seu beijo não é urgente. É lento e sensual, e eu caio nele como em uma armadilha de mel.

Não houve uma palavra sequer entre nós. Stone empurra minha camiseta por cima da minha cabeça e a deixa cair no chão, ao lado dos meus pés. Minhas leggings são puxadas para baixo, passando pelos quadris, e o roçar de seus dedos sobre a minha pele provoca um arrepio na espinha.

— Stone, — eu grito. Cravei minhas unhas em seus ombros.

Ele permanece ajoelhado e dá um beijo suave em minha calcinha antes de se levantar e se despir.

Ele não tem uma única falha.

Músculos fortes e tonificados revestem seu estômago, e eles tremulam com seu aperto em torno de si mesmo. Minha boca se abre e um suspiro suave cai entre nós enquanto eu o observo acariciar para frente e para trás. Ele mexe o dedo para mim e diz para eu me aproximar... e eu me aproximo.

Nossos olhos estão fixos, e ele introduz um dedo em mim com uma lentidão dolorosa. Já estou pronta, algo que ele claramente aprecia. Caio na cama e ele está entre as minhas pernas, demorando-se comigo.

Fico arqueada quando ele se retira e depois entra novamente. Dessa vez é

diferente.

Seus toques são suaves, como se ele estivesse tentando memorizar cada curva, e seu olhar intenso permanece colado em mim a cada investida. É mais sexy do que quando ele está me tocando como se quisesse me odiar. Ele está me tocando como se me amasse, e eu sinto isso penetrando em meus ossos.

Serei eternamente marcada por ele.

— Estou perto, — ofego, agarrando-me aos cobertores para salvar minha vida.

O orgasmo aumenta mais rápido do que eu esperava, e meu estômago se contrai. Stone inclina os quadris e atinge o ponto que ninguém havia tocado antes. Caio em êxtase, hipnotizada por seu beijo profundo. Eu lhe daria toda a minha alma nesse momento se ele me pedisse, e conhecendo Stone, ele acabará fazendo isso.

— Porra, — ele geme. Ele afasta sua boca da minha e enterra seu rosto em meu pescoço suado.

Seu corpo se imobiliza e eu abro mais as pernas, deixando que ele me encha até a borda. Stone tem sido descuidado, e eu o tenho deixado entrar em mim como se não houvesse outra maneira. Graças a Deus, estou tomando anticoncepcionais - algo que ele nunca perguntou.

Assim que Stone sai de cima de mim, ele volta correndo com uma toalha. A luz da lua o ilumina, e meu fôlego é roubado no momento em que ele me limpa entre as pernas. Normalmente, ele diz algo grosseiro e quer que seu esperma permaneça ali, mas, neste momento, ele está cuidando de mim.

Meu lábio treme, e ele percebe isso.

— Wren? — Sua sobrancelha se franze. — De todas as vezes que transamos, não achei que essa fosse doer.

Engulo com dificuldade. — Não estou machucada.

— Está bem... — A cama se inclina e ele me traz para perto. Nossos corpos nus estão enrolados um no outro. — Então por que está chorando?

Uma respiração trêmula sai de meus lábios. — Não estou acostumada a ter alguém cuidando de mim.

Seu peito se expande sob minha cabeça, e a liberação constante de ar faz cócegas em meu pescoço. Suspiro com o beijo suave em minha têmpora.

— Durma, baby.

Fecho os olhos para conter as lágrimas, sabendo que vou dormir melhor do que nunca.

CAPÍTULO 29

Wren

Estendo minha mão para trás e dou um tapa na mesa de cabeceira. Só que, em vez de bater na madeira, dou um tapa em Stone.

— Que merda, Sticks, — ele murmura.

Sou puxada para trás e suspiro com seu calor.

— Devo lhe dar um tapa de volta? — Sua voz é sonolenta.

Seus dentes roçam minha orelha, e não tenho ideia de como isso faz meu corpo se contorcer, mas faz. Minhas bochechas esquentam, mas então a vibração do meu celular começa novamente. Tiro o braço dele do meu quadril e me sento, puxando os cobertores para cima para esconder meu peito nu.

— Sério? Escondendo seus peitos de mim? Eles estavam em minha boca há nada menos que três horas.

O sol está aparecendo pela janela e a exaustão já se instalou. Meu corpo está doendo e há uma dor entre as pernas que não existia antes de eu adormecer na noite passada. Depois que Stone me disse para dormir, adormeci, mas fui acordada novamente com seus dedos percorrendo minhas coxas. Ele voltou para repetir *e repetir*.

— Quem está ligando para você? — pergunta ele, movendo o cobertor para baixo.

Eu me inclino sobre ele, e ele passa a língua em meu mamilo.

— Stone! — Eu repreendo.

Meu telefone escorrega em sua mão com seus reflexos felinos e ele o encosta no ouvido. — Alô?

Há uma pausa e eu me recosto, arrastando o cobertor até meu pescoço novamente. Espero e fico olhando para seu perfil forte.

Sua garganta se move com um suspiro e então ele diz: — Quem está ligando para a Wren? — A sobrancelha irritada de Stone se desenrola. Ele pega o telefone e o coloca no viva-voz. — Aqui está ela.

Não reconheço o número, mas fico grata por não estar escrito *desconhecido.*

— Hum, olá?

— Wren?

— Sim? — Respondo com uma pergunta porque não reconheço a voz.

— É a Mary-Lou.

Eu me recosto. Só conheço uma Mary-Lou, mas a questiono mesmo assim. — Mary-Lou Anderson? — *Minha antiga assistente social.* Ela não era ruim. Fazia o melhor que podia, sempre me tirando do meu pai no momento em que ele cometia um deslize e me colocando com os pais de Evan.

— Sim, sou eu.

Stone se senta e se apoia na cabeceira da cama, deixando o lençol cair até os quadris. Estou preocupada demais para olhar para o contorno grosso abaixo dele.

— Oh... hum, oi? — *Por que ela está me ligando? Não* falo com ela desde o meu aniversário de 18 anos, porque quando você está fora do sistema, você está *fora* do sistema.

As mãos de Stone se projetam para fora.

— Minha antiga assistente social, — eu digo.

— Wren, alguém invadiu meu escritório ontem à noite.

— Ok... — Minha resposta continua, e estou em conflito. — Você acha que fui eu...?

Sua risada leve flutua para fora do alto-falante, mas seu humor não dura

muito. — Claro que não.

Meu coração bate de forma irregular, e não estou mais preocupada com o cobertor que me cobre. Stone tira meu cabelo do ombro, e sei que ele pode ver como meu peito está batendo rápido. Quanto mais tempo fico sentada ao telefone, mais ansiosa fico.

— Seu arquivo está faltando.

Meu arquivo. Meu arquivo grosso e deprimente.

— O lugar estava todo destruído e...

Tem mais?

— Acalme-se, — diz Stone, sem se importar com o fato de Mary-Lou poder ouvi-lo.

É difícil me concentrar em sua mão esfregando minha coluna para cima e para baixo. *Meu arquivo.* Será que ela tem um endereço atualizado? Eu me repreendo. Alguém já entrou aqui uma vez. Eles sabem onde estou. O que eles querem com meu arquivo?

— E o que, Mary? Você está bem?

— Estou no hospital.

Eu me inclino para frente e tento sair da cama. Stone me agarra pela cintura, enquanto segura o telefone com firmeza. Ele me mantém presa em seu colo e enterra seu rosto em meu pescoço.

— O que aconteceu? — Fecho os olhos como se isso fosse ajudar. *Isso é culpa minha.* — Eles disseram quem eram?

Há um bip fraco ao fundo, e tudo o que consigo imaginar é uma Mary-Lou espancada e sangrando em uma cama de hospital. *A culpa é toda minha.* Os problemas me seguem por *toda parte.*

— Eu os peguei lá dentro. Tenho um alarme. Quando os confrontei e

perguntei por que estavam destruindo meus armários de arquivos, eles disseram seu nome. Tentei afastá-los, mas...

Mas não se pode levar uma faca para um tiroteio.

— Não tive a chance de impedi-los e, depois que eles saíram e a polícia apareceu, foi confirmado que a única coisa que faltava era...

— Meu arquivo. — Uma lágrima desce por minha bochecha, mas Stone é rápido em afastá-la. Eu sugo minhas emoções, um soluço batendo em meu peito. — Eu... eu sinto muito.

— Não é sua culpa, querida.

— Não, não é. — Stone nos gira e me coloca na cama.

Ele procura minhas roupas e me veste enquanto eu fico imóvel, ouvindo a respiração difícil de Mary-Lou.

— Isso faz parte do meu trabalho. Esta não é a primeira vez que alguém invade a empresa e rouba arquivos ou me confronta. É a primeira vez que foi *tão* físico, mas... — Sua voz tremeu. — Wren, estou preocupada com você. Você está bem? O que está acontecendo? É o seu pai?

— Wren está segura. — Stone tira o telefone do alto-falante e o coloca perto do ouvido.

Minhas pernas estão tremendo e meus dentes afundam no lábio inferior. O sangue enche minha boca e estou atordoada. Não tenho certeza de quanto tempo se passou, mas, em um determinado momento, vejo Stone se aproximar da porta do nosso quarto. Ele grita por Evan. Eles conversam através da porta. Não consigo entender o que eles estão dizendo por causa do zumbido em meus ouvidos.

Permaneço imóvel, mesmo depois que Stone se inclina novamente à minha frente.

— Diga-me o que está pensando. — É difícil desviar a atenção de seus olhos

azuis.

Eu tento, mas não consigo. — Estou com medo.

Um soluço escapa de minha garganta, e Stone tropeça para trás. Seu rosto cai e ele parece que acabei de cortá-lo.

Meu rosto é empurrado contra seu peito com força.

— Eu mataria qualquer pessoa se ela tentasse tocar em você, Wren. Você não precisa ter medo de nada.

Tento me afastar, mas seu braço se aperta contra mim e ele se recusa a deixar que eu me curve na outra direção.

— Não se atreva a me deixar de fora.

Outro grito sai de mim, e isso me irrita. Eu me agarro aos lençóis e fecho os olhos. — Eu o odeio. Por que ele não pode simplesmente me deixar ir?

— Ele não vai tocar em você.

— Você não o conhece! — Eu grito. Encontro a sobrancelha irritada e a mandíbula de aço de Stone. — Você não tem a menor ideia do que ele é capaz.

— Não, baby, — rosna Stone. — Você não tem ideia do que *sou* capaz. Especialmente quando se trata de você.

Eu ouço suas palavras, mas não acredito nelas. O ódio é mais profundo que o amor, e é óbvio que Stone não me odeia mais. E se isso não estava claro em minha infância, agora está. Meu pai não tem um único osso de amor em seu corpo.

Não estou segura, mesmo com ele na prisão.

CAPÍTULO 30

Stone

— O que você sabe sobre uma Mary-Lou Anderson?

Evan se retrai.

Pisca.

— O quê? — Eu pergunto, caindo no assento em frente a ele.

Wren está com Taylor, a caminho do campus para uma de suas ímpias aulas de ciências.

Meu melhor amigo franze a testa. — Olha, cara, eu agradeço por você querer fazer o que é melhor para a Wren. Protegê-la e toda essa merda. Mas remexer no passado dela não vai fazer com que ela se afeiçoe a você...

— Eu sei que ela é a assistente social, — eu interrompo. — E ela ligou para a Wren ontem à noite.

Evan franze a testa. — Por quê?

Eu me aproximo da mesa e fecho o livro didático para ele. — Ela foi agredida.

— Santo...

— E fica pior, — eu interrompo. — Ela foi agredida em seu escritório quando alguém estava invadindo ele. E quando os policiais apareceram, descobriram que faltava uma coisa: o arquivo da Wren.

Ele solta um suspiro. — Puta que pariu.

— Não temos nenhuma pista, — sussurro. — Não temos nada nas câmeras. Não há mais arrombamentos, ou pessoas à espreita em torno de Wren, ou...

— Pare. — Ele apoia as mãos na mesa. — Você vai se assustar se continuar assim.

— Estou assustado. — Algo que eu nunca admitiria para o Wren, mas é verdade. Há um calafrio alojado em meus ossos e não consigo me livrar dele, não importa quantas precauções eu tome. — Então, diga-me o que preciso saber sobre essa assistente social.

Durante a hora seguinte, Evan me conta todas as interações que teve com a assistente social, todas as histórias que Wren lhe contou ao longo dos anos. E, aos poucos, percebo - porque aparentemente sou um idiota do caralho - que Evan tem um relacionamento completo com Wren que eu nunca quis saber.

Quero dizer, obviamente ela morava na casa dele. Ele se preocupa com ela. Mas ele também a *conhece*.

Deus, eu odeio o ciúme que revira minhas entranhas.

Mas quanto mais ele fala, mais eu reconheço que a assistente social de Wren foi uma graça salvadora em sua vida. Aparecia sempre que as coisas com seu pai ficavam particularmente complicadas, descobrindo seu próximo porto seguro. Que quase sempre era a família de Evan.

— O que poderia estar no arquivo que o pai dela iria querer?

Ele pisca para mim.

— Vamos lá. Obviamente foram alguns dos caras do pai dela. — Eu o encaro. — A menos que você ache que foi algum outro perseguidor?

— Bem, definitivamente não foi o Brad, — murmura Evan. — Ouvi dizer que ele começou a namorar uma líder de torcida. E a conversa da Wren com ele me pareceu... honesta, na verdade. Acredito que ele só ligou para ela uma vez.

— E o resto...?

Seu pai. Ou alguém próximo.

Eu me endireito de repente. — Precisamos partir para a ofensiva. Enterrar nossas cabeças na areia não está funcionando.

Evan pega seu computador na bolsa.

— O que está fazendo?

— Consultando os registros públicos da prisão do pai dela.

Sorrio e dou a volta na mesa, caindo na cadeira ao lado dele. Inclino-me enquanto ele digita, abrindo uma página da Web que fornece detalhes básicos sobre sua sentença. Posse de drogas com intenção de distribuir é a principal acusação, entre outras. Armas, extorsão, outras acusações de drogas.

Mas há uma anotação. Uma pequena bandeira no arquivo.

Recurso em andamento.

Evan e eu trocamos um olhar.

— Quem é o advogado dele? — Eu pergunto. — Algum filho da puta obscuro?

Inclino-me mais para dentro e examino a página.

E então eu o vejo.

Evan inala bruscamente uma fração de segundo depois.

— Que porra o nome do seu pai está fazendo nesses registros? — Evan pergunta em voz baixa.

Ótima pergunta. — Não sei.

Meu pai é o advogado do pai de Wren. Evan e eu olhamos fixamente para a tela enquanto tento entender isso. Meu pai é um bom advogado de defesa. Um dos melhores de nossa cidade. Mas... não sei, acho que eu tinha na cabeça que ele só defendia idiotas ricos de colarinho branco e pessoas inocentes. Não traficantes de drogas.

Não o *pai* dela.

— Ok. — Limpo minha garganta. — Se isso for verdade...

— Acho que não podemos descartar essa possibilidade, — interrompe Evan.

Eu cerro os dentes. — Tudo bem. Mas não posso simplesmente perguntar ao meu pai. Há o privilégio advogado-cliente e toda essa merda. Ele costumava dizer isso sempre que eu tinha curiosidade sobre seus casos quando era criança.

Sinto um frio desconfortável no estômago.

O tipo que vem junto com a percepção de que seu pai pode não ser um bom sujeito.

E *sim*, eu sei que algumas pessoas, como Wren, vivem com isso a vida toda. Mas eu idolatrava meu pai. Eu queria ser ele quando crescesse. Isso foi antes da merda com minha mãe, antes de ele se casar com a madrasta e antes de eu descobrir que poderia ter um futuro no hóquei.

Não tenho dúvidas de que Jessie Davis é culpado de tudo o que lhe foi imputado. Então, onde isso coloca meu pai?

Ele é um cara legal como eu sempre pensei? Defensor dos inocentes?

Ou ele é apenas... um advogado que faz de tudo para realizar o trabalho? Que lutará contra a lei, explorará todas as suas brechas e fará com que seus clientes culpados sejam libertados?

— Porra, — murmuro, apertando a ponte do meu nariz. — Minha cabeça está doendo.

Evan grunhe em sinal de reconhecimento. Mas ele realmente não consegue falar. Além de simpatizar com Wren e comigo quando papai ficava extremamente focado em um caso e passava todos os dias e noites no escritório ou levava trabalho para casa, ele não consegue se identificar.

Seus pais são *maravilhosos*.

— O que você vai fazer?

Olho de relance para Evan. O que *eu vou fazer*, não nós.

— Acho que preciso confrontá-lo... de alguma forma. Sem acionar sua resposta automática. Ou levantar suas suspeitas. — Faço uma pausa. — Você acha que ele sabia a quem pertenciam as drogas quando me livrou de ser preso por posse de drogas no ensino médio?

Ele pondera sobre isso. Então: — Bem, você soube imediatamente. E não seria difícil para seu pai conhecer os Davis. Não fizemos segredo de que Wren estava conosco, e você estava na minha casa o tempo todo.

— Sim... — Só que meu pai e eu não conversávamos sobre esse tipo de coisa. Eu tinha minha caminhonete, ele tinha trabalho e, na época, eu estava fazendo tudo o que podia para evitar a casa. Eu odiava morar lá. Eu odiava a Martha.

Desde que eu não me metesse em encrencas e mantivesse minhas notas altas, papai sabia vagamente que eu estava sempre na casa de Evan Mitchell. Outro jogador de hóquei cujo rosto era um tanto familiar. Ele seria capaz de identificar meu melhor amigo em uma fila se o colocássemos sob a mira de uma arma.

Talvez.

Limpo minha garganta. — Eu só preciso falar com ele pessoalmente. Apelar para ele...

— Com o que ele se importa?

Essa não é uma ótima pergunta? Mordo meu lábio inferior entre os dentes e penso nisso.

— Sua imagem. — Levanto meu dedo indicador. — Ser o melhor advogado de defesa do mundo sempre esteve no topo de sua lista de conquistas.

— Naturalmente, — concorda Evan.

— Hum, a step-monster. Ele a ama, o que é bastante lamentável. — Eu torço o nariz.

— Você não pode chamá-la assim. — Evan gemeu. — Você vai dizer isso na cara dela um dia desses.

Eu sorrio. — Tenho certeza de que fiz isso acidentalmente ao telefone uma vez. Acho que eu fingi....

— Que merda.

— Terceiro, por mais que eu odeie admitir, ele se importa comigo.

— Você poderia ter dito apenas família, — murmura Evan. — É isso, então? Sua imagem, que é essencialmente trabalho, e a família? As duas coisas mais básicas *de todos os tempos*?

Eu levanto minhas mãos. — Eu não sei.

— Ok, ok. Então, apelamos para ambos. — Ele me considera, seus olhos se estreitam.

— O quê?

— Há algo de que você provavelmente está se esquecendo. Uma oportunidade...

Droga. Pego meu celular e clico nas mensagens não lidas da Martha, que chegaram nos últimos dois meses. Lembretes de sua festa de aniversário. Pedindo que eu confirmasse a presença. Dizendo que não há problema se eu levar um amigo. Posso passar a noite em meu antigo quarto. E assim por diante...

— Merda. — Deixo cair o telefone. — Seu aniversário é na próxima semana.

Evan se endireita. — Você é mesmo o pior filho de todos. Quando é a festa?

— Como você sabe que há uma festa?

Ele revira os olhos. — Quando é que a Martha *não* faz tudo pelo seu pai?

Isso é verdade. Examino seus textos novamente e dou de ombros. Em seguida, fecho a conversa dela, que é noventa e nove por cento unilateral. Depois, saio completamente do aplicativo de mensagens. Jogo o telefone sobre a

mesa e me recosto na cadeira, equilibrando-a sobre as duas pernas traseiras.

— Tem que haver outra maneira, — eu penso.

— Stone.

— Vou pensar nisso.

Evan volta para seu laptop, examinando os registros novamente. Não que isso vá gerar mais informações. Acho que atingimos nossa cota de boa sorte por esta noite.

A porta se abre com um estrondo. Evan fecha o laptop enquanto Wren entra rapidamente na cozinha, largando sua bolsa na cadeira. Ela se parece um pouco com um furacão, toda feroz e de olhos atentos. Não está assustada ou com medo como antes.

E é um pouco irritante o quanto senti falta dela, embora ela estivesse a apenas alguns quarteirões de distância.

Ela coloca as mãos nos quadris. — Eu estive pensando.

Taylor chega atrás dela e suspira. — Eles não vão aceitar, Wren.

— Eu vou ver a Mary-Lou, — continua ela. — E isso não está em debate. Quero saber o que havia em meu arquivo que poderia me prejudicar.

Evan e eu trocamos um olhar. Pego Wren, passando as mãos por suas laterais antes de puxá-la para o meu colo.

Meu primeiro instinto é dizer não. Que não é necessário, que ela não deveria se submeter a isso. Que sua assistente social provavelmente não gostaria que Wren a visse assim.

Mas enquanto enterro meu rosto em seu cabelo, inalando seu perfume, penso em outra coisa. A possibilidade de *haver* algo prejudicial no arquivo.

Algo que, se soubermos, pode ajudar a manter Wren em segurança.

Portanto, no final das contas, acho que ela está certa. Especialmente com o

que sabemos agora sobre a apelação. E a possibilidade de o pai dela sair em liberdade condicional.

Duas coisas que preciso lhe dizer, mas ainda não.

— Tudo bem, — concordo prontamente. — Mas eu vou com você.

CAPÍTULO 31

Wren

Os dedos de Stone ficaram entrelaçados aos meus durante todo o trajeto até Camwell, a pequena cidade nos arredores de Maysville. Evan optou por ficar em Shadow Valley, sabendo que se seus pais descobrissem que estávamos tão perto de casa, ficariam chateados por não termos passado por lá.

Se fôssemos visitá-los, eles gostariam de saber por que fizemos a viagem para passar apenas uma noite. Recuso-me a contar à Rebecca e ao Stephen o que está acontecendo. Eles não são mais meus pais adotivos e são as últimas pessoas que quero arrastar para essa bagunça.

Sorrio quando os lábios de Stone roçam as costas de minha mão. Ele estaciona o carro e o desliga, mas nenhum de nós se apressa para sair. Olho para o céu, observando as nuvens cinzentas desaparecerem.

— O que você está pensando?

Sua voz é suave, mas não o suficiente para aliviar meu medo. Dou de ombros em vez de dizer qualquer coisa. Stone puxa minha mão e, de alguma forma, acabo no colo dele no banco do motorista. Meu joelho se prende no cinto de segurança quando Stone desliza lentamente o assento para trás.

Meu cabelo é uma cortina ao nosso redor, protegendo a maneira como ele olha para mim, como se quisesse tirar todos os pensamentos da minha cabeça.

— O que você está pensando, Sticks?

Meus lábios se separam, e sua sobrancelha se ergue.

Não faz sentido esconder coisas dele. Stone já reconhece todos os meus mecanismos de defesa e está começando a conhecer todos os meus segredos também.

Eu suspiro. — Estou nervosa. Pronto, eu disse. Estou nervosa para vê-la.

Falhei em minha tentativa de sair do colo de Stone. Seus dedos cravam nos ossos do meu quadril, mantendo-me refém. Seus olhos azuis parecem mais escuros do que o normal contra minha sombra, mas não consigo parar de cair neles como se fossem uma espécie de armadilha.

— Você está nervosa? — ele pergunta, recostando-se ainda mais no assento de couro.

Meu lábio está dolorido por causa de todas as mordiscadas que dei durante a viagem. Nem percebo que estou fazendo isso de novo até que Stone estende a mão e o solta dos meus dentes.

— Eu posso ajudar com isso, — ele sussurra. Ele arrasta o dedo pela parte inferior de minha barriga.

— Stone, — eu o repreendo.

Meu estômago se contrai e eu olho em volta para ver se alguém está olhando pelas janelas.

— Elas são fumê.

Ele não só está começando a conhecer meus segredos, como também consegue ler minha mente.

— Não deveríamos. — Percebo a tensão em minha voz.

Stone sorri.

— Deveríamos. — Seu pescoço se move com uma longa engolida, e minhas coxas se apertam ao redor dele. — Deixe-me acalmá-la.

Eu ri. — Isso é o oposto de me acalmar. — Meu coração está batendo loucamente com pensamentos sobre seu toque, e só piora quando ele inclina os quadris para encontrar a pulsação entre minhas pernas.

Não sou uma pessoa que gosta de exibições públicas. *A menos que eu esteja*

com Stone.

— Merda. — Arqueio as costas quando seu dedo entra na parte da frente da minha calça. — *Stone*.

Ele me dá um tapa e passa por cima da minha calcinha.

— Você ficará mais calma depois que eu a fizer gozar, portanto, não me esconda nada.

Eu ofego e empurro meus quadris para frente. Seu dedo mergulha dentro da minha boceta e ele pragueja. Minhas bochechas ficam coradas quando suas narinas se dilatam.

— Sua boceta está sempre tão molhada para mim, e eu adoro isso.

Meu Deus. Eu me movo contra ele, e não demora muito para que eu deseje a parte áspera de sua mão raspando em meu clitóris.

— É isso, — ele incentiva, movendo os dedos para dentro e para fora de mim, brincando com minha boceta como se fosse sua.

Cravei minhas unhas no assento de couro atrás de sua cabeça e trabalhei meu corpo, perseguindo o pico. *Ele tem razão. Isso é uma distração total.*

— Porra, — ele geme.

Meu mamilo se enruga quando o ar roça nele, e a língua quente de Stone o toca antes de puxar o botão para dentro da boca.

— Eu quero transar com você.

— Faça isso, — eu sussurro. — Eu sou sua.

Minhas palavras são preguiçosas de prazer, e meus olhos começam a se fechar. Balanço os quadris e meus cabelos caem pelas costas.

— Então, eu não poderia vê-la gozar na minha mão como se fosse minha putinha suja.

Suas palavras me levam ao limite e eu me arrebento. O puxão de meus

cabelos queima meu couro cabeludo, e Stone enfia os dedos ainda mais fundo, provocando outra onda de prazer em meu corpo.

— Oh, meu Deus, — eu grito, ainda me esfregando contra a mão dele até que minha euforia desapareça.

A respiração de Stone está ofegante e, quando ele tira a mão de dentro da minha calça, fico um pouco mortificada com a umidade de seus dedos. Seus olhos endurecem quando ele coloca os dedos na boca, e as partes ocas de suas bochechas se aprofundam logo antes de ele tirá-los.

— Deliciosa *pra* caralho.

Sou totalmente a favor dele.

— Está se sentindo melhor?

Aceno com a cabeça e levo um minuto para me lembrar de onde estamos.

— Então vamos ver essa tal de Mary-Lou e descobrir quem está tentando obter informações sobre a minha garota. — Ele abotoa minha calça jeans e bate na minha perna, virando a cabeça para o banco do passageiro.

Subo no console central, corada, suada e completamente atordoada.

Stone abre sua porta e está do meu lado antes mesmo que eu possa sair para a calçada.

Seu dedo úmido pousa no meu queixo e ele inclina meu rosto. — Não é sua culpa.

— O que, não é? — Eu grito.

— Mary-Lou sendo agredida.

Vou argumentar, porque a culpa é minha, mas ele me empurra contra a lateral do carro e pressiona seu pau duro em meu estômago. — Mas isso...

De repente, minha mão o está segurando.

— É. — Ele dá uma piscadela e me puxa para frente, levando-nos para a

entrada do hospital. — Apenas pense em sua recompensa para mais tarde.

Um sorriso se desenha em meus lábios, e é então que percebo que minha barriga não está mais cheia de nervos, mas de algo completamente diferente.

Stone me conhece melhor do que eu mesma.

* * *

É pior do que eu pensava. A mão de Stone pousa na parte inferior das minhas costas quando entramos no quarto dela, porque ele sabe que preciso de estabilidade, mesmo que eu me recuse a admitir isso.

O rosto enegrecido de Mary-Lou aparece por cima de seu livro e ela fica paralisada. — Wren? O que está fazendo aqui, querida?

Que fofo. Se eu fosse ela, eu me odiaria.

A sombra azul-acinzentada sob seus olhos é a primeira coisa que vejo. Minha boca se abre, mas se fecha rapidamente quando a vejo estremecer. Ela está saindo da cama e está na minha frente antes mesmo que eu possa dizer uma palavra.

— Eu sinto muito...

A mão de Stone nunca sai de minhas costas, mesmo quando estou envolvida no abraço familiar de Mary-Lou.

— Não é sua culpa, Wren.

— É o que eu continuo dizendo a ela. — A voz suave de Stone comanda o quarto.

Mary-Lou sorri para ele. — Stone Foster.

— Sou eu, — responde ele, levando-me até a cadeira ao lado.

Mary-Lou caminha lentamente de volta para a cama e se senta na beirada.

— Como você conhece o Stone? — Eu pergunto.

— Eu conheço o pai dele. Já o vi comandar uma sala de audiências como nenhum outro.

O grunhido de Stone não é perceptível para ela, mas é para mim.

— Por favor, diga-me que você não veio até aqui para me pedir desculpas, Wren.

Abro a boca, preparado para me desculpar mais uma vez, mas Stone estica as pernas à sua frente e solta a bomba.

— Viemos para descobrir o que havia em seu arquivo.

O que não estava em meu arquivo é a verdadeira questão.

Mary-Lou acena com a cabeça. Todos nós ficamos em silêncio enquanto uma enfermeira entra no quarto e a faz assinar alguns papéis. Ela está recebendo alta, o que é um alívio para mim.

Assim que a porta se fecha, Mary-Lou entra no modo de assistente social e faz as mesmas perguntas que costumava fazer quando eu estava sob seus cuidados, mas eu a impeço.

— Meu pai ainda está na prisão, mas tenho certeza de que isso tem algo a ver com ele.

Mesmo com o inchaço em seu rosto, vejo a hesitação. Aperto os olhos e Stone se enrijece ao meu lado. *Espere.*

— O que vocês dois sabem que eu não sei? — Eu desvio minha atenção para frente e para trás entre eles. Minha pulsação pulsa violentamente.

Stone não olha para mim.

— Ele está recorrendo da condenação.

O quarto gira. Foi preciso a palma da mão de Stone em minha coxa para me trazer de volta. — Como? Não. Ele saiu? — Viro-me para Mary-Lou. — Foi ele

quem a agrediu?

— Não, não que eu ficasse surpresa se ele o fizesse. Eu já tirei você dele muitas vezes para contar. — Sua risada suave é sarcástica.

Não consigo reunir a energia necessária para igualá-la.

— Eles levaram o arquivo inteiro? — pergunta Stone. Sua mão permanece em minha coxa enquanto ela balança para cima e para baixo.

Ela estremece ao balançar a cabeça. — Não. Eles levaram uma folha. O resto foi jogado em mim.

Atirado contra ela.

Eu a imagino sangrando e amassada no chão de seu escritório com papéis cobrindo seu corpo ensanguentado. Tremo, e Stone me olha brevemente com a sobrancelha pesada e uma careta de desaprovação.

Mary-Lou interrompe nosso momento. — Eles pegaram a folha que continha as informações de seus pais adotivos anteriores. Suspeito que ele esteja procurando seu endereço, achando que você ainda está morando com os Mitchells.

Stone e eu sabemos que isso não pode ser verdade. Meu pai sabe exatamente onde estou, e os mesmos homens que invadiram o escritório dela provavelmente foram os mesmos que saquearam meu quarto.

O resto do tempo que passei com Mary-Lou foi um borrão. Ela me pergunta sobre a faculdade e faz um esforço óbvio para evitar falar sobre meu pai. Ele pode ser a razão pela qual estou cara a cara com minha antiga assistente social novamente, mas ela nunca foi de passar muito tempo falando sobre coisas negativas.

Depois de dar-lhe um abraço carinhoso e pedir desculpas pela centésima vez, o que ela e Stone me repreendem, ele me leva até seu carro. Eu me sento no banco e fico em silêncio, concentrado na aceleração do motor.

— Você sabia? — Minha voz é rouca.

— Que tipo de namorado eu seria se não soubesse?

Eu respiro fundo. *Namorado? É isso que ele é?* Sei muito bem o quanto é preocupante para mim sorrir, mas o faço mesmo assim. Deixo que o lapso em minhas emoções dure apenas um segundo.

Espero até que ele aperte o acelerador para murmurar: — Um mentiroso, eu acho.

Seu pescoço estala. Voei para frente quando seu pé pisou no freio, parando-nos no meio do estacionamento.

— O que você acabou de dizer?

— Não esconda coisas de mim, Stone. Eu não gosto disso.

Ele me encara com seus olhos azuis que sugam a alma e depois sorri como o diabo. — Mas você gosta quando eu me chamo de seu namorado, não é?

— Não.

— Agora quem está mentindo?

Cruzo os braços em sinal de derrota, e ele pressiona o acelerador, jogando-me para trás.

— Não se preocupe, baby. Pretendo fazer você admitir o quanto *gosta* da ideia de eu ser seu namorado mais tarde.

Pressiono meus lábios juntos ao mesmo tempo em que minhas coxas se contraem.

Namorado ou não, eu meio que o odeio.

CAPÍTULO 32

Stone

Step-Monster: Stone!!! Por favor, entre em contato comigo!!!

Fico olhando para a mensagem de uma semana atrás. Eu não a respondi. Não me dei ao trabalho de inventar uma desculpa. Não tenho dúvidas de que se trata da festa de aniversário do meu pai, que provavelmente está chegando.

De fato.

Antes que eu possa pensar melhor, disco o número dela.

— Oh, meu Deus, Stone! — Sua voz é doce como açúcar. O suficiente para me deixar com a boca cheia de cáries. — Eu estava pensando em você. Esperava sua ligação há alguns dias.

Ela é educada o suficiente para não dizer uma semana atrás. Ou mais. Já que tenho me esquivado de suas mensagens e ligações desde o início do ano letivo.

— Desculpe. — Limpo minha garganta. — Tenho estado ocupado. Adaptar-me a uma nova faculdade e equipe, tudo isso...

— É claro, é claro. Então, você pode ir?

— Para a festa? — Eu a coloco no viva-voz e percorro as mensagens de texto. Ela nunca menciona uma data. — Quando é, mesmo?

Ela faz um barulho de "reprovação". — É hoje à noite. Começa às seis. E você sabe que é bem-vindo para passar a noite antes de voltar para a faculdade.

Puta que pariu.

— Estou levando um convidado, — digo a ela. — Eu, uh, só queria ter certeza de que estava tudo bem.

— Claro! É o Evan?

— Não...

Ela suspira. — Uma garota?

— Sim, minha namorada.

Coloco o telefone no balcão da cozinha e abro a geladeira. Enquanto ela continua falando sobre como uma namorada será ótima para mim e como estou solteiro há muito tempo, com muito foco no hóquei, penso em bater à porta na minha cabeça.

Cerveja está fora de questão. São oito horas, todo mundo está dormindo e não posso ficar bêbado logo de manhã. Por mais que essa conversa esteja me motivando a fazer isso.

— Ei, — eu interrompo, — é lá em casa, certo?

— A festa? Sim, é claro. Temos um bufê... — Ela continua falando.

Balanço a cabeça e pego meu celular, levando-o comigo para o quarto. Tiro-o do alto-falante e coloco a garrafa de água que não me lembro de ter pegado na mesa de cabeceira. Wren ainda está dormindo, e ela parece muito tranquila assim. Ela está esparramada como uma estrela-do-mar na minha ausência, o cabelo espalhado pelos travesseiros. Não sobrou espaço para mim... a não ser em cima dela.

Puxo os cobertores para baixo, prendendo o telefone entre a orelha e o ombro, e tiro a calcinha dela. É incrível que ela tenha conseguido vesti-la novamente depois da noite passada, mas deve ter se levantado para ir ao banheiro enquanto eu dormia.

De qualquer forma.

Elas são jogados para trás, e eu também tiro meu short. Não importa o que minha madrasta esteja falando - algo sobre as decorações agora - já estou duro como uma rocha pela Wren Davis.

Subo sobre ela e coloco meu pênis em sua entrada quente. Ela já está

molhada, mesmo dormindo, e espero que esteja sonhando com coisas boas. Sobre mim.

— Martha.

Os olhos de Wren se abrem e eu rapidamente cubro sua boca. Seus olhos se estreitam em fendas, mas se arregalam quando a empurro para dentro.

— Desculpe, — suspira a step-monster. — Eu me empolguei. Sei que você realmente não se importa com tudo isso.

Wren é muito gostosa.

— Eu só queria agradecer por me deixar levar uma convidada esta noite. E eu tenho que ir embora...

— Ok. Oh! Não se esqueça, é um evento formal. Gravata preta, somente vestidos longos.

— É claro.

Os dentes de Wren raspam minha palma, e eu sorrio para ela. Eu tiro e enfio de novo, e quase gemo. Ela o faz, o som reverbera em minha mão, e eu sorrio para ela.

— Bem, nós o veremos hoje à noite! — disse Martha.

— Ótimo. Tchau. — Desligo o telefone e o jogo no chão.

Wren sacode minha mão. — O que foi isso? E por que você está...?

Eu a beijo. Meus dentes prendem seu lábio inferior. Ela me beija de volta com mais força, envolvendo seus braços em meu pescoço. Ela passa a mão pela minha mandíbula, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

— Está tentando me distrair? — sussurra ela.

— Estou tentando me distrair.

— De quê?

Sacudo a cabeça e me inclino para o lado, deslizando minha mão entre nossos corpos. Encontro seu clitóris e toco uma música conhecida. Uma que a faz se contorcer em minutos, enquanto continuo a transar com ela lentamente.

Assim que ela goza, com o corpo tremendo e a expressão de êxtase, eu saio de dentro dela e a viro de barriga para baixo. Ela faz um pequeno chiado. Enfio um travesseiro embaixo de seus quadris e mantenho suas pernas juntas, apoiando-me na parte de trás de suas coxas.

— O que você está fazendo?

Eu deslizo de volta para dentro dela. É mais apertado e atinge um ângulo novo e mais profundo. Isso rouba meu fôlego e, a julgar pelo modo como ela para de falar abruptamente, também a pega de surpresa.

— Porra, — ela geme. — Que porra é essa?

Aumento a velocidade. Ela apoia as mãos contra a cabeceira da cama, com as unhas cravadas na madeira, enquanto eu tiro o que preciso dela.

Não demora muito para eu gozar. *Com força*. Vejo estrelas e não me incomodo sair de dentro dela. Simplesmente caio em cima dela, rolando para o lado para não a esmagar. Mas meu pênis continua semiduro dentro dela, e coloco meu braço em sua cintura para evitar que ela se afaste.

— Fique, — eu peço. — Vamos dormir um pouco.

E então eu darei a notícia sobre a festa. E sobre meu pai.

* * *

— Para onde você foi?

Inclino minha cabeça. — O quê?

— Você saiu antes de eu sair do chuveiro. — Wren se apoia na porta da

cozinha, com os braços cruzados.

Ela e Evan tiveram um almoço de confraternização entre irmãos ou algo assim. Eles iam conversar com os pais dele e se certificar de que estava tudo bem com eles. E ela tem razão - eu tinha coisas para fazer, então saí enquanto ela tomava uma ducha mais demorada.

Fecho meu laptop e me levanto da mesa. — Tenho algo para lhe mostrar.

— Okaaaay. — Ela estreita os olhos e me segue escada acima. — É uma surpresa que requer estar nua?

Eu dou uma risadinha. — Quero dizer... mais ou menos.

— Eu gosto dessas surpresas.

Tenho certeza de que ela não vai gostar dessa.

Paro em frente ao nosso quarto, com a mão na maçaneta, e a encaro. — Temos que ir a uma festa.

— Certo.

— A festa de aniversário do meu pai.

Wren chupa o lábio inferior entre os dentes, contemplando. Como se ela tivesse escolha no assunto. Ela não tem - eu já sei que tenho que estar lá, e não acho que posso continuar fazendo as perguntas que tenho que fazer ao meu pai sem ela ao meu lado.

— E isso é hoje à noite?

— Sim.

— Você acabou de descobrir sobre isso?

— Algo do gênero, — eu me protejo. Não quero admitir que tenho me esquivado de ligações a torto e a direito.

Ela acena com a cabeça cuidadosamente. — E você quer que eu conheça seus pais?

— Meu pai e minha madrasta, — corrijo. Pego sua mão e a aperto. — Além disso, um milhão de outras pessoas estarão lá, então não será estranho. Quero dizer, talvez a Martha faça com que seja estranho...

— Era com ela que você estava falando hoje de manhã.

Meu rosto está ficando quente. — Sim. Só estava confirmando a presença.

— Uh-huh.

Abro a porta e a conduzo para dentro. Aponto para a sacola preta de roupas pendurada na parte de trás do armário. — Isso é para você.

— Oh. Stone. — Ela se volta para mim. — Acho que não posso...

— Por favor, não invente uma desculpa por medo. — Eu forço uma risada. — É apenas uma festa. Está bem? Você pode apenas experimentar...

— Tudo bem, — ela sussurra.

— Ótimo. Tenho noventa e oito por cento de certeza de que vai servir. E você tem três horas para se arrumar. — Roubo um beijo de seus lábios e recuo antes que ela possa me bater. — Vejo você mais tarde.

— Stone!

Bato a porta e saio correndo. O vestido que comprei para ela é formal, um vestido que a madrasta aprovaria, preto e brilhante, com alças e um decote profundo. Ah, e é sem costas.

Ally aparece menos de vinte minutos depois, olhando para mim enquanto passa e sobe as escadas. Dou uma risadinha para mim mesmo. Tomei banho mais cedo e meu smoking está no quarto de Evan.

Aperto o play na última fita de jogo - esta é de um jogo recente entre o Bexley Wolves e o Crown Point Hawks, com quem jogaremos no próximo fim de semana - e me acomodo no sofá para passar o tempo.

Três horas depois, estou vestido e pronto, e espero por Wren no final da

escada.

De certa forma, sinto-me mais nervoso para isso do que para o meu baile de formatura do ensino médio. É claro que Wren também estava lá, assombrando aquele momento. Levei uma garota que acompanhava o time de hóquei - nem me lembro o nome dela, exceto que um dos rapazes me apresentou a ela. Isso foi irrelevante.

Isso parece muito mais sério.

— Não acredito que você está levando Wren para conhecer seus pais, — diz Taylor do sofá. — É uma atitude corajosa, com certeza.

Eu o ignoro.

É corajoso, especialmente porque meu pai provavelmente dará uma olhada nela e saberá exatamente quem é seu pai. Não consigo imaginar que ele tenha representado Jessie Davis todo esse tempo e não saiba de sua filha. A filha que foi adotada pela família do meu melhor amigo.

Jesus. É uma loucura.

— O que ela está fazendo lá em cima? — pergunta Taylor.

— Está se arrumando. — Eu me mexo. — Eu não sei, porra.

— Você está muito chique, cara.

Dou uma olhada por cima do ombro. Evan e Grant deixam suas malas na sala de estar, sorrindo para mim como se nunca tivessem me visto usar um smoking.

Ok, sim, tive que alugar um quando peguei o vestido da Wren. Tenho paletós para os jogos fora de casa, mas nada que possa ser qualificado como black tie.

Os sacrifícios que fazemos.

Suspiro e mostro o dedo do meio para eles.

No andar de cima, um cronômetro dispara. Escondo meu sorriso ao ouvir o

distante "*Merda*!" de Wren.

Eu ando pelo saguão até que ela apareça no topo da escada. A saia de seu vestido está em sua mão, mantendo seus pés livres para descer as escadas. Primeiro, seus saltos prateados brilhantes e com tiras aparecem, depois suas pernas tonificadas. Depois, o vestido brilhante que lhe cai como uma luva. Ela o combinou com joias douradas. Brincos, pulseiras, alguns colares finos que ficam pendurados entre seus seios.

Deus.

Coloco minhas mãos sobre a virilha e me esforço para não ficar excitado como um adolescente ao vê-la.

Seu cabelo está preso em uma espécie de coque elaborado, com mechas puxadas para fora e enroladas para emoldurar o rosto. Batom vermelho-escuro, sombra escura com dourado nas pálpebras.

Ela se aproxima de mim e está bem mais alta do que normalmente é. Não tão alta quanto eu, mas ainda assim.

— Você está perfeita. — Beijo sua bochecha. Sua pele está quente sob meus lábios.

— Agradeça à Ally, — ela murmura. — Ela é uma mágica.

Olho de relance para Ally, que está descendo as escadas mais devagar com seus suprimentos.

— Obrigado, Ally.

Ela sorri.

Estendo meu braço para Wren. — Temos uma viagem pela frente. Pronta?

Minha garota acena com a cabeça. — Sim.

CAPÍTULO 33

Wren

Estou corada e nervosa. A mão provocante de Stone em minha perna durante o trajeto também não ajudou em nada. Sua cabeça virava a cada poucos minutos com um olhar de desejo, e cada vez que eu tentava pegá-lo, sua mandíbula se flexionava.

— Você parece tenso, — sussurro. Alongo a coluna e ergo o queixo, fingindo ser alguém que ambos sabemos que não sou. — Tem certeza de que estou bem?

Ele comprou o vestido para mim, algo que não me deixou - e ainda não me deixa - muito feliz. Encontrei a etiqueta com o preço no lixo do banheiro. O valor que ele gastou em um vestido idiota para a festa de aniversário de seu pai confirma que *não somos* iguais.

Seus dentes mordem minha orelha enquanto ele deposita beijos carinhosos em minha mandíbula. Estamos do lado de fora de sua casa, e ela é maior do que eu me lembrava.

— Você está *muito* bonita, — diz ele.

Reviro os olhos. — Tanto faz.

Eu ofego quando ele agarra meus quadris e me pressiona contra seu corpo. Minhas costas nuas batem na frente de seu smoking perfeitamente ajustado, e minhas coxas se contraem com a força dele.

— Vou foder você com muita força depois disso.

Estou contando com isso.

— E você está mantendo os saltos.

Balanço a cabeça diante de sua exigência e recuso, mas ambos sabemos que

Stone tem um jeito de conseguir o que quer.

— Pronta? — ele pergunta, deslizando sua mão na minha.

Deixei que ele me ajudasse a subir os degraus de pedra como uma criança. *Por que estou tão nervosa?* Já conheci seu pai antes. Foi uma breve apresentação. O pai de Stone estava sempre com pressa, nunca tinha tempo para uma conversa completa com os pais de Evan. Ele era casado com seu trabalho - algo que Stephen mencionou uma ou duas vezes. Ele também mencionou que Daniel Foster era um dos principais advogados de defesa dos Estados Unidos e, depois de ver a entrada imaculada de sua casa, eu diria que ele também é um dos mais ricos.

— Boa noite, Stone. — Um mordomo aparece do nada.

As pessoas realmente têm mordomos?

— Olá, Gerald. É bom vê-lo.

O homem mais velho sorri, e eu quase tropeço ao ver Stone retribuir o favor com seu próprio sorriso.

— A festa de seu pai é lá atrás.

— Obrigado.

Meus saltos batem contra o mármore brilhante quando Stone me arrasta para a frente. Ainda estou admirada com seu sorriso genuíno. Ele não sorri o suficiente.

— Uau.

Stone para, mas quanto mais nos aproximamos da festa, mais tenso ele fica. — O quê? Você nunca foi a uma festa chique antes?

— Bem, não. Mas não foi por isso que eu disse uau.

Sua sobrancelha se ergue e fico meio tentada a passar a mão em seu cabelo penteado para trás. Ele é bonito demais para seu próprio bem.

— Eu só não sabia que você era capaz de sorrir.

Dou uma risadinha diante de seu olhar e, de repente, sou esmagada em seu peito. Sua mão toca a lateral da minha bochecha e ele sorri novamente, só que dessa vez é para mim. Isso me deixa sem fôlego.

— Eu adoro quando você ri.

As borboletas me enchem, e sei que minhas bochechas estão rosadas.

— Vamos lá. Quanto mais cedo resolvermos isso, mais cedo poderei tirar esse vestido de você.

Meus dentes afundam no lábio inferior e eu me ruborizo com mais força, mas todos os pensamentos de Stone me despindo desaparecem quando passamos pelo arco aberto. Está mais do que claro que tivemos infâncias *muito* diferentes.

O quintal é tão grande quanto o parque de trailers em que cresci, mas, em vez de lâmpadas de rua meio quebradas e tremeluzentes que iluminam a área, há cordas de luzes penduradas em cada árvore, lançando um brilho muito bonito sobre todos. Os garçons vêm de todas as direções, segurando suas bandejas de prata reluzente cheias de taças de champanhe, borbulhando com um líquido dourado, e comida suficiente para alimentar uma aldeia.

Minha mandíbula se solta quando minha cabeça balança para a esquerda e depois para a direita. Embora a festa ocorra em um quintal, não é uma *festa* típica de quintal. A decoração é luxuosa, repleta de ouro e enfeites brilhantes que roubam minha atenção.

Olho para o meu vestido e de repente me sinto grata por Stone ter me obrigado a usá-lo. Nós nos encaixamos perfeitamente.

— Isso é... — Minha frase se perde.

— Absolutamente ridículo e exagerado? — murmura Stone.

Ele coloca a mão na parte inferior de minhas costas, e eu rio.

— Eu ia dizer extravagante.

— Martha não conhece limites quando se trata de planejamento de festas. — Ele faz uma pausa. — Especialmente quando ela tem o Amex do meu pai. — Seus ombros se erguem por um momento antes que seus lábios se achatem. — Por falar na step-monster...

— Stone, — eu aviso.

É difícil não se sentir um pouco ressentida com as críticas que ele faz aos pais. Entendo que ele não teve o pai mais amoroso ou atencioso, mas o que eu teria dado para crescer com privilégios em vez de pobreza. Pelo menos o pai de Stone não é um drogado.

— Aí está você! — Martha vai em direção a Stone com os braços abertos e um sorriso ligeiramente atordoado.

Seus lindos olhos azuis estão brilhantes, e eu engasgo com o ar quando ela me empurra contra seu peito, esmagando-me com um abraço que suga a alma.

Stone grunhe com humor. Eu o encaro, e ele revira os olhos.

— Quando Stone me disse que estava trazendo sua *namorada*, quase caí da cadeira.

Stone sussurra atrás de mim, e fico grata por Martha não ter ouvido. — *Provavelmente foram todos os coquetéis.*

— A festa está linda, — eu digo, elogiando-a. — Stone me disse que gostaria que um dia você desse uma festa como essa para ele.

Eu sorrio.

Stone rouba uma taça de champanhe da bandeja de um garçom e a bebe.

— Ah, eu gostaria que ele me deixasse! — A empolgação de Martha é óbvia com o barulho agudo que ela faz. — Oh, apenas espere! Talvez um dia eu esteja planejando seu casamento.

Stone passa o braço em volta da minha cintura. — Oh, veja, é hora de ir.

Ele começa a nos afastar, mas a mão de Martha cai em meu ombro.

— Espere! Lá vem seu pai. Certifique-se de dizer a ele feliz aniversário.

Meu coração dispara e, de repente, sinto-me ansiosa. Stone endurece e seu braço cai do meu quadril. Ele estende a mão e aperta a de seu pai. Daniel Foster é tão alto quanto Stone e também tão intimidador quanto ele.

— É bom ver você, filho.

Stone mantém o aperto de mão curto. — Feliz aniversário.

Respiro fundo e sorrio. Daniel claramente não sabe que é indelicado não agradecer a alguém que lhe desejou um feliz aniversário, mas eu sorrio, mesmo assim.

— Pai, esta é Wren Da...

A bochecha de Daniel se ergueu e suas mãos foram parar nos bolsos. — Wren Davis. Sim, eu sei quem ela é.

Não me pareceu uma coisa boa, mas estou acostumada com isso.

— Feliz aniversário, Sr. Foster. — Finjo um sorriso e me aproximo de Stone. Uma estranha sensação de proteção me invade e, sem mais nem menos, estou pronta para ir embora.

— Obrigado.

Ele acena com a cabeça, e é educado, mas não me deixo enganar por seu carisma fingido ou por seu rosto bonito. Daniel Foster não é um bom homem.

— Pode nos dar licença por um momento? Tenho alguém aqui que quer conversar com Stone.

Stone dá um passo à frente. — Ela pode vir.

É dolorosamente óbvio que o pai dele não confia em mim, e prefiro não passar pelo constrangimento de ele inventar uma desculpa.

— Não, está tudo bem. Vou usar o banheiro. — Sorrio para Stone, mas ele consegue ver através de mim. — Vou encontrar você daqui a pouco.

Eu me viro e me dirijo para a casa principal.

Não respiro novamente até estar em segurança dentro de casa e ser direcionada ao banheiro.

* * *

Nunca imaginei como era o quarto de infância de Stone, mas agora que estou no meio dele, é difícil imaginá-lo crescendo aqui.

Não há nada nesse quarto que me diga que é dele, a não ser uma foto dele com o time de hóquei do ensino médio comemorando o campeonato no último ano. Passo meu dedo ao longo das marcas intrincadas na moldura antes de ir à ponta dos pés até a janela com vista para a festa. Ela ainda está em pleno andamento. Casais de aparência elegante estão bebendo champanhe e rindo de algo que outros casais igualmente elegantes disseram.

Encontro o pai de Stone imediatamente. Martha está ao lado dele, cuidando dele enquanto ajeita sua gravata. Não vejo Stone em lugar nenhum.

— Você não sabe que o andar de cima está fora dos limites?

Sorrio, mas fico de costas para ele. — É mesmo? Eu não estava sabendo.

O trinco da porta chama minha atenção e, antes que eu perceba, os braços de Stone estão em volta do meu tronco e seu hálito quente está em meu pescoço.

— Mentirosa.

Dou de ombros. — Às vezes, gosto de quebrar as regras.

Sinto seu sorriso atrevido em meu pescoço, mas ele desaparece rapidamente. Seu arfar alto chama minha atenção, e eu inclino o pescoço para trás para olhá-

lo. A única luz vem da festa lá embaixo, mas, mesmo assim, vejo que ele está nervoso.

— O que há de errado? — Pergunto, girando em seus braços. Eu o prendo com os meus em seu pescoço.

Sua mandíbula se flexiona. — Eu odeio isso aqui.

Eu aceno com a cabeça. — Eu sei.

— Sinto muito que ele tenha sido um idiota com você.

Reviro os olhos e o afasto. — Você acha que isso é ruim? — Uma risada sarcástica se prolonga entre nós. — Meu pai é um drogado e deixava seus amigos bandidos me tocarem. Seu pai não é nada comparado a ele, Stone.

Sua garganta se move com um lento engolir enquanto ele me olha fixamente. Afasto uma mecha de seu cabelo penteado assim que ela cai em sua testa.

— Sabe, eu nunca transei com uma namorada aqui.

Aperto os olhos. — Isso é porque você nunca teve uma namorada, Stone.

Ele me aperta em seu peito forte. — Até você.

Minha boca se abre um segundo antes de ele atacar. A língua de Stone se insinua enquanto ele aprofunda o beijo, lançando-me para trás tão rápido que me choco contra a parede ao lado da janela. Sua mão voa para o meu pescoço e eu interrompo o beijo, inclinando a cabeça para trás.

— Você está pedindo para transar comigo no seu quarto de infância, Stone?

— Não estou pedindo.

Estremeci com a urgência em seu tom.

Um suspiro me escapa quando seus dedos mordem minha coxa, abrindo-me completamente. Engancho minha perna em suas costas e espero que ele perceba que não estou usando calcinha. Solto um suspiro quando seus dedos me tocam. Ele se afasta e aperta meu pescoço com mais força, pressionando suavemente a

palma da mão contra minha traqueia.

— Você está tentando me matar?

Meus dentes afundam em meu lábio inferior e eu sorrio. Ele grunhe quando enfia seus dedos em mim. *Que droga.* Os olhos de Stone se arregalam na parte de trás da cabeça, mas ele afasta a mão.

— Mãos na cabeça.

Faço o que ele diz porque estou muito bêbada de luxúria. O zíper nas minhas costas faz barulho com o puxão. Ele tira meu vestido.

— Porra. — Ele arrasta seu olhar sombrio pelo meu corpo.

Estou completamente nua, exceto por meus saltos prateados. Stone abre sua calça.

— De joelhos, Sticks.

Engulo e faço o que me mandam, pois tenho certeza de que quero isso mais do que ele.

CAPÍTULO 34

Stone

A visão dela de joelhos na minha frente é demais. Passo os dedos em seus cabelos, sem me importar que ela tenha passado horas fazendo isso. Ela me ajuda, tirando os grampos escondidos até que seu cabelo longo e escuro esteja solto em volta dos ombros.

Agora ela está nua, exceto por aqueles saltos prateados, tão desfeita quanto eu me sinto por dentro.

Passo as duas mãos em seus cabelos novamente, inclinando sua cabeça para trás, e seus olhos se arregalam. Ela me encara com aqueles grandes olhos cor de avelã. Meu coração dá uma batida estranha, e sei que em meus ossos quero fazer mais do que apenas fazê-la engasgar com meu pênis.

Eu também quero me casar com ela.

— Pare de me olhar assim. — Sua voz é rouca.

Seu olhar volta para minha calça, para a protuberância óbvia. Porque ela poderia simplesmente sorrir para mim e meu corpo reagiria. Ela abre meu cinto. Desfaz a dobra da minha camisa, suas mãos percorrendo meu abdômen por um momento.

Eu me flexiono para ela, sorrindo ao ver como as pontas de seus dedos tropeçam em meus abdominais.

Sem dizer nada, ela abre o zíper da minha calça e a empurra para baixo. Ela libera meu pau e o agarra imediatamente, apertando a base antes de deslizar a mão para cima.

Eu gemo com o contato.

— Chupe-me, Sticks, — eu peço.

Ela sorri um pouco, e meu pau se contrai. Como era de se esperar.

Não espero que ela faça sexo oral em mim sem um pouco de atrevimento, mas seus movimentos parecem quase ansiosos quando ela se inclina para frente e me lambe. Ela me leva à boca, e eu a observo com admiração. Sua língua gira em torno de mim, e eu gemo quando a ponta toca o fundo de sua garganta.

Ela tira os lábios de mim e olha para mim. Suas pupilas estão dilatadas, seus lábios molhados.

— Foda minha boca, — ela sussurra.

Torço seu cabelo com os dedos e a arrasto de volta para o meu pau. Ela vai com vontade, suas mãos vão até minha bunda e a apertam.

Droga.

Balanço os quadris para frente e deslizo mais fundo em sua boca. Estou perdido no prazer, nos ruídos que ela faz no fundo da garganta. E quando ela se engasga comigo, fico mais duro.

Abruptamente, eu a retiro. Eu a levanto e a empurro contra a parede. Ela fica olhando para mim até que eu a levante.

— Enfie os saltos na minha bunda, baby, porque você vai se divertir.

Sua boca se abre. Ela obedece, envolvendo suas pernas ao meu redor e, um segundo depois, estou deslizando para dentro dela.

— Muito melhor, — murmuro, beijando seu pescoço.

— Minhas habilidades no boquete não estão à altura de seus padrões?

— Elas eram boas demais, — respondo. — Mas prefiro encher sua boceta de porra do que sua boca.

Ela inclina a cabeça para o lado, dando-me mais espaço para marcá-la. Meus dentes tocam sua pele e eu chupo a área. Certifico-me de deixar um chupão que se destacará como um sinalizador para todo mundo.

— Aproveite isso, baby, — eu digo em seu ouvido. — E lembre-se disso hoje à noite.

Ela inala. Confusa, talvez. Isso fará sentido quando ela perceber minha verdadeira motivação para vir aqui. E trazê-la comigo.

Mas, neste momento, não consigo me satisfazer com ela. Bato nela com força suficiente para que seu corpo bata na parede. Se não houvesse uma festa acontecendo, ficaria claro pelo som o que estamos fazendo. Mas ela mal consegue conter seus gemidos. Ela responde às minhas investidas, nossos corpos se chocando.

— Toque-se, — eu consigo dizer. — Goze comigo.

Sem dizer nada, ela desliza a mão entre nós. Eu apalpo seu seio, enrolando o mamilo em meus dedos e beliscando-o enquanto ela chega ao limite.

— Estou gozando...

— Ótimo, — eu falo. Minhas bolas estão apertadas, e basta o orgasmo trêmulo dela se contrair em torno de mim para desencadear o meu.

Fecho os olhos e enterro meu rosto em seu pescoço, meus movimentos diminuem à medida que a preencho. E ficamos assim por um longo momento, ela envolta em mim, até que minha mente retorna.

Acabamos de fazer sexo no meu quarto de infância.

O quarto em que eu morava até ir para a faculdade.

Coloco seus pés de volta no chão e vou para o banheiro adjacente. Ela ainda está de pé quando me aproximo dela com uma toalha úmida. Limpo suas coxas, mas não toco sua boceta.

— Me faz um favor, Sticks?

Ela me olha.

Limpo meu pênis e o coloco para dentro, ajeitando minha calça e camisa. É

muito mais fácil me recompor. Eu mal me despi.

— Deixe-me entre suas pernas.

Sua boca abre e fecha. Seus olhos se aquecem, mas ela não diz nada.

Eu me viro em um círculo lento. — Meu quarto costumava ser muito maior.

Não sei por que estou dizendo isso a ela.

— O que você quer dizer com isso?

Limpo minha garganta. — Bem, eu não sei. Foi só...

Depois que mamãe se foi, implorei a papai que se mudasse. Havia duas opções: manter a casa como um santuário e lembrar todos os dias que ela havia deixado nós dois, ou começar tudo de novo.

Em vez disso, ele limpou nossa casa de qualquer vestígio dela. Deixando-a nitidamente... antisséptica.

Até que surgiu a step-monster.

Mas tirar mamãe de casa significava se livrar do mural que ela pintou na minha parede. E doar a colcha que ela fez de crochê para mim quando eu era criança. Todas as fotos, exceto a que estava na minha cômoda, foram colocadas em uma lixeira e escondidas no sótão.

Todas as lembranças dela estão acumulando poeira.

— Stone, — murmura Wren.

Balancei a cabeça. — Desculpe. Você pode ficar aqui em cima se quiser. Se não estiver gostando da festa. Só tenho que falar com meu pai.

Ela enrola o cabelo em seu dedo. — Tentador...

Eu a beijo. Eu queria que fosse algo rápido, mas não existe algo *rápido* perto de Wren. Sou sugado, inclinando-me para ela, enquanto seus lábios deslizam contra os meus. Sua língua roça a costura de meus lábios, e eu me abro para ela. Deixo que ela passe os braços em volta do meu pescoço, pressionando seus seios

nus contra o meu peito.

Ela vai ser a minha morte.

E acho que a amo por isso.

* * *

Agora ou nunca.

Finalmente me afastei de Wren, prometendo ser rápido. Ela poderia se esconder no meu quarto e depois me encontrar no carro, ou poderíamos ficar..., Mas ficar levaria a mais conversas pela manhã, e não estou convencido de que meu pai não me mandaria embora assim que eu abordasse o assunto.

A festa está em seu final. Meu pai está bêbado, sentado em sua cadeira preferida no pátio dos fundos, com um copo de uísque em uma das mãos e um charuto pendurado nos dedos da outra. A bebida é pura, como de costume. Gelo é praticamente um sacrilégio.

A cadeira normalmente fica dentro de casa, pois é a favorita dele. Mas acho que Martha decidiu levar todos os bons móveis internos para fora para essa festa ridícula. Isso lhe dá uma aparência majestosa.

Um rei em seu trono.

Seus olhos estão cansados, acompanhando os convidados enquanto alguns se dirigem para a saída. Restam alguns homens, com charutos nas mãos, conversando entre si.

— Stone, — papai chama, ao me ver. — Pensei que você tinha saído sem dar boa noite.

— Achei que deveríamos conversar. — Eu me sento ao lado dele. — Esta noite foi um turbilhão.

Ele leva o charuto à boca, aspirando um bocado de fumaça e exalando-a lentamente. — De fato. Martha faz de tudo. O que você fez com aquela sua garota?

— Ela está lá em cima.

— Estou bem aqui. — Wren aparece no canto, com os cabelos soltos em volta dos ombros. O vestido está de volta no lugar, moldado ao seu corpo perfeito.

Afasto meu olhar de seus peitos e o fixo em seu rosto. Ela se senta em meu colo.

Franzo a testa. Seu peso recai sobre mim, e automaticamente coloco minha mão em suas costas nuas. Ela se arrepia levemente. Deixo meu polegar traçar a borda de seu vestido. Eu a toquei a noite toda, mas essa sensação é diferente. Um pouco mais perigosa.

Isso é na frente de meu pai.

— Estou bem aqui, — ela repete. — Wren Davis.

Papai franze os lábios.

— Ela foi adotada pelos pais de Evan, pai. — Minha boca está seca.

Não tenho a menor ideia de como vou fazer minhas perguntas com Wren no meu colo. Porque assim que eu começar a falar, ela vai saber que eu menti para ela.

Bem, omiti. Mas é a mesma coisa, não é? No final das contas...

— Ah, sim. Os Mitchells. Como está Evan? — Papai é educado, sua voz é uniforme, mas seu olhar não está mais em nós. Ele está se afastando da conversa.

— Talvez em perigo, já que o pai da Wren mandou uns caras baterem na assistente social dela e roubarem o arquivo com o endereço dos pais dele.

A atenção de papai se volta para mim. Como um tubarão farejando sangue,

seu olhar se aguça.

Wren se desloca.

— Seja honesto comigo, pai. Como você poderia representá-lo?

Ela se enrijece.

Aperto sua cintura com mais força, impedindo-a de fugir. Porque eu a conheço tão bem quanto conheço a mim mesmo. Talvez até melhor. E, neste momento, ela não gostaria de nada mais do que sair correndo e ter a ideia errada.

Ou talvez ela tenha tido a ideia certa.

— Não posso discutir casos em andamento, — diz meu pai, acenando com a mão.

— Isso é diferente, — eu argumento. — A vida de Wren está em perigo.

— Stone... — diz Wren.

— Silêncio, — murmuro. Para meu pai, continuo: — Por favor. Sabemos que você está recorrendo da condenação dele. Só precisamos saber se há alguma chance de ele sair...

— Bem, é tarde demais para isso. — Papai suspira. Ele apaga seu charuto e termina sua bebida, depois se levanta. — O tribunal de apelação acolheu nosso caso esta semana.

Coloco Wren de pé e me levanto também. — E?

— E... — Papai dá de ombros. — Desde ontem, Jessie Davis é um homem livre.

Bem... foda-se.

E *é* aí que Wren foge.

CAPÍTULO 35

Wren

Meu mundo para.

Desde ontem, Jessie Davis é um homem livre.

Eu já fui embora.

Eu me viro e, para alguém que raramente usa saltos altos, consigo escapar muito bem com eles amarrados em meus tornozelos.

— Wren!

A voz de Stone ecoa por trás, mas eu acelero o passo. Conheço as ruas como a palma da minha mão. Cresci nelas. Um galho de árvore corta meu braço nu, mas continuo correndo.

Meu peito se agita e me sinto mal. Envolvo meus braços em volta da barriga apertada e meu cabelo gruda no suor da minha testa.

A única casa que já considerei um lar aparece à frente, mas não corro para ela. A última coisa que quero é que Rebecca e Stephen me vejam assim.

Estou uma bagunça. Atingida pelo medo e sobrecarregada pela traição.

Como Stone ousa me deixar toda deslumbrada com esse vestido estupidamente caro, me dizer como sou bonita, me arrastar para a casa de seu pai e depois jogar uma bomba em mim?

A pequena cabana em que Evan e eu costumávamos ficar é um farol à noite. A fenda do meu vestido se abre quando me abaixo. Meus joelhos se arrastam sobre a grama úmida e eu rastejo para dentro para me esconder.

Um soluço sair do meu corpo, mas eu mantenho essa merda guardada a sete chaves.

Em vez disso, lágrimas lentas escorrem pelo meu rosto e caem no meu lindo vestido. Elas não param, mesmo quando fecho os olhos e apoio a cabeça na madeira lascada.

Meu pai saiu da prisão. Sua ameaça é muito mais perigosa agora.

Ele virá atrás de mim, e eu terei que descobrir uma maneira de evitar que ele destrua tudo pelo que trabalhei.

Como o caso dele poderia ser objeto de recurso?

O pai de Stone Foster. É isso.

Ele é o advogado de defesa mais bem-sucedido dos Estados Unidos e provou ser digno de um criminoso como meu pai.

Um rangido chama minha atenção, e eu me enrijeço.

Uma velha garrafa de cerveja que Evan e eu deixamos para trás rola sobre folhas e, quando o sapato preto e brilhante de Stone aparece, construo minha parede e fecho os lábios. Limpo meus olhos antes que seu rosto apareça na pequena abertura.

Como ele me encontrou?

— Saia.

Eu não falo. Meu silêncio é uma resposta em si.

— Wren. Está frio aqui fora. Posso ver lama cobrindo seus saltos e joelhos, então sei que está molhada. Vamos lá.

Tenho medo do que sairá de minha boca se eu a abrir. Há um entalhe em minha garganta que dificulta a respiração e, do jeito que está, mal consigo me manter firme.

— Eu a arrastarei para fora.

Vá em frente.

Sua mão grande cai no meu tornozelo e eu respiro fundo quando ele puxa

minha perna com força. Meus dedos cravam no chão macio e eu o chuto.

Ele grunhe.

— Você está brincando? Eu sei que você está brava...

— Brava? — Eu grito, saindo o resto do caminho. Fico de pé com as pernas trêmulas. — Estou mais do que brava.

Estou muito mais que isso.

As árvores balançam e a lua aparece, dando lugar à marca vermelha em sua mandíbula. Ele esfrega o local que chutei e faz uma careta. — Bem, você pode me contar tudo isso no carro. Vamos lá.

Recuso-me silenciosamente, e sua mandíbula treme.

— Você acha mesmo que não vou pegá-la e levá-la até o meu carro, Sticks? Porque eu vou.

Eu bufo porque sei que ele está certo. Esbarro em seu ombro e passo por ele. Surpreendentemente, ele não me toca e, depois que vejo seu carro estacionado perto do meio-fio, abro a porta e me acomodo no banco do passageiro.

A sujeira me cobre. Os saltos estão arruinados e meus joelhos estão manchados de sujeira.

— Como você sabia onde eu estava?

Sinto seu olhar fixo, mas mantenho minha atenção fora da janela, observando as luzes desfocadas. Seu carro acelera e aceleramos em direção à interestadual.

— Eu sempre sei onde você está.

— Evan e eu somos os únicos que sabemos sobre isso.

Stone muda de marcha e aumenta a velocidade. — Você acha que eu não observava todos os seus movimentos quando estávamos no ensino médio?

Não importa.

— Eu sempre soube onde você estava em uma sala lotada, Sticks. Assim como sei agora. Eu a conheço muito melhor do que você pensa.

Olho fixamente para seu perfil. Sua mandíbula se articula para frente e para trás, e seus dedos se apertam na alavanca de câmbio.

— Sei o quanto você está chateada por causa do meu pai e sei que está com muito medo do seu ser um homem livre.

Mordo minha língua.

Ele muda de marcha novamente e eu voei para o encosto do banco.

— Sei que você mordeu a língua porque odeia o fato de eu estar certo.

Ele tem razão. Ele me conhece.

Não lhe dou a satisfação de estar certo e me recuso a correr até ele porque estou com medo.

Durante o resto da viagem de volta para casa, aperfeiçoei minhas paredes, colocando cada tijolo no lugar para mantê-lo afastado.

Assim que o carro para eu abro a porta e corro para dentro.

Estou na metade da escada quando Evan aparece do sofá. — Wren?

Eu me viro e o encaro por cima do corrimão. Suas sobrancelhas estão franzidas e ele desvia sua atenção de mim para Stone. Ele está casual, com a gravata solta e a camisa desabotoada.

Ele que se dane por ser gostoso.

— O que está acontecendo?

— Você também sabia? — Meu estômago cai quando vejo a culpa no rosto de Evan.

Ouch.

— Nenhum de vocês fala comigo neste momento.

— O que está acontecendo? — pergunta Taylor. Ele caminha pelo corredor com uma tigela de cereal na mão.

— Taylor, posso ficar em seu quarto esta noite? Prefiro não me deitar na cama com um mentiroso.

Stone bate à porta da frente e Taylor sai rapidamente.

— Pare com isso, Wren. Entendo que você está com raiva, mas pare de ser estúpida.

— Sabe o que é estúpido? — Eu me irrito. — Pensar que eu poderia confiar em você. — Balancei a cabeça. — Eu nunca deveria ter deixado você entrar.

— Wren, — começa Evan, mas para ao ver meu rosto.

— E você! Eu esperava mais de você.

— Nós estávamos...

Levanto minha mão no ar. — Esconder coisas de mim não está me protegendo. Está me tornando ignorante! Você ia me contar se eu não tivesse entrado na conversa?

— Contar o quê? — Evan pergunta. — Você disse a ela que seu pai está recorrendo do caso?

— Recorrendo? — Eu ri. — Tente colocar essa palavra no passado.

O rosto de Evan se abaixa e Stone aperta a ponta do nariz.

— Ele está livre, Evan.

Viro-me e subo as escadas correndo, segurando as lágrimas de raiva e medo. Pego meus cobertores e travesseiro, porque eu não estava brincando quando disse que não dormiria ao lado de um mentiroso. Todo o meu corpo está tremendo, mas ainda assim vou na ponta dos pés até a janela e olho para a rua.

Não ficaria surpresa se visse meu pai parado na calçada, esperando para me receber em casa de braços abertos.

CAPÍTULO 36

Stone

Acho que subestimei o tempo que Wren ficaria irritada comigo.

Depois de tentar se esconder - uma tentativa patética, se é que já vi uma, na qual ela deu uma impressão surpreendentemente precisa de um gato insatisfeito, com garras e tudo -, ela achou que dormir no armário do Harry Potter era sua melhor opção.

Não é preciso dizer que isso não funcionou.

Mas já se passaram cinco dias *sem nada* e estou quase chegando ao meu ponto de ruptura. Ela tem me olhado fixamente - se é que se digna a olhar para mim. Caso contrário, ela me evita até subir em nossa cama à noite, e então passa a próxima hora evitando meu toque.

Como agora, ela está dormindo ao meu lado, tão longe que seu braço está tocando a parede. E eu estou quase na borda oposta, tentando ser gentil e respeitar seus limites.

Mais ou menos isso.

Eu suspiro, e ela responde com uma cotovelada nas minhas costelas.

— Achei que estivesse dormindo.

— Seu silêncio é tão alto que me acordou, — ela responde.

Ouch.

Ela tira os cobertores de suas pernas e se arrasta até o final da cama. Eu a observo se movimentar pelo quarto escuro, pegando roupas do chão e da cômoda. E fico onde estou enquanto ela se veste de forma robótica. Não há expressão em seu rosto.

Assim que calça seus sapatos, ela sai pela porta.

A porta do banheiro se fecha no final do corredor com um pequeno *estalo*, e eu coloco o braço sobre o rosto por um momento. Um momento para permitir que minha frustração borbulhe e quase me sufoque.

Mas um momento é tudo o que tenho. Na próxima inspiração, eu me forço a subir e descer o corredor até o quarto de Grant. Bato duas vezes na porta e entro.

Seu quarto é mais escuro do que o meu, as cortinas blackout que ele instalou nas janelas estão colocadas no lugar. Ele está deitado no meio da cama, e há uma garota enrolada ao seu lado.

Nua.

Adorável.

— Grant, — eu chamo.

Nada. Ah, bem, eu tentei. Pego o copo de água em sua mesa de cabeceira. Não me sinto nem um pouco mal por tê-lo jogado em sua cabeça.

Ele e a garota acordam quase que instantaneamente. Ele ruge, golpeando, e eu salto para fora do alcance. Seu cabelo encharcado está grudado na cabeça, e ele parece ridículo. Eu caio na gargalhada antes de conseguir me conter.

— Porra, Foster, — diz Grant, grogue. — Que diabos está fazendo?

A garota mal está cobrindo os seios com o lençol. Não que eu me importe com os seios dela. Eles não são os de Wren, então eu a ignoro e me concentro em meu colega de casa.

— Wren está indo para a aula mais cedo. Você precisa ir com ela.

Ficamos olhando um para o outro por um longo minuto.

— *Tudo bem*, — ele resmunga. — Só porque você, de alguma forma, fez merda com ela...

Eu o dispenso. — É melhor se vestir. Tenho certeza de que a universidade

tem alguma política sobre sapatos e camiseta.

Ele me aponta o dedo médio. — Saia daqui.

— Com prazer. Vou voltar para a cama.

Isso é meio que uma mentira. Volto correndo para a cama antes de Wren sair do banheiro, esperando que ela volte. Mas ela não volta. Ela desce as escadas e, um segundo depois, os passos mais pesados de Grant a seguem.

Ótimo.

A porta da frente se fecha e eu volto para a cama. Preparo-me para o dia e acordo Evan. Felizmente, ele se vira assim que eu digo seu nome. Não é necessário jogar água na sua cabeça.

— Há algum motivo para você estar me acordando de madrugada?

Eu bufo. — São sete. O sol já nasceu.

Ok, talvez sejam seis e meia. E o sol estava nascendo, da última vez que verifiquei...

— Tanto faz. — Dou um chute em sua perna. — Temos coisas para fazer.

Evan me olha. Mas ele é mais esportivo do que Grant em vários aspectos, e leva apenas cinco minutos para escovar os dentes e vestir roupas limpas. Ele me encontra na cozinha, onde lhe entrego um pãozinho torrado e um pote de cream cheese.

— Uh-oh. Você está tentando... bem, porra, o trocadilho da manteiga teria funcionado melhor se você não tivesse me oferecido cream cheese.

— Café. — Estalo meus dedos. — Isso fará com que você faça sentido.

Ele concorda.

Sirvo uma xícara para nós e me sento em frente a ele, depois pego meu celular. Eu o coloco na mesa. Pego-o. Coloco-o na mesa novamente.

— O quê? — Evan finalmente pergunta.

— Você conversou com seus pais, certo?

Quero dizer, já se passaram cinco dias. Ouvi Wren e Ally conversando sobre isso no restaurante em voz baixa, sussurrando sobre a preocupação que ela tem com sua família adotiva.

Ele acena com a cabeça. — Eles sabem sobre o arrombamento, que alguém tem o endereço deles. Que o pai dela está livre.

Livre. Essa foi definitivamente uma bomba que meu pai lançou no último fim de semana. E eu nem sequer tive a chance de preparar Wren. Mas como diabos eu deveria contar isso a ela? E depois forçá-la a conversar com estranhos ricos até que pudéssemos interrogar meu pai?

— Eu não queria ter essa conversa na frente dela, — admito. — E então ela estava lá, e eu não conseguia parar.

Evan me olha. Embora eu tenha sofrido o impacto da frieza de Wren, ela não tem falado muito com nenhum dos rapazes. Especialmente com Evan.

— Está bem, está bem. — Acho que estamos buscando a honestidade. Talvez isso me faça sentir melhor. — Eu não queria impedi-lo. Ou era isso ou ele teria se transformado em uma parede.

Mais ou menos como Wren está agora.

Esfrego meu rosto. — Você deveria ter visto a expressão no rosto dela. E então eu a arrastei para fora daquela pequena cabana no quintal de seus pais...

Ele se contorce.

— Eu *sei*. Era seu lugar seguro. E eu sei que você só me contou sobre ele porque eu entrei lá uma vez...

Eu nunca tinha visto Evan tão furioso. Falando alto, com o rosto vermelho. Ele disse que era particular, o que obviamente significava que era algo entre ele e Sticks. Eu meio que odiava o relacionamento deles quando tinha quatorze

anos. Tudo estava mudando. Começamos o ensino médio, um novo time de hóquei, Wren estava entrando e saindo da vida dos Mitchells. A atenção de Evan estava sendo desviada e, egoisticamente, eu só queria que ele fosse meu amigo enquanto tudo o mais estava difícil.

E ela era tão... *irritante*. Eu não conseguia deixar de vigiá-la. Onde ela estava. O que ela estava fazendo. Tudo catalogado e arquivado para mais tarde, como o estúpido forte da árvore que nunca saiu do chão.

Agora já é tarde.

Pego meu telefone novamente.

Coloco-o no lugar.

Droga.

— O quê? — Evan a pega.

— Não...

Ele o desbloqueia e fica olhando para a tela.

No aplicativo que rastreia o telefone de Wren.

Atualmente, ela aparece na sala de aula, para registro.

— Que porra é essa, Stone?

Eu cerro os dentes.

Evan suspira. — Sei que está fazendo isso para protegê-la, mas...

— Não tem nada de mas, — eu digo. — Não há segunda chance aqui, cara. Se o pai dela colocar as mãos nela, acho que é o fim. Não há como voltar atrás. Tenho a sensação de que ele vai fazer algo terrível com ela.

Esse é o meu medo materializado.

Em voz alta.

E, de repente, quero voltar atrás. Arrancar as palavras do ar e enfiá-las de

volta em minha garganta, apagando a expressão de choque do rosto de Evan e apagando o pico de adrenalina que bate em meu peito.

Não quero ter medo. É uma emoção estúpida e inútil.

O que preciso fazer é canalizá-lo para algo produtivo - como descobrir onde está o pai de Wren e quais são seus planos.

O único problema é que não vimos ninguém.

— Eles devem estar observando, não acha? — Olho para o meu telefone na mão de Evan. — Eles estavam no quarto dela.

— Bem... — Ele se mexe.

— O quê?

A culpa atravessa seu rosto. — Você me conhece. Sou o primeiro a acreditar na Wren. Mas ela pode ser um pouco paranoica, e...

Eu estreito meus olhos.

— E ela me acusou de mexer em suas coisas uma vez. Quando tínhamos, tipo, treze anos. — Ele desvia o olhar. — Eu não mexi. Ninguém mexeu, pelo que meus pais sabem. Mas ela teve um colapso mesmo assim, insistindo que alguém tinha mexido. Que lhe deixaram um bilhetinho obscuro em um de seus livros.

Bem... foda-se.

— O que aconteceu?

— Ela nos mostrou a página, e não era nada. Um desenho a lápis de uma abóbora. E não era um desenho muito bom. Se ela não tivesse dito que era isso, eu teria imaginado uma maçã. — Ele suspira. — É que... Eu não sei se ela está tão tensa que vai acabar fazendo tempestade em copo d'água.

Interessante.

— Bem, há uma maneira de descobrir, certo? — Eu me afasto da mesa e

subo as escadas.

Evan me acompanha até meu quarto, e nós dois paramos e olhamos para o desastre.

— Tudo bem, está bagunçado, — murmuro.

E isso está me matando. Eu gosto de limpeza e ordem e, desde que a Wren se mudou para cá, tem sido um caos. Sem palavras, começo a limpar. Pego as roupas sujas - as dela, as minhas, não importa - e as jogo no maior dos dois cestos. Empilho os livros didáticos, tentando mantê-los separados, em lados opostos da escrivaninha.

— Vou deixar você com isso, — diz Evan, rindo.

Eu dou as costas para ele.

Quando o chão está limpo, vou para a cama e troco os lençóis, agindo como um ser humano de verdade.

Uma hora depois, meu telefone avisa que Wren está saindo do campus - um recurso do aplicativo de compartilhamento de localização que eu não achava que precisaria, mas que agora aprecio muito. Meu quarto - não, *nosso* quarto - está impecável. E tudo o que resta é...

Vou até a pilha de cadernos e os folheio um por um. Procuro por qualquer coisa que não seja a caligrafia borbulhante de Wren.

Não consigo entender como as meninas têm uma caligrafia tão *bonita* e bem cuidada.

Estou no meu quinto caderno quando o encontro. E meu sangue fica frio.

Seu pai agradece por toda a sua ajuda, Pumpkin.

— O que está fazendo?

Fecho o caderno no momento em que Wren me alcança. Ela o arranca da minha mão, jogando-o no chão como se estivesse queimando-a.

— Você não pode simplesmente mexer nas minhas coisas, — ela repreende.

Eu zombo. — Não? Por que você não me contou sobre o bilhetinho do capanga do seu pai? Isso poderia ter ajudado em nosso caso. Em vez disso, você o escondeu.

Ela se encolhe. Fico olhando para ela. Seu cabelo está preso em um coque. Ela não está usando nem uma gota de maquiagem. Há círculos escuros sob seus olhos, e ela está muito pálida.

— Por que você tem tanto medo para esconder de mim, Sticks? — Minha voz está muito baixa. Não quero assustá-la. Só quero que ela entenda que farei de tudo para protegê-la.

Como ela conseguiu entrar em meu coração é um grande mistério.

Taylor bate em nossa porta aberta e entra com a cabeça no quarto. — Por que você não está pronto, Foster? Vamos sair para o ônibus em vinte minutos.

Foda-se.

Assinto com a cabeça sem desviar o olhar de Wren. Estamos em uma disputa de olhares, e não sei o que acontecerá com o perdedor.

— Você não acreditou em mim?

É a minha vez de estremecer. — Sticks...

— Não faça isso, — ela sussurra. — Não aja como se estivesse se importando quando achou que eu estava louca. Eu sabia que havia alguém no meu quarto. E você precisava de *provas*?

— Não...

— Deus, pare de *MENTIR!*

Eu me retraio. — Eu a odeio tanto que isso vai me matar.

— O sentimento é mútuo, — ela diz.

— Eu sei. — Eu me aproximo.

Ela recua e se choca contra a parede. Sua respiração fica entrecortada e ela inclina a cabeça para trás para manter o olhar fixo no meu. Ela está tão irritada que está praticamente vibrando com isso.

— Toda essa fúria, — murmuro, traçando sua mandíbula. — Tão linda.

Ela afasta minha mão com um tapa.

Isso já dura há muito tempo. Ela tem me ignorado, mas por dentro está queimando.

Agarro seu pulso e a arrasto para mais perto até ela colidir com meu peito. — Mostre-me como você realmente se sente, Sticks.

Seus dedos se enroscam em minha camisa. Em vez de me afastar, ela leva a mão até minha nuca. Suas unhas cravam-se em minha pele e ela puxa minha cabeça para junto da sua.

Finalmente.

CAPÍTULO 37

Wren

Eu o odeio.

Eu o odeio tanto, e acho que é porque o amo.

— Finalmente.

Sua boca sai da minha por um segundo, e eu fico mais irritada, então o calo.

— Não fale.

Minha camisa sai voando e ele segura meu queixo com força. Sei que ele quer dizer alguma coisa. Consigo lê-lo como a palma da minha mão.

Stone e eu estamos sempre lado a lado. De insulto em insulto.

Em vez de dizer qualquer coisa, ele se cala. Ele me pega, me joga na cama e arranca minha calça jeans de uma só vez.

— Abra, — ele exige.

Stone se posiciona sobre mim como um predador, com meus jeans ainda em suas mãos. Ele os deixa cair no chão e vai em seguida.

Minha calcinha se rasga e quero chutá-lo, mas quando sua boca quente suga meu clitóris, um gemido me deixa.

— *Foda-se.*

Meu orgasmo aumenta rapidamente. Eu deveria estar envergonhada por estar tão carente, mas há tanto tempo não lhe dou atenção que meu corpo está desesperado por qualquer coisa.

— Você pode dizer que me odeia, mas sua boceta não me odeia.

Idiota.

Ele está sempre certo, e isso é irritante.

Antes de me soltar e ir até ele, como sei que ele quer, eu me afasto e substituo sua boca pela minha mão.

Seus lábios estão brilhando por ter enterrado o rosto entre as minhas pernas, e é tão quente que me obriga a usar as duas mãos para trabalhar como ele estava fazendo.

Seus olhos se estreitam e eu me arrepio. Meus olhos se fecham de prazer e eu gemo.

Estou gozando com tanta força que não percebo que Stone prendeu minhas mãos acima da cabeça com uma das suas, enquanto a outra tem três dedos dentro de mim. Eu aperto e cavalgo sua mão.

— Quero rasgar você em pedaços. — Ele morde o lóbulo de minha orelha.

Abro minhas pernas e ele se posiciona.

Estou muito excitada para afastá-lo novamente.

Senti muita falta dele, mesmo que não queira admitir.

— Idem, — respondo, abrindo-me mais.

Ele grunhe ao pé do meu ouvido.

Oh, meu Deus.

Eu me estico, e nossas mãos estão por toda parte.

Seus beijos são quentes e desleixados, e quando seus dentes afundam em meu lábio, sinto o gosto de sangue imediatamente.

Eu me inclino para trás, e seu rosto está vermelho de determinação. Ele lambe meu sangue da boca e bate em mim com mais força ainda.

— Você pode me odiar o quanto quiser. — Ele se inclina e sua língua passa contra a minha.

Eu o beijo de volta e mordo seu lábio da mesma forma que ele mordeu o meu.

— Mas essa boceta é minha, Sticks.

Outro orgasmo se forma, e eu grito seu nome. Sei que a casa inteira pode nos ouvir.

Mas eu não me importo.

— Diga. — O aperto de Stone é forte em meu rosto.

Meus lábios fazem beicinho, mas ele aperta minhas bochechas.

— Diga isso enquanto me mostra o quanto você me odeia, baby.

Ele nos gira sem perder o ritmo. Estou por cima, e seus dedos apertam minha cintura com uma pressão deliciosa.

Há uma batida na porta. — Stone, temos que ir, porra!

— Vão embora sem mim. — Sua voz é estranhamente calma, apesar de o suor escorrer pelo rosto e o rubor subir pelo pescoço. — Faça o que quiser comigo, Wren. Tire esse ódio da porra da sua cabeça, porque não vou mais lhe dar espaço.

Eu me movo sobre ele e tento me concentrar em minhas próprias necessidades, mas, em vez disso, estou me movendo da maneira que sei que ele gosta e deixando-o tocar cada centímetro do meu corpo.

— Porra, — ele sibila entre os dentes.

Curvo meus quadris, arrastando meu clitóris sobre seu pênis com o ângulo.

— Você é ainda mais desejável com o olhar de ódio em seus olhos.

Seus abdominais se flexionam e nos movemos em sincronia. Ele se joga em mim enquanto eu desço sobre ele.

— Eu adoro quando você me odeia.

Eu não o odeio.

Eu gostaria de odiar, mas não odeio.

É por isso que me afastei a semana toda. Não estou com raiva. Estou magoada.

Eu gemo quando ele belisca meu mamilo. Jogo minha cabeça para trás quando outra onda de prazer percorre minha espinha.

Stone se imobiliza embaixo de mim, e uma pressão quente me preenche ao mesmo tempo em que ele me beija febrilmente, como se temesse que fosse a última vez.

— Stone! Você tem a porra de um minuto ou está dirigindo sozinho.

— Puta que pariu, — diz ele contra minha boca. Ele lança um olhar furioso para a porta do nosso quarto.

Tento sair de cima dele, mas ele não deixa. Suas palmas se agarram aos meus quadris e ele me mantém imóvel.

— O que está fazendo? — Estou sem fôlego, por isso, sai como um sussurro.

— Esperando.

— Pelo quê? — Eu tento me levantar novamente.

Ele vai se atrasar.

Nunca o vi parecer tão sincero. Seu olhar duro não está em lugar nenhum e, em vez disso, seus olhos azuis estão suplicantes.

— Para que você pare de me odiar.

Eu sugo o lábio e, dessa vez, ele finalmente me solta. Levanto-me com as pernas trêmulas, enrolo o cobertor em volta de mim e o observo se movimentar apressadamente pelo quarto para se vestir. Sua bolsa está pendurada no ombro e a gravata está solta em seu pescoço. Meu coração bate mais forte a cada segundo que passa.

— Eu não odeio você. — Desviei o olhar. — Mas eu gostaria de odiar.

Meu peito se aperta. Bato o pé e cerro os dentes. Puxo o cobertor com mais força em volta do meu corpo.

Seu dedo é macio quando pousa em minha bochecha. Meus olhos embaçados me traem, e uma lágrima escorrega, mas Stone a enxuga antes que ela tenha a chance de cair no chão.

— Eu também não odeio você, — diz ele, alternando seu olhar entre os meus.

— Ainda estou com raiva de você, — digo.

— Não me importo, — ele responde.

— Stone! Vamos embora, porra.

Ele nem sequer dá uma olhada na porta.

— Você me magoou. — Empurro seu peito. Ele não pode se atrasar para o ônibus. Seu treinador o matará.

— Sinto muito. — Ele desvia o olhar.

— Vá. — Aceno com a cabeça em direção à porta.

— Não posso.

Minhas sobrancelhas se franziram.

Seus olhos azuis se voltam para os meus, como se algo tivesse se encaixado. Ele agarra o meu cobertor e segura a minha bochecha.

— Não posso ir embora sem lhe dizer que a amo.

Meu mundo para.

Meu coração dispara.

Quero bater com meus punhos em seu peito e dizer: *Como você ousa me amar?*

Porque eu também o amo, e tudo o que o amor faz é nos tornar vulneráveis.

Mas, com certeza, eu me levanto na ponta dos pés e sussurro contra sua boca: — Eu também amo você.

Ele me beija, mas a porta se abre e nos interrompe um segundo depois. Taylor está parado na porta e está furioso.

— Oh, meu Deus. Estamos todos muito *felizes* por vocês terem feito as pazes, mas podemos comemorar mais tarde. Vamos nos atrasar!

Stone faz uma careta.

Eu sorrio. — Boa sorte, rapazes.

Stone chega à metade do corredor. — Ally estará aqui em dez minutos. Vejo você na arquibancada, baby.

Meu queixo cai. — O quê?

Ele riu junto com o resto de nossos colegas de casa. — Como se fôssemos deixar você ficar aqui sozinha.

A porta da frente se fecha, e eu corro para a janela do quarto e a abro. Todas as cabeças deles se voltam para mim.

— Eu tenho dever de casa! — Eu grito. — E uma prova de química enorme! Não posso ir ao jogo!

— Estude no caminho! — Evan grita.

Ele é um grande traidor.

Archer acena com a cabeça. — Não é seguro que você fique sozinha.

Stone inclina sua mandíbula em minha direção. — Faça isso na arquibancada, Sticks. Ou no caminho. De qualquer forma, é melhor que sua bunda esteja lá.

Fechei a janela e eles seguiram pela estrada.

Uma música da Taylor Swift chama minha atenção, e sei que é a Ally.

Há uma parte desafiadora de mim que quer ficar em casa, só para irritar Stone. Mas, no fim das contas, realmente não é seguro.

Meu pai pode estar em qualquer lugar e, provavelmente, está mais perto do que eu imagino.

CAPÍTULO 38

Stone

Eu disse a ela que a amava e depois fui embora. Depois de um *sexo odioso, ainda por cima*. Mas ela respondeu. E, no final, não foi realmente sexo de ódio, foi? Apenas... sexo com raiva.

Porque ela também me ama.

Eu me debrucei sobre suas palavras durante toda a viagem de ônibus até Crown Point. Embora Shadow Valley já tenha jogado aqui antes, eu não joguei. Há uma forte rivalidade entre as duas faculdades, que ficam a apenas algumas horas de distância uma da outra. A tensão no ônibus parece aumentar à medida que nos aproximamos.

A música - atualmente "Kryptonite", do Three Doors Down, uma obra-prima do caralho e um tanto irônica, dado o status de Wren como minha kryptonita - explode em meus ouvidos. A música é a forma como sempre entrei mentalmente na zona de hóquei, mas agora...

Bem, todos os pensamentos apontam para Wren Davis.

Pego um fio solto no assento ao meu lado. Por cima da música, a conversa barulhenta dos rapazes se infiltra. Eles estão discutindo garotas, os últimos jogos da NHL.

É engraçado como estou aqui há apenas alguns meses e esses caras são mais parecidos com a família do que minha antiga equipe.

E com uma viagem para os New York Guardians no meu bolso, não posso deixar de sentir que este é um momento para saborear.

Evan se acomoda no assento ao meu lado e puxa meu fone de ouvido. — Oi.

— O que está acontecendo?

— Você é rico o suficiente para ter sua própria casa.

Eu o encaro. — É mesmo?

— Com o fundo fiduciário e o contrato de hóquei e tudo mais.

Eu bufo.

— O que estou dizendo é que transar aos gritos com minha irmã a qualquer hora do dia...

— Isso foi um caso isolado. — Eu o afasto.

— Bem, talvez vocês devessem pensar em conseguir um espaço para vocês. Só vocês dois. — Seu rosto está vermelho e ele esfrega a parte de trás do pescoço. — Os rapazes e eu fizemos uma pequena votação...

— Oh, pelo amor de Deus.

— Não estamos expulsando você imediatamente. Só, você sabe, quando essa merda com o pai da Wren for resolvida e as coisas se acalmarem um pouco.

Eu penso nisso. Wren e eu em um espaço só nosso, como um apartamento de um quarto que possamos transformar em um lar. É uma boa ideia. E me ocorre que ela nunca teve um lugar que fosse realmente dela. A casa de hóquei é um espaço compartilhado - até mesmo o quarto, nós decidimos quem coloca as coisas onde - e, antes disso, a casa de Evan.

Ela não dormia quando estava em casa com seu pai. Também não comia. Isso não poderia ser considerado um lar.

Então, a ideia de dar a ela isso, de deixá-la decorar um apartamento inteiro e fazer qualquer coisa para fazê-la sorrir - e transar com ela em todas as superfícies, em todos os cômodos - tira um pouco do peso dos meus ombros.

Eu quero isso. E eu não teria pensado nisso sem o Evan.

Dou um tapinha em seu ombro. — Você está totalmente certo.

Ele sorri. — Sim. Ok, ótimo.

Quando ele retorna ao seu assento, coloco meus fones de ouvido novamente e reinício a música. Dessa vez, "All Apologies", do Nirvana. Fecho os olhos e tento me concentrar no jogo que está por vir. Revisamos as fitas da CPU no início da semana e sei no que devo prestar atenção. Sei que Steele O'Brien é um homem de defesa idiota, e que Greyson Devereux pode patinar em círculos em torno de metade dos caras da nossa equipe. E o goleiro deles, Miles Whiteshaw, é rápido.

Mas há maneiras de derrotá-los e de abrir brechas em sua defesa, e eu planejo explorar isso da melhor forma possível.

O ônibus parou. Todos nós levamos alguns minutos para ajeitar nossas roupas bonitas, arrumar nossas gravatas e, em seguida, saímos, pegando nossas malas debaixo do ônibus e indo para a arena.

Os pelos da minha nuca se eriçam e dou uma olhada ao redor. Não há muito aqui - um estacionamento meio vazio com um cenário de montanhas cobertas de árvores. Não há muito mais além de nossos gerentes descarregando o ônibus.

Taylor me dá um tapinha nas costas. — Você está bem?

— Ótimo, — respondo.

Eu me esquivo e o sigo para dentro. O treinador nos dá um resumo e depois diz que estamos por nossa conta na próxima hora. Pego meu celular e ligo para Wren.

— Alô? — Sua voz é ofegante e hesitante.

— Você está a caminho?

— Com a Ally, — ela responde.

— Ok, ótimo. — Eu engulo. — Sim. Eu só queria ter certeza.

— Está se arrependendo do que disse?

Eu faço uma careta. — Nem um pouco. Você... você está?

— Não. — Ela solta uma risada. — E agora a Ally está olhando para mim como se eu a tivesse apunhalado pelas costas.

— Bem, vou deixar você explicar a ela que está perdidamente apaixonada por mim. — Puxa vida, estou *brincando* com ela sobre isso. O amor sempre me pareceu um daqueles assuntos intocáveis. E aqui estou eu, tirando sarro da Wren.

Mas, por outro lado, quando é que eu e Wren não ficamos zoando um com o outro?

— Você disse primeiro, — ela murmura.

— Oh, meu Deus, — Ally grita ao fundo. — Você disse isso?

Eu ri. — Tchau, baby. Me mande uma mensagem quando chegar.

Evan e Grant se sentam à minha frente e trocam um olhar.

Então Grant diz: — Ok, então... vocês fizeram as pazes?

Eu sorrio. — Sim.

— Ótimo, — murmura Evan. — Mais sexo.

— O alívio foi até bom, — concorda Grant.

Pego um bloco e o atiro contra eles. — Calem a boca, seus idiotas.

Meu celular está desligado. Olho para ele e meu sangue fica gelado. Tento esconder minha expressão, passando a mão sobre a boca. Quando olho para cima, Evan e Grant voltaram sua atenção para Archer, que está fazendo alguns alongamentos estranhos no canto.

Eu me levanto rapidamente e passo por eles. Eles não perguntam para onde estou indo, embora eu faça um movimento vago para o meu celular.

Há outros Knights no corredor, chutando uma bola de futebol. Eles me chamam, mas eu balanço a cabeça e levanto o telefone novamente.

O suor brota em minha nuca.

Eu empurro as pesadas portas de metal e saio para a calçada, respirando fundo. Em seguida, leio a mensagem no meu celular novamente.

Step-Monster: Seu pai está no hospital. Por favor, ligue para mim.

Meu peito está apertado. Apoio minha mão na parede enquanto o chão se inclina. Deve ser sério - a Martha nunca envia uma mensagem sem um ponto de exclamação. E não há como tentar aliviar o golpe.

Simples, direto ao ponto.

Estúpido.

Agarro meu telefone com mais força. Será que devo ir para casa? Estou a horas de distância.

— Olá, Stone.

Eu me endireito e me viro.

Um homem está diante de mim. Ele tem um casaco preto sobre uma calça jeans e um boné de malha preto sobre um cabelo escuro e meio comprido. Ele é mais ou menos da minha altura. Forte, embora seja difícil dizer se é músculo ou gordura. Ele é vagamente familiar. Há algo no formato de seu rosto...

Ele sorri. — Preciso que você venha comigo.

Eu começo. — Não, meu pai...

— Seu pai está bem. — Ele segura um telefone. — É fácil clonar um número hoje em dia. A tecnologia em sua melhor forma. Meu nome é Jessie Davis. E eu sei... eu também não esperava conhecer o primeiro amor da minha Pumpkin dessa forma.

Seu olhar passa por cima do meu ombro e ele acena levemente com a cabeça.

Meu tempo de reação é muito bom. Mas nem mesmo eu sou rápido o

suficiente para me esquivar do golpe que vem do homem atrás de mim.

Uma dor irrompe em minha cabeça e minha visão escurece.

A última coisa de que me lembro é de mãos me agarrando antes de eu atingir o asfalto.

CAPÍTULO 39

Wren

Fecho o notebook e me acomodo no banco do passageiro. — Feito.

Ally tira os olhos da estrada por um segundo. — Wren. Você é louca.

Meu rosto cai. — O quê? Não, não sou.

Ela se concentra no estacionamento da faculdade. Está movimentado, e há pessoas ao lado de seus veículos, bebendo cerveja como se estivessem ali apenas para se divertir.

— Essas não eram equações comuns. Você fez com que qualquer tipo de matemática parecesse um problema de adição da segunda série.

Não me preocupo em corrigi-la para dizer que, na verdade, eu estava trabalhando em química e não em matemática, porque, para os olhos normais, é tudo a mesma coisa.

— De onde você tirou seu cérebro? O que seus pais fazem?

Meu corpo se aquece e a rápida lembrança de minha mãe desaparece. É triste que a única imagem que tenho dela seja uma com uma agulha pendurada em seu braço. — Bem... — Eu me ajeito em meu assento e observo Ally estacionar. — Minha mãe não está mais aqui. — Decidi deixar isso para a imaginação dela. É menos incômodo assim. — E meu pai... — Penso em como dizer isso delicadamente. — Digamos que ele usou sua inteligência pelos motivos errados.

Jessie Davis é, na verdade, um homem muito inteligente. Aprendi com ele meu amor pela química. Nós dois somos impecáveis quando se trata de equações, e ele me ensinou tudo o que sei.

Exceto o certo e o errado.

Nisso, ele não era tão bom.

— O que você quer dizer com isso? — Ally se vira para mim.

Mordisco meu lábio. Não tenho ideia de como sair do buraco. — Ele é um criminoso condenado, — eu digo. — Ele faz metanfetamina para viver.

O silêncio toma conta do carro, exceto pelo fato de Taylor Swift estar cantando sobre ser uma vigilante, o que, honestamente, é bastante apropriado.

A risada de Ally preenche o espaço incômodo.

Viro-me para ela e sorrio hesitante. — Hum... — *Por que ela está rindo?*

— Me desculpe! — ela gagueja. Sua tentativa de se recompor fracassa. — É que... — Mais risadas. — Eu achava que era a única que tinha tido uma infância fodida.

Eu bufo. — Fodida é dizer o mínimo.

Considerando que Jessie Davis é um homem livre e provavelmente está no meu encalço para que eu possa lhe preparar essa droga *boa*. Ninguém fazia metanfetamina como eu - o que não é algo de que me orgulhe, nem pretendo contar a Ally.

— Vamos, — diz Ally, finalmente acabando com seu riso.

Não pergunto sobre sua infância, porque se ela quisesse que eu soubesse, ela me contaria. Sou muito experiente em guardar segredos, especialmente se forem dolorosos.

Ally e eu encontramos nossos assentos logo antes do início do jogo. Não estamos muito longe do centro do gelo, e eu olho para o lado dos Knights lá embaixo. Fico de olho no Stone porque ele é a única coisa para a qual tenho olhos.

Eu disse a ele que o amava.

E não me arrependo disso.

— Lá estão eles.

Sigo a linha de visão da Ally e vejo nossa equipe voar para o rinque. A multidão vai ao delírio, e eu me pego torcendo também.

Eu vejo Evan primeiro.

Depois o Archer.

Taylor é o próximo.

Rapidamente, corro para a fila e volto antes de pegar meu celular.

Minhas sobrancelhas se contraem. Stone sempre me manda uma última mensagem antes do jogo. Às vezes, é uma mensagem obscena e, às vezes, é uma mensagem do tipo*: "vou marcar um gol para você, baby".*

Não tenho nenhuma.

— Onde está Stone? — Eu sussurro.

Ally não me ouve. Ela está ocupada demais batendo palmas e gritando pela equipe.

A campainha está prestes a soar e entro em pânico.

Relaxe. Ele está bem.

A cabeça de Evan está inclinada em minha direção, e juro que o tempo para. Ele tira o capacete e diz: — Onde está Stone?

Meu estômago se esvazia. Como eu saberia onde Stone está?

A melhor pergunta é: por que ele não está no gelo com sua equipe?

Não digo nada para a Ally quando me viro e me aproximo do corredor. Meus pés atingem as escadas de cimento e eu corro por elas como se soubesse para onde estou indo.

A área do saguão está deserta, com algumas filas de torcedores comprando cerveja e pipoca de última hora, mas consigo ver o corredor que leva aos

vestiários.

Ignoro a placa que diz “*Não entre”* e coloco um pé na frente do outro. Meus dedos voam sobre meu telefone e rezo para que ele atenda.

Conhecendo Stone, ele provavelmente fez isso de propósito. Uma maneira de me atrair para o vestiário para uma rapidinha antes de entrar no gelo.

Ugh, atenda o telefone.

Meu peito fica mais apertado e meus batimentos cardíacos são ensurdecedores.

Faço uma pausa quando o toque para na metade do caminho. — Stone Foster, — eu o repreendo. — Onde diabos...

— Oi, Pumpkin. Que bom que você finalmente me ligou de volta.

O corredor se estreita.

As palavras são inexistentes, mas eu entro em ação imediatamente, atirando-me para fora de uma porta que diz: *Somente saída de emergência*.

A última coisa de que preciso é que a Ally esteja me seguindo.

— Onde está Stone? — Minha voz está calma, mas sinto o completo oposto por dentro. Há um caos. Muito caos.

— Esperando por você.

Eu me viro ao ouvir a voz do meu pai perturbado e abaixei o telefone. Ele me imita e faz o mesmo. A única diferença entre nós é que ele está usando um sorriso sinistro, e eu mal estou conseguindo me controlar.

Estou com medo. Estou me sentindo mal.

Mas, acima de tudo, estou desesperada.

— Onde ele está?

A cabeça de meu pai se inclina à medida que ele se aproxima. — Essa não é

a garota Wrenny que eu conheço, mostrando todas as suas preocupações em primeira mão. — Ele faz uma careta e estende a mão para colocar meu cabelo atrás da orelha. — Parece que você precisa de um alerta.

Meu queixo está firme quando me afasto. — Nada é mais despertador do que você sequestrar meu namorado.

Ele pode perceber pelo som de minha voz que estou disposta a fazer qualquer coisa que ele queira para ter Stone de volta.

É por isso que eu não corro.

Não vou correr para lugar nenhum, a menos que seja para os braços de Stone.

— Onde ele está, Jessie?

Seus lábios se achatam. — Jessie? Você está se recusando a me chamar de pai agora?

A raiva aumenta e eu quero matá-lo. Minhas mãos tremem e minhas pernas estão trêmulas. Estou com raiva e com medo, e é uma sensação perturbadora.

Porra, onde está o Stone?

— Onde ele está? — Pergunto novamente.

Um sorriso de satisfação surge em seu rosto encovado, e instantaneamente me sinto como uma criança novamente, temendo a versão dele que estou prestes a ver.

— Por que não vamos dar uma volta, Pumpkin?

Não adianta recusar.

Omar está à esquerda, apoiando o ombro em uma árvore com a arma enfiada na parte de trás da calça, e Kerrigan está rondando o perímetro com seu olhar voraz em minha direção.

O vômito atinge o fundo da minha garganta quando olho para suas mãos.

Lembro-me da sensação delas como se fosse ontem.

— Está bem, — eu digo. Meu pai me empurra em direção a uma van, e eu tropeço nos meus próprios pés.

Não tenho tanto medo quanto deveria ter.

Mas isso é apenas porque sei que estou indo em direção a Stone e, de uma forma ou de outra, vou nos tirar de lá.

Durante todo esse tempo, ele pensou que precisava me proteger. Mas, ao que parece, sou eu quem precisa protegê-lo.

CAPÍTULO 40

Stone

Vai dar tudo certo.

Vai dar tudo certo.

Vai dar tudo certo.

Eu ressurjo lentamente. É como nadar de uma grande profundidade. Minha cabeça lateja, mas abro os olhos sem mover o resto do corpo.

Talvez por instinto de sobrevivência?

— Vai dar tudo certo.

Pisco rapidamente, concentrando-me na garota a apenas três metros de mim. Sua atenção está voltada para os béqueres de vidro à sua frente, um balcão cheio de equipamentos que não entendo. Ela está usando um daqueles jalecos brancos de laboratório e óculos de plástico. Mas mesmo obscurecida, é óbvio que é a Wren.

E ela está falando consigo mesma. Repetidamente, dizendo: — Vai ficar tudo bem.

Lambo meus lábios. Minha boca está seca. A base do meu crânio parece que tem uma faca enfiada nele, raspando meu cérebro. Mas antes de chamá-la, faço um balanço do resto de mim mesmo. Minhas mãos estão penduradas sobre a cabeça, meus pulsos estão amarrados com fita adesiva e presos a um cano. Estou sentado em um piso feio de ladrilhos.

Há uma pia diretamente à minha esquerda e um vaso sanitário à minha direita.

Estou preso entre os dois, com a porta do banheiro bem aberta, o que me dá

uma visão do resto do pequeno local. Um trailer, talvez? A julgar pelo tamanho, um de dois quartos.

Desloco meu peso e me arrepio com a dor. Meus músculos são de matar, mas minha cabeça é a pior.

Eu testo a fita, mas ela se mantém firme. O cano geme, porém, e a cabeça de Wren se inclina em minha direção.

— Stone, — ela sussurra.

Parece alto em um espaço que, de outra forma, seria silencioso.

— Você está bem? — Eu pergunto. — Ele...?

Seus olhos se enchem de lágrimas, mas ela sacode a cabeça rapidamente.

Eu me encosto na parede. *Que bom*. Se ele a tivesse tocado, eu o mataria. Sem contestação. Sem hesitação. Olho em volta do banheiro minúsculo, mas não há sequer uma janela aqui.

— Sinto muito, — continua Wren. — Eu vou consertar isso. Eu vou...

— Ora, ora. — O pai dela entra no trailer. — Você está fazendo promessas que sabe que não poderá cumprir?

Um calafrio percorre minha espinha.

Ela enrijece, afastando-se bruscamente de mim e voltando para os produtos químicos em questão.

Metanfetamina. Que droga. Percebi que ela cozinhava para ele, e é isso que ela está fazendo agora.

Ela está tremendo, segurando-se no balcão, quando ele entra em seu espaço e passa os nós dos dedos em sua bochecha.

E eu enlouqueço.

— Tire suas mãos de cima dela! — Puxo meus braços, sem sucesso.

O pai dela ri, passando por Wren e entrando no banheiro. Ele tira uma arma do cós da calça jeans e enfia o cano na minha barriga. Eu fico completamente imóvel. Mas ainda lhe dou o meu melhor olhar fulminante.

Ele dá uma risadinha. — Uma maneira horrível de morrer. Um tiro no estômago. Todos aqueles ácidos nojentos e a bile se misturando no abdômen. A dor... e o sangue. — Ele enfia a arma com mais força. — Não me tente, garoto.

Foda-se.

Depois de um longo momento, ele se levanta e volta em direção à Wren. Ela parou o que estava fazendo e nos encara. Sua pele é quase da mesma cor de sua roupa branca.

O pai dela sorri. — Sabe, eu tinha planejado levar seu irmão adotivo. Você o amava, então me pareceu o melhor curso de ação usá-lo para fazer você obedecer.

Outro homem entra no trailer. Um cara maior - talvez aquele que me nocauteou, não sei. De qualquer forma, a postura de Wren se torna defensiva. Seus ombros se curvam e ela se aproxima do balcão. Seus dedos envolvem o gargalo de um dos béqueres.

— Levante-o, — ordenou o pai de Wren.

O grandalhão vem até mim, com uma faca em seu punho. Ele passa a mão sobre meu corpo e corta a fita, depois me levanta. Minhas pernas estão gelatinosas, minha visão está manchada de branco. Ele me coloca na frente dele, com meus braços atrás das costas em seu aperto de torno.

Jessie parou na minha frente.

— Wrenny, — ele chama. — Você vai ficar aí parada o dia todo ou vai *fazer alguma coisa*?

Seu punho bate em minha mandíbula. Minha cabeça gira para o lado e eu teria caído se o cara atrás de mim não tivesse me mantido de pé. Ele dá outro

soco em meu estômago, fazendo com que eu perca o fôlego. Eu ofego, inclinando-me para frente, e ele agarra o topo da minha cabeça pelos cabelos. Ele puxa meu rosto para cima, saindo do caminho para que eu possa ver Wren.

Ela é uma bagunça trêmula.

Mas estou bem.

Estou ofegante e há sangue na minha boca, mas estou *bem*. E tento mostrar isso para ela, para que ela saiba. Aqueles olhos cor de avelã dela estão ficando distantes.

— Eu vou fazer isso, — ela sussurra. — Eu só...

— Apenas faça, — diz o pai dela. — Cada momento de inação é descontado em seu precioso namorado.

Eu cerro os dentes.

O grandalhão me arrasta de volta para o banheiro. Jessie lhe joga a fita e ele me prende novamente ao cano.

— Vá trabalhar. — Jessie sai.

O cara maior parou logo atrás de Wren e cheirou o topo da cabeça dela.

— Não toque nela, — eu rosno.

Ele ri. — Ou o quê? Você virá até aqui e me impedirá?

— Kerrigan! — Jessie grita do lado de fora.

Noto seu nome. E o arrepio de nojo que percorre as costas de Wren quando ele finalmente se afasta. Sem dúvida, imagino que ele tenha sido a fonte de alguns de seus pesadelos.

Essa ideia me mata. Porque depois disso, como ela poderia não seguir esse caminho novamente? Como os pesadelos a deixarão ir embora?

Só há uma maneira de isso acabar - e tem que ser com a morte de Jessie Davis.

* * *

Eu observo Wren fazendo metanfetamina.

Ela faz cálculos em sua cabeça e cuidadosamente despeja e mistura sob uma tampa de vidro gigante que eu não havia registrado até agora. Mas ela desce ao redor do balcão, protegendo-a - e suponho que a mim - da fumaça.

— Wren, — sussurro. Minha garganta está doendo.

Ela me ignora.

— *Wren*, — tento novamente.

Sua cabeça se volta para mim. — Cale a boca, Stone.

Pressiono meus lábios.

Durante a última hora, o pai dela ou um de seus capangas veio periodicamente para verificar o progresso de Wren. Quando o grandalhão Kerrigan entra, Wren fica paralisada. E depois que ele vai embora, ela enxuga as lágrimas.

Enquanto eu apenas cerro a mandíbula e fico em silêncio.

Eles estão fumando do lado de fora, com a porta do trailer aberta.

— Vai ficar tudo bem, — ela sussurra.

De novo. Como se fosse uma espécie de consolo - exceto que agora acho que ela quer dizer isso apenas para mim.

— Eu vou salvar você, Stone.

— Não faça nenhuma besteira, baby.

Ela me ignora.

Volto minha atenção para meus pulsos. Eles estão crus, mas continuo

mexendo na fita adesiva, tentando desfazê-la ou pelo menos rasgá-la. Inclino-me para cima e a mordo, e ela *finalmente se rasga* um pouco.

Assim que Jessie Davis retorna.

— Você está sendo uma boa menina, Pumpkin?

Odeio a porra da voz dele.

Wren limpa a garganta. — Está quase pronto. Você quer ver?

Ele se aproxima. Ela despeja algo em um copo e se afasta rapidamente. Um pé, depois dois. Ela olha para mim e diz: — Sinto muito.

Pelo quê? Tarde demais, já sei minha resposta. Jessie grita, o béquer solta fumaça - e depois explode.

Uma parede de calor ardente explode para fora, derrubando Jessie e Wren contra a parede mais distante. Minha cabeça ricocheteia nos azulejos. As paredes do trailer tremem com a força, e o cheiro de fumaça chega até mim primeiro.

O trailer está pegando fogo. Está pegando fogo nas paredes, subindo em direção ao teto.

Ignoro a umidade na parte de trás do meu pescoço e me inclino para cima, mordendo e rasgando a fita. Saio dela e corro pela sala. O ar é denso, quente e esfumaçado. Eu me engasgo, puxando o moletom para cobrir o nariz e a boca, e encontro Wren no chão.

Ela não está se movendo.

Meu coração para. Mas meus pés não. Eu tropeço e corro até ela, ficando sob a fumaça mais pesada. Eu me inclino ao seu lado e afasto seu cabelo para trás. Minha mão sai molhada de sangue.

Seu pai está deitado a alguns metros de distância, em um estado semelhante. Só que as queimaduras escurecem a frente de sua camisa.

Ignorando-o, pego Wren em meus braços e me atiro em direção à porta

aberta. O piso se inclina e perco o equilíbrio na escada.

Caímos no chão com força. Eu rolo no momento em que mãos agarram a mim e a de Wren. Meu pé dá um chute por reflexo, acertando Kerrigan nas bolas.

Ótimo.

Ele se dobra, cerra os dentes e enrola a mão na frente do meu moletom.

Meus ouvidos estão zumbindo e, mesmo quando a boca do idiota começa a se mover, não consigo ouvir nada.

Sua cabeça se levanta. Algo ao longe chamou sua atenção, mas não durou muito. De repente, ele volta a se concentrar em mim, e uma careta se insinua em seu rosto.

O primeiro som a ser filtrado é o das sirenes.

E então sua voz diz: — Wren pertence a nós.

O brilho da faca em sua mão - aquela que ele usou para cortar a fita anteriormente - agora chama minha atenção. Quase em câmera lenta, ele a enfia em meu estômago.

Mas a dor... isso é adiado.

— O que você está fazendo? — grita uma voz. — Precisamos dar o fora daqui...

Kerrigan arranca a faca de meu estômago. Foi quando a agonia atravessou meu abdômen. Ele se levanta e sai correndo com o outro cara.

Pressiono minha mão em meu estômago, soltando um suspiro, e rolo sobre minhas mãos e joelhos. Rastejo em direção ao corpo de Wren. Ela está deitada de lado, onde caiu.

As luzes azuis e vermelhas dos carros de polícia piscam pela casa, seguidas por um caminhão de bombeiros e uma ambulância.

— Acorde, baby. — Meus braços estão tremendo muito. Eu caio para o meu lado atrás dela, arrastando seu corpo mole contra o meu.

Se ela estiver morta, não sei o que farei.

Lágrimas enchem meus olhos. — Acorde, Wren.

Não consigo acompanhar a dor. Na cabeça. Meu estômago. Eu me agarro à camisa dela. Mas não consigo me manter consciente.

CAPÍTULO 41

Wren

Tudo dói.

Especialmente minha cabeça, quando penso demais no ruído do bipe ao fundo.

Penso em Stone.

Bip.

Penso em meu pai.

Bip.

Penso em Kerrigan e em seus cheiros nojentos.

Bip.

Penso nas equações que fiz e no que aconteceu depois.

Meus olhos se abrem e eu pisco rapidamente, tentando me ajustar à brancura total do quarto. As bocas cheias de ar não fazem nada para relaxar meus pulmões, que gritam de agonia com a ansiedade.

Vai dar tudo certo.

— Oh! Você está acordada. — Uma enfermeira bonita entra voando no quarto com uma bata azul.

Aperto os olhos, tentando entender como cheguei até aqui.

Minha cabeça se inclina para a haste de soro perto da cama e sigo o tubo transparente até a curva do meu cotovelo.

— Onde... — Minha voz está mais para um rangido. — Onde está Stone? — A dor arranha minha garganta, e não pareço eu mesmo.

Seu nariz se contrai, embora ela esteja ocupada com a bolsa de líquido que escorre para o meu braço. — Sinto muito, querida. Não posso lhe dar nenhuma informação sobre ninguém que não seja membro da família.

Isso é um absurdo.

Quero gritar com ela e argumentar porque mereço saber onde ele está ou se está bem, mas tenho muito medo de sentir o gosto de sangue em minha garganta.

— Ele está bem? — sussurro, recusando-me a desistir.

Bateram na porta e eu me sentei, estremecendo com a dor que irradiava pelo meu crânio.

— Podemos ter um minuto? — Um homem usando um distintivo brilhante com uma arma amarrada ao lado do corpo entra no quarto.

A enfermeira acena com a cabeça uma vez antes de verificar o local do soro.

Seu sussurro é quase inaudível, mas eu a ouço.

— Ele está sendo operado.

Operado?

Os bipes aumentam, fazendo com que o policial mude sua atenção para o monitor cardíaco.

— Ei, está tudo bem. — Ele tenta me tranquilizar e se senta na única cadeira disponível. — Você não está com problemas.

A enfermeira dá um tapinha delicado em minha perna e se afasta. Ele limpa a garganta e mergulha de cabeça nas últimas horas.

Mas eu agradeço.

Quanto mais cedo ele sair, mais cedo poderei encontrar Stone.

— Wren Davis, — ele anuncia.

Aceno lentamente com a cabeça, sabendo que minha cabeça gritará se eu me

mover muito rápido.

— A filha de Jessie Davis.

Detesto o som disso.

— Acho que descobrimos o que aconteceu, mas se em algum momento eu estiver errado, preciso que você me corrija. Ok?

Eu mal consigo acenar com a cabeça.

Sua sobrancelha se franze e ele passa a mão sobre a barba curta.

— Antes de você começar, — eu grito. — Preciso saber se ele está morto.

Seus lábios se contraem, como se ele estivesse hesitante em me contar. Mantenho minha boca fechada, mas o que ele não entende é que eu *quero* Jessie Davis morto, mesmo que ele seja meu pai.

Não há como me sentir segura novamente se ele ainda estiver vivo e vagando pelas ruas.

— Seu pai está morto. Sim.

Suspirei e minha frequência cardíaca diminuiu - algo que ele percebeu.

— E você está perdoada devido à autodefesa. — Ele faz uma pausa. — Foi legítima defesa, correto? Não posso pensar honestamente que você foi voluntariamente para aquele trailer com aqueles homens.

Uma lágrima escorrega pela minha bochecha, sem ser convidada.

Vai dar tudo certo.

— Ele não me deu escolha.

Ele tinha o Stone.

Fico em silêncio durante o restante da conversa. Quase não estou presente. Não pulo de alegria quando ele me informa que os capangas drogados do meu pai foram pegos e presos, e não menciono o fato de Kerrigan ser um pedófilo -

conhecido por experiência própria.

Eu só quero que ele vá embora.

Assim que ele sai do quarto, fazendo questão de me dizer que meu ato de autodefesa será comentado por décadas, eu deslizo para fora da cama.

Pontos pretos dançam em minha visão, mas arranco o monitor cardíaco do meu dedo e me agarro à haste brilhante do soro, arrastando-o atrás de mim como uma sombra.

Stone.

É um pensamento unilateral.

Meu corpo está doendo. Minha pulsação está acelerada pelo medo.

Cirurgia para quê?

Ele está vivo, mas qual é a gravidade?

Solto um suspiro de meus pulmões apertados e dou uma olhada no corredor, certificando-me de que o policial está fora de vista.

O corredor está desolado, então vou mais para baixo, dando passos de bebê para não cair e estragar meu disfarce.

Sinto uma tosse e sei que vai doer, por isso me encolho antes de soltá-la. O cheiro de fumaça preenche meus sentidos, e percebo que provavelmente a inalei quando a explosão ocorreu.

Jessie Davis é um tolo por confiar em mim, e é um tolo ainda maior por subestimar meu conhecimento sobre produtos químicos e suas reações.

Tossi novamente e, dessa vez, tive de colocar a mão na parede para me firmar.

Merda, provavelmente tenho lesões.

Não pensei em me avaliar antes de sair da cama em busca de Stone - algo que o deixaria absolutamente louco.

Continuo me movendo de qualquer maneira.

Meu crânio lateja a cada passo lento, e minha garganta está ainda mais irritada do que quando acordei.

— Onde você está? — Ignoro a lágrima que cai sobre minha bochecha. *Porra, onde ele está?*

Não sei como sobreviverei se ele não sobreviver. A ideia é muito difícil de suportar, e o medo é insuportável.

Coloco minha mão na parede novamente.

Uma voz fraca chama minha atenção, e eu me viro para ela e saio a toda velocidade com minha vara a reboque.

— Como assim, ela acordou e agora você não consegue encontrá-la?

A enfermeira está na frente de Evan, que está com o rosto vermelho e os olhos marejados. Seu cabelo está eriçado em um milhão de direções diferentes, e sei que é porque ele puxou as pontas do cabelo por frustração.

— Evander, — eu digo baixinho.

Ele não me ouve, mas Archer começa a correr a toda velocidade.

— Que porra você está fazendo?

— Onde ele está? — Eu grito, agarrada à camisa dele. Meus dedos se enroscam no material e eu paro um minuto para ler a cena.

Eles estão todos aqui. Cada um dos meus colegas de casa.

E todos eles parecem ter vindo direto para cá depois do jogo, vestindo os ternos com os quais viajaram.

— Stone, — eu exijo, chamando a atenção de todos para mim.

Evan me tira das mãos de Archer, e a enfermeira nos leva até uma cadeira.

— Não era para você ter vindo até a sala de cirurgia! — Ela está nervosa e

verificando meu pulso e a dilatação dos olhos.

— Ele vai ficar bem? — Meu queixo está tremendo.

Evan olha para ela, mas depois fecha os olhos.

Uma respiração depois, minha cabeça está enterrada em seu peito, e ele beija minha têmpora suavemente. — Eu não sei, mana. Eu não sei.

Um grito estrondoso raspa contra minha garganta, e eu afasto os rostos doloridos de todos que me olham.

Não consigo me impedir de gritar seu nome, mesmo que seja um sussurro entrecortado.

Stone pode não me ouvir, mas sei que ele me sentirá.

CAPÍTULO 42

Stone

— Chegamos. — Estaciono o carro no meio-fio e dou uma olhada para Wren.

Ela está pálida, com olheiras, e temo que sejamos um par semelhante nesse aspecto. Nenhum de nós saiu para tomar sol ultimamente e estamos com uma grande falta de sono. Mas ela acena lentamente com a cabeça e sai do carro, mantendo a mão pressionada contra as costelas.

Eu a encontro na calçada e, juntos, começamos a subir a passarela até a pequena casa. Os proprietários mantêm o quintal bem cuidado, com floreiras limpas nas janelas da frente e duas cadeiras de balanço na varanda.

Quando tiro a chave e destranco a porta da frente, Wren franze as sobrancelhas. Ela me segue sem comentar nada, até estarmos na sala de estar vazia. Ou o que eu imagino que eventualmente será a sala de estar.

— Não tenho certeza se estou entendendo...

Eu pego sua mão.

— Acordar no hospital com você deitada ao meu lado... — engulo. A lembrança ainda está fresca, pois a última coisa de que me lembrava antes disso era de ter desmaiado com o corpo inconsciente de Wren em meus braços. E depois tê-la ao meu lado na cama do hospital... Não tive a chance de perguntar se ela estava bem. Ela já estava esperando por mim. — Significou muito, Wren.

Ela aperta meus dedos.

— Enfim. Já era hora de os rapazes pararem de escutar nosso sexo barulhento, certo?

Isso deveria fazê-la rir. Ela abre um sorriso, que eu aceito, e aceno com a

mão para o espaço.

— Isso é para nós, — eu digo.

Silêncio. Ela parece estar processando isso. Piscando e olhando para mim.

Então, — Espere....

Já faz uma semana que saí do hospital. Wren recebeu alta no dia seguinte à nossa chegada, mas eu fiquei em observação por alguns dias. Acontece que a faca cortou meus intestinos, então foi necessário fazer uma cirurgia. Foram muitos termos médicos que não entendi muito bem, mas a história resumida é que vou me recuperar muito bem.

Exceto pelos hematomas na barriga e pela cicatriz cirúrgica, além da concussão causada pela pancada na nuca - junto com um galo - estou bem. As dores de cabeça estão desaparecendo aos poucos, e o treinador disse que eu estaria liberado para jogar depois das festas de fim de ano.

Desde que recebemos a notícia de que o pai de Wren morreu... não sei. Acho que estava combatendo minha própria culpa e tentando afastar a dela. Afinal de contas, foram nossas ações que levaram à sua morte.

— Pare com isso, — murmura Wren. Ela toca meu rosto. — Volte para mim.

Eu pisco os olhos.

— Você estava com aquele olhar assombrado de novo.

Viro a cabeça e beijo sua palma. — Eu só quero que isso seja bom.

— *É* bom. É mais do que...

Eu a afasto. — Vá explorar.

Ela balança a cabeça e dá um passo para trás, olhando para mim por um longo momento antes de ir dar uma olhada no resto da casa.

Soltei um suspiro lento. Os exames intermediários são na próxima semana e depois o feriado de Ação de Graças. Depois disso, teremos algumas semanas

rápidas até as férias de inverno. E eu não sei quanto a ela, mas estou pronto para sair de Shadow Valley por algumas semanas.

— Como vamos pagar por isso? — Wren finalmente pergunta, voltando para o meu lado. — Quero dizer... Não me entenda mal, eu amei. Mas não é maior do que o que precisamos?

Dou de ombros. — Precisamos ter um espaço para o Evan vir jantar, e os pais dele podem querer ficar se vierem nos visitar. É melhor aqui do que na casa de hóquei. Além disso, quero um espaço só para nós. Para *você*.

Ela pisca rapidamente. — Oh.

Um nó se forma em minha garganta. — Baby, — sussurro. — Você nunca teve um lugar para morar. Você tinha a casa do seu pai e morava com os Mitchells. Mesmo a casa de hóquei, por mais que eu ame os caras, não era realmente nossa. Mas todo esse espaço *é*. Quero que você vivencie isso.

Com um pequeno empurrãozinho de Evan. Mas ele estava certo.

E vê-la olhar ao redor novamente, dessa vez com uma expressão mais analítica, fez meu coração bater mais forte contra minhas costelas.

— Nosso espaço, — ela repete.

— Exatamente.

Agora ela sorri de verdade. A escuridão que estava persistindo se dissipa, e ela pula em meus braços. Eu a pego automaticamente, balançando-a com uma explosão de risos.

— Obrigada, — ela sussurra em meu ouvido. — Eu amo você.

— Eu também amo você. — Eu a levo pela sala de estar até a cozinha, colocando sua bunda na borda do balcão. Desço meus dedos por suas laterais até o cós de suas leggings. — Deixe-me lhe mostrar o quanto...

EPÍLOGO

Wren

Eu me sento na arquibancada e espero a mensagem dele, como sempre.

Já se passou tempo mais do que suficiente - cinco anos, para ser exata - e eu ainda tenho um pouco de tensão quando se trata das mensagens de Stone: "*Vou fazer um gol para você, baby."*

A última vez que ele deixou de enviar uma mensagem de texto como essa, meu pai o amarrou e o manteve em cativeiro em um trailer nojento que usava metanfetamina.

Dizer que estou cansada é um eufemismo.

Meu telefone toca e meu coração dispara.

Stone: Vou fazer um gol para você, baby.

Sorrio e envio minha resposta habitual.

Eu: Você também marcará pontos mais tarde. ;)

Ele não responde à mensagem, mas sei que ele está exibindo seu sorriso recatado.

Um sorrisinho sorrateiro se insinua em meu rosto, e Ally cutuca meu ombro.

— Vocês dois são ridículos. *Até hoje*.

Meu sorriso se aprofunda.

Ally e eu seguimos rumos diferentes depois de nos formarmos. Fui para a

pós-graduação para aprofundar meu amor pela bioquímica, enquanto ela disse que preferia enfiar um lápis no globo ocular a continuar estudando depois do bacharelado.

Tenho o objetivo de ser uma química líder no desenvolvimento de vacinas, algo que Stone e o restante de meus amigos e familiares apoiam.

Independentemente de onde a carreira de Stone na NHL o tenha levado, sempre encontramos uma maneira de sermos constantes na vida um do outro, algo que eu nunca tive até ele.

— Lá estão eles, — diz Ally.

Nós nos levantamos e vestimos nossas roupas douradas e pretas dignamente.

Bato palmas e grito por Stone e continuo fazendo isso durante todo o primeiro período. Ele está jogando como se estivesse distraído, e meu estômago dá um nó cada vez que seu taco desliza contra o gelo.

— Não tenho ideia do que há de errado com ele, — murmuro.

Ally tenta inventar desculpas, mas na maioria das vezes eu a rebato. Só quando os membros do Guardians estão se aproximando do final do segundo período é que Stone vai parar no banco de reservas por derrubar o jogador adversário.

— O que está acontecendo com você? — Eu grito, descendo pelo corredor, sabendo que está prestes a entrar no intervalo.

Stone está respirando pesadamente e, quando seus olhos azuis se voltam para os meus, percebo que ele está distraído.

— Que se dane, — ele murmura.

O quê?

A campainha ecoa pela arena, e Stone sai correndo.

Eu praticamente pressiono meu rosto contra o vidro, preparada para vê-lo ser

repreendido pelo técnico, mas Stone se volta para mim.

O gelo voa em seu rastro e, apesar de todos os outros jogadores estarem se juntando, e a multidão estar indo para as concessões para reabastecer, Stone patina até a barreira entre nós.

— O que há de errado? — Eu pergunto.

Ele puxa a luva e a joga no gelo. — Estou distraído.

Eu bufo. — Dá para perceber. — Olho para os bisbilhoteiros e falo mais baixo. — O que está acontecendo? Fale comigo.

Stone faz um sinal para o atacante, que se aproxima rapidamente e deixa algo na mão dele.

Estou confusa, e todos estão olhando.

— Stone. — Estou impaciente e hesitante ao mesmo tempo.

— Baby, — diz ele, ajoelhando-se.

Que diabos ele está fazendo?

Ele tira o capacete e sacode a cabeça suada. Stone Foster é tão atraente quanto era anos atrás, quando nos enfrentamos como inimigos. Naquela época, ele me odiava, mas sei que agora ele me ama.

— Eu tinha planejado tudo isso para depois do jogo. Os rapazes estavam envolvidos, e até mesmo o maldito cinegrafista ia dar um zoom em seu rosto para que eu pudesse ver a surpresa passar por ele várias vezes até ficarmos velhos e grisalhos, mas não posso jogar nem mais um segundo desse jogo sem saber que você será minha esposa.

Um nó do tamanho de um disco de hóquei está alojado em minha garganta.

Stone abre a mão e me mostra o anel, mas não importa o tamanho ou a forma como o diamante ovalado capta as luzes de cima. Tudo o que importa é o desespero em sua voz trêmula que silenciosamente implora para que eu seja sua

para sempre.

— *Sim*, — digo sem a menor hesitação.

A risada suave dele apaga o nervosismo. — Eu ainda nem perguntei a você.

— Não me importo, — respondo.

Uma única lágrima desce pelo meu rosto, mas Stone, de alguma forma, conseguiu contornar o vidro, subir os poucos degraus e enxugá-la.

— Wren *Foster*, — ele sussurra contra meus lábios. — Já era hora de descartarmos esse sobrenome Davis de merda.

Eu sorrio e aceno com a cabeça. Mal ouço o barulho da multidão que nos cerca quando as mãos de Stone tocam minhas bochechas. Tudo se desvanece quando ele coloca sua boca na minha.

— Stone e Wren Foster, — sussurro, recuando.

Para mim, isso parece uma eternidade.

Fim.

Notas

[← 1]

Palitos / gravetos.

[←2]

Abóbora.

[←3]

A frase em inglês original contém um trocadilho que não pode ser traduzido literalmente para o português. O trocadilho está na palavra "stone" (pedra) que também pode significar "frio" ou "impassível" no sentido figurativo.